

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Ana Cristina Pimentel dos Santos Silva

**Lembranças da escola: um estudo sobre os sentidos da experiência
escolar para os alunos**

MESTRADO EM EDUCAÇÃO: PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

**SÃO PAULO
2009**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Ana Cristina Pimentel dos Santos Silva

**Lembranças da escola: um estudo sobre os sentidos da experiência
escolar para os alunos**

MESTRADO EM EDUCAÇÃO: PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

Dissertação de Mestrado apresentada
à Banca Examinadora da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo,
como exigência parcial para a
obtenção do título de MESTRE em
Educação: Psicologia da Educação,
sob a orientação da Profa. Doutora
Ana Mercês Bahia Bock.

**SÃO PAULO
2009**

BANCA EXAMINADORA

Para Floriano, Laura e Joaquim,
pelo que me possibilitaram.

AGRADECIMENTOS

Terminada a pesquisa, pensamos nas pessoas que estiveram conosco neste processo, que participaram deste momento da nossa vida e com isso contribuíram, de maneira mais ou menos direta, para que esta pesquisa fosse realizada.

Entre essas pessoas estão aquelas que nos levaram, mesmo sem intenção, a refletir sobre a educação escolar e a sua importância na vida dos alunos. Entre esses estão minha filha Laura e meu filho Joaquim, a quem dedico este trabalho e agradeço pelo carinho e pela paciência.

Entre essas pessoas está meu marido querido e pai dos meus filhos, Floriano que muito me incentivou em vários momentos deste projeto e foi fundamental para que ele se concretizasse.

Entre essas pessoas estão minha mãe e meu pai, com quem comecei a conhecer a vida.

Entre essas pessoas está minha orientadora – Professora Ana Bock – a quem agradeço pela confiança depositada neste estudo, pelas palavras encorajadoras e pelos momentos de reflexão que muito me ajudaram na tentativa de compreender a Psicologia Sócio-Histórica.

Agradeço também às Professoras Doutoras Wanda Maria Junqueira de Aguiar e Teresa Cristina Rego, pela atenção e respeito com que leram o meu trabalho e pelas observações feitas no momento da qualificação que muito contribuíram para esta pesquisa.

Agradeço a todos os meus professores e professoras do Programa de Pós-Graduação em Educação: Psicologia da Educação, pela gentileza com que me acolheram e pela seriedade das suas aulas.

Agradeço aos meus sujeitos de pesquisa, sem os quais não haveria este trabalho, pela generosidade de partilhar comigo algumas das suas lembranças.

Não poderia deixar de mencionar também os amigos e amigas do Programa de Pós-Graduação com quem convivi neste período, especialmente Viviane, Bruna e Flávia, com quem pude compartilhar aprendizagens, alegrias e aflições.

E a amiga Márcia Casarin, que conheci quando fazer mestrado era apenas uma idéia, por sua ajuda em momentos decisivos.

Estes são apenas alguns dos familiares, amigos e amigas que, com gestos ou palavras, possibilitaram a realização deste projeto. Muitos outros foram fundamentais nesta trajetória. A todos, obrigada.

RESUMO

LEMBRANÇAS DA ESCOLA: um estudo sobre os sentidos da experiência escolar para os alunos. Neste estudo, procuramos compreender os aspectos envolvidos na construção da relação do aluno com a escola e o saber escolar. Queríamos saber como os estudantes constroem sua experiência escolar e quais os aspectos mais significativos nesse processo. Para isso, investigamos os sentidos produzidos por eles na sua experiência escolar, pois temos como hipótese que um conjunto de disposições do aluno nasce na escola. A maneira como o aluno participa da escola está diretamente relacionada ao sentido que a escola tem para ele. Nossos dados foram obtidos por meio de entrevistas individuais a quatro estudantes universitários, dois deles oriundos de escolas públicas e dois de escolas privadas. Para a análise dos dados, seguimos a proposta de Aguiar e Ozella (2006). Quanto ao referencial teórico e metodológico, adotamos a perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica que nos ajudou refletir sobre a relação do aluno com a escola. Nesta pesquisa, foi possível observar a importância das práticas pedagógicas propostas e também das relações interpessoais vivenciadas na escola. Essas relações são parte do processo e não podem ser ignoradas ou receber menor atenção que os processos cognitivos. O saber é o eixo em torno do qual se organiza a atividade escolar, mas esse saber se constrói na relação ensino-aprendizagem desenvolvida por sujeitos que participam desta relação a partir dos sentidos que ela tem para eles. Há sujeitos no processo ensino-aprendizagem, portanto não há como desconsiderar a dimensão subjetiva presente neste processo. Vimos neste estudo que a escola tem papel fundamental na aprendizagem dos alunos, mas isso acontece apenas em algumas escolas e está relacionado, sobretudo, às atividades pedagógicas propostas pela escola e ao compromisso e envolvimento dos profissionais da escola com a aprendizagem e com o aluno.

Palavras-chave: experiência escolar; produção de sentidos; alunos.

ABSTRACT

MEMORIES FROM SCHOOL: how do students perceive their schooling experience.

This research aims to verify which aspects interfere in the relationship that students establish with the school and the apprenticeship. This dissertation focuses the memories from the experiences students had at school. The hypothesis is that some feelings about studying came from schooling experience. Then, is important to know the perceptions and senses that students construct in their schooling. Other references and meanings are important and have to be considered, but this work is about the school. In order to carry on this research we interviewed four undergraduate students, two of them with public and two with private school background, according to the Brazilian standards.

We made a qualitative analysis of the elicited data, according to the proposal of Aguiar and Ozella (2006). This analysis clearly demonstrated the important role played by the quality of the activities offered by school and its connection with the feelings displayed by the students towards the institution. School education involves relationship among individuals, so we must take into consideration senses, meanings, feelings, emotions, histories and personal characteristics that interfere in the learning process.

These results allowed us to confirm how important it is to consider the subjective dimension of schooling experience. The theoretical and methodological approach of the Socio-historical Psychology helps us to recognize this.

Key-words: school experience, construction of senses, students.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	09
INTRODUÇÃO	
Produção de sentidos e experiência escolar.....	11
CAPÍTULO I	
A constituição do sujeito na perspectiva Sócio-histórica.....	23
CAPÍTULO II	
Educação, Escola e subjetividade.....	28
CAPÍTULO III	
Do Método.....	35
Sujeitos de pesquisa.....	37
Procedimentos de produção de dados.....	39
Procedimentos de organização e análise dos dados.....	41
CAPÍTULO IV	
Sistematização e análise dos dados.....	43
Sujeito 1.....	44
Sujeito 2.....	60
Sujeito 3.....	78
Sujeito 4.....	104
CAPÍTULO V	
Sobre a construção da experiência escolar.....	129
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	144
BIBLIOGRAFIA.....	146
ANEXO I: Entrevista com Danilo.....	153
ANEXO II: Entrevista com Sandro.....	171
ANEXO III: Entrevista com Ângela.....	203
ANEXO IV: Entrevista com Joana.....	233

APRESENTAÇÃO

...um traço sinistro do nosso tempo é saber que é possível a solução de tantos problemas e no entanto não se empenhar nela.

Antônio Cândido de Mello e Souza (2004, p. 132)

Há alguns anos, participei de um encontro em uma escola onde o palestrante, Juliano Peçanha, contou do sofrimento que havia sido para ele o período em que frequentou a escola. Mencionou que nunca teve problemas de aprendizagem, mas lembra que sua experiência escolar foi marcada por um grande sofrimento psicológico. Atribuía este sofrimento ao fato de se sentir invisível e pouco identificado com a escola. Ao final do seu relato, uma professora perguntou-lhe o que a escola poderia ter feito para minorar o seu sofrimento. Lembro-me que ficou surpreso com a pergunta, apesar de aparentemente óbvia. Mas esta era a questão: não estava claro que a escola não deveria se ocupar apenas com as questões cognitivas, não era evidente que a escola poderia ter ouvido e olhado o seu aluno, como fazia naquele momento, aquela professora.

Respondeu contando sobre um dia que teria sido muito importante em sua vida e na sua trajetória escolar. Nesse dia, teve que apresentar para a classe, como parte de uma atividade proposta pelo professor de literatura, um livro que havia lido com esta finalidade. Lembra-se que a classe, o que era raro acontecer, ficou em silêncio prestando atenção ao que dizia. Ao final de sua apresentação, foi aplaudido pelos colegas que, muito empolgados, gritavam o nome da obra. Para o aluno, agora palestrante, esse foi o primeiro momento em que se sentiu parte da escola, identificado com ela. Segundo contou, esse ocorrido fez com que decidisse abandonar a ideia de fazer vestibular para Engenharia. Estudou Direito, depois Filosofia e hoje é escritor. Seu professor, no entanto, segundo esse ex-aluno, não esboçou qualquer reação especial, provavelmente não percebeu a importância daquele momento para seu aluno.

Minha experiência escolar foi bastante diferente. A escola, para mim, foi lugar de novos olhares e possibilidades. Lembro-me de um momento na minha infância em que a escola foi importante por ser a referência de que tudo estava bem. Da escola ficou a lembrança da importância simbólica que pode ter para seus alunos.

Já na faculdade, fiz minha graduação em Direito, na USP, dei-me conta da importância da escola como instituição responsável pela educação formal dos alunos. A Constituição Federal Brasileira dispõe que a educação é um direito de todos e um dever do Estado, reconhece que se trata de um direito humano essencial, pois dele depende a realização de outros direitos. Ainda na faculdade, fiz alguns estágios que me ajudaram a perceber, na prática, a importância do direito à educação. Ficava evidente, portanto, a relevância da escola na concretização desse e de outros direitos.

Foi por esse caminho que, depois de ter atuado alguns anos como advogada, retomei a preocupação com questões relacionadas à escola. Nessa ocasião, fiz alguns cursos no Cogea^{*} e elaborei projetos relacionados à educação ambiental e redução de danos, importantes para me aproximar deste novo desafio, para mim: compreender a escola.

Foi fundamental nesse processo também o fato de ter tido filhos e, por isso, ter voltado à escola, agora como mãe de aluno. Esta oportunidade me permitiu, mais uma vez, constatar a importância da escola para o desenvolvimento do aluno, mas também a relevância e complexidade das relações ali vividas.

Essas referências revelam a ideia guia de nossa pesquisa: a vivência escolar possui, além da dimensão cognitiva, uma dimensão subjetiva pouco investigada e por vezes desconsiderada pelos professores e pela escola.

Essas foram algumas das razões que levaram a este estudo.

^{*} Cogea – Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão – PUC-SP.

INTRODUÇÃO

... lembrar é individual tanto quanto social.
Ecléa Bosi (2007, p. 31).

Neste estudo, investigamos o sentido da experiência escolar para o aluno. Procuramos com isso ampliar a compreensão sobre a relação do aluno com a escola e com o saber escolar. Queríamos saber o impacto da experiência escolar na relação que os alunos estabelecem com a escola e com a aprendizagem escolar.

Quando falamos em sentido, estamos nos referindo às produções simbólicas do sujeito, constituídas a partir de suas experiências no mundo, que constituem a sua subjetividade e determinam/orientam a maneira como o sujeito organiza a sua existência.

A maneira como o aluno participa da escola, portanto, está diretamente relacionada ao sentido que a escola tem para ele. Entender a escola passa pela compreensão de que há uma multiplicidade de sentidos subjetivos que se constituem e são constitutivos da experiência escolar. Passa pela compreensão de que a experiência escolar tem uma dimensão subjetiva que não pode ser desconsiderada, pois é composta por sujeitos afetivo-cognitivos.

O sentido, no entanto, não pode ser tomado isoladamente como uma resposta causal e mecânica a uma situação pontual, mas deve ser entendido como configuração de sentidos de um sujeito singular, mediada por condições históricas, sociais e culturais.

Para investigar esses sentidos entrevistamos estudantes do curso de Psicologia da PUC-SP, que gentilmente se dispuseram a lembrar e refletir sobre a sua experiência escolar. Nestas entrevistas, buscamos compreender os aspectos que compuseram a experiência escolar dos nossos sujeitos.

Partimos da hipótese de que os sentidos produzidos pelos alunos em sua experiência escolar têm impacto na sua relação

com a escola e a aprendizagem. Charlot (2005) sugere que, para aprender, o aluno deve querer ir à escola, querer saber e se mobilizar na direção da aprendizagem. Assim, é fundamental entender os elementos de sentido que participam desses momentos: ir à escola, saber e aprender. O primeiro deles, passa pela relação que o aluno estabelece com a escola, pois estar na escola é o primeiro passo para que ocorra a aprendizagem escolar.

Entender os sentidos da experiência escolar para o aluno contribui para a compreensão das disposições constituídas por ele nessa experiência. Contribui também para que se amplie a reflexão sobre a realidade escolar agregando ao debate a perspectiva do aluno.

A compreensão de um fenômeno implica conhecer os vários aspectos que o compõem e a maneira como se relacionam entre si e com o todo. A reflexão sobre a educação escolar implica conhecer as perspectivas dos sujeitos envolvidos nesse processo. Um desses sujeitos são os alunos. Saber como o aluno percebeu sua experiência escolar é uma das condições necessárias à compreensão das práticas e discursos escolares, explícitos ou não.

Há outras percepções importantes, dos docentes, dos diretores, dos coordenadores e dos pais, que devem ser considerados quando pensamos a escola. Nesta pesquisa, escolhemos estudar os alunos, mas sem nos esquecermos que a sua maneira de subjetivar a escola não pode ser entendida sem considerar o significado da escola para esses outros sujeitos e o contexto histórico e cultural.

Partimos do pressuposto, presente na abordagem sócio-histórica, de que o sujeito se constitui em suas relações humanas no mundo. A escola, além de ser a instituição encarregada de sistematizar e ensinar uma parte da produção intelectual, é um dos espaços de convívio da criança e do adolescente. Por isso sua importância na constituição da identidade do aluno, uma síntese de múltiplas determinações.

Por outro lado, não podemos desconsiderar que a escola tem uma história e uma cultura que a constituem. É constitutiva dos alunos e é constituída por eles. Os sentidos subjetivos do aluno, portanto, revelam o sujeito que os produziu e o espaço social nos

quais este sujeito transita, pois o processo de configuração de um sentido subjetivo implica a elaboração interna da realidade material.

Em um artigo sobre formação de professores, Charlot chama a atenção para a importância de o professor saber como os alunos estão percebendo a escola. Como afirma:

uma coisa esquisita que descobri: um professor pode ser professor há quinze anos sem nunca ter tido a oportunidade de ficar uma hora falando com uma criança para saber como ela está vivenciando a escola, como tem sido sua história escolar. (2006, p. 99)

Ouvir o que o outro tem a dizer é uma das condições necessárias ao diálogo e à reflexão. Saber como o aluno vê as práticas e discursos escolares, explícitos ou não, é uma das maneiras de ampliar a reflexão sobre elas, pois permite aos educadores entender o seu interlocutor e a própria escola.

Mas também devemos levar em consideração que, além disso, entender o processo de escolarização exige a compreensão dos sentidos constituídos em experiências pretéritas, escolares e extra-escolares. Como afirmam Tacca e González-Rey (2008), “Na história das relações estabelecidas, o passado assume um valor que se projeta nas expressões presentes e futuras do sujeito” (p. 147).

Por que a consideração da dimensão subjetiva pode nos ajudar a compreender a relação do aluno com a escola e o saber escolar?

A dimensão subjetiva, como ensinam Bock e Gonçalves, “é uma configuração dos sujeitos a partir de suas experiências no mundo social; é a dimensão dos registros simbólicos e emocionais que o sujeito vai construindo no decorrer de suas vivências (...)” (2005, p.123).

As razões para estudar este tema nos são dadas por Tacca e González-Rey quando destacam que:

Entender a aprendizagem escolar como marcada pela subjetividade e como produção de sentido do aluno não tem sido muito presente no espaço de convivência de professores e alunos, e também não tem sido uma vertente muito explorada na pesquisa educacional. No entanto, tal como procedemos, pensamos que esse seria um aspecto essencial a ser discutido com os professores nas escolas, para que eles pudessem ser alertados sobre o impacto que suas percepções e crenças têm sobre os processos de aprendizagem dos alunos (e sobre o seu desenvolvimento psicológico, acrescentaríamos). (2008, p. 145)

Concordamos com os autores. Esta é uma das razões que nos leva a esta pesquisa. Parece-nos fundamental que os professores e a escola tenham clareza do impacto de suas percepções e atuações/práticas na aprendizagem do aluno e no seu desenvolvimento psicológico.

A constituição da subjetividade do aluno tem como um de seus elementos a experiência escolar. Há vários outros elementos que a determinam, como a sua história familiar, a sua condição socioeconômica, os incidentes imponderáveis, as amizades, a cultura escolar e o contexto sócio-histórico, todos eles parcialmente responsáveis pela construção da subjetividade do aluno. Portanto, quando mencionamos a escola, não estamos desconsiderando a importância dos outros espaços de vivência do aluno na constituição da sua subjetividade. Como temos afirmado neste estudo, os sujeitos devem ser entendidos nas suas condições de existência, na sua história.

Não podemos esquecer que não há o aluno, categoria universal e homogênea, mas alunos singulares em sua maneira de perceber/apreender o mundo. Ainda que tenham vivido as mesmas experiências, o seu sentido subjetivo não é o mesmo.

Sobre a relevância do estudo da subjetividade, valeria citar, também, Paro (2004). O autor é bastante enfático ao colocar que “O respeito à subjetividade da criança não atende a imperativos de

humanitarismo: ele é simplesmente a única possibilidade de aprendizagem” (p. 263).

A afirmação de Paro é importante por enfatizar que a preocupação com a subjetividade do aluno não significa despreocupar-se com o ensino dos conteúdos pedagógicos. Ao contrário, é uma forma de garantir a aprendizagem desses conteúdos, pois não há como separar cognição e afeto. O autor responde a eventuais críticas e receios de “psicologização” da atividade escolar.

Nesta pesquisa, constatamos a importância do respeito à subjetividade do aluno seja para a aprendizagem do aluno, seja para o seu desenvolvimento psicológico/como ser humano.

Além disso, nos parece que “aprender não é apenas adquirir saberes, no sentido escolar e intelectual dos enunciados. É também se apropriar de práticas e de formas relacionais e confrontar-se com a questão do sentido da vida, do mundo, de si mesmo” (Charlot, 2005, p. 57).

Nosso interesse pela maneira como o aluno constrói sua relação com a escola e a aprendizagem escolar tem origem na preocupação com índices que revelam as condições da educação escolar no Brasil. Esses índices evidenciam a necessidade de novas reflexões e intervenções que ampliem a compreensão e produzam a qualificação da experiência escolar.

Procuramos dialogar com estudos que compartilharam dessas preocupações e nos ajudaram a refletir sobre o problema. Vários estudos foram, e continuam sendo, realizados na tentativa de entender as razões dos altos índices de repetência e evasão escolar na rede pública de ensino.

A atribuição a causas orgânicas foi a primeira explicação dada para as dificuldades de aprendizagem, no final do século XIX. Nessa época, os alunos com déficit de aprendizagem eram designados como “anormais escolares”. Nova terminologia surgiu a partir da incorporação de conceitos psicanalíticos que alteraram a visão de doença mental, mas o responsável pelo fracasso escolar continuava sendo o aluno, denominado “aluno problema”.

Marco na pesquisa do fracasso escolar, a pesquisa realizada por Patto, nos anos 80, propôs uma nova maneira de analisar o fracasso escolar incluindo na análise a perspectiva dos alunos e a maneira como viviam fora do ambiente escolar.

Em artigo sobre o estado da arte da pesquisa em fracasso escolar, no período de 1991 a 2002, Angelucci e outras (2004) mencionam algumas pesquisas que ainda concebem o fracasso escolar como fenômeno estritamente individual e ligado ao aluno, mas esta deixa de ser a concepção predominante. Outras abordagens consideram o fracasso escolar como problema técnico, como problema institucional, ou, ainda, como questão fundamentalmente política.

Uma das críticas feitas por essas autoras, às teses e dissertações que analisaram, se refere à dicotomia entre o aluno que não aprende e a escola que não ensina, a pretexto de fazer um recorte, desconsiderando que se trata de uma relação. Outra crítica se deve à concepção de escola como um lugar harmônico, com condições ideais ao pleno desenvolvimento do aluno.

As críticas levantadas são importantes pois alertam para o risco da simplificação na consideração do problema do fracasso escolar, que pouco contribuiria para ampliar a compreensão do problema. A abordagem dicotomizada, que desconsidera a existência da relação ensinar-aprender, neste estudo, fica afastada pela própria temática investigada: a relação do aluno com a escola e com a aprendizagem. Quanto ao risco de “idealização” do espaço escolar, tomando-o como espaço harmônico, tentamos afastá-lo pela problematização das relações vividas na escola tendo em vista que são relações entre sujeitos singulares, com uma história e condições reais de existência.

A escola é uma instituição social formada por seres humanos, por isso, para entendê-la, é necessário considerar as condições históricas, sociais, culturais e subjetivas que a constituem. Por outro lado, na escola convivem gerações, interesses e expectativas diferentes, que devem ser igualmente consideradas.

O fracasso escolar, na perspectiva dos alunos do ensino médio público, foi estudado por Campos e Gomes (2003) que

apontaram questões relacionadas à escola, que seria monótona e pouco significativa, e aos professores que teriam baixas expectativas.

Em outro artigo, Pereira, Rossi e Araújo (2001) relatam um estudo sobre a relação que os professores estabelecem entre a sua atuação e o desempenho dos alunos. Para os professores ouvidos, os responsáveis pelo fracasso seriam os próprios alunos e suas famílias. É interessante notar, que a mesma resposta foi obtida em outras pesquisas mencionadas no artigo, realizadas em datas, locais e por pesquisadores diferentes. O que leva as autoras a concluir que o professor atribui o desempenho de seus alunos a fatores externos à sua atuação. O risco, contudo, de não se ver como parte da explicação do comportamento dos alunos está em não se acreditar agente capaz de promover as mudanças necessárias no âmbito da escola, como aponta Zanotto, citada pelas autoras. Estes professores dissociam aprendizagem e ensino, como se não se tratasse de uma relação na qual professor e aluno estão envolvidos. Este nos parece o aspecto central do problema, compreender que ensino e aprendizagem não podem ser dicotomizados, pois acontecem na relação ensinar-aprender.

O acesso à escola no Brasil tem sido ampliado. Segundo dados do MEC de 2007, 98% das crianças em idade escolar estavam matriculadas na escola. O índice de matrícula, portanto, é positivo; a meta de universalização do acesso à escola não está longe de ser plenamente atingida. Entretanto, não podemos esquecer a questão da permanência do aluno na escola e o alto número de analfabetos que ainda existe no Brasil, em torno de 16 milhões de pessoas.

Esta é uma das razões pelas quais nos parece importante aprofundar a compreensão sobre os aspectos envolvidos no processo ensino-aprendizagem. Vários elementos participam da relação que o aluno estabelece com a escola e com a aprendizagem. Nesta pesquisa procuramos investigar o papel da experiência escolar. Saber qual a sua relevância para a implicação do aluno com a escola e a aprendizagem.

A importância da consideração do sujeito para a educação

Ao longo de vários anos, Charlot realizou pesquisas procurando entender as razões do fracasso escolar nos meios populares. Nestas pesquisas, observou que alunos com mesma origem social nem sempre tinham uma história escolar igual; portanto, a explicação do fracasso pela posição social, tal como proposta pela teoria sociológica da reprodução, de Bourdieu e Passeron, nos anos 60 e 70, já não era suficiente.

Refletindo sobre as causas desses resultados inesperados, esse autor concluiu que nem todos atribuíam o mesmo sentido a uma experiência, pois a percepção da realidade não é igual para todos, mas se dá a partir da perspectiva do indivíduo. Assim, a condição socioeconômica da criança produz efeitos sobre sua escolarização, mas não a determina por si só.

Charlot observa que a maneira como a criança interpreta sua posição social não é universal, que a perspectiva de classe não é homogênea, e conclui que “A sociedade não é somente um conjunto de posições, é também o lugar de produção de sentido e não se pode compreender esta produção de sentido a não ser em referência a um sujeito” (2005, p. 50).

Por outro lado, o autor enfatiza que para compreender a história escolar de uma criança deve-se levar em conta a sua atividade na escola e o que leva o aluno a ela. Dito de outra forma, o que leva o aluno a aprender é o fato de o aluno ter uma atividade intelectual eficaz que lhe possibilite apropriar-se dos saberes escolares. A questão, então, seria saber o que leva o aluno a essa atividade intelectual eficaz, ou seja, o que o mobilizaria intelectualmente.

Segundo Charlot, para que o aluno se mobilize (conceito que remete à dinâmica interna do aluno), é preciso que a situação de aprendizagem tenha sentido para ele, que responda a um desejo seu. É preciso que o aluno queira ir à escola, queira aprender e se mobilize para isto realizando atividades específicas nesta direção. Ir à escola é précondição para que haja aprendizagem escolar.

Mas “de onde vem e como se constrói o desejo de aprender, esta mobilização intelectual que exige esforço e sacrifícios?” (Charlot, 2005, p.55). O autor reconhece que a pergunta ainda não foi satisfatoriamente respondida. Para tentar respondê-la, sugere que se analise o homem numa perspectiva antropológica, considerando que é um ser que se constitui como humano em suas interações com outros homens e que, por meio dessas interações, se apropria do conhecimento produzido pela espécie humana ao longo de sua história.

Alguns autores, como Rego (2003), ajudam a avançar nesta discussão. Em sua obra, *Memórias de escola: cultura e constituição de singularidades*, a autora discute o papel da escola no desenvolvimento psicológico do aluno. Seus sujeitos de pesquisa foram pessoas com alto grau de escolarização.

Rego (2003) investigou o papel desempenhado pela escola na constituição do universo psíquico dos alunos, quis compreender o efeito da passagem pela escola no psiquismo dos seus sujeitos. Uma das respostas de Rego aponta que não há efeitos homogêneos, mesmo entre sujeitos relativamente similares quanto ao espaço formal da escolarização em suas vidas.

Em nosso estudo, partimos da conclusão apontada pela autora de que os efeitos da experiência escolar não podem ser generalizados. Procuramos compreender o papel da experiência escolar sobre a relação do aluno com a escola e com o saber escolar.

A nossa hipótese inicial era que as dificuldades da educação escolar estariam, sobretudo, nas relações interpessoais vivenciadas na escola. Contudo, em nossa pesquisa percebemos que a maneira como se estrutura a relação com o saber na escola é também um diferencial fundamental. A aprendizagem escolar é um aspecto da experiência escolar que orienta e dá sentido à relação do aluno com a escola. Assim, a aprendizagem escolar é um elemento de sentido central na compreensão da relação que o aluno estabelece com a escola e com o saber. Portanto, os dois aspectos devem ser considerados.

A escola é um espaço coletivo, de relações humanas entre sujeitos afetivo-cognitivos, por isso a relevância da maneira

como os alunos percebem estas relações. Mahoney (2005), tratando das contribuições de Wallon para a compreensão do processo ensino-aprendizagem, destacam que a maneira como o professor se relaciona com o aluno reflete nas relações do aluno com o conhecimento.

Outro aspecto importante se refere ao lugar que a escola ocupa na vida dos alunos. Como destaca Oliveira, “Chega a ser comovente verificar como a experiência escolar é parte tão fundamental da vida de todos: todos sabem (e querem) falar sobre a escola...” (in Rego, 2003, p. 13). Este aspecto não o pressupomos, suspeitamos da sua relevância e a constatamos nas falas de nossos sujeitos. Há um interessante debate sobre a importância da escola na sociedade contemporânea *vis-à-vis* os meios de comunicação de massa, que deve ser considerado, mas não entraremos nesta questão.

Vale mencionar também a pesquisa realizada por Ronca sobre o papel do professor na formação dos alunos, na qual procurou compreender como a relação mestre-modelo contribui para a constituição da identidade do educando. A autora acredita que “compreender como a relação mestre-modelo contribui para a constituição da identidade do educando poderá trazer reflexões e propostas” importantes para que se repensem os cursos de formação inicial e continuada de professores (2007, p. 63). Concordamos com a autora e nos parece fundamental que a escola e os professores saibam da sua importância afetiva e cognitiva, para o aluno.

Leal (2008) também volta sua atenção para a construção da identidade de uma aluna, neste caso, com deficiência visual e seu processo de inclusão escolar. Algumas das falas de sua entrevistada ilustram com clareza o efeito que o juízo do professor pode ter sobre o aluno, evidenciando a dimensão subjetiva presente na relação professor-aluno. Sua entrevistada afirma:

Acho que o olhar dela (professora) era um olhar diferente e, por isso, comecei a me sentir diferente. Fiquei um bom período inibida quanto a isso (...). Eu tive que fazer anos e anos de terapia para entender certas coisas e me soltar novamente! (p. 96)

Leal observa que esta professora teria “levado R. a ter problemas futuros para falar sobre suas dificuldades, bem como sobre suas necessidades para prosseguir seus estudos” (2008, p. 96). Não sabemos por que R. aceitou este olhar, mas fica claro o papel perverso e deletério que o professor pode ter na vida de seu aluno. Ou, o contrário, como fica evidente na pesquisa de Ronca. A importância afetiva e cognitiva do professor também ficou evidente na fala dos sujeitos de nossa pesquisa.

Outro tema importante para a compreensão da relação aluno-escola se refere à família. Não nos aprofundaremos na análise deste tema, mas não podemos desconsiderar que a família é uma referência importante para o aluno.

Em estudo realizado por Nogueira (2007), com jovens universitários da UFMG, pertencentes à camada média intelectualizada, com o objetivo de compreender “as formas de atuação do capital cultural familiar sobre a vida escolar dos filhos” (p. 127), percebe-se que há variações dentro de um mesmo grupo social que não permitem generalizar a relação entre capital cultural familiar e predisposição para valorizar e praticar o jogo escolar.

Também Lellis (2005), em sua pesquisa realizada na cidade do Rio de Janeiro, procurou “revelar o sentido da experiência escolar para jovens de camadas médias” (p. 137), tendo como hipótese que um conjunto de disposições nasce na família. Queria saber como esses jovens, que estudam em escolas particulares, constroem sua experiência escolar.

Lellis identificou em sua pesquisa um ‘aluno estrategista’ que realiza suas atividades escolares dentro da “lógica de ‘um mínimo necessário a um desempenho satisfatório, independentemente do estilo de ensinar ‘do’ professor, da maior ou menor afinidade com uma disciplina’” (p. 158). Este diagnóstico leva Lellis a ponderar sobre a necessidade de aprofundar a compreensão sobre o significado da experiência escolar e o lugar que a escola ocupa, hoje, na sociedade, ao lado de outras instituições sociais.

Quanto ao primeiro ponto, pretendemos fazê-lo nesta pesquisa acrescentando ao debate a dimensão da subjetividade.

É interessante a contribuição de Setton (2005) a este debate. Para ela, o estudante contemporâneo se socializa a partir da interdependência entre sistemas de referências híbridos que incluem, além da família e da escola, as informações veiculadas pela mídia. Aponta que a existência de um ethos (sistema de valores interiorizados) familiar predisposto a valorizar e incentivar o conhecimento escolar seria importante elemento para alcançar o sucesso acadêmico. Portanto, a coincidência de projetos educativos entre a família e a escola seria um fator facilitador do processo acadêmico. Mas Setton destaca também as outras formas de adquirir bens da cultura e conhecimento, como a leitura de jornais e revistas, a audiência de entrevistas com especialistas, viagens pela internet, enfim toda uma gama de informações que pode ser obtida através da mídia impressa e escrita, hoje acessível a um grande número de pessoas. Essa seria uma forma de ampliar o entendimento do que seja capital cultural e a forma de acesso a ele. Para a autora, este conceito deve incluir a cultura geral, não só a escrita, mas a visual, a midiática, a cultura da rua e das vivências experimentadas virtualmente. A autora chama a atenção para a capacidade da media “de potencializar – em continuidade ou ruptura – disposições com relação ao aprendizado” familiar e/ou escolar (Setton, 2005, p. 88).

Estes foram alguns dos estudos que contribuíram com nossa intenção de pesquisar os elementos envolvidos no processo de educação escolar, pois todos eles, ao seu modo, dão visibilidade a essa dimensão.

CAPITULO I

A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO NA PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA

É no campo do debate sobre as relações entre os indivíduos e a sociedade/cultura que se situa este estudo. Entender de que forma as experiências escolares (referimo-nos não só às vivências propriamente pedagógicas, de aprendizagem de conteúdos acadêmicos, mas também às relações interpessoais) estão sendo subjetivadas pelos sujeitos nos ajuda a entender a relação do aluno com a escola e que aluno e, indiretamente, que sociedade a escola está contribuindo para formar.

Há uma multiplicidade de fatores que devem ser considerados para compreendermos a relação que o aluno estabelece com a escola e o saber, a experiência escolar é um deles.

Para que se possa compreender nosso problema de pesquisa, da maneira como o formulamos, é importante explicitar as concepções que o sustentam. Partimos do pressuposto de que o sujeito se constitui em suas relações humanas no mundo. Vários autores se referiram a esta condição ontológica do ser humano, que está no mundo com outros seres humanos, dentre eles Vygotsky, Luria e Leontiev, que definiram os marcos teóricos da perspectiva sócio-histórica.

Vygotsky (2007) afirmava que “Todas as funções superiores originam-se das relações reais entre indivíduos” (p. 57). Portanto, não haveria como explicar os processos psíquicos fora das relações humanas no mundo. Afasta, assim, a perspectiva idealista que acredita na existência de uma natureza humana universal, *a priori* e independente da realidade material.

Um dos aspectos centrais da abordagem sócio-histórica é a compreensão dos fenômenos como processos históricos. Vygotsky (2007) explica que “Estudar alguma coisa historicamente significa estudá-la no processo de mudança: esse é o requisito básico do método dialético” (p. 68). Estamos com isso dizendo que os

fenômenos se constituem no movimento e nas contradições da história, e que o desenvolvimento psicológico dos homens deve ser entendido dentro do contexto do desenvolvimento histórico geral da espécie humana. Falar que o homem é histórico, portanto, implica reconhecer que se constitui em suas relações dialéticas no mundo, que se transforma permanentemente e carrega a experiência histórica da sociedade em sua constituição singular.

Além de histórico, o desenvolvimento psicológico é mediado pelas relações sociais e pela cultura. Quando falamos em relações sociais, não estamos nos referindo apenas às relações interpessoais, mas ao fato de estas relações se darem no âmbito de uma sociedade que organiza suas relações socioeconômicas de uma determinada maneira.

Para esta abordagem, portanto, a construção do humano é um processo contínuo e permanente que se dá a partir das relações/experiências humanas no mundo. Experiências que são históricas, dialéticas e mediadas pelo modo como a sociedade se organiza social e culturalmente.

O conceito de dialética, também, é essencial para a compreensão da relação homem-mundo, na qual um contém o outro, mas não se confunde com o outro. Entre homem e mundo há uma relação de contradição e determinação mútuas na qual se excluem e se constituem ao mesmo tempo, sem que haja uma relação de causa e efeito. Assim, o homem se apropria da realidade objetiva, mas a reconstrói internamente modificando a si mesmo e à realidade à sua volta.

Também nos ajuda a entender a complexidade contida na relação homem-mundo, a categoria mediação. Esta categoria é usada por Vygotsky para superar a concepção dicotômica, na qual homem e mundo nada têm um do outro. Explica que um contém o outro, mas não é causa imediata do outro: o homem traz o social encarnado em si, ao mesmo tempo em que o social é como é por conter o homem. Como nos ensina Severino (2001), a mediação é uma construção teórica que permite articular dois elementos que se constituem mutuamente. Esta categoria nos possibilita compreender

que todas as expressões humanas são individuais, singulares e ao mesmo tempo sociais e históricas.

Afirmar que o homem é singular e social implica reconhecer que produz sentidos próprios e se constitui a partir da subjetivação da realidade material e social. A subjetividade, portanto, se constitui nas relações, não é dada *a priori*, é social e histórica.

Assim, para esta abordagem, a dicotomia entre subjetividade e objetividade é apenas aparente, pois há entre elas uma relação dialética e complexa na qual uma é constitutiva da outra, sem, no entanto, se confundirem entre si. O homem se constitui no mundo que, por sua vez, é fruto do trabalho humano.

Quando nascem, os sujeitos são inseridos num mundo que não é novo, que tem uma história e uma organização econômica, social e política. Além disso, “ao nascer a criança já tem lugar numa rede de trocas intersubjetivas através das quais saberes, sentimentos, emoções e significados são veiculados” (Szymanski, 2000, p. 16). Este conjunto de condições individuais, históricas, sociais e culturais constitui o sujeito, compõe a sua pessoa, pois ele existe/é em relação a elas.

Como lembram Bock e Gonçalves:

A psicologia sócio-histórica escapa de visões deterministas, pois o processo de construção do psiquismo não é tomado como um retrato ou como um carimbo do mundo social no sujeito. O sujeito é ativo, e a construção do psicológico resulta em uma nova realidade qualitativamente distinta da realidade externa. (Bock e Gonçalves, in González Rey, 2005, p. 123)

Assim, o homem é um ser em constante movimento, que se constitui nas relações dialéticas que estabelece no meio cultural e histórico do qual faz parte. Nasce candidato à humanidade e, em contato com a cultura e com os outros homens, se humaniza. A escola surge em nossa reflexão, como um dos contextos a partir do qual a criança se constitui como sujeito, pois é um dos espaços de

vivência da criança e espaço de contato organizado e sistemático com a cultura.

Mas tudo isto é processo no qual o sujeito se constitui ao mesmo tempo em que atua de forma transformadora no mundo. O sujeito mantém com a realidade uma relação ativa em que as construções subjetivas são um importante determinante do contato com o mundo, pois a subjetividade não é consequência imediata das experiências e da realidade, é parte importante e integrante dessa realidade.

Conhecer os sentidos da experiência escolar para os alunos nos ajuda a entender que alunos a escola está ajudando a constituir, pois a subjetivação se dá a partir da realidade objetiva.

Mas como entender a produção da subjetividade? González Rey (2005^a) define a subjetividade como constituição do psiquismo no sujeito individual, processo singular que se dá na relação dialética entre o sujeito e o meio no qual está inserido. Processo este que não é mera reprodução especular do mundo externo, mas uma construção pessoal e peculiar que constitui o psiquismo humano.

A subjetividade, portanto, é uma configuração dos sentidos produzidos pelo sujeito a partir de suas experiências no mundo. Assim, as experiências são constitutivas do sujeito pelo sentido que atribuiu a elas. Sentidos, estes, produzidos por um sujeito histórico com uma trajetória de vida singular.

O que é configurado/subjetivado, portanto, é o sentido das experiências e não elas mesmas. É este sentido que constitui o sujeito, é nesta medida que podemos dizer que as experiências são constitutivas do sujeito. O mesmo ocorre quando nos referimos às experiências escolares. Vale ressaltar, ainda, que esses sentidos são cognitivos e afetivos e não podem ser dissociados dos significados sociais.

Como nos lembra González Rey,

Assumir a subjetividade leva a compreender a psique humana inserida nos distintos referentes em que se

constituem os sentidos subjetivos dos sujeitos no conjunto de suas práticas sociais em contextos institucionais e culturais específicos. (2005, p. 410)

É importante esclarecer que, neste estudo, os termos sentido e significado não são utilizados como sinônimos. Quando falamos em sentido estamos nos referindo a um processo de construção interno e singular realizado pelo sujeito. No caso do significado, mencionamos uma compreensão comum a um determinado grupo social; são conceitos, social e culturalmente produzidos, que expressam os valores compartilhados pela sociedade ou por um grupo. Quando dizemos que os sentidos e os significados não podem ser dissociados, reiteramos a ideia central da concepção sócio-histórica que procura explicar o ser humano em sua relação com o mundo. Assim, os sentidos subjetivos são mediados pelos significados culturalmente estabelecidos.

Nossa percepção do mundo, por sua vez, é sempre afetiva e cognitiva. Nossa percepção do mundo não é neutra, é sempre emocionada e organizada internamente pelo sujeito, por meio da linguagem. Podemos dizer que é singular e social, pois é a percepção de um sujeito compreendida e organizada por meio de um instrumento cultural, a linguagem.

Como nos ensinam Bock e Gonçalves (2005), as subjetividades, ainda, por se constituírem a partir das vivências do sujeito no mundo, são da responsabilidade de todos, pois todos participam da construção das possibilidades de ser de cada um, na medida em que participam do mundo. Entre esses todos está a escola.

CAPÍTULO II

EDUCAÇÃO, ESCOLA E SUBJETIVIDADE

... para Vigotski, desenvolvimento humano e educação constituem dois aspectos de uma mesma coisa. Se o primeiro diz o que é o ser humano e como ele se constitui, a segunda é a concretização dessa constituição. (...) a educação não é um mero 'valor agregado' à pessoa em formação. Ela é constitutiva da pessoa. Pino (2005, p. 57)

Esta é uma das ideias que orientam este estudo, a compreensão de que a educação é constitutiva do ser humano.

Arendt (1972) enfatiza que a essência da educação está no fato de que devemos apresentar o mundo aos novos seres que chegam a ele pelo nascimento, permitindo a essas crianças que se apropriem do mundo de maneira responsável e criativa. A educação, portanto, implica acolher e iniciar no mundo os recém-chegados sem tirar deles a possibilidade de criação de um novo mundo.

Bock (2003), por sua vez, ressalta a importância do compromisso da sociedade com uma educação que garanta a todos a possibilidade de participar da vida social. Como afirma, “Educação deve ser entendida como esforço de uma sociedade para que haja uma apropriação, por todos, de toda produção cultural, garantindo possibilidades para todos de participarem da dinâmica social, como agentes de transformação” (p. 92).

Sem se contrapor às concepções apresentadas pelos autores citados, Severino (1998) explicita que a educação é uma prática simbólica com a finalidade de introduzir as novas gerações no tríplice universo de práticas que viabilizarão sua existência histórica: a prática produtiva de transformação da natureza e criação de bens necessários à manutenção da vida; a prática social, voltada para a

participação na vida em sociedade; e a prática simbolizadora voltada para a produção e fruição da cultura simbólica.

A concepção de Severino aproxima-se à de Charlot (2000). Esse autor afirma que a educação é, a um só tempo, processo de hominização, socialização e singularização. Hominização, pois possibilita a apropriação do conjunto dos conhecimentos produzidos pelos homens; socialização por possibilitar a apropriação de práticas e formas relacionais voltadas para a convivência em sociedade; e singularização por propiciar a confrontação com o sentido da vida, do mundo e de si mesmo.

Quando os autores falam em educação não estão se referindo apenas à educação escolar, mas, certamente, também a ela. Pois é a escola, em nossa sociedade, a instituição responsável pela transmissão, de forma organizada e intencional, do saber produzido pelos homens, que integra o mundo da cultura. Miranda (2007) nos lembra que, até meados do século XVII, tinha-se um modo de vida mais coletivo, e a aprendizagem se dava no convívio social. A partir do fim do século XVII, esta forma de aprendizagem é substituída pela educação escolar. Surge nessa época também, com a revolução industrial, a ideia de infância e de núcleo familiar tal como os concebemos hoje.

A educação formal, no entanto, não deixa de ser um evento de natureza eminentemente social, seja porque o saber é uma produção social, seja porque a educação passa pela mediação de outras pessoas, em geral adultos.

Duarte (2001), por outro lado, chama atenção para o fato de a sociedade contemporânea demandar, cada vez mais, a utilização de conhecimentos e habilidades que não são adquiridos de maneira espontânea e natural, mas dependem de aprendizagem sistemática. Além disso, aponta que as esferas não-cotidianas da vida social (ciência, arte, filosofia, incluída a ética, e política) estão exigindo uma educação escolar que forme indivíduos capazes de enfrentar problemas complexos que demandam, além do conhecimento científico, competência política e reflexão ética. Cita como exemplo as questões ecológicas.

Vimos com Vygotsky (2007) que aprendizagem e desenvolvimento estão inter-relacionados desde o nascimento da criança. Para ele “O aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer” (2007, p. 103). Como frisa esse autor, os processos de desenvolvimento e de aprendizado não coincidem, “o processo de desenvolvimento progride de forma mais lenta e atrás do processo de aprendizado” (idem, p. 103). Fica evidente, portanto, a importância da aprendizagem no desenvolvimento humano. A escola, ao propiciar ao aluno a aprendizagem de conhecimentos, contribui para o seu desenvolvimento humano e para a ampliação de sua capacidade de compreender o mundo e si mesmo.

A aprendizagem não ocorre apenas na escola, ocorre também nas experiências cotidianas. Na escola, no entanto, a criança tem acesso a um tipo de conhecimento, denominado científico, transmitido através de ensino organizado e sistemático. Como explica Rego, “Os conceitos científicos se relacionam àqueles eventos não diretamente acessíveis à observação ou ação imediata da criança...” (2007, p. 77), enquanto os conceitos cotidianos, ou espontâneos, são construídos a partir da observação, manipulação e vivência direta da criança.

Na escola, há uma intenção de organizar situações que propiciem a aprendizagem. Cabe à escola, nesse processo, criar condições que levem à apropriação do conhecimento pela criança. Por outro lado, a aprendizagem depende de uma disposição/mobilização e de uma atividade do aluno nesta direção. Para que o ensino se efetive, o aluno deve ter aprendido.

Charlot (2000) enfatiza que aprender implica querer aprender. Assim, entender o que leva o aluno a querer aprender passa a ser uma questão central da educação.

Duarte (2001), fazendo referência à Saviani, enfatiza que a escola deve se preocupar não só com o conteúdo a ser ensinado, mas também em garantir que a aprendizagem ocorra, assegurando a todos o acesso aos “elementos culturais que precisam

ser assimilados pelos indivíduos para que se tornem humanos” (2001, p. 43). Por esta razão, voltamo-nos para a análise das condições em que os alunos estão se apropriando do saber.

A percepção de que a aprendizagem depende de uma atitude ativa por parte do aluno, que deve querer aprender e se mobilizar neste sentido foi apontada por autores, como Charlot, Paro e Tacca, entre outros.

A educação, no entanto, também supõe um “outro” que apresenta o mundo preexistente e um sujeito que deve se mobilizar internamente na direção da aprendizagem. A escola é o espaço onde as relações estão organizadas em torno do saber, em torno da viabilização da aprendizagem do aluno. Quando chamamos a atenção para as singularidades e aspectos subjetivos do aluno presentes nas relações escolares, não estamos com isso colocando estes aspectos como eixos da atividade escolar, mas reafirmando que a “relação com o saber e com a escola é, ao mesmo tempo e indissociavelmente, uma relação social e uma relação subjetiva” (Charlot, 2005, p. 54). Em consequência disso, “não se pode deixar de considerar o sujeito ao estudar-se a educação” (Charlot, 2000, p. 34), pois quem aprende é o sujeito, e o sujeito é uma unidade afetivo-cognitiva.

Escola e Subjetividade

Referindo-se ao papel dos veredictos das instituições de ensino, Bourdieu (2005) ressalta que “contribuem de maneira absolutamente decisiva para a construção da identidade” (p. 231) juntamente com os julgamentos e sanções familiares. Para o autor, a confirmação pela escola de julgamentos paternos negativo pode reforçar a imagem negativa da criança, levando-a a assumir uma visão negativa de si. Bourdieu pondera, no entanto, mostrando a complexidade do processo de constituição do sujeito, que o aluno está exposto a vários “veredictos”, muitas vezes contraditórios. Além disso, a resposta do aluno, não é única, há diferentes maneiras de o sujeito subjetivar a realidade.

Com relação à escola afirma:

Confinada em uma visão meritocrática que a prepara mal para perceber e enfrentar a diversidade das estratégias mentais dos alunos, a instituição escolar provoca, muitas vezes, traumatismos propícios a reativarem os traumatismos iniciais... (Bourdieu, 2005, p. 233)

Mas, a realidade não se confunde com o sujeito, apesar de constituí-lo e ser constituída por ele. Há muitos aspectos envolvidos na relação entre o aluno e a escola. Como destaca Rego,

(...) os efeitos psicossociais da escolarização não resultam apenas da experiência vivida na escola, mas de uma série de outros fatores indissociáveis, relacionados ao contexto social em que o indivíduo se insere, especialmente aqueles associados ao tipo de uso e significado dessas práticas no seu universo sociocultural. (...) Mas esses efeitos nunca serão exatamente os mesmos para todos os estudantes, ainda que submetidos a um mesmo modelo educativo. E escola é vivida por todos, mas tem, para cada um, sentidos diferentes. Isso se deve ao fato de que o impacto da escolarização nas diferentes trajetórias individuais ultrapassa a questão do método pedagógico vigente nas instituições escolares. O tipo de influência e as marcas da escola dependerão de vários fatores, entre eles, a origem social dos alunos, a importância outorgada à escola, o tipo de expectativa depositada no aluno, o reconhecimento de seu esforço e empenho pela escola, etc. (2003, p. 410)

A autora nos alerta para o fato de que os efeitos psicossociais da escolarização não resultam isoladamente da experiência escolar; esses efeitos psicossociais devem ser entendidos em relação ao conjunto das experiências do aluno; as experiências individuais e os sentidos subjetivos são influenciados pelos significados sociais atribuídos pelo grupo, pois se dão dentro de um universo sociocultural com significados próprios.

Assim, o sentido da escola é singular, pois os sentidos não resultam apenas da experiência escolar, mas devem ser entendidos em relação a outros contextos da vida do aluno.

Como afirma González Rey:

O impacto de um acontecimento concreto sobre a psique é inseparável tanto do contexto da subjetividade social em que tal acontecimento se produz, quanto dos recursos subjetivos que o sujeito possui para se relacionar com ele. (2005, p. 39)

Assim, os sentidos subjetivos dependem da integração de aspectos históricos, culturais e pessoais. Relacionam-se a acontecimentos do passado a contextos atuais do sujeito, num movimento de reconstrução da subjetividade desse sujeito. A produção de sentido se dá no processo de subjetivação da realidade material por um sujeito singular a partir de um contexto histórico-cultural.

Quando Charlot menciona que observou em suas pesquisas que a posição social objetiva de um indivíduo não corresponde necessariamente à sua posição social subjetiva (à maneira como o indivíduo percebe a sua posição na sociedade), também estava evidenciando que o sujeito produz uma interpretação da realidade, um sentido do mundo que depende de vários fatores, não só das condições materiais objetivas.

O sentido subjetivo, que emerge de uma experiência, não é o reflexo linear e direto da experiência vivida, mas uma reorganização, uma reconstrução interna realizada pelo sujeito que integra emocionalidades de diversas origens e o contexto social e histórico. Portanto, a relação do aluno com a escola e o saber, não pode ser entendida como uma resposta dissociada, isolada dos outros espaços constitutivos do sujeito.

A escolarização é um momento importante na constituição da subjetividade da criança, mas ela não pode ser entendida sem se considerar os outros espaços de subjetivação do aluno. Concordamos com Tacca (2005) quando afirma que considera “a escola uma situação especial, tendo em vista o tempo que nela

permanecemos e o valor cognitivo-afetivo das relações que ali se estabelecem” (p. 218).

Em sua pesquisa Tacca (2005) observou que a maneira singular de interpretar e vivenciar uma situação é muitas vezes negligenciada pela escola, que toma o aluno como uma categoria homogênea, sem procurar entender como participa das atividades e que sentidos pessoais estão emergindo. A compreensão desses sentidos produzidos pelos alunos, no entanto, seria essencial para a compreensão das relações e do cotidiano escolares, pois determinam a maneira como esse aluno se relaciona com a escola, o seu modo de agir na escola.

Entender que há uma relação entre o sentido produzido pelo aluno e a forma como ele se relaciona com a escola é fundamental para entender a relação do aluno com a escola e com o saber. É nessa medida que a consideração da subjetividade pode significar possibilidade de aprendizagem.

Estas são algumas das construções que orientam esse trabalho. Buscamos utilizá-las para dar visibilidade a uma questão que nos parece importante: a dimensão subjetiva da experiência escolar. Quando falamos na dimensão subjetiva referimo-nos à presença do sujeito nos processos sociais. Sujeitos afetivo-cognitivos, que se constituem em suas experiências e que são constitutivos da realidade. Os dados coletados em nossa investigação nos ajudaram nessa reflexão.

CAPÍTULO III

DO MÉTODO

*É tão bonito convidar alguém a lembrar.
Ninguém se sente despreparado para isso...*
Gonçalves Filho (mimeo, p. 213)

O método é a caminho escolhido pelo pesquisador para chegar à compreensão do seu problema de pesquisa, por isso deve ser coerente com o referencial teórico adotado à luz do qual será interpretado o material produzido.

Procuramos neste estudo ampliar a compreensão dos aspectos envolvidos na relação do aluno com a escola e a aprendizagem escolar. Para isso, investigamos os sentidos produzidos por ele na sua experiência escolar, pois entender como a escola é percebida por seus alunos ajuda a compreender a relação do aluno com a escola e com a aprendizagem escolar.

Escolhemos ouvir os alunos por querermos saber como eles têm percebido este processo. Partimos das suas lembranças sobre a vivência escolar para buscar os sentidos constituídos por eles e assim compreender como a experiência escolar afetou a sua relação com a escola e a aprendizagem escolar.

Quando falamos em significados, como já mencionamos, estamos nos referindo aos conteúdos produzidos socialmente, ao longo da história, e compartilhados pelos sujeitos. São esses significados comuns, e relativamente estáveis, que possibilitam a comunicação e socialização humanas. Por outro lado, são os significados das nossas experiências que internalizamos, e não as experiências como materialidades.

Quanto aos sentidos são “a articulação dos eventos psicológicos que o sujeito produz perante a realidade” (Aguar, 2006, p. 14); articulação essa que é feita por meio da palavra, da linguagem. Assim, os sentidos revelam uma singularidade historicamente construída. No sentido, o sujeito se mostra como uma unidade

inseparável de processos cognitivos, afetivos e biológicos, aspecto central na perspectiva sócio-histórica.

Com relação à apreensão dos sentidos, Aguiar nos lembra que “expressões do sujeito muitas vezes contraditórias e parciais, nos apresentam indicadores das formas de ser do sujeito, de processos vividos por ele” (2006, p. 17). A apreensão do sentido, portanto, passa pela interpretação da fala do sujeito, pois a fala traz construções do sujeito que contém o sentido da experiência, ainda que de forma parcial e contraditória. A fala é uma das formas de expressão que, decodificada num trabalho interpretativo construtivo, permite ao pesquisador se aproximar de zonas de sentido sujeito.

Por outro lado, como vimos, os processos de constituição da subjetividade são complexos e multideterminados. Por isso as experiências escolares mencionadas nas entrevistas devem ser analisadas e entendidas dentro do contexto mais amplo das relações sociais e históricas.

A importância de investigarmos os sentidos se deve ao fato de não podermos entender as relações escolares, e a própria escola, se não entendemos como os sujeitos que a constituem se orientam e se mobilizam em relação a ela, pois a direção do seu agir é determinada pelos sentidos produzidos por estes sujeitos.

González Rey (2005, p. 8) nos lembra que “o aluno como sujeito que aprende e a aula como espaço de relacionamento eram omitidos nas pesquisas” sobre aprendizagem. As pesquisas não levavam em consideração que a aula é um espaço de relacionamento intersubjetivo. “Quando se inclui no repertório da pesquisa empírica o sujeito que aprende, começa-se a gerar inteligibilidade sobre novos processos que intervêm na aprendizagem, como o da produção de sentidos por parte do sujeito” (idem).

Para saber como o aluno vivenciou sua história escolar utilizamos a entrevista, pois a fala expressa as construções simbólicas do aluno. “Por meio da palavra podemos apreender os aspectos cognitivos/afetivos/volitivos constitutivos da subjetividade” (Aguiar, 2006, p. 131). Subjetividade que, por sua vez, se constituiu a partir da realidade material e por isso a contém.

Bourdieu afirma que,

... através das narrativas das dificuldades mais “pessoais”, das tensões e contradições, na aparência, mais estritamente subjetivas, acabam se exprimindo, muitas vezes, as estruturas mais profundas do mundo social e suas contradições. (Bourdieu, 2005, p. 236)

A posição adotada neste estudo é coerente com a proposição de Bourdieu, pois se os sujeitos se constituem em suas relações dialéticas no mundo, contêm em si as contradições do mundo material.

Para buscar desses sentidos fizemos uma análise qualitativa dos nossos dados, adequada à investigação da subjetividade. A finalidade desta modalidade de pesquisa é desenvolver novas zonas de sentido, novos espaços de inteligibilidade, que possibilitem uma maior compreensão do tema estudado. Como afirma González Rey (2005, p. 113), “o objetivo da pesquisa qualitativa está na construção de modelos sobre o problema estudado e não na caracterização de populações”.

Sujeitos da pesquisa

Como mencionamos na introdução, os sujeitos desta pesquisa são estudantes do quarto ano do curso de Psicologia da PUC-SP. A ideia de entrevistar estes alunos surgiu de uma conversa com a orientadora desta pesquisa. Nessa reunião de orientação, ela mencionou uma atividade realizada com os alunos do quarto ano do curso de Psicologia da PUC-SP, do qual é professora, em que os alunos, reunidos em grupos, fizeram uma lista com as suas lembranças escolares, boas e ruins. Conversamos com a professora Elisa Rosa, responsável pela atividade, que nos cedeu o material bruto, sem qualquer análise ou transformação. A leitura deste material nos deu um panorama dos aspectos que teriam sido relevantes para aquele grupo de alunos, o que nos ajudou em alguns momentos da entrevista.

Como inicialmente imaginamos um aproveitamento maior desse material, decidimos que seria conveniente entrevistar

alunos que tivessem participado daquela aula. O que poderia possibilitar, por exemplo, a confrontação entre algumas respostas e permitir aprofundar a compreensão de alguma questão. Mas não foi o que ocorreu. Chegamos a mencionar a atividade realizada por eles, mas não nos ajudou a ampliar a compreensão sobre o nosso tema; por isso, resolvemos não incluir este material na pesquisa.

Foi esta a razão de termos entrevistarmos alunos do curso de Psicologia, e não outros estudantes do ensino superior. A escolha, no entanto, de alunos que estivessem, já há alguns anos, na faculdade foi intencional, pois, assim, teríamos sujeitos que saíram da escola há poucos anos, o que nos possibilitou entender um contexto escolar bastante recente, mas também teria algum distanciamento para elaborar sobre a sua experiência escolar.

Também o fato de serem estudantes de uma faculdade bem conceituada no universo educacional brasileiro foi de interesse para esta pesquisa, pois todos estes alunos foram, de alguma forma, bem-sucedidos na sua escolarização. Não há vítimas da escola, todos chegaram a uma boa universidade. Em algum momento de suas vidas e por razões que procuramos entender, construíram uma relação com a aprendizagem escolar.

Quanto à decisão de entrevistar alunos e alunas da escola pública e da escola privada, buscamos com isso entender as diferentes realidades escolares e como são percebidas pelos alunos. Optamos também por aqueles que tivessem estudado no estado de São Paulo.

No que se refere à escolha dos quatro sujeitos de pesquisa, eles foram selecionados entre os 23 alunos que se ofereceram para participar da entrevista, quando a professora Ana Bock, que dava aula para esse grupo de alunos, contou a eles sobre a pesquisa. Nessa ocasião, esses alunos preencheram um quadro com o seu nome, idade e a escola onde haviam estudado no ensino fundamental e no ensino médio, indicando se era pública ou privada, laica ou religiosa e em que cidade ficava.

Entre esses estudantes que se dispuseram a participar da pesquisa, duas alunas e um aluno haviam estudado em escola

pública. Portanto, o aluno da escola pública estava escolhido. Entre as alunas, a escolha foi aleatória. Quanto aos 20 alunos provenientes de escolas privadas, excluimos os que haviam estudado em outros estados e em seguida selecionamos aleatoriamente um aluno e uma aluna.

Como nos propusemos a uma análise qualitativa dos discursos de alunos, a escolha dos sujeitos não precisou atender a exigências estatísticas, necessárias a uma amostra representativa. Uma amostra representativa nos possibilitaria generalizar as nossas conclusões. No entanto, o que pretendemos é aprofundar o entendimento acerca de um fenômeno, e não generalizar as nossas conclusões para o conjunto da população. Como nos ensina Zago (2003, p. 297), “cada método corresponde a uma maneira de pensar e de produzir saber que lhe é próprio”.

Procedimentos de produção dos dados

Nossos dados foram produzidos por meio de entrevistas individuais. Nessas entrevistas, partimos de uma questão desencadeadora formulada com base nos objetivos da pesquisa.

Depois de uma breve conversa inicial na qual explicamos as suas garantias como sujeitos de pesquisa e pedimos permissão para gravar a entrevista, contamos ao entrevistado o objetivo de nossa pesquisa. Em seguida, perguntamos ao entrevistado sobre o papel que a escola teria tido em sua vida. A finalidade desta questão foi criar uma situação que estimulasse o aluno a refletir sobre a sua experiência escolar. A amplitude da questão proposta visou possibilitar ao aluno que trouxesse os aspectos mais significativos da sua experiência escolar, que, ao longo da entrevista, procuramos compreender em maior profundidade.

Por outro lado, não havia um roteiro de perguntas, elas foram feitas em função das respostas dos entrevistados, e orientadas pelo objetivo da investigação. A finalidade, neste caso, foi criar uma

situação que estimulasse o aluno a refletir sobre a sua experiência escolar.

A forma como encaminhamos a entrevista se aproxima da dinâmica conversacional, tal como proposta por González-Rey. Como afirma, “a conversação é um processo cujo objetivo é conduzir a pessoa estudada a campos significativos de sua experiência pessoal, os quais são capazes de envolvê-la no sentido subjetivo dos diferentes espaços delimitadores de sua subjetividade individual” (2005, p. 126).

A escolha da entrevista em profundidade correspondeu à necessidade do nosso objeto de assegurar uma maior densidade das informações obtidas. Esta modalidade de entrevista nos permitiu, também, compartilhar com o entrevistado a compreensão das respostas e esclarecer as dúvidas que surgiram ao longo da entrevista. O que em alguns momentos levou à resignificação.

Com relação à duração das entrevistas, em geral foram de aproximadamente duas horas. Quanto à frequência, foi realizada apenas uma entrevista com cada um dos entrevistados, apesar de termos conversado sobre a possibilidade de outras entrevistas. Apenas com Danilo, o primeiro que entrevistamos, achamos necessário esclarecer algumas dúvidas, o que foi feito por telefone.

Ficou clara nesta pesquisa a importância de criar um clima propício à reflexão sobre o tema pesquisado. Ficou clara, também a razão pela qual alguns autores, como González Rey, preferem falar em produção, e não coleta de dados: as informações estavam sendo construídas, produzidas naquele espaço de reflexão.

Sandro explicita isso em algumas passagens da entrevista: *“Eu to pensando quanto a minha relação com a escola vinha de uma particularidade minha, minhas conexões com o mundo, to pensando agora”*. Ou quando diz: *“é interessante essa oportunidade de estar relembrando e revendo agora, porque eu não tenho nada elaborado”*. Ou, ainda, *“Você foi uma pessoa super receptiva, tanto é que eu consegui me abrir e falar de coisas bem pessoais”*.

Esta era a intenção, propiciar ao aluno que expressasse suas reflexões, o que nos parece ter sido possível pela

maneira como procuramos encaminhar a entrevista, sem um roteiro prévio, aberta e atenta ao que era dito, sem julgar o entrevistado e suas respostas, mas procurando entendê-las. Esta foi uma das importantes aprendizagens da pesquisadora ao longo desta pesquisa, perceber a importância de não avaliar, e manter um distanciamento atento, a fim de permitir ao entrevistado que se coloque com tranquilidade.

Sandro, em um momento da entrevista, reflete e chega a reformular sua resposta, talvez mais significativa. Esta segunda resposta poderia não ter sido dada. *“Eu acho que não, naquele momento, com ela, não teve esse significado.....Ou, até acho que sim, né. Vamos pensar.... talvez, pensando bem, sim, porque se afinal de contas se lá eu não sou, eu não tenho destaque é pra lá que eu vou para consegui-lo. Não sei, talvez, to fazendo essa análise agora... Talvez tenha tido esse significado de superação mesmo, não sei”.*

Procedimentos de análise dos dados

Produzidos os dados passamos à sua análise a fim de apreender o sentido contido na fala dos nossos sujeitos, o que procuramos fazer a partir da organização de núcleos de significação, seguindo a proposta de Aguiar e Ozella (2006).

Assim, depois de transcritas as entrevistas, voltamos a elas procurando localizar os aspectos que se destacavam nas falas dos sujeitos, seja pela recorrência do tema, seja pela ênfase ou carga emocional envolvida na sua abordagem. Estes aspectos centrais foram posteriormente organizados e aglutinados em Núcleos de Significação. O critério para a criação desses núcleos foi a sua relevância para a compreensão da questão investigada. A finalidade desses núcleos, portanto, foi nos ajudar a organizar as falas e identificar os conteúdos centrais trazidos pelos sujeitos.

Organizados os núcleos, partimos para a análise dos sentidos que aí estão contidos. Buscamos nos apropriar das contradições, dos não ditos, dos aspectos ocultos e das

articulações, daquilo que somente por meio das categorias teóricas pode ser apreendido, para, em seguida, construir explicações que se aproximassem da subjetividade, ou seja, dos sentidos constituídos.

A análise dos núcleos não se restringiu à fala do sujeito, procuramos articular a fala ao contexto social e histórico, a fim de possibilitar a compreensão do sentido. Para Aguiar, esse seria o momento da análise propriamente dita, “quando os núcleos são integrados no seu movimento, analisados à luz do contexto do discurso em questão, à luz do contexto social histórico e à luz da teoria” (2006, p. 21).

A fala do sujeito sintetiza e expressa suas múltiplas determinações que tentamos revelar com a análise. O empírico, o que aparece diante de nós, contém mas não revela, ou revela em parte, o fenômeno. A experiência escolar envolve um conjunto de aspectos que foram apresentados pelos entrevistados ao serem estimulados a rememorar sua vida escolar, como relações com os professores, relações com os colegas e com o conteúdo ensinado. Envolvem ainda expectativas familiares e os projetos de futuro.

No primeiro momento, trabalhamos os dados de forma a apreender os sentidos para cada um dos sujeitos individualmente. Em outro momento da análise, tomamos as percepções dos nossos sujeitos de pesquisa para buscar compreender o problema colocado pela pesquisa: de que maneira a experiência escolar dos alunos contribuiu, ou não, para a sua relação com o saber. Qual o impacto das experiências vividas na escola sobre a relação que o aluno estabelece com a aprendizagem e com o saber?

Este foi o caminho pelo qual pretendemos compreender o sentido da experiência escolar para os nossos sujeitos de pesquisa.

CAPÍTULO IV

Construção e análise dos dados

Neste capítulo, apresentamos os núcleos de significação e as análises, relativas a cada um dos nossos sujeitos, precedidos sempre por um perfil do entrevistado contendo algumas informações sobre ele e a sua trajetória escolar, e o perfil da escola onde estudou. A finalidade destas informações foi permitir ao leitor que contextualizasse a fala dos sujeitos.

Neste capítulo, portanto, as análises são relativas a cada sujeito individualmente e procuraram compreender o sentido que a escola teve para cada um deles. No capítulo seguinte, articulamos as falas dos sujeitos a fim de nos ajudar na problematização e compreensão de algumas questões.

A nossa opção foi por apresentar as falas, organizadas em núcleos, e, apenas no final de cada núcleo, proceder à análise daquelas falas, e ao final da fala de cada sujeito uma síntese articulando a interpretação dos núcleos. Esta opção por não intercalar falas e análises, ainda que arriscada, se relaciona à segunda etapa da análise, que apresentaremos no capítulo seguinte, na qual destacamos e procuramos articular alguns aspectos apontados pelos sujeitos, que nos pareceram importantes para a compreensão da relação do aluno com a escola e o saber. Como havia essa duplicidade de momentos de análise nos pareceu mais conveniente trabalhar desta forma.

Quanto aos nomes que identificam os entrevistados, todos eles foram inventados pela pesquisadora.

Sujeito 1: Danilo

Danilo tem 22 anos, é brasileiro, solteiro, nasceu na cidade de São Paulo, onde mora com sua mãe e seu padrasto, ambos com escolaridade superior completa. Tem um irmão mais velho. Seu pai faleceu quando Danilo tinha pouco mais de 1 ano.

Trajetória escolar

Danilo começou a ir para escola no maternal. Até o final do Ensino Fundamental estudou na escola que designaremos por F. No Ensino Médio mudou-se para uma escola que identificaremos por M. Danilo não repetiu nenhuma série e não fez cursinho. Quando Danilo terminou o Ensino Médio, prestou vestibular e entrou no curso de Psicologia da PUC-SP.

As duas escolas em que estudou são escolas particulares de ensino. Quanto ao perfil socioeconômico da clientela dessas escolas, são frequentadas, sobretudo, por alunos de classe média alta e alta. Em pesquisa aos sites dessas escolas, sabe-se que a escola M, em 2008, tinha 2.900 alunos matriculados. Não encontramos esta informação no site da escola F. A escola M ficou entre as dez mais bem colocadas na prova do Enem no estado de São Paulo.

NÚCLEO I

“(A escola) teve diversos papéis na minha vida... com certeza formação no sentido acadêmico.”

A aprendizagem dos conteúdos acadêmicos foi um aspecto importante na experiência escolar de Danilo. Danilo menciona que gostava de estudar, de ir à escola e de aprender. Neste núcleo, agrupamos alguns trechos da sua fala que nos ajudam a entender que elementos contribuíram para a configuração desse sentido da escola.

*“(A escola) teve diversos papéis na minha vida, não posso dizer que teve um só. Com **certeza formação no sentido acadêmico**, de matérias, física, química, história, etc.”*

*“Eu gostava disso também (da relação com os colegas), **mas eu gostava da parte acadêmica mesmo.**”*

“Eu era o cara que gostava de fazer lição de casa, por exemplo, eu achava divertido.”

“(...) eu gostava de estudar, (...) eu gostava de ir para a escola, gostava de me dedicar, de aprender.”

“Não sei (de onde veio o envolvimento com o acadêmico). Tem na minha história de família, o meu irmão era assim também. Meu pai era extremamente intelectual, acadêmico. Mas eu não sei dizer de onde vem, era uma coisa natural. Como eu disse, desde o pré-primário, eu estava doente, eu completei o caderno da escola, a apostila de exercícios. Eu disputava com um amigo meu no primário quem terminava os exercícios de matemática primeiro. Sei lá, eu fazia esse tipo de coisa, mas eu não sei dizer bem de onde vem.”

“tem também a questão da qualidade da educação, o M tem uma qualidade de educação absurda, muito grande, é muito bom lá. Os professores são muito bons.”

“(Quando fala em qualidade de educação se refere) À questão acadêmica, pedagógica. Os professores são muito bons, os orientadores são muito bons, os projetos que eles têm lá são muito bons. Por exemplo, a gente tinha um semestre com um projeto que era meio ambiente. Então tinha viagem de estudo do meio, fui para a Amazônia com o M que foi espetacular. Uma série de coisas, os projetos sociais lá eram muito bons também. Tinha sempre parte de esporte, campeonato de futebol. As aulas eram ótimas, uma qualidade muito boa. Eu tenho muito orgulho de ter... estudado lá, ter feito o colegial lá.”

“Volta e meia eu lembro um trabalho que a gente fez, Brasil 500 anos, na oitava série, ano 2000, em que eu e uns amigos, desses que não se importam muito, a gente fez um baita trabalho sobre as grandes navegações, fez um mapa mundi enorme, com isopor, teve toda uma preocupação, trabalho, (...) a escola pediu para a gente apresentar pro supletivo, pediu pra gente apresentar pro pré-primário, (...) baita dedicação.”

“Talvez isso até esteja relacionado, o social meio ruim com uma preocupação maior com o acadêmico. Eu não estou indo tão bem desse

*lado, eu não gasto tanta energia, tanto tempo pensando no social, na escola eu vou mais para o lado de cá. **Mais ou menos, também, porque surge mais no fundamental II, que é pior essa parte social e eu já era mais acadêmico fazia tempo.***

Este núcleo revela alguns fatores que contribuíram para que Danilo percebesse a escola como lugar de aprendizagem. Danilo menciona que os profissionais da escola eram muito bons, bem como as aulas, os projetos e as viagens de estudo do meio. Fica evidente que a qualidade da educação oferecida pela escola foi importante para o sentido que a escola teve para Danilo.

A sua fala demonstra também a importância da valorização da aprendizagem e do esforço do aluno, pela escola, para o seu envolvimento com os estudos. Um exemplo disso é a menção de Danilo ao fato de a escola ter pedido que apresentassem um trabalho, que haviam feito com grande dedicação, para outros alunos da escola. Também fica evidente a proximidade entre o universo cultural escolar e familiar.

Este núcleo revela que tanto as experiências escolares quanto as suas características pessoais e familiares foram importantes para que o sentido da escola para Danilo contemplasse a dimensão acadêmica como um de seus elementos centrais. Estes são fatores ajudam a entender o envolvimento de Danilo com as questões acadêmicas.

NÚCLEO II

“um papel muito importante que teve na minha vida foi o papel de socialização.”

A escola para Danilo, além da aprendizagem dos conteúdos acadêmicos, foi importante como espaço de socialização. Neste núcleo, procuramos entender este aspecto da sua experiência escolar e as razões da sua importância.

*“(A escola) **Teve diversos papéis na minha vida, não posso dizer que teve um só. Com certeza formação no sentido acadêmico, de matérias, física, química, história, etc. Não deixa de ser um papel muito importante, mas, acho, um papel muito importante que teve na minha vida foi o papel de socialização mesmo. Eu mudei de escola da 8ª série para o 1º ano (do Ensino Médio), eu estava no F e fui para o M.***

“Quando eu estava no F, eu era um cara muito inseguro, eu era muito (...) me pegavam muito para Cristo. Eu tinha amigos, mas eu tinha uma convivência muito difícil lá. Ah.... A oportunidade de mudar de colégio me deu a oportunidade de mudar essas minhas relações. Então (...) mudar um pouco até a minha personalidade. Eu não era mais um cara inseguro no M, eu era um cara muito mais sociável, muito menos tímido, muito mais.... comunicativo, tal. Fiz um grupo de amigos rapidamente, entrei num time de futebol lá, são amigos que eu tenho até hoje.”

“Parece que é uma coisa que foi sendo construída aos poucos, ao longo dos onze anos que eu fiquei no F, alguma coisa assim, onze, doze, treze anos que eu fiquei lá, então, não sei dizer exatamente por que ficou daquele jeito, mas..... eu tive a oportunidade de mudar.”

“foi um dos motivos de ter saído do F, ter aceitado sair. Foi uma ideia que a minha mãe teve, pela educação forte que o M tem, um colégio top e que eu aceitei, mas pensando mais nessa renovação.”

“de mudar, de ter outras relações, de conhecer gente. O M abriu muitas portas para mim. Até hoje eu estou envolvido com o M de algumas maneiras.... é uma comunidade da qual eu ainda faço parte ativamente porque foi de fato uma mudança muito grande na minha vida, foi muito importante, eu dou muito valor para isso, até hoje. Então eu continuo rondando por ali.”

“Eu acho que dei uma certa sorte porque eu estava na sala do primeiro ano, aquela confusão, todo mundo vindo da 8ª série para o colegial. Só pelo fato de ter 70 alunos de outros colégios já se cria uma abertura naturalmente; porque um terço da sala é novo. E o grande acontecimento de abertura foi que por algum motivo ficaram sabendo que eu era goleiro. Tinha um time de futebol, estavam precisando de um goleiro, resolveram chamar o moleque novo para ser goleiro. E eu entrei nesse time de futebol e eu fiz os meus amigos lá, o meu grupo, que são os amigos que eu tenho até hoje. Foi esse o momento de abertura. (...) É engraçado, estão precisando de um goleiro, eu sou goleiro, essa coincidência aí que abriu essa porta de criar novos laços de amizade que foram super especiais para mim ali”.

*“(O social) **É mais difícil no fundamental II.** Doze, treze anos começa a ter festinha. Você precisa ter uma reputação, (...) ser um cara legal, (...) ser bem visto e bem quisto pelas pessoas. Não sei, talvez eu tenha demorado um pouco mais para amadurecer nesse sentido, **era muito inseguro e tal. Eu sofri um pouco por causa disso.**”*

*“**eu era o cara para quem eles** (colegas no F) **vinham pedir ajuda quando eles estavam de recuperação, o cara para quem eles pediam cola (...)** Mas no geral.... **tinham até uma certa raiva de mim, eu era o ‘cdf’, eu era o cara que passava de ano em tudo, que não tinha dificuldade.** No geral, isso gerava até uma certa zoeira, porque eu era o cara que não tinha essa dificuldade, esse problema.”*

*“**nas escolas sim** (sempre me senti muito bem), **nas relações sociais ali nem tanto, mas na escola, no lugar, sim.**”*

*“**Porque na escola é rotina, vai indo e acaba sendo uma coisa de segurança** mesmo. As coisas não mudam tanto. **Já ali na hora das relações sociais, hora do recreio, tal, eu já era um cara mais inseguro.** (...) **Eu achava que eu era mais desajeitado do que os outros, hoje em dia eu já não sei, de repente todo mundo era desajeitado, comparado a hoje em dia com certeza.**”*

*“**Lembranças ruins de escola.....** eu acho que era essa parte... **essa parte do bullying mesmo, da “encheção” de saco, de ser pego para Cristo, ser zoadado, tal. Eu tinha 12/13 anos, eu tinha um narigão, ainda, então me pegavam..**”*

*“eu tinha um nariz grande, (...) e eu já era o cara que já tinha toda aquela insegurança. **Tinha um nariz grande, era o meio “cedeefezinho” da turma... então me pegavam de jeito, eu era o alvo perfeito praticamente.** Então essa é a lembrança ruim de escola.”*

*“(final do Fundamental I) **foi mais ou menos a época que eu comecei a ser o cara que era pego ali para Cristo, que era zoadado e tal.**”*

*“**Como a escola (F) lidava com isso? Não sei.** Honestamente, eu não sei.”*

*“**Não me lembro** (da escola F intermediando a relação entre os alunos). **Só se tivesse uma briga física, de fato, que aconteceu algumas vezes.**”*

*Briga de moleque de quarta série não é nada, né... uns tapinhas pra lá e pra cá... **daí a escola vinha e dava bronca nos dois.** No ginásio eu fui suspenso duas ou três vezes por brigar porque no ginásio eu comecei a me defender mais, né. **Aí eu me defendia do jeito que eu sabia me defender. Daí vem a escola e suspende os dois, fala, mas ali no dia-a-dia não lembro de nenhuma mediação, não.***

*“**Eu não sei dizer se o F tinha tanta preocupação com isso** (a integração entre os alunos), mas eu também era mais moleque, não sei se eu prestava muita atenção. **O M, eu lembro que nas aulas de orientação vocacional tinha essa preocupação. A gente tinha trabalhos, exercícios, pequenas dinâmicas que trabalhavam exatamente com isso.** Eu lembro até de um que tinham desenhos com bolinhas, algumas juntas, outras separadas, outros eram grupinhos de bolinhas e umas soltas, e você tinha que pintar qual era você, se você estava num grupo grande, se estava solto e tinha outros grupos, se você era a intersecção entre dois grupos. Esse é um exercício que eu lembro de fazer. **Eu lembro que tratava-se disso no primeiro ano (do Ensino Médio), na orientação educacional. Então tinha uma preocupação (em saber) como está situado na área do social mesmo.**”*

*“**Não havia** (mediação das relações no F), mas eu acho que talvez no F eu me sentisse muito bem porque era um lugar extremamente familiar, pequeno, eu conhecia todos os professores, alguns mais do que outros, mas eu conhecia bastante gente. Eu tava lá minha vida inteira, então uma coisa mais segunda casa mesmo. **Mesmo não tendo essa mediação e sendo uma coisa mais ali no bom senso, tal, isso servia, era o suficiente para eu me sentir seguro lá, sabe.**”*

*“(Era visto pela escola) como **um moleque bonzinho, que estuda, vai bem na aula e é bonzinho, não cria problema.** Ninguém presta muita atenção também, né. A escola presta atenção no moleque problema, né.”*

Danilo relaciona a mudança de escola a mudanças na sua personalidade, o que teria sido muito importante para ele que era uma pessoa tímida e insegura e passou a ser uma pessoa mais segura e extrovertida. Danilo chama atenção para a importância da escola neste processo de mudança.

No Ensino Médio, teria mudado a forma como se relacionava com os colegas, passando a se inserir no grupo de outra maneira. Danilo menciona o fato de ser goleiro e estarem precisando de um goleiro, mas ficamos sabendo também que a escola M. desenvolvia atividades relacionadas à questão da inserção do aluno no grupo, fato que não deve ser desconsiderado.

Este núcleo evidencia a importância das relações interpessoais na constituição da subjetividade de Danilo. Evidencia também que a participação da escola na intermediação das relações entre os alunos é fundamental, pois ela é um aspecto difícil e importante da experiência escolar.

NÚCLEO III

“Eu acho que a escola me via como um cara que não dá problema, e talvez de fato eu fosse esse cara que não desse problema.”

Neste núcleo procuramos entender a maneira como a escola via Danilo, e como ele se via como aluno na escola. Isso nos ajuda a entender a sua relação com a escola. A maneira como Danilo se percebe na escola é um elemento de sentido importante para compreendermos a sua relação com a escola.

“(Era visto pela escola) como um moleque bonzinho, que estuda, vai bem na aula e é bonzinho, não cria problema.”

“Talvez porque o meu irmão era o cara certinho, a escola já esperava que eu fosse parecido, e eu de fato era um cara quietinho, não fazia muita bagunça, ia sempre bem, tirava A, B, no mínimo um C e um cara legal, “de boa”, sossegado, que não dá problema. Eu acho que a escola me via como um cara que não dá problema, e talvez de fato eu fosse esse cara que não desse problema. Eu não sei o que veio primeiro, se foi a percepção da escola, talvez baseada no meu irmão, ou se fui eu que passei essa percepção por ser de fato isso, ou agir dessa forma. Talvez uma coisa que foi se alimentando retroativamente, sabe ”

“Nossa, eu sempre me preocupei muito em agradar as pessoas. Eu acho que até hoje eu tenho um certo problema com isso, de ter que sempre agradar e tal, é uma coisa que vem lá de trás. Então eu queria sempre agradar o professor, na escola, no fundamental também, no colegial, talvez

até na faculdade... É uma coisa que sempre foi minha, querer agradar as pessoas. Eu não sei porquê..”

“talvez tenha me impedido de ter algumas experiências interessantes por querer agradar.”

“Experiências que durante a escola eu não tive. Eu não tomava bronca. Chegar e falar mal da professora, que a ‘f. da p. me deu uma bronca’, ‘uma v.’, tal, não era uma coisa que estava em mim. Talvez até uma coisa que me conectasse com meus amigos, (...) talvez. Essas experiências mais negativas na relação com os professores talvez me deixasse mais próximo dos meus amigos e talvez essa fosse uma coisa interessante.”

Para Danilo, a escola o via como alguém que não criava problema, um bom aluno, um cara legal. Ele relata que era assim, que correspondia às expectativas da escola. Não sabe “o que veio primeiro”, mas fica claro que a expectativa positiva da escola reforçou o seu desejo de ser um bom aluno.

A expectativa do professor não é suficiente na determinação do comportamento do aluno, pois não é possível reduzir o comportamento humano a respostas mecânicas e previsíveis, mas, certamente, ela teve impacto na sua forma de agir na escola. A expectativa do professor foi um elemento de sentido, entre outros, que no seu caso gerou um círculo virtuoso.

Entender porque procurou ser um bom aluno, correspondendo às expectativas da escola, implica considerar também que sempre quis agradar as pessoas. Implica considerar que questões que não se referem diretamente ao espaço escolar afetam as relações do aluno com a escola, pois o aluno é um sujeito com uma história e uma maneira singular de subjetivar o mundo.

NÚCLEO IV

“Escola como referência de proteção, cuidado e segurança: “Me sentia seguro, tanto no F quanto no M.”

Este núcleo evidencia que a escola foi para Danilo uma referência de proteção, um lugar no qual se sentia seguro. Este aspecto nos parece central na compreensão da sua experiência escolar. Nas duas escolas onde estudou, em cada uma delas por uma razão distinta, Danilo se sentiu cuidado e por isso seguro.

“Me sentia seguro, tanto no F quanto no M.”

“eu acho que talvez no F eu me sentisse muito bem porque era um lugar extremamente familiar, pequeno, eu conhecia todos os professores, alguns mais do que outros, mas eu conhecia bastante gente. Eu tava lá minha vida inteira, então uma coisa mais segunda casa mesmo. Mesmo não tendo essa mediação (dos conflitos entre os alunos) e sendo uma coisa mais ali no bom senso, tal, isso servia, era o suficiente para eu me sentir seguro lá, sabe.”

“Eu só mencionei o M porque aquele foi um momento de grande crise mesmo, a maior de todas, eu tava lá. E lá, eu me sentia muito bem. Apesar de só estar há um ano na escola.”

“eu era completamente nervoso, ansioso, inseguro, o tempo inteiro.”

“sempre me senti muito bem na escola. Nas relações sociais ali nem tanto, mas na escola, no lugar, sim. Porque na escola é rotina, vai indo e acaba sendo uma coisa de segurança mesmo. As coisas não mudam tanto. Já ali na hora das relações sociais, hora do recreio, eu já era um cara mais inseguro.”

“... eu não posso reclamar de nada, eles (no F) prestavam atenção, eles estavam lá, apoiavam. Eu sempre fui bom aluno, então nunca fui o cara que precisava de muita ajuda no sentido acadêmico, mas no sentido da insegurança, tal mesmo. Alguns professores (na escola F) falavam, um ou outro mais velhos, inclusive são professores com quem ainda tenho um certo contato às vezes, mas não era uma coisa muito institucional fazer isso, era do professor, uma coisa pessoal daquele professor.”

“No M é diferente, no M eu acho que os próprios professores não entram tanto na parte mais pessoal da sua vida. Se eles percebem alguma coisa, eles passam para a orientação e para a coordenação daquele ano. E a orientadora e a coordenadora entram e conversam com você, te chamam para conversar e... fazem o trabalho que deve ser feito.”

“No segundo ano do M eu perdi a minha irmã, (...) e foi um baque fenomenal e eu tinha um resguardo ali no M muito bom. Os professores, o que eles faziam ali na sala de aula, era me deixar sair e entrar, meio à vontade da aula, sem ficar fazendo pergunta ou enchendo o saco, nem nada.

E eu sentia que as pessoas ficavam meio de olho em mim, para ver se eu estava bem e tal. Os vigilantes vinham conversar às vezes, uma em especial, a B., sempre vinha falar comigo. E a orientação e a coordenação estavam a par de tudo o que estava acontecendo, e estavam abertos o tempo todo. Eu conversei muito com o pessoal a respeito disso. Então aí parece que era uma coisa mais institucional porque tem uma organização: quem é que vai fazer essa parte, entendeu? Qual é a função dos professores? Não, não vamos falar disso com ele, a gente vai dar essas liberdades e tal, por enquanto, e ficar esperto, ficar de olho; quem vai fazer esse trabalho são mais as orientadoras e coordenadoras.”

“eu me sentia extremamente seguro no M, sem dúvida nenhuma. Eu até acho que eles me deixaram de recuperação em uma matéria só para ficar um tempinho a mais no colégio para ficarem de olho em mim. Era uma matéria dessas que ninguém pega recuperação (...) eu acho que foi para eu ficar um tempinho a mais freqüentando o colégio naquele primeiro semestre, para eles ficarem um pouco mais de olho em mim. (...) Na época eu fiquei puto (...). Mas hoje eu penso e acho que foi mais ou menos por causa disso. Então eles têm esse apoio.”

“tinha síndrome do pânico naquela época (do falecimento de sua irmã), eu tinha ataques do pânico o tempo inteiro, menos em dois lugares: em casa e na escola.”

“Já tive algumas vezes antes, mas passou, não tive mais. Depois que a minha irmã morreu, eu comecei a ter bastante. Mas na escola não, nem em casa.”

“A escola estava a par. Na sexta série eu não fui no estudo do meio por causa disso (ataque de pânico). Na sétima eu fui, e o professor que ficou no meu quarto durante o estudo do meio estava sabendo. Tinha uma certa preocupação da escola.”

“Na oitava, o professor que ficou no nosso quarto ele estava sabendo, estava a par e às vezes ele perguntava se estava tudo bem, tal... tinha um cuidado também.”

“(...) eu sabia que qualquer pepino eu podia falar com os professores, (...) mas não era uma coisa que eu ficava tão à vontade, (...) não era tão

à vontade assim. Um ou outro professor que estava lá, aqueles que também na escola estavam mais presentes, tal, sim, ficava bem à vontade falando com eles, mas não com aquele professor que ficou no meu quarto aquela semana. Não conheço direito.”

*“Na oitava série (...) essa questão (...) já tava um pouco mais resolvida, então esse **apoio nem era tão necessário mais.**”*

*“(o apoio ao aluno na escola F) **era feito mais no bom senso, mais uma coisa sei lá, imagino o que eu faria se o meu filho estivesse numa situação dessas, mais no instinto, no bom senso, não uma coisa tão formalizada, planejada.**”*

Danilo diz que era nervoso, ansioso, inseguro, foi alvo de gozação pelos colegas e teve ataques de pânico, mas na escola se sentia seguro. Como entender isso? Que elementos da sua experiência escolar poderiam explicar a maneira como se sentia na escola?

Fica claro na fala de Danilo que essa segurança estava relacionada às suas experiências escolares, ao fato de se sentir apoiado e cuidado pela escola em momentos de vulnerabilidade. Sua fala evidencia a sua confiança na escola.

Para Danilo, a escola se preocupava com o bem-estar de seus alunos. Havia um compromisso da escola com seus alunos que incluía além da aprendizagem, o seu bem-estar emocional. É ilustrativa, nesse sentido, a menção ao fato de a escola tê-lo deixado de recuperação para que permanecesse mais tempo sob os seus cuidados. Não sabemos se foi esta a razão, mas a experiência escolar de Danilo possibilitou a ele que compreendesse dessa forma.

Foi relevante para Danilo saber que podia contar com a escola, que ela estava atenta ao que se passava com ele. Essa confiança se deve ao fato de a escola ter acolhido as suas angústias e questões pessoais, sem negá-las. Como mencionou, *“nunca fui o cara que precisava de muita ajuda no sentido acadêmico, mas no sentido da insegurança, tal mesmo”*.

É interessante notar que a sua percepção da escola como lugar de apoio e proteção prevalece inclusive em situações adversas como a “zoação”

dos colegas. Danilo não nega que a “zoação” foi uma experiência ruim, mas a sua estratégia foi proteger-se na rotina escolar, se incluir na escola a partir da relação com os professores e com o saber. Como teve esta possibilidade, pôde suportar as vivências mais difíceis e os momentos de maior fragilidade, diretamente relacionados, ou não, às vivências escolares.

Este núcleo evidencia a importância de a escola estar atenta não só à dimensão cognitiva, mas também ao que se passa com seus alunos do ponto de vista afetivo. Para Danilo, isto foi fundamental e compõe aspecto importante do sentido constituído sobre a escola.

NÚCLEO VI

“A família e a escola: “a visão deles era essa: a escola era minha obrigação, minha responsabilidade, tinha que ir bem na aula.”

Este núcleo apresenta os aspectos que se referem à forma como a família de Danilo se posicionava em relação à escola, e qual o impacto disso para o seu envolvimento com a escola e a aprendizagem.

“Não sei (de onde veio o envolvimento com o acadêmico). Tem na minha história de família, o meu irmão era assim também. Meu pai era extremamente intelectual, acadêmico. Mas eu não sei dizer de onde vem, era uma coisa natural.”

“Sempre me foi falado que a escola era minha única responsabilidade, que eu não precisava trabalhar, não precisava trazer dinheiro para casa, que a escola era minha responsabilidade. Minha mãe e meu padrasto nunca foram muito participativos, assim de ir à reunião de pais e mestres e etc. Eu como nunca dei trabalho nesse sentido, sempre fui bom aluno, não era uma coisa que era uma preocupação muito grande deles, eles não precisavam se preocupar com isso.”

“(eu) falava o que estava acontecendo, o que eu tava aprendendo tal, mas a visão deles era essa: a escola era minha obrigação, minha responsabilidade, tinha que ir bem na aula, era minha responsabilidade, era a única coisa que eu tinha que fazer.”

“A ideia (de mudar de escola) foi deles.”

“Foi uma ideia que a minha mãe teve, pela educação forte que o M tem; um colégio top.”

Este núcleo demonstra a proximidade entre o universo escolar e familiar de Danilo. Como afirma, seu pai era “extremamente intelectual” e seu irmão mais velho sempre foi bom aluno. Sua mãe, embora afirme que não frequentava a sua escola, evidencia a importância que atribui a ela e à aprendizagem, por exemplo, quando sugeriu que mudasse para a escola M em virtude da sua “educação forte” ou quando lhe dizia que a escola era sua única responsabilidade, portanto deveria ser bom aluno. Estas referências familiares evidenciam a existência de um ethos familiar onde o conhecimento escolar é incentivado e valorizado.

SÍNTESE

Para compreendermos o sentido da escola para o aluno devemos considerar suas experiências na escola e fora dela. A relação que o aluno estabelece com a escola e com o saber nunca está dissociada da sua experiência escolar. Mas, também não está dissociada das suas experiências anteriores e externas ao ambiente escolar.

Para a abordagem sócio-histórica, as condições materiais constituem os sujeitos na medida em que são subjetivadas por ele. Não há uma dicotomia entre as condições materiais e subjetivas, pois os seres humanos se constituem em suas experiências no mundo. Esta concepção da constituição humana nos ajuda a compreender a importância da escola na constituição da subjetividade de Danilo.

Danilo mencionou que a mudança de escola possibilitou a ele que passasse a se relacionar com os colegas de outra maneira, destacando a importância da escola no seu processo de mudança. Diante de um novo contexto, de pessoas que não o conheciam e da disposição de agir de uma forma diferente, estabelece novas relações e possibilidades de ser. Não se sabe pela sua fala que outros fatores possibilitaram a sua mudança. Um ambiente diferente pode ser um elemento facilitador desse processo na medida em que possibilita novas relações e experiências, mas não as determina por si só.

Como vimos em Vygotsky, o ser humano é uma síntese de múltiplas determinações. Por isso, não seria correto atribuir a mudança na personalidade de Danilo apenas à escola. Mas, como contou Danilo, ela foi um elemento importante nesta mudança, o que evidencia a relevância da escola na constituição da subjetividade dos alunos.

A escola é importante como espaço de constituição da subjetividade, na medida em que é um espaço de relações humanas, e a subjetividade se constrói na relação com o outro.

Esta dimensão da vida escolar, no entanto, nem sempre é considerada pelas escolas. Mas, pelo que nos contou Danilo, não foi assim nas escolas em que estudou. Nelas estiveram atentos às suas questões emocionais, não foi estigmatizado como aluno-problema por ter, em alguns momentos, precisado do cuidado da escola. Para a escola, ao que parece, o cuidado que dispensou a Danilo fazia parte das suas atribuições, por isso não estava diante de um problema, mas cumprindo o seu papel.

Isto parece essencial: se a escola não reconhece que são indissociáveis as dimensões cognitivas e afetivas, não entenderá ser sua atribuição cuidar desses dois aspectos. Como vimos com Danilo, algumas vezes a ajuda de que o aluno necessita não se refere a questões cognitivas, mas a questões afetivas. A escola deve estar preparada para isso.

Fica evidente em sua fala também o quanto foi importante para Danilo ter se sentido seguro nas escolas onde estudou. Essa segurança possibilitou que suportasse o assédio dos colegas e frequentasse a escola mesmo nos momentos em que esteve mais vulnerável. Suas lembranças da escola são bastante positivas, mas reconhece não ter tido só experiências boas na escola. Sua fala contém contradições que revelam a complexidade das relações vividas na escola e a multiplicidade de aspectos que devem ser considerados na compreensão da experiência escolar de um aluno.

Danilo afirmou que a escola foi importante seja como espaço de socialização, seja pela aprendizagem de conteúdos acadêmicos. A relação com os colegas foi importante na sua experiência escolar, mas a formação acadêmica também. De que maneira a experiência escolar de Danilo contribuiu para essa percepção da escola?

Danilo enfatizou a boa qualidade do ensino nas escolas em que estudou. Os professores, as aulas, os projetos e as viagens organizadas pela escola eram muito bons. As atividades pedagógicas propostas pela escola, portanto, foram fundamentais para o envolvimento de Danilo com escola e a aprendizagem dos conteúdos acadêmicos. Fica evidente que a aprendizagem é um processo que não pode ser compreendido sem considerar as condições como se deu o ensino.

Outro aspecto importante na compreensão do contexto escolar se refere às relações interpessoais entre os alunos. Como vimos este pode ser um aspecto difícil da experiência escolar, por isso deve receber atenção da escola.

Como nos lembra Alves,

A intervenção das autoridades escolares na mediação dos conflitos que acontecem no espaço escolar é fundamental tanto para o aprendizado e a manutenção da sociabilidade, que implica no aprendizado das regras de convivência e respeito, necessárias a todos os espaços coletivos, como também para ensinar e desenvolver formas alternativas para a resolução de conflitos que não sejam, necessariamente, as agressões. (Alves, 2006, p. 123)

A escola deve estar atenta à maneira como os alunos estão se relacionando e ajudá-los na construção das suas relações interpessoais, desenvolvendo atividades que problematizem essas relações e o respeito indispensável à convivência em grupo.

A importância das relações interpessoais com os colegas fica clara quando afirma que mudar de escola deu a ele a oportunidade de mudar a sua forma de se relacionar com os colegas e de mudar até sua personalidade. A mudança na maneira de se relacionar com os colegas e de se colocar nas situações, certamente não foi decorrência apenas da mudança de escola, outros fatores concorreram para isso, mas a fala de Danilo evidencia a importância do ambiente escolar neste processo de mudança. Algumas vezes os alunos podem não precisar *“de muita ajuda no sentido acadêmico, mas no sentido da insegurança”*.

Danilo vê na rotina escolar um espaço de segurança, uma forma de se incluir na escola. Podemos dizer que a relação com o conhecimento foi sua

estratégia de inserção no espaço escolar. Era zoados pelos colegas, mas tinha onde se apoiar. Tinha a rotina escolar e o apoio da escola que valorizava o seu empenho nos estudos.

A atividade escolar, como Knapman (1999) constatou, propicia à criança uma rotina previsível que lhe dá o senso crucial de que a vida continua, importante em momentos de perda. “Os professores devem estar conscientes de que a previsibilidade da vida escolar, a sua rotina, rituais e familiaridade podem ter um valor intrínseco e, assim, dar apoio à criança que sofreu uma perda” (Knapman, 1999, p. 126).

Vimos com Danilo que a escola pode ter um papel fundamental no apoio ao aluno que esteja vivenciando situações que envolvam uma sobrecarga emocional, ainda que pelo valor intrínseco às rotinas escolares.

O sentido da escola para Danilo possui vários aspectos que se integram: relações sociais, acolhimento e competência dos profissionais, conteúdos interessantes e importância do aprender por parte da escola e da família. Sua fala apresenta elementos ambivalentes de prazer e desprazer, relacionados à sua experiência escolar, mas a escola é valorizada pela sua tarefa de ensinar conhecimentos, e também pelos os aspectos afetivos relacionados às relações interpessoais vividas na escola.

Podemos afirmar, portanto, que as relações interpessoais, o acolhimento e a competência dos profissionais e a valorização do aprender pela escola e pela família foram elementos importantes para compreendermos o sentido da experiência escolar para Danilo.

Sujeito 2: Ângela

Ângela tem 24 anos, é brasileira, solteira, mora com seus pais e tem duas irmãs mais velhas. Seu pai é metalúrgico aposentado e sua mãe trabalha esporadicamente como costureira. Nasceu e sempre morou na cidade de Santo André. Seu pai trabalhou 25 anos no setor secundário em uma cidade onde mais da metade da população estava empregada neste setor. É alguém, portanto, bastante identificado com sua comunidade. Este fato nos ajuda a compreender a maneira como Ângela se situa em relação ao seu bairro e sua escola. Também contou que sua família sempre teve uma situação econômica estável.

Contou que a “escola (onde estudou) *era muito boa. Tinha o lance das escolas padrão e essa escola era uma dessas. Ela era modelo*”. Foi estudar lá “*porque era próximo da minha casa e porque as minhas duas irmãs mais velhas já estudavam lá. (...) mas essa era a melhor de todas ali da região, então eu fiquei nessa por esse motivo*”.

Sobre sua trajetória escolar, entrou na escola no pré. Com sete anos, na primeira série, mudou para a escola onde estudou até o final do Ensino Médio. Ambas as escolas eram públicas e próximas de sua casa. Quando terminou o Ensino Médio não prestou vestibular “porque não teria como pagar, nem sabia direito o que queria fazer.” Começou a trabalhar numa clínica veterinária, onde permaneceu por dois anos, “*um ano só trabalhando e no outro trabalhando durante o dia e fazendo cursinho à noite*.” Prestou vestibular em universidades públicas, mas não passou. No final do segundo ano foi demitida e isso possibilitou à Ângela que, durante um ano, se dedicasse apenas aos estudos. Como afirma, “*Foi muito bom porque todo o dinheiro que eu peguei de seguro desemprego eu paguei o cursinho todo de uma vez e aí só fiz cursinho, estudando de dia, de tarde e de noite*”. “*Na verdade o que eles (seus pais) não poderiam pagar era o cursinho que eu paguei, então deu para fazer*.” No final daquele ano, prestou vestibular em algumas faculdades públicas e na PUC-SP, em razão do recém-criado ProUni, pois não poderia arcar com as despesas do curso. Foi aprovada na UNESP, em Assis, na UEL, em Londrina, e na PUC-SP, onde decidiu estudar.

A escola estadual onde Ângela estudou não ficou entre as primeiras 1.200 na classificação do Enem, e havia 86 alunos matriculados no terceiro ano em 2007. Trata-se, portanto, de uma escola de tamanho médio. Quanto

à clientela atendida pela escola, nos conta que seus colegas em geral moravam próximos da escola.

NÚCLEO I

“(a escola) que foi muito importante no sentido da socialização, dos amigos que eu fiz na escola.”

Ângela afirma que a principal marca de sua experiência escolar foram as relações interpessoais com os colegas, mais do que a formação acadêmica. Neste núcleo, procuramos entender este aspecto da experiência escolar de Ângela que teria sido central para ela.

“Eu acho que (a escola) foi muito importante no sentido da socialização, dos amigos que eu fiz na escola, (...) dos amigos que eu tive lá, das bagunças que a gente fazia, muito mais do que de sala de aula, de lição. Então acho que o sentido que eu dou é de um espaço de socialização, em que você começa a construir o seu meio social, os seus amigos e você mesmo vai se constituindo.”

“(A relação com os amigos) não era mil maravilhas, mas eu tinha amigos, eu era feliz com eles. Carreguei poucos, muito poucos pra hoje em dia, mas na época era muito bom. (...) o recreio é o momento de maior socialização ali com os colegas. Mas eu não tinha problema não.”

“(...) por eu ser muito assim (bagunceira), eu recebia muitos apelidos de todo mundo, sabe. E chegou uma hora que isso começou a me incomodar. E daí eu lembro que teve uma época que eu pensei assim, bom se eu não ficar mais xingando os outros os outros também não vão mais me xingar. Então eu meio que mudei a minha postura por esse motivo. Essa história do xingamento estava me incomodando muito.”

“... um monte de apelidos de não sei o quê, não lembro exatamente assim que apelidos, mas eu lembro que os apelidos começaram a me incomodar.”

“(...) devia ter uns 13. E eu parei de brincar na rua e de ser mais moleque, assim. Já fui mudando. Já fui me interessando mais pelos meninos, e não sei quê, então já não podia mais continuar com a mesma postura que eu tinha, né.”

*“Acho que **eram apelidos meio... meio relacionados à aparência. Tipo, ah magrela, ah não sei quê, sabe esse tipo de coisa, que foi começando a me incomodar. Não sei se porque tava chegando a época da adolescência e você começa a não querer ser vista de tal forma e então, não, não vou mais continuar assim.**”*

*“(...) Eu acho que **eu gostava mais da escola na época que eu era menor. Quando fica adolescente tem todos os conflitos da adolescência também, é um pouco mais complicado. De quando eu era criança tenho lembranças muito boas.**”*

*“eu tive situações assim, eu virar pra uma amiga e com toda a confiança do mundo, confiar que eu gostava de tal pessoa e ela contou pra essa menina que contou pra não sei quem. **A sala inteira ficou sabendo que eu gostava do menino. Ficava todo mundo olhando e dando risada. Então pra mim essa também foi uma situação traumatizante. Era uma relação meio complicada, assim. Daí até ele ficou sabendo que eu gostava dele e tal. E também ficava tirando sarro da minha cara. Então não foi nada muito bom, foi meio traumatizante. Daí pra eu confiar depois em outra pessoa, pra contar alguma coisa demorou bastante.**”*

*“**Por isso que eu digo que eu acho que o que mais eu tenho de lembrança assim, são dessas situações (com os amigos). E relações com o professor. Ou porque eu fazia muita bagunça e me colocava de castigo.**”*

Ângela afirma que o aspecto mais marcante de sua escolarização foram as relações com os colegas. A sua fala, no entanto, oscila entre o contentamento e o sofrimento decorrente desta relação. Em alguns momentos, Ângela menciona os apelidos e os xingamentos que a incomodavam bastante. Chega a afirmar que gostava mais de ir à escola quando era pequena, antes da adolescência, época em que os conflitos com os colegas são mais intensos. Em outras passagens, contudo, afirma que estava contente com os amigos, que era muito bom.

Ângela evidencia em sua fala a complexidade das relações interpessoais com os colegas na escola, o que explicaria a centralidade da socialização na sua percepção da escola.

NÚCLEO II

Ângela na escola: “no começo eu era muito bagunceira”

Este núcleo traz um aspecto recorrente na fala de Ângela: a bagunça na escola. Procuramos entender o que representou esta bagunça na experiência escolar de Ângela, entendendo como um aspecto relevante na construção dos sentidos da escola.

“(...) no começo eu era muito bagunceira (...) na reunião as professoras reclamavam de mim porque fez muita bagunça... Depois isso acabou, parece que eu mudei assim muito de uma época para outra na escola. Eu fazia muita bagunça, corria pela sala, ficava conversando com todo mundo, mas ao mesmo tempo eu era boa aluna.”

“(...) por eu ser muito assim (bagunceira), eu recebia muitos apelidos de todo mundo, sabe. E chegou uma hora que isso começou a me incomodar. E daí eu lembro que teve uma época que eu pensei assim, bom se eu não ficar mais xingando os outros os outros também não vão mais me xingar. Então eu meio que mudei a minha postura por esse motivo. Essa história do xingamento estava me incomodando muito.”

“(...) devia ter uns 13. Já fui mudando. Já fui me interessando mais pelos meninos, e não sei que, então já não podia mais continuar com a mesma postura que eu tinha, né.”

“chegava em casa com o cabelo todo bagunçado e sempre com a roupa suja. Cheguei a rolar com menino na rua brigando, eu aproveitei muito bem a minha infância, com brincadeira e tudo. E teve uma transição assim muito rápida.”

“sempre tinha o grupo dos que estudam e o grupo dos que bagunçam na sala de aula, eu sempre fiz mais parte do grupo que estudava do que daquelas pessoas que são mais populares, que são aqueles que conversam com todo mundo, que ficam ali fazendo bagunça, mas mesmo esses também estudavam sabe. Então acho que o pessoal estudava (...) Alguns se destacavam um pouco mais, eu não fazia parte deles. Eu era uma aluna de média pra boa, mas não me destacava como nossa, super aluna, assim, não tinha esse destaque (...) comecei a ficar uma aluna

mais quieta, mais tímida, já não participava muito de aula, ficava com as dúvidas pra mim mesma.”

“Não sei se foi a própria fase da vida, ali. Não sei, mas sei que teve essa mudança e eu dei uma retraída. **Não sei se eu posso dizer que foi só pelos professores que davam bronca porque eu bagunçava demais, porque eu era expansiva demais na aula, não sei.**”

“**Que eu me lembre não (era rebeldia), eu queria conversar.** (...) O recreio pra mim também era muito bom, o comer no recreio, a merenda. Então acho que era de alegria, mesmo. Não era nada rebelde de querer contestar um professor, acho que eu nunca fui assim de ficar fazendo uma coisa pra provocar o professor.”

“Do que eu me lembre (ficava feliz na escola). **Talvez ali algum dia eu tenha feito alguma coisa pra provocar, mas o que eu queria era conversar com todo mundo, queria brincar,** não estava a fim de ficar sentada com a B. na cadeira, sabe. Era mais por isso que eu levava tanta bronca.”

“**Até nessa situação de um pouco de bagunça em sala de aula, eu lembro de uma situação que foi bem traumática pra mim, que eu até chorei na sala de aula.** “

“Eu não lembro (se estava fazendo muita bagunça), eu lembro dela me pegando e me colocando lá. **Mas o que eu estava fazendo antes, eu não sei, mas pra ela chegar a fazer isso provavelmente ela deve ter chamado a minha atenção muitas vezes e eu não liguei e aí ela foi e me pegou e me tirou provavelmente de perto de quem eu tava fazendo bagunça junto, acho que deve ter sido por aí.**”

“(...) quando eu fiz estágio (no curso de licenciatura) eu vi como era o ensino público pelo lado de cá. **E era frustrante porque os alunos só bagunçavam.** As pessoas estão ali pra ter o diploma. Então não fazia muito sentido aquela aula, **as pessoas iam na aula pra ficar conversando.** (...) (os alunos) saiam da sala. **Os alunos só conversavam e brincavam na aula, ninguém tava muito aí.**”

“às vezes **um pouco do jeito como eu via as minhas aulas de geografia da sétima série, um pouco ‘pra que isso vai servir pra mim?’, ‘não preciso prestar atenção nisso’.** Talvez seja um pouco essa a postura

dos alunos. E a dos professores, ‘Ah, eu to ganhando se eu ensinar ou se eu não ensinar, então, independente da forma como eu fizer vai ta feito’. Eu via muito assim a relação.”

A bagunça foi um aspecto bastante presente na fala de Ângela, revelando que foi um elemento de sentido importante para entendermos a sua experiência escolar. Ângela afirmou que a sua bagunça era alegria, não rebeldia. Já a bagunça que encontrou na escola onde fez estágio, na Faculdade, denotava falta de interesse dos alunos.

A bagunça de Ângela talvez fosse diferente da bagunça dos alunos da escola onde fez estágio. Mas, quando reflete sobre a causa da bagunça dos alunos nessa escola, identifica no comportamento deles um desinteresse que ela também tinha por algumas matérias.

Para Ângela, a razão da bagunça desses alunos estaria na falta de interesse pelos conteúdos ensinados que não serviriam para nada. Para ela, eles iam à escola apenas para ter um diploma e para conversar com os colegas, a aprendizagem não fazia parte da razão pela qual esses alunos estavam na escola. Por outro lado, os professores também não estariam preocupados em ensinar. A bagunça estaria relacionada, neste caso, ao descompromisso e desinteresse dos professores e dos alunos com o processo ensino-aprendizagem.

Podemos concluir, portanto, que a bagunça não tem uma causa única e deve ser compreendida dentro do contexto das relações escolares e da faixa etária dos alunos. Pois a bagunça revela a forma como o aluno participa da escola e das atividades propostas por ela.

NÚCLEO III

“Comecei a aprender muitas coisas no cursinho.”

Neste núcleo estão incluídas as falas que permitem compreender a sua relação com o saber e por que a escola para Ângela não foi importante como espaço de construção do conhecimento, apesar de ser esse o eixo em torno do qual se organiza a atividade escolar.

“(...) muito mais do que de sala de aula, de lição, acho que o sentido que eu dou é de um espaço de socialização, em que você começa a construir o seu meio social, os seus amigos e você mesmo vai se constituindo...”

“(...) eu lembro do caderninho, que eu fazia toda feliz, mostrando pros outros, olha o que eu aprendi.”

“Acho que não (pedia para a professora explicar). Acho que falava ‘ah, acho que não me interessa por isso, não quero saber o que é’.”

“(...) pra quem teve um ensino público que quando você chega no cursinho você vê que não aprendeu um monte de coisa. Ou então que você esqueceu mais da metade, não sei exatamente.”

“Não sei se foi esse um ano que eu fiquei parada, se foi o ensino que eu tinha mesmo que ficava muito abaixo do que o esperado pros vestibulares de universidade pública. Enfim, quando eu entrei no X (cursinho), pelo menos a ideia que eu tenho de cursinho é fazer uma revisão de tudo que você já aprendeu, só que quando eu entrei no cursinho eu tava aprendendo as coisas. Por exemplo, química e física foram coisas que eu não tive na escola, porque tinha professores muito ruins ou então professores que eram razoáveis só que faltavam mais do que vinham. Então eu passei de ano, mas não tinha aprendido. Comecei a aprender muitas coisas no cursinho, nesse primeiro ano. Aí o segundo ano foi revisão das coisas que eu tinha aprendido no primeiro. E ainda eu tinha tempo pra estudar, tal. Então eu aprendi bastante coisa nesse um ano que eu fiquei sem fazer nada. Eu senti que o ensino que eu tive pro nível das universidades que eu queria entrar... Se eu tivesse saído da escola pra fazer eu não conseguiria. Principalmente assim, eu não prestei, mas no vestibular da Unicamp caíram questões dissertativas. Hoje em dia pra mim é estranho fazer questão objetiva, eu fiz uma prova ontem (na PUC) que tinha questões objetivas e dissertativas, pra mim foi muito estranho fazer aquelas objetivas, sabe. Na época era muito estranho fazer questão que eu tinha que escrever. Escrever, o que eu vou escrever? Não tinha essa coisa de fazer uma redação, estruturar um texto, não tinha noção. Se eu tivesse saído da escola pra fazer esse tipo de prova eu não saberia o que escrever. Eu acho que os cursinhos me prepararam muito pra isso, me deram uma base pra isso, pra poder entrar.”

“(...) eu indicaria ele (o cursinho) pra muitas pessoas porque lá eles não só te ensinam a matéria, eles te ensinam muitas coisas em relação à vida e à vida acadêmica, ao que fazer ou não, sabe.”

“Lá (no cursinho) eu passava o dia inteiro, era como se fosse a minha segunda casa, conhecia todos os professores. Tinha aula de manhã das sete até quase meio dia, aí tomava um lanche ou almoçava e ficava estudando geralmente até as seis da tarde. Passava o dia lá, como se fosse um período integral. (...) Além d’eu já ser um pouco regrada antes de entrar lá, o cursinho me fez ser mais regrada, me fez parar, sentar e estudar realmente.”

“não era um cursinho que visava mais o lucro que a boa formação. Os professores de lá eram formados em universidades públicas, era um clima diferente, as lembranças que eu tenho de lá também são muito boas. E eles sempre incentivavam, sempre falavam... Então ele falou que a PUC era uma boa escolha, por isso também, eu vim pra cá. (...) eles tinham um estilo bem interessante de orientação pros alunos, de valorizar um pouco mais a produção do aluno. Esse professor dava aula de redação, então ele dava várias dicas de redação, de escrita. Então eu comecei a pegar essa coisa de erro de português com ele e cada vez aprimorando mais”

“a lembrança que eu tenho especificamente dessa aula assim, é que eu participava, eu sabia as respostas. Eu lembro que a professora estimulava, provavelmente se ela não estimulasse eu acho que eu não faria assim. Então nessa época tinha um certo estímulo. Depois não sei se as aulas foram ficando muito chatas ou fui eu mesma que fui me retraindo, aí eu já não sei, mas eu já não participava mais da aula depois de um certo tempo, assim. Eu ficava mais na minha, sabe. Ninguém participava muito acho.”

“os professores (da escola) chegavam e ficavam lá falando a aula inteira da mesma coisa que não fazia muito sentido pra gente... eu falava ‘gente o que são essas palavras que esses professores ficam falando?’ Porque ela falava como se fosse uma coisa tão natural, que pra mim não fazia sentido nenhum aquilo que ela estava falando. Eram umas palavras que não tinham nada a ver sabe. Pra mim não fazia sentido nenhum a professora estar lá falando.”

“eu sempre fiz mais parte do grupo que estudava...”

*“Não, acho que **naquela época não tinha (conversa sobre o vestibular no Ensino Médio)**, talvez hoje em dia seja uma coisa que se discuta um pouco mais. Mas naquela época... Eu lembro que teve uma menina da minha sala que era uma das mais inteligentes da sala e ela passou acho que na Anhembi-Morumbi. Sabe, hoje em dia eu falo ‘meu, não tenho muita dificuldade pra passar nessa faculdade’. Mas ela passou, não tinha acabado ainda o terceiro ano ela já tinha entrado. Lembro que uma professora falou nossa, tal aluno vai fazer Anhembi-Morumbi, sabe. E foi recebido como a pessoa vai sair e já vai fazer uma faculdade, assim.”*

*“Sempre, **a gente (Ângela e suas irmãs) sempre foi muito bem assim na escola.**”*

*“**eu gosto muito de ler até hoje, eu peguei esse gosto pela leitura com as minhas irmãs, porque elas sempre leram muito (...)** Então foi com elas que eu aprendi a ler, dentro de casa, foi o maior incentivo que eu tive.”*

A fala de Ângela traz alguns elementos que explicariam a razão pela qual a escola não foi percebida por ela como lugar de aprendizagem de conteúdos acadêmicos, mas como um lugar de um saber sem importância e interessante.

Segundo Ângela, os professores eram ruins ou faltavam demais, e as aulas não eram interessantes. Além disso, na escola não teria aprendido vários conteúdos, que só veio a aprender no cursinho, onde os professores *“não só te ensinam a matéria, eles te ensinam muitas coisas em relação à vida e à vida acadêmica”*. O cursinho, portanto, surge na fala de Ângela como um espaço de aprendizagem importante, no qual tem acesso a uma maneira diferente de se relacionar com o conhecimento.

Também a família de Ângela foi importante para que tivesse uma relação positiva com o saber. Como mencionou, o gosto pela leitura, ela aprendeu com suas irmãs. A formação acadêmica aparece na fala de Ângela mais relacionada à sua família e ao cursinho.

Poderíamos dizer que a fala de Ângela revela a percepção de uma escola pouco comprometida com a aprendizagem dos alunos. Esse comprometimento, percebeu no cursinho, que propiciou a ela que se preparasse

para o vestibular e para a faculdade. À escola atribui várias das lacunas de sua educação formal, não poderia, portanto, ter sido a aprendizagem um aspecto marcante da sua experiência escolar.

NÚCLEO IV

“muitos professores eu percebia que eram muito desanimados.”

Neste núcleo procuramos entender como Ângela percebia e se relacionava com seus professores, e qual o impacto disso no seu processo de aprendizagem.

“(...) no primeiro ano que eu fiz lá era uma professora muito brava. Já no segundo ano... eu tive quatro professoras porque uma entrou e provavelmente arrumou um outro emprego ou teve que sair, fazer outra coisa, outra engravidou, então foram mudando.”

“sai uma entra outra, e acho que quando a gente era criança não deviam explicar muito bem o que tinha acontecido.”

“a lembrança que eu tenho especificamente dessa aula assim, é que eu participava, eu sabia as respostas. Eu lembro que a professora estimulava, provavelmente se ela não estimulasse eu acho que eu não faria assim. Então nessa época tinha um certo estímulo. Depois não sei se as aulas foram ficando muito chatas ou fui eu mesma que fui me retraindo, mas eu já não participava mais da aula depois de um certo tempo, assim.”

“(...) os professores chegavam e ficavam lá falando a aula inteira da mesma coisa que não fazia muito sentido pra gente (...) eu falava ‘gente o que são essas palavras que esses professores ficam falando?’ Porque ela falava como se fosse uma coisa tão natural, que pra mim não fazia sentido nenhum aquilo que ela estava falando. Eram umas palavras que não tinham nada a ver sabe. Pra mim não fazia sentido nenhum a professora estar lá falando.”

“(...) A relação com os professores, eu tinha um contato maior quando eram menos professores, que eu acho que foi a partir da sétima série que a gente começou a ter um professor pra cada matéria. (...). Depois comecei a

ficar uma aluna mais quieta, mais tímida, já não participava muito de aula, ficava com as dúvidas pra mim mesma.”

“teve essa mudança e eu dei uma retraída. **Não sei se eu posso dizer que foi só pelos professores que davam bronca...**”

“Numa aula de educação artística, **eu devia estar aprontando, e a professora me pegou assim, não sei se ela me pegou pelo braço, ou se ela me levantou, enfim. A lembrança que eu tenho é de alguma coisa forçada, sabe, me pegou e me levou para o fundo da sala (...) acho que era exatamente o que ela queria fazer, de exposição e de ridicularização até, com aquela atitude que ela teve. Não tenho uma lembrança nem um pouco boa.**”

“(...) o que eu estava fazendo antes eu não sei, mas pra ela chegar a fazer isso provavelmente **ela deve ter chamado a minha atenção muitas vezes e eu não liguei ...** acho que deve ter sido por aí.”

“acho que **os meus professores de Educação Física eram meio frustrados** pelo que **eles tinham vontade de fazer e não podiam fazer.**”

“os professores que eu tinha nos primeiros anos eu acho que sim (eram felizes como professores). **Mas depois de um certo tempo, não sei se os alunos ficaram piores, ou o que aconteceu com a relação ali, mas... eu tinha muitos professores que eu percebia que eram muito desanimados. E tinham outros que faziam muito o que os alunos queriam.** Tinha uma professora que todos os alunos adoravam, mas porque ela ia dar prova e os alunos falavam ‘Ah professora, prova com consulta’, ela ah, ta bom... ela acatava tudo que os alunos falavam. Todo mundo adorava ela por causa disso. Então, **talvez pra ela não se frustrar tanto ela fizesse tudo o que os alunos esperavam que ela fizesse.**”

“**ele (professor de educação física) dava pra perceber que estava mais interessado em paquerar as meninas.** Dos outros professores, eu lembro dessa professora que os alunos faziam ela meio de gato e sapato, então todos os alunos adoravam ela, queriam ela como a representante da turma na formatura e tal mas porque ela era a professora que fazia tudo que os alunos queriam, sabe. ‘Professora, não vai dar isso hoje’, ‘Ah, então tudo bem, dou na semana que vem.’”

“Eu tive um professor na sexta série, de geografia, ele era muito engraçado. E professor engraçado era uma coisa muito estranha eu só vim a conhecer professores engraçados no cursinho, que eles eram muito legais. Os professores do cursinho eu vejo que realmente gostavam de dar aula, sabe, se dedicavam ao que eles faziam. Mas esse professor era muito engraçado ensinava as coisas de uma forma engraçada, todos os alunos gostavam dele, ele era amigo de todos os meninos, ele era um moleque assim, daí ele (professor de geografia da escola) ensinava as coisas de uma forma que eu lembro que era gostoso de aprender com a forma que ele ensinava, que eu lembro que eu levei por muito tempo.”

“(...) cheguei a conversar com ele (professor do cursinho) que era a PUC e tal e ele falou assim, ‘não, a PUC é uma faculdade muito boa de Psicologia, acho que você pode tentar como uma opção’. E aí eu me inscrevi.”

A fala de Ângela revela a sua percepção de que os professores não estavam comprometidos com a aprendizagem dos alunos. Isso fica evidente quando Ângela menciona o desânimo dos professores da escola, ou a professora que, para não se frustrar, faz o que os alunos querem mesmo em prejuízo da aprendizagem. Apenas no cursinho Ângela conheceu professores que gostavam de dar aula e se empenhavam em ensinar os alunos.

O professor que percebia mais envolvido com a escola, de quem Ângela gostava, era engraçado e ensinava de forma prazerosa e eficiente, mas era uma exceção. Este professor, que equipara aos professores do cursinho, se dedicava ao que fazia, suas aulas eram boas e com isso propiciavam um maior envolvimento dos alunos com o conteúdo ensinado.

O professor comprometido com a aprendizagem, além se organizar para dar boas aulas, é uma referência para o aluno de que a aprendizagem é um valor positivo e algo a ser perseguido pelo aluno. Esse compromisso do professor revela a importância atribuída por ele à aprendizagem escolar. Revela, em parte, o sentido/significado da escola para o professor. Sentido/significado esse que participa do sentido da escola para o aluno, e contribui para a formação de um ambiente voltado para a aprendizagem.

É desta forma que o envolvimento do professor com a aprendizagem dos alunos pode aproximar o aluno e incentivá-lo a participar do

processo de aprendizagem, e a falta desse envolvimento pode ser desmotivadora para o aluno.

Este núcleo revela que para compreender a aprendizagem devemos considerar/analisar o processo ensinar-aprender do qual participam professores e alunos. Por esta razão o professor é tão importante neste processo, assim como os alunos.

NÚCLEO V

“(...) eles sempre valorizaram, sempre incentivaram muito a gente a estudar.”

Neste núcleo agrupamos algumas falas de Ângela que nos ajudam a compreender a maneira como sua família percebia a escola e a sua escolarização.

“(...) minha mãe estudou até a quarta série só, porque na época que ela estudou ela morava no interior, no sítio. E lá só tinha uma escola que eles até contam pra gente até hoje que eles iam de caminhão, era super longe. E aí naquela escola só tinha até quarta série. Daí ela também fala que ela era super boa aluna, que os professores adoravam ela e tal e que se ela pudesse ela teria continuado, mas ela não teve possibilidade de continuar. Que a partir daí ela começou a trabalhar e tal. Então, ela estudou só até a quarta série. Até hoje, ainda, ela tem um livrinho com uma história da Branca de Neve, está super amarelado, assim, sabe mas aquele livrinho acho que é o contato que ela tem com o estudo que ela teve, sabe. Então ela guarda ele super bem guardado, ta todo puidinho, assim, mas ela guarda aquele livro.”

“O meu pai, ele também estudou acho que até a quarta também, porque ele vivia na mesma situação da minha mãe, porque só depois que eles casaram que eles vieram pra São Paulo.”

“(...) quando ele trabalhava, eles ofereceram educação lá, não sei se era supletivo, e daí ele fez a formação até a oitava série. Teve formatura, festa de formatura e ele adorava assim, ia pra escola com a pastinha dele, todos os cadernos dentro, então pra ele isso foi uma experiência boa. Naquela época ele foi incentivado a fazer assim.”

“(...) eles sempre valorizaram, sempre incentivaram muito a gente a estudar. Sempre que a gente chegava da escola, incentivando a estudar. Tem alguma lição pra fazer, não sei quê.... Então, eles nunca foram participativos de ajudar a fazer a lição, assim, até porque acho que vai até um certo limite o tanto que eles sabem, pelo tanto que eles estudaram. Mas de incentivo, ali de incentivar mostrar que é importante, sempre incentivaram. Mas foi mais uma situação deles estarem ali dando um apoio moral do que estar ali ajudando a fazer. Mas foi importante esse apoio.”

“(A. e suas irmãs) sempre foi muito bem assim na escola. Eu gosto muito de ler até hoje, e eu peguei esse gosto pela leitura com as minhas irmãs, porque elas sempre leram muito. Então foi com elas que eu aprendi a ler, dentro de casa, foi o maior incentivo que eu tive.”

“a minha mãe que ia na reunião.”

A família de Ângela teve um papel importante na construção de sua relação com a escola e o saber. Seu gosto pela leitura atribui a suas irmãs. Seus pais, por sua vez, traziam da escola e da aprendizagem lembranças positivas que marcaram Ângela, o que fica claro quando menciona o carinho com que sua mãe guarda um livro que a remete ao período em que estudou, ou a alegria com que seu pai frequentava o supletivo.

As experiências escolares de seus pais e irmãs, portanto, apontavam para a percepção da escola como um espaço amigável. A escola não representava uma ameaça, mas um lugar onde seus pais e suas irmãs tiveram experiências positivas e ela, possivelmente, também teria.

Além disso, Ângela reconhece que sua família sempre a incentivou a estudar, sempre mostrou a ela que isso era importante. Essas foram referências que contribuíram para a relação de Ângela com a escola e o saber.

NÚCLEO VI

“Eu queria ter uma profissão e fazer alguma coisa que eu realmente gostasse. E aí eu tive vários incentivos da família e de quem tava à minha volta e acho que isso me ajudou muito e eu fui atrás.”

Este núcleo procura compreender a importância que os projetos e expectativas de futuro tiveram na escolarização de Ângela.

*“Vários (colegas fizeram faculdade), mas **eu acho que fui a única que deu as caras pra fazer uma coisa mais difícil, sabe. Pra sair um pouco de lá, ir pra outro lugar, pra ir mesmo atrás de uma coisa que quisesse.** Muitos fizeram a faculdade que era perto de casa que não era tão boa, mas dava pra ficar lá. Muitos talvez não tenham tido vontade, não posso julgar também. Não sei, mas acho que **fui a única meio louca que saí de lá pra fazer a coisa realmente que queria.**”*

*“**Eu queria ter uma profissão e fazer alguma coisa que eu realmente gostasse. E aí eu tive vários incentivos da família e de quem tava à minha volta e acho que isso me ajudou muito e eu fui atrás.**”*

“Acho que meus pais, minhas irmãs, meu namorado (me incentivaram a fazer faculdade).”

“(namorado) já fazia faculdade e ele também me incentivou.”

*“Ele (namorado) já se formou em engenharia, ele tava terminando. Acho que ele me incentivou bastante a estudar porque no ano que a gente se conheceu eu não estudava, e ele me fala até hoje que achava muito esquisito eu não estudar, sabe. **‘Como uma pessoa não estuda?’ Acho que esse também era o valor da família dele assim. Então ele me incentivou bastante a estudar também. Acho que foram várias coisas assim que ajudaram a continuar além da minha vontade de continuar.**”*

“As minhas amigas nem tanto eu acho. Eu continuei e elas ‘nossa você é louca, vai fazer cursinho’. Não tive muito incentivo delas sabe. Fui porque eu realmente queria, não no embalo porque os amigos iam sabe.”

*“Eu não sei, eu me desliguei um pouco (das colegas da escola). **Acho que a gente está em mundos diferentes, eu não sei explicar, mas eu sinto isso.** Não sei, na verdade acho que no começo elas meio que, eu **não sei se eu me colocava ou se eu me sentia numa posição diferenciada, por eu estar fazendo uma faculdade que eu realmente queria.** Muitas vezes me perguntavam ‘Como vai a faculdade?’ ‘Ah ta puxada’, e todo mundo ‘Ah, você é corajosa de fazer tudo isso’. Sabe, acho que eu sempre fui colocada numa posição de destaque pela escolha que eu fiz assim.”*

Fazer uma boa faculdade e ter uma profissão não era um percurso habitual na família de Ângela, ou entre os seus colegas de escola. Fazer faculdade, sobretudo uma boa faculdade, era ir além, sair do lugar que estava acostumada a ocupar, em termos geográficos e simbólicos. Mas Ângela queria isso para ela, queria *“sair um pouco de lá, ir pra outro lugar, pra ir mesmo atrás de uma coisa que quisesse”*. Este foi o desejo/desafio que mobilizou Ângela e a levou a empreender um esforço que possibilitou a ela entrar na faculdade.

Não podemos afirmar que este sentido estivesse presente durante a sua escolarização, mas ele é importante para entender a determinação de Ângela, a razão pela qual enfrentou o desafio de fazer um cursinho para entrar numa boa universidade, apesar de este não ter sido um caminho óbvio ou fácil para ela.

Ficou evidente neste núcleo a importância do apoio de sua família e de seu namorado na concretização do seu projeto, superando as lacunas de sua educação formal decorrentes de sua escolarização.

SÍNTESE

“Há uma pergunta clássica na área da educação: o que acontece dentro da escola que os alunos, quando chegam lá, não querem mais aprender?” (Freitas, 2001, p. 51). A experiência escolar de Ângela ajuda a refletir sobre esta questão. E a resposta talvez esteja, em parte, na experiência que vivencia na escola, no pouco envolvimento dos professores que revela o descompromisso da escola com a aprendizagem dos alunos.

Ângela afirma que a escola foi importante, sobretudo como espaço de socialização e de constituição de si pela relação com outros seres humanos. A escola é, efetivamente, um dos espaços a partir dos quais os indivíduos se constituem, mas não só pelas relações interpessoais que lá vivenciou, pois também o conhecimento ao qual tem acesso na escola é fundamental nesse processo de desenvolvimento do aluno. Para Ângela, no entanto, este aspecto da constituição de si mesma não foi percebido como uma das marcas deixadas por sua experiência escolar.

A escola é lugar de socialização, mas também de aprendizagem de conteúdos pedagógicos, as duas dimensões estão presentes na escola. Na fala de Ângela, no entanto, chama atenção a ausência deste aspecto da experiência escolar.

Não estamos negando a importância da escola como espaço de socialização. A escola é lugar de novas relações, de estabelecimento de novos vínculos e de novas referências sobre si mesmo que são inegavelmente importantes, na constituição do ser humano. Mas há outro aspecto, não menos importante, da constituição humana que se refere à aprendizagem dos conteúdos formais que, em nossa sociedade, cabe precipuamente à escola. Este aspecto, no entanto, não foi marcante na experiência escolar de Ângela. A razão para isso?

A fala de Ângela revela uma escola pouco comprometida com a construção do saber. De modo geral, as aulas eram pouco interessantes e os professores, desmotivados, davam aulas ruins ou faltavam muito. Não se preocupavam em ensinar, e os alunos não viam ‘sentido’ no que estava sendo ensinado. Ela no começo participava das aulas de forma ativa, mas com o tempo deixa de perguntar. Nunca teve dificuldade para passar de ano, mas no cursinho percebeu que não havia aprendido coisas importantes como redigir um texto.

A escola surge, na fala de Ângela, como um espaço esvaziado da sua função de construção do conhecimento, o que explicaria a razão pela qual a escola foi, para ela, fundamentalmente, lugar de socialização, de relação com os colegas.

Na escola, ainda, não conversavam com os alunos sobre o vestibular, o que é representativo da maneira como percebem seus alunos e a própria atividade escolar. Conversar com os alunos sobre o vestibular significa apresentar uma perspectiva de futuro para o aluno, relacionada com o conhecimento ensinado na escola, apontando para uma das razões da aprendizagem dos conteúdos ensinados na escola, qual seja, construir e ampliar as possibilidades de escolha do aluno em relação ao seu futuro.

A escola, no entanto, não foi uma referência que apontasse para a viabilidade de Ângela fazer uma faculdade. Quando saiu da escola, não prestou vestibular, não tinha essa referência em sua família e a escola também não apontou que esta era uma possibilidade para os seus alunos ou os preparou para isso. Esta possibilidade foi criada por Ângela a partir de outras referências. Como reconhece, foram importantes: o seu namorado, o apoio de sua família e o cursinho. A escola, não.

O seu desejo de ter uma profissão, de sair de onde estava, de ir além do que estava posto para ela por sua experiência escolar, motivou-a a estudar e enfrentar o desafio de fazer cursinho e uma faculdade distante de sua casa, em vários sentidos.

Também foram importantes na construção dessa nova possibilidade os professores do cursinho, seja ensinando os conteúdos necessários para que Ângela passasse no vestibular, seja conversando com ela sobre as faculdades que valeria a pena cursar. Como contou, no cursinho, os professores *“não só te ensinam a matéria, eles te ensinam muitas coisas em relação à vida e à vida acadêmica, ao que fazer ou não”*.

A socialização não é um aspecto menos relevante da atividade escolar, mas o aspecto cognitivo não pode estar ausente da escola. Ficaram evidentes na fala de Ângela, no entanto, as fragilidades da escola relativas a este aspecto, o que explica que não tenha sido uma marca importante deixada pela escola. Mais importantes na sua relação com o saber foram sua família, a quem atribui o gosto pela leitura e a valorização do estudo, e o cursinho, onde veio a

aprender conteúdos que possibilitaram compreender os textos trabalhados na faculdade.

Ângela não tem uma relação negativa ou indiferente com o saber, valoriza os livros, o conhecimento, mas fica evidente que a sua relação positiva com o saber se deve menos à sua experiência escolar e mais a outros espaços e experiências.

Sujeito 3: Sandro

Sandro tem 29 anos, é brasileiro, solteiro, nasceu na cidade de São Paulo, no bairro da Penha, na zona leste. Mora com sua mãe, seu pai faleceu quando tinha 14 anos. Tem dois irmãos mais velhos. Seu pai era comerciante ambulante. Não ficou claro na entrevista se sua mãe trabalhava.

Quanto à sua trajetória escolar, Sandro conta que começou a frequentar a escola com cinco anos, na pré-escola. No ensino fundamental e médio Sandro estudou na Escola Estadual X, próxima de sua casa, apenas no final da quarta série e ao longo da quinta série², estudou em outra escola, também da rede estadual de ensino. Contou que repetiu a quinta série, mas era um aluno regular.

Terminou o Ensino Médio em 1997. Entrou na PUC em 2004. Neste intervalo alternou períodos em que trabalhou e ficou um parado. Em 2000, fez alguns meses de cursinho; em 2002, entrou em uma faculdade privada onde estudou três meses. Em 2003, além de trabalhar, matriculou-se no cursinho.

Quanto ao perfil da escola onde estudou a maior parte do tempo, consta do ranking das escolas de São Paulo no ENEM, que possui 276 alunos matriculados no terceiro ano do ensino médio, sendo, portanto, uma escola de porte grande. O número total de alunos da escola não está disponível no site da Secretaria da Educação.

Com relação à colocação no Enem, das 4.830 escolas que se inscreveram neste exame no ano de 2007, a escola onde Sandro estudou a maior parte do tempo não ficou entre as primeiras 1.500 na classificação do Enem. Quanto ao público atendido pela escola, é formado por moradores da zona leste de São Paulo.

NÚCLEO I

“a escola para mim foi uma obrigação... nunca teve o sentido de construir conhecimento... que aquilo me formaria como pessoa”

Neste núcleo, apresenta um aspecto relevante do o sentido da escola para Sandro: uma obrigação, uma formalidade, não um espaço de construção do saber.

“Eu acho que a **escola para mim**, por um bom tempo, **foi uma obrigação, um compromisso. Muito mais ligada a cumprir e dar conta de um compromisso... acho que nunca teve o sentido de construir conhecimento, que aquilo me formaria como pessoa**, acho que eu poderia dizer isso.”

“um compromisso, uma obrigação com a família, porque tinha uma cobrança de estar na escola, isso tinha dos meus pais.”

“Lembro da minha mãe freqüentando o ensino médio, mas era sempre uma coisa de cumprir formalidade. Não tinha uma coisa de olha é importante porque você vai aprender geografia, você vai conhecer o mundo e vai saber onde ficam os países e as culturas e quais as possíveis relações econômicas, as influências culturais que a gente recebe dos americanos, coisas assim.”

“Acho que as figuras dos **professores**, na grande maioria, acho que a relação que eles tinham com o trabalho era muito artificial, **muito presa aos currículos de uma forma extremamente rígida que não dava condição pra gente se aproximar** e tem aquela coisa de A, B e C, **você tem que fazer rigorosamente aquelas atividades, estudar aquele conteúdo daquela maneira**, como o cara está acostumado a fazer há 20 anos, o mesmo tipo de abordagem. Ensinar sintaxe daquela maneira, daquela maneira é que ele vai querer que você aprenda sintaxe.”

“primeira série... lembro da dificuldade de fazer a conta de dividir, de mais sei lá.”

“(...) Você ter que começar a inserir a matemática, a escrita de uma forma muito sistematizada, e **aí vem essa coisa da avaliação, como uma coisa ruim, não como parte do processo, mas como discriminadora mesmo**

de quem é bom de quem é ruim. Eu to falando da pressão. Tenho essa impressão de que a passagem para a primeira série já é um momento determinante.”

“Pela cobrança. Essa passagem do pré para a primeira já foi uma coisa não muito boa.”

“Dificuldade de aprendizado mesmo, de concentração. Eu tinha um problema de visão que não tinha sido.... é.... Eu não usava óculos até esse período.... Eu acho... eu já tinha uma visão comprometida.”

“acho que por isso (não enxergar), o esforço era maior por isso.”

“(...) Eu não conseguia entender nada, era uma coisa de copiar e reproduzir lousa e... Sabe, eu tenho lacunas na gramática até hoje, ortografia, porque tinha asco.”

“Eu não lembro disso (como a escola lidava com a dificuldade de aprendizagem). Eu tenho a sensação de que era essa coisa da avaliação e uma vez que você não consegue, você fica frustrado e é visto como um aluno ruim.”

“eu acho que a recuperação era mais uma coisa pra fazer, mais burocrática, uma segunda época, que aí eu estudava bastante, corria atrás pra passar... Eu lembro de ter feito pelo menos duas recuperações, dois anos seguidos, acho que na quinta e na sexta série.”

“Recuperação era castigo. E era de dar vergonha.”

“É, (na escola) devia ter pessoas implicadas nisso (vestibular), só que eu estava em outra atmosfera... eu não devo ter captado... e eu acho que não tinha também informação... assim, pra todo mundo porque senão de alguma maneira eu teria registrado a coisa de uma forma mais importante.”

Este núcleo traz informações que evidenciam aspectos importantes do sentido da escola para Sandro como obrigação e não como espaço de aprendizagem. Os dados permitem a compreensão desta construção por

Sandro. A forma como vivia, como os professores ensinavam, o seu problema de visão, a maneira como se sentia na escola e a maneira como sua família percebia a escola são elementos importantes para a compreensão do sentido da escola para Sandro.

Sandro tinha 10 graus de hipermetropia, não poderia ter aprendido da mesma maneira que seus colegas que conseguiam enxergar o que estava escrito na lousa, mas a escola só veio a perceber isso no final da quarta série. Também a avaliação e a recuperação representavam um castigo, uma formalidade e não oportunidade de aprendizagem. A aprendizagem para Sandro, portanto, foi um processo difícil e carregado de sofrimento.

Sandro mencionou ainda que, para sua mãe, a escola havia sido apenas uma obrigação, uma formalidade que não traria qualquer benefício, que não a ajudaria a ampliar sua compreensão do mundo. Sandro se deu conta de que os conteúdos ensinados na escola eram importantes para a sua formação na época do vestibular, alguns anos depois de ter saído da escola.

Estes aspectos nos ajudam a entender porque Sandro afirma que não conseguia se aproximar do conhecimento na escola, que passa a ser vista como um lugar de cobrança, uma obrigação aversiva. A distância em relação ao aprendizado, até o final da quarta série, estava dada por elementos concretos que o afastavam do conhecimento. As dificuldades vividas na escola não permitiam uma apropriação prazerosa e confortável do que era ensinado. Assim, as atividades escolares passam a ser vistas como ameaça, e a escola vai se constituindo como fonte de sofrimento, como lugar de dificuldades que Sandro não conhecia e não tinha compreensão delas, afastando-o das possibilidades de transformação da situação vivida.

NÚCLEO II

“o cursinho foi importante para retomar essa coisa do afeto com o próprio conteúdo, com o próprio ensino formal”

Neste núcleo, há informações que permitem entender a importância dos amigos, teatro, cursinho, família, vestibular etc, na relação de Sandro com a escola e com o saber escolar. Foram referências que possibilitaram uma ressignificação da importância do conhecimento escolar.

“(...) eu nem pensava em vestibular (quando estava na escola), eu acho que nem sabia que podia. Sabe, eu não tinha essa referência familiar, não tinha essa referência nem da escola, nem nenhum professor passou ou eu captei pelo menos essa atmosfera.”

“Eu fui me dar conta de que estudar todo aquele conteúdo básico de Ensino Fundamental e Médio era importante para a minha formação pessoal na época de vestibular, e que foi depois do meu período, assim.”

“Como eu te falei, eu fui mudar a minha relação com o estudo nessa época de vestibular.”

“eu voltei a fazer teatro fora (da escola), e naquela turminha do teatro tinha duas irmãs, nossas amigas, assim, que eram muito aplicadas na escola. E era um ambiente um pouco mais... estimulado para estudar, (...) pra escola, tinha uma preocupação maior, as pessoas traziam essas referências, enfim. E a maioria tinha histórico de ensino público, também. E essas meninas... elas tinham estudado em escola pública, mas elas mandavam muito bem, assim, elas dominavam o conteúdo do ensino médio para o vestibular e a X já falava espanhol. Acho que é o papel da família também, de influenciar e direcionar.”

“Aí, eu já trazia essa referência do meu amigo D. na USP, C. na USP, sabe, todos caminhando. Eu tinha uns papos com eles... Aí saí, não estudei no resto de 2002 e em 2003 entrei no cursinho da Poli, eu me dediquei um pouco mais, trabalhando também, e sempre... carrego comigo ainda hoje essa referência da dificuldade, sabe, de fazer com dificuldade.”

“D. era um cara que era uma referência, também estudava muito... Também de família classe média baixa, tinha que trabalhar e pagar cursinho. Fez dois anos... aí entrou em Geografia na USP, hoje trabalha no..., um cara inteligente. Um amigo que passava essa imagem de que era por ali que eu preciso ir também. Mas eu sentia essa distância, que faltava muito pra mim. Eu tinha essa sensação com relação às meninas, com relação a ele, tinha essa sensação de que falta muito. Mas aí fui fazer cursinho também, em 2002.”

“O cursinho foi uma coisa muito divertida de fazer porque tinha uma pressão pessoal por eu achar que eu estava muito aquém na questão de conteúdo (...) eu tinha essa sensação de que eu tava meio aquém com relação ao conteúdo, mas os professores são muito divertidos, Muitos professores são próximos, entre os intervalos de aula conversavam, brincavam. O conteúdo algumas vezes é musicado. O professor faz a gente se apaixonar no cursinho porque eles querem ser bons para terem concorrência no mercado... Essa coisa do cursinho é muito legal, nesse sentido retoma bem para alguns jovens, eu acho. Para mim cumpriu essa função. Sei lá o professor de biologia cantar uma musiquinha pra você lembrar como é a troca dos genes lá.”

“(...) se o cara faz uma coisa brincando, né, e se você consegue se envolver na brincadeira, tá na sintonia da brincadeira, você vai pra casa e lembra da brincadeira com o conteúdo e aí muda a relação.”

“Eu acho (que mudou a sua relação com o conhecimento). Eu vou falar pra você uma coisa de análise que eu já falei mais ou menos aqui por cima, uma das coisas que me manteve estudando foi a superação dessa realidade da qual eu vim e a superação do analfabetismo do meu pai, uma coisa que foi levantada em análise. E depois o cursinho foi importante para retomar essa coisa do afeto com o próprio conteúdo, com o próprio ensino formal. Então tem essas duas coisas presentes, eu acho.”

Várias questões participam não só da sua perseverança em ir à escola, mas da sua relação com a aprendizagem formal.

Sandro afirmou que a sua relação com o estudo mudou, na época do vestibular, com a perspectiva de que o conhecimento escolar poderia

possibilitar a ele entrar na faculdade. Mas já havia saído da escola. Quando estava na escola não conversavam com os alunos sobre o vestibular. Da escola, Sandro guardou a lembrança de que o vestibular não era para ele. Fazer faculdade não fazia parte das suas alternativas de futuro, não era uma das suas possibilidades.

Foram importantes nessa mudança as experiências vivenciadas por Sandro no teatro, *“um ambiente um pouco mais... estimulado para estudar”*, onde conheceu pessoas que também haviam estudado em escola pública, que tinham uma condição socioeconômica parecida com a sua, mas estavam mais envolvidas com as questões acadêmicas. Além desses, Sandro também mencionou outros amigos que teriam sido referências importantes para que Sandro passasse a considerar a possibilidade de continuar estudando. Amigos que passavam *“essa imagem de que era por ali que eu preciso ir também”*. Sandro, então, resolve fazer cursinho.

O cursinho foi outro elemento importante na mudança da sua relação com o conhecimento. Lá, apesar de ter a sensação de que estava defasado na aprendizagem dos conteúdos formais, os professores eram próximos dos alunos e faziam o aluno se apaixonar pelo conhecimento.

Ficam claras neste núcleo a multiplicidade das referências e a importância delas na constituição dos sujeitos e na compreensão da sua relação com a escola e com a aprendizagem. As experiências escolares vividas por Sandro foram referências importantes, mas seus amigos, sua família, o teatro e o cursinho, também. Se houve experiências de sofrimento e dificuldades, evidenciadas por este núcleo, houve também experiências que permitiram um novo projeto onde a aprendizagem escolar tinha um lugar importante.

NÚCLEO III

“a minha relação com a escola vinha de uma particularidade minha”

Neste núcleo, procuramos entender como a dificuldade de Sandro para enxergar afetou o seu processo de aprendizagem e a sua relação com os professores e com a escola. No primeiro momento, Sandro hesita em falar desta questão, parece ser um tema delicado para ele, mas aos poucos traz informações

que evidenciam a centralidade da dificuldade visual na construção de sentido em relação à escola e ao processo de aprender.

“Eu acho que pela forma como eu vivia, a relação que eu acho que eu tinha de pouco afeto pela escola. Eu tenho umas memórias meio truncadas, comprometidas, eu acho importante falar isso.”

“nunca é só uma coisa, já tem uma história minha aí. (...) No começo lembro da pré-escola, de uma coisa de adorar ir pra escola, a coisa do lanchinho, musiquinhas. Lembro de um dia ter dormido um tempão na mesa.”

*“Acho que me senti meio deslocado, por ter dormido. Eu me senti meio perdido, assim. **Eu to pensando quanto a minha relação com a escola vinha de uma particularidade minha, assim, minhas conexões com o mundo, tô pensando agora.**”*

“tinha uns cinco anos. Eu lembro de gostar muito de ir pra escola.”

*“Aí eu **tinha uma tia que era da área da educação**, já era na época, e **viu que eu tava com dificuldade**, tal... Ela era professora de uma outra escola. **Ela sugeriu para a minha mãe que me tirasse dessa escola e me levasse para uma outra**, chamada X, onde ela dava aula para a quarta série, para ela ser uma das minhas professoras.”*

*“(...) Na quinta série, acho que muito, também, por causa da adolescência, da fase tal, e **por causa das minhas dificuldades, eu estava muito rebelde assim, muito bagunceiro, tava da turma do barulho.**”*

*“Dificuldade de aprendizado mesmo, de concentração. **Eu tinha um problema da visão que não tinha sido... é... Eu não usava óculos até esse período... Eu acho que eu já tinha uma visão comprometida. Como você pode ver, o meu grau é bem forte.**”*

“Tenho dez graus de hipermetropia.”

“eu me lembro de ter descoberto entre, assim, metade da quarta e quinta série... Eu passava por umas situações muito delicadas, assim de brigar com o professor, discutir.”

“Eu tenho hipermetropia, 10 graus.”

“(sem óculos) eu não posso dirigir, não posso ler nada.”

*“Fica tudo bem pequenininho. **Não enxergo nem longe nem perto.**”*

*“acho que isso ficou claro na quarta série quando eu me transferi de escola. É, foi lá sim... **Tem uns absurdos que dá até tristeza e vergonha de contar,** mas eu te conto. Uns absurdos do tipo... **Eu me lembro de terem percebido finalmente que eu precisava de óculos e me conseguirem um óculos que tinha lá na escola, assim, lá guardado, um óculos velho.**”*

*“Foi na escola nova, não sei se foi a minha tia ou a própria escola. Lembro de sentar no fundo da aula e **de ter aquelas lousas pra copiar e eu não copiar nada, e eu tinha uma amiga que copiava às vezes pra mim para eu poder apresentar que tava feito.**”*

*“**Então, é uma coisa curiosa mesmo.** (Não dizia que não estava enxergando a lousa) Acho que é como o cego mesmo, você não tem referência do diferente daquilo.”*

“acho que por isso (não enxergar) o esforço era maior e por isso... Eu tenho a lembrança de ter as memórias comprometidas porque obviamente tem relação a visão comprometida com algumas experiências.”

“(...) eu tenho uma audição muito apurada, eu acho que por viver esses primeiros anos precisando de óculos, e sem óculos.”

*“**E a história de me darem esses óculos, que não passei pelo oculista nada, me deram um óculos assim velho,** botaram lá para eu enxergar as coisas, não era meu.”*

*“**Só um tempo depois** (me encaminharam para o oftalmologista), **não sei exatamente quando, mas eu lembro que a gente tinha muita dificuldade financeira, pobreza e tal, mesmo.** E a gente tinha uma vizinha que era conhecida da minha mãe e se propôs a me levar ao oftalmologista e a me comprar um óculos.”*

Sandro tinha um comprometimento visual que só foi diagnosticado no final da quarta série, quando já apresentava problemas sérios de aprendizagem e de relacionamento com alguns professores. Antes disso, não perceberam e nem

Sandro disse a qualquer professor que não conseguia enxergar o que estava escrito na lousa. Ainda que não identificasse como um problema de visão, sabia que não conseguia copiar a lousa, já que pedia para sua colega copiar por ele. A fala de Sandro evidencia a existência de um grande distanciamento entre ele e a escola. A escola não percebe o que se passa com Sandro, apesar do impacto na aprendizagem escolar, e ele não diz que está com dificuldade, que precisa de ajuda.

É interessante observar que Sandro identifica a deficiência visual como *“um problema seu”, “uma particularidade sua”*. Cabe, no entanto, destacar a falha da escola que não percebeu esta dificuldade no aluno, acarretando com isso um grande sofrimento ao seu aluno. O déficit visual de Sandro, se prontamente diagnosticado, certamente teria sido um fato menos significativo em sua vida.

A relação de Sandro com a escola e com a aprendizagem escolar tem como um de seus elementos a sua história, e nela, é fundamental o seu déficit de visão, pelo sofrimento que causou a Sandro.

NÚCLEO IV

“tem umas experiências bem tristes assim, com essa questão de ter dificuldade financeira”

É, também, central na fala de Sandro a referência à sua insuficiência econômica. Em alguns momentos da entrevista, chegou a se emocionar ao relatar algumas situações vividas em decorrência da dificuldade financeira. Este aspecto da história de Sandro também compõe os sentidos constituídos em relação à escola e ao saber.

*“(...) de alguma maneira eu ligo com a escola, você vai entender por quê. Eu morava nos fundos de uma escola, na rua, assim, a uns 50 metros pra baixo do fundo da escola. **Eu lembro da gente passar muita necessidade, não ter o que comer nesse período e a gente ir buscar sopa de soja nos fundos da escola. De pegar, (...) buscar sopa de carne de soja...que era uma experiência de muita humilhação.** Coisas que eu me dei conta depois de adulto, na análise.”*

*“(Talvez pudesse ter estabelecido uma outra relação com este fato. Ter visto a escola como um espaço) **Que supre. É, mas acho que não, porque a minha***

mãe tem uma cultura de se inferiorizar muito porque tem uma história longa e triste de pobreza e fome, que precisaria de tempo pra te contar. Então tinha essa referência de humilhação em buscar essa comida nos fundos da escola. E nos fundos da escola.”

“(sua mãe) Tem uma coisa de se diminuir diante das pessoas que a gente, a nossa família, não superou isso ainda adultos. Essa referência dela a gente vem superando. O meu irmão com muito mais dificuldade, eu acho, por ser mais velho, pegar uma época ainda mais grave. Minha irmã, acho que superou mais, elaborou melhor isso. E eu, depois, recentemente venho pensando e elaborando isso.”

“eu lembro que a gente tinha muita dificuldade financeira, pobreza e tal, mesmo. E a gente tinha uma vizinha que era conhecida da minha mãe e se propôs a me levar ao oftalmologista e a me comprar um óculos. E aí eu lembro de ter essa situação de um sentimento de humilhação nessa coisa. Porque eu lembro dela ter dito, (...) o marido falou assim ‘Ah, tem que ver um óculos para ele escolher tal’...e ela ‘ah, não tem nada que escolher nada, eu já estou dando’.”

“É, tem umas experiências bem tristes assim, com essa questão de ter dificuldade financeira.”

“sempre... carrego comigo ainda hoje essa referência da dificuldade (financeira), sabe, de fazer com dificuldade.”

“Era essa a minha realidade, eu precisava trabalhar, sempre moramos de aluguel, tem essa coisa que eu sempre trago como referência, de família humilde, tal.”

“Eu acho que pela forma como eu vivia, a relação que eu acho que eu tinha de pouco afeto pela escola”

“Eu vou falar pra você uma coisa de análise que eu já falei mais ou menos aqui por cima, uma das coisas que me manteve estudando foi a superação dessa realidade da qual eu vim e a superação do analfabetismo do meu pai.”

“E tem uma questão que é o mínimo de subsídio que você tem que ter e de alguma maneira eu tenho a impressão que... Quando o meu pai

faleceu, eu tinha 14 anos, meu irmão tinha 23 anos, já era o braço direito, já tinha parado de estudar porque não gostava, não queria. **Aí ele fica no lugar, eu acho que ele se sacrificou muito por ser mais velho, por ter essa realidade diante dele. Ele (irmão) trabalhava, (...) eu pude não trabalhar, por exemplo. Então, tem essa questão de subsídio mínimo que eu acho que tenho, ainda hoje. Por ter sido o caçula eu comecei a trabalhar cedo também, mas nunca foi tão sério como ele, de ter que trabalhar porque tinha realmente que chegar junto ali no aluguel. Eu lembro de ter trabalhado bem cedo com uns 13, 14 anos, mais por uma cobrança da minha mãe, vender sorvete na rua, uma coisa rápida e depois trabalhar de office boy com 16, 17. Tive uma folga muito maior eu acho, em comparação com o meu irmão que não tinha essa liberdade que eu acho que é essencial, é da ordem do concreto da alimentação, você estar descansado pra poder ficar num cursinho por exemplo. Telemarketing é um trabalho de seis horas, meu dinheiro não era todo aplicado em casa, eu podia ir ao cinema, podia sair pra passear com os amigos. Acho que tudo isso de alguma maneira vai... permitindo. A realidade em torno do estudante tem que estar a favor de alguma maneira.”**

“(...) acho que é uma característica minha de sempre me cobrar muito e lançar metas às vezes maiores. Essa ansiedade, essa angústia de, às vezes, fazer coisas melhores e maiores pra superar a origem, sabe, essas coisas assim”.

“a possibilidade que isso vai dar, da superação total, né, de ter uma formação... e de talvez muito provavelmente conseguir se inserir, já que a PUC é uma universidade de renome, tal....”.

Neste núcleo fica clara a relevância da condição socioeconômica de Sandro para a compreensão da sua relação com a escola. Ela teria sido uma das razões que explicariam o seu pouco afeto pela escola, mas, também, um dos motivos pelos quais continuou estudando.

Buscar comida nos fundos da escola, como contou Sandro, representou uma experiência humilhação que o marcou a sua percepção da escola como espaço de humilhação.

Por outro lado, esta escola, significada como lugar de humilhação, foi também percebida como possibilidade de superação desta realidade

de pobreza. O que teria sido possível por ter tido, apesar da dificuldade financeira sempre presente, condições para isso. Sandro avalia que teve o mínimo necessário para que continuasse estudando, ao contrário de seu irmão mais velho que precisava contribuir com as despesas da casa.

O sofrimento decorrente da história de pobreza de sua mãe e o desejo de superá-lo foram elementos de sentido importantes. Perceber na escola a possibilidade dessa superação foi fundamental para que não abandonasse a escola, para que continuasse estudando e fizesse uma faculdade. Como mencionou, é uma característica sua cobrar-se muito e lançar metas para superar a sua origem. Assim, pode-se dizer que a escola estava construída simbolicamente como algo ambivalente: lugar de humilhação e possibilidade de superar a condição de humilhado. Apesar das dificuldades, Sandro se mantém na escola.

NÚCLEO V

“Marcou essa coisa de não ter afeto e relação com a escola, foi muito traumático mesmo.”

A escola em vários momentos foi para Sandro um lugar de humilhação. Neste núcleo, estão descritas algumas situações vivenciadas na escola por Sandro, e por seu irmão, que nos ajudam a compreender a sua relação de pouco afeto pela escola.

“Então tinha essa referência de humilhação em buscar essa comida nos fundos da escola. E nos fundos da escola.”

“a experiência com as tabuadas que é da experiência traumática... pra resumir, eu lembro de ter voltado de uma dessas ocasiões do castigo sem fazer o castigo como devia ser feito, na quarta série ainda, antes de transferir de escola, CM. Eu lembro de ter voltado e ter uma outra iluminada, uma outra professora iluminada que... ela viu que eu não tinha feito... e a turma toda saiu para o intervalo, recreio e eu fiquei dentro da sala de aula, tendo que fazer a tabuada, sozinho e trancado. E ali, eu... acho que ela deve ter me dado uma bronca, ou a própria situação de nervosismo, eu acabei fazendo cocô. A situação de nervosismo deve ter

alterado todo o meu intestino, meu metabolismo, ali, eu fiz cocô na sala trancado, sem poder sair, chorando... e foi absolutamente traumático, assim. Marcou essa coisa de não ter afeto e relação com a escola, foi muito traumático mesmo. Lembro de voltar pra casa, sozinho, sujo, pesado, (...) tem um lado engraçado e um lado muito triste, né. Muito traumático mesmo.”

“voltei para casa andando, era mais ou menos próximo, uns 15, 20 minutos andando. Sujo e chorando o caminho todo.”

“Tem uns absurdos que dá até tristeza e vergonha de contar, mas eu te conto. Uns absurdos do tipo... Eu me lembro de terem percebido finalmente que eu precisava de óculos e me conseguiram um óculos que tinha lá na escola, assim, lá guardado, um óculos velho.”

“E a história de me darem esses óculos, que não passei pelo oculista nada, me deram um óculos assim velho, botaram lá para eu enxergar as coisas, não era meu.”

“Lembro de sentar no fundo da aula e de ter aquelas lousas pra copiar e eu não copiar nada, e eu tinha uma amiga que copiava às vezes pra mim para eu poder apresentar que tava feito”.

“O meu irmão tem umas histórias bem cabulosas na escola também, por isso, também, não terminou. Por isso uma relação de não ter prazer com a leitura. (...) Tinha essa coisa da minha mãe autorizar o professor a castigar. (...) Meu irmão sofreu muitas coisas traumáticas assim na escola.”

“To lembrando do meu irmão, das histórias que ele conta, de novo. Quando ele fazia as coisas erradas tinha aquela coisa de ficar no canto da sala e pôr a orelha de burro, passou por isso.”

Como vimos no núcleo anterior, por razões relacionadas à sua condição socioeconômica, a escola era vista por Sandro como lugar de humilhação. A essa percepção se somam experiências escolares traumáticas vivenciadas na escola por Sandro e por seu irmão mais velho que reforçam a sua percepção da

escola como um espaço de humilhação e ajudam a compreender o pouco afeto que tinha pela ela.

Essas experiências escolares demonstram, ainda, o desrespeito que permeia, algumas vezes, a relação aluno-escola. As consequências desse desrespeito para o aluno e para a sua escolarização são muitas, no caso do irmão de Sandro foi um dos fatores que contribuíram para que abandonasse a escola. Sandro se manteve estudando apesar do sofrimento gerado por suas experiências escolares.

NÚCLEO VI

Família e escola

Este núcleo traz elementos da fala de Sandro que dizem respeito à relação da família com a escola. Como Sandro percebeu a relação de sua família com a escola e com o universo escolar; qual o significado que existia em sua família e era transmitido aos filhos sobre a escola e o conhecimento; e qual o impacto disso na sua escolarização.

“Então, a minha família. Assim, meu pai foi minha mãe quem alfabetizou. Quando eles se conheceram, meu pai era analfabeto, só assinava o nome, e tinha uma letra linda, aliás. Fazia contas porque era comerciante, ambulante e escrevia algumas poucas coisas, a minha mãe que tinha alfabetizado. Minha mãe foi terminar o ensino médio depois dos três filhos nascidos e grandes. Lembro da minha mãe frequentando o ensino médio, mas era sempre uma coisa de cumprir formalidade, cumprir um... Não tinha uma coisa de olha é importante porque você vai aprender geografia, você vai conhecer o mundo e vai saber onde ficam os países e as culturas e quais as possíveis relações econômicas, as influências culturais que a gente recebe dos americanos, coisas assim. Não tinha essa coisa. Pra arte eu tinha esse tio W, lá, amigo do professor M, que era uma pessoa que apresentou para a gente, criança, Chico Buarque. Pintava, desenhava muito, dedicava tempo lá pra gente, era irmão da minha mãe.”

“(...) ele (tio) era operário, só que muito envolvido com música (...) Ele era referência para isso, então tinha esse estímulo cultural que vinha daí.”

“eu tinha uma tia que era da área da educação, e viu que eu tava com dificuldade, tal... Ela era professora de uma outra escola. Ela sugeriu para a minha mãe que me tirasse dessa escola e me levasse para uma outra, onde ela dava aula.”

“Lembro só da minha mãe cobrando quando eu falava que tinha trabalho da escola pra fazer, ela cobrando pra fazer (...).”

“tinha uma cobrança de estar na escola, isso tinha dos meus pais.... é eu lembro.”

“(...) meu irmão não terminou o ensino médio. (...) A minha irmã terminou, mas também, assim, não emendou o colegial na faculdade.”

“Como eu via meu irmão? Sei que ele não era referência pra estudar, sempre trabalhou bastante. Meu irmão tinha a função também, de cobrar, de vigiar um pouco também.”

“(...) Tenho muito carinho porque ele (irmão) sempre cuidou muito da gente, se preocupou. Por ter sofrido sempre com essa coisa de pobreza e ter trabalhado desde cedo, então ele era um pouco um segundo pai assim. (...). Lembro dele com um pouco mais de cuidado e sensibilidade com a gente, com os irmãos mais novos... mas pra escola não era, definitivamente não era referência para estudar.”

“Eu, a avaliação que eu faço é que ele (o irmão) não agüentou desde muito cedo trabalhar e estudar. E aí tinha dificuldade na escola, não tinha referência familiar, não tinha memórias boas da escola, tinha essas memórias grotescas também. Precisaria lembrar aqui para te contar algumas, mas só essa coisa da orelha de burro, chegou a apanhar na mão, tomava uns puxões de orelha de arrancar a orelha e a minha mãe legitimava o professor, umas coisas assim, né.”

“O meu irmão tem umas histórias bem cabulosas na escola também, por isso também não terminou, por isso uma relação de não ter prazer com a leitura. (...) Tinha essa coisa da minha mãe autorizar o professor a castigar.”

“o meu pai era um homem muito frio, distante, assim.”

*“Que eu saiba não (foram à escola para conversar). **A minha mãe, com o meu irmão mais velho, tinha uma cultura de permitir o castigo e autorizar, legitimar o professor para fazer isso. (...) Então minha mãe tinha essa relação de considerar, respeitar a autoridade do professor, legitimar a autoridade do professor e presente cobrando para cumprir as obrigações.** Que eu me lembre, ficou totalmente por isso. Nem a minha tia que era um pouco mais esclarecida e era professora, nem nas conversas de família não lembro nada de terem ido atrás (para saber sobre o episódio em que Sandro foi trancado na classe e passou mal).”*

“Virou uma história de vergonha pra carregar.”

Fica claro neste núcleo que a relação da família de Sandro com a escola é marcada pela ambivalência. Por um lado, há um grande distanciamento e desconfiança com o universo escolar. Como Sandro mencionou, para sua mãe a escola era uma formalidade. Por outro, o reconhecimento da sua importância relacionada à possibilidade de superar as condições em que viviam, o que fica evidente no empenho da família de Sandro para garantir que frequentasse a escola.

Vale ser destacado, também, que seus pais além de obrigá-lo a frequentar a escola, aceitavam a conduta dos professores em relação aos seus filhos, mesmo que abusiva. A aceitação dessa forma de tratamento dispensado a ele e ao seu irmão, talvez possa ser explicada pelo sentimento de inferioridade, apontado por Sandro como uma marca de sua família, mas esta aceitação também revela uma grande valorização da escola por parte de sua família. Sentimentos de humilhação e possibilidades de um futuro melhor são aspectos que caracterizam o significado da escola e do conhecimento para a família de Sandro, significado este presente na construção de sentido que encontramos expresso nas falas de Sandro.

NÚCLEO VII

“A minha motivação acho que sempre foram os vínculos com os amigos, com as pessoas, com alguns professores que eu considerava muito especiais.”

Neste núcleo apresentamos a importância dos vínculos com os professores e colegas mencionada por Sandro como uma das suas motivações para ir à escola.

“(gostava de ir à escola) por causa das relações sociais, né. A minha motivação, principalmente, acho que sempre foram os vínculos com os amigos, com as pessoas, com alguns professores que eu considerava muito especiais, como esse que eu falei e também o de Educação Artística, muito sensível... alguns poucos assim, que passaram.”

“É, eu sempre fui muito introspectivo e tímido. Mas eu consegui me inserir, eu tinha o meu grupo e tal, na escola.”

“É, tinha esse sentimento de preenchimento.... e de inserção social. Acho que tinha muito esse sentido para mim a escola, também.”

“A relação com o professor? Ah... eu tenho boas memórias também. Eu lembro que eu tinha um professor que a gente chamava na turma, carinhosamente, de... ele era um puta cara (...) era um ‘tiozão’ assim, bem que pegava a gente e era muito carinhoso, muito próximo.”

“Então, eu lembro de nessa época, acho que era sexta série, ano seguinte, dessa coisa do teatro, desse professor conversando comigo, o M., me reforçando muito para a arte. Ele dava flauta doce nas aulas dele, e eu me saía super bem, e fazia música, ele super elogiava a gente da sala. E ele tinha sido professor de um tio meu também, então tinha uma história ali presente, naquela relação de afeto sabe, que já de alguma maneira eu já considerava especial. E ele valorizava isso.”

“(...) tinha uma coordenadora na época da minha sexta, sétima série, maravilhosa, assim, muito paciente, ouvia. Eu lembro de uma situação específica pra falar. Intervalo de aula, saiu um professor e ia entrar o prof. R. de história, nesse tempo eu peguei a flauta doce que era uma coisa gostosa, afinal de contas, tal e tava ali tocando alguma coisa. Daí o professor chegou, imediatamente, antes dele colocar as coisas na mesa, ele já mandou eu parar. Eu tava esperando a aula, não tinha começado ainda, eu continuei, pensei comigo: quando começar eu paro, né. E aí, eu acho que ele já não devia ir com a minha cara, eu já devia ter feito uma outra peripécia... peraltice. Daí ele veio e tomou a flauta da minha mão, tentou tomar, a gente ficou com aquela coisa de troca, também. Eu lembro de, nessa situação, eu ter empurrado ele, ter saído da sala e fui parar na coordenação. Aí eu lembro dessa coordenadora M. com o aluno problema nas mãos, sendo

paciente: ‘O que aconteceu? Por que você tem feito isso?’ Mas eu acho que essas atuações são alguns profissionais que têm um preparo melhor, pessoal e profissional melhor, e são situações de dedicação isolada, na escola, sabe, pessoas dispostas a perder tempo. Definitivamente não está na estrutura isso. Essa é a visão que eu tenho fazendo os estágios que eu tenho feito de Educação, na Psicologia. Eu diria que tem gente determinada no meio do caos que é a escola pública, ainda hoje.”

“Ah, (a atitude da coordenadora significou) um acolhimento total, me senti acolhido, senti afeto da parte dela. Aí, era ela que fazia eu ter os momentos de reflexão, de melhorar, que eu não tava fazendo a coisa certa. Eu lembro dela me tocar para esse sentido, começar a aguçar em mim o sentido de que a escola é importante, precisa terminar, aprender. Não lembro exatamente dos diálogos, mas dela ter sido essa referência de carinho e de acolhimento dentro da escola.”

“(isso significou) uma mudança de comportamento.”

“Eu to pensando agora, memória é sempre assim. Eu acho que não tão claro, de uma hora pra outra, (mas) processual tal. Acho não, tenho certeza porque a vida escolar, de estudo, continuou, e vira e mexe eu lembro dessas figuras isoladas como referência, entendeu.”

“uma coisa efetiva, inclusive para continuar estudando”.

“(...) eu lembro de uma professora acho que na sétima, oitava série, uma professora de língua portuguesa que era uma das pessoas mais... rigorosas que eu tive, mais chatas sabe. Quando eu falei de sintaxe eu lembrei dela. Eu não conseguia entender nada, era uma coisa de copiar e reproduzir lousa.”

“Acho que as figuras dos professores, na grande maioria, ... acho que a relação que eles tinham com o trabalho era muito artificial...”

“Eu passava por umas situações muito delicadas, assim de brigar com o professor, discutir. Teve uma vez que eu pedi para ir ao banheiro, na aula de História, nessa quinta série, aí eu passei na cantina e comprei um sorvete e parei na frente da porta da sala, que estava fechada, e tava comendo meu sorvete, rapidinho. Aí ele abriu a porta da sala e me viu. Aí, esse iluminado,

professor de História, tomou o sorvete da minha mão e jogou no chão e falou assim: “eu deixei você ir ao banheiro, não você ir comprar sorvete.” E aí, o que é que eu fiz, eu fui lá e comprei outro e voltei para a porta da sala. E aí, terminei de chupar na porta da sala. Uma coisa de se afirmar e tal... E aí, ele veio querer pegar de novo, e aí eu lembro dele tomar o sorvete agressivamente de mim e eu dar um murro nele, na barriga dele. Claro que, eu acho que nem afetou porque eu era muito ‘mirradinho’. Aí, nossa, foi o caos.”

“De modo geral ficou essa imagem do professor rígido, rigoroso.”

“(...) com uma preocupação sempre em pontuar, marcar com autoridade e muitas vezes autoritarismo. Distantes, e muito despreparados pra entender o processo individual de cada um, perceber um pouco mais sensivelmente. É claro que não dá para se aprofundar, é um pouco utópico, mas ter um olhar um pouquinho mais sensível. Cada dia aquele aluno é diferente, quem dirá... você encarar todos como iguais. Um pouquinho mais de olhar sensível. Não sei se porque eles trabalham muito, porque precisam de dinheiro, ou por falta de preparo, mas eu fico com essa imagem da escola.”

“Acho que sim (acabou interferindo na relação que tinha com a escola e com o estudo), determinante.”

“(...) eu lembro de uma experiência muito ruim, traumática, bem traumática, que a professora sempre me dava a tabuada de castigo porque eu não havia feito alguma coisa.”

“(...) Eu lembro de ter voltado e ter uma outra iluminada, uma outra professora iluminada que... ela viu que eu não tinha feito...e a turma toda saiu para o intervalo, recreio e eu fiquei dentro da sala de aula, tendo que fazer a tabuada, sozinho e trancado(...) foi absolutamente traumático, assim. Marcou essa coisa de não ter afeto e relação com a escola, foi muito traumático mesmo.”

Sandro mencionou que seu sentimento de preenchimento e inserção social o motivava a ir à escola. Este sentimento parece estar relacionado a dois aspectos. Estar na escola atendia a um compromisso, a uma obrigação social e familiar;

significava cumprir o seu papel de estudante perante sua família e seu grupo social. Mas estar na escola também significava estabelecer novos vínculos, participar de um espaço de convívio diferente do espaço familiar.

Sandro mencionou conflitos sérios com alguns professores, mas relatou também que os vínculos com alguns professores e colegas o motivavam a ir à escola. Cita dois professores e uma coordenadora que teriam sido referências positivas importantes na sua vida escolar, mas faz a ressalva de que eles seriam exceções na escola.

Alguns professores estimulavam e reforçavam o aluno, mas a maioria, para Sandro, era *“distante e muito despreparado pra entender o processo individual de cada um”*. Poucos na escola se dedicavam a entender o que se passava com os alunos e a refletir com eles sobre a escola e a sua escolarização, apesar da importância desse diálogo para o aluno e para a compreensão das relações escolares.

Havia exceções, como uma coordenadora que propiciou momentos de reflexão que aguçaram nele o *“sentido de que a escola é importante, precisa terminar, aprender”*. Esta coordenadora foi uma *“referência de carinho e de acolhimento dentro da escola”* importante para que continuasse estudando. Sandro relaciona acolhimento e continuidade dos estudos, revelando o quanto esses profissionais da escola são referências importantes para o aluno.

Fica evidente neste núcleo a complexidade e a importância da relação professor-aluno. Fica clara também, a relevância do vínculo e do diálogo entre os alunos e os profissionais da escola para a relação que o aluno estabelece com essa instituição e com o saber. É interessante notar que Sandro percebe que as mudanças propiciadas por esses diálogos são processuais. Assim, a sua relação com a escola não se transforma de um momento para outro, apenas em decorrência de uma conversa pontual, mas é gradual e se deve à resignificação da escola, possibilitada, entre outros elementos, por esses diálogos.

Quanto à relação com os colegas, apontada como outra motivação para ir à escola, é interessante notar que as suas falas sobre este tema são poucas e, talvez, evasivas. Quando perguntamos se relação com os amigos era boa na escola, responde: *“Acho que sim”*.

O sentido da escola para Sandro estava, de toda forma, “*mais atrelado a isso (à inserção social), do que compreender que... era importante para a minha formação pessoal*”. A referência aos amigos parece, sobretudo, enfatizar a pouca relevância da escola como espaço de aprendizagem, de formação acadêmica.

Sua fala aponta que Sandro continuou estudando não por sua relação com o saber, ou pelo vínculo com os colegas. Alguns professores, a obrigação familiar e o desejo de superar a situação de pobreza em que vivia parecem ter sido algumas das razões pelas quais Sandro não abandonou a escola e continuou estudando.

SÍNTESE

A motivação do jovem diante da escola se dará em face da forma como cada um elabora sua experiência de crescer em meio à desigualdade social e do significado que a educação irá adquirir em sua vida.

Leão (2006)

Sandro contou que seus pais sempre o obrigaram a frequentar a escola, embora não reconhecessem, talvez por desconhecerem, a importância dos conteúdos escolares. Contou que para ele, também, a escola não teve o sentido de construir conhecimento, tendo sido mera formalidade e cumprimento de uma obrigação familiar e social.

Para Patto, há um denominador comum entre as famílias de baixa renda, pois “todas valorizam a escolaridade e lutam para manter os filhos na escola (...) E esta luta geralmente é de toda a família: os mais velhos vão trabalhar para que os mais novos estudem...” (1997, p. 293). Foi assim na família de Sandro. Está presente na construção de sentido sobre a escola esta realidade: uma família que não é escolarizada, mas acredita que deve manter seus filhos na escola. Há uma valorização da escola pela crença de que ela possibilitará um futuro melhor. Todo esforço é então feito pelo conjunto familiar para ter, pelo menos, um filho escolarizado.

Mas para compreendermos a relação de Sandro com o saber escolar, devemos considerar, além das referências familiares, a maneira como a relação com o saber foi construída na escola.

Sandro nos contou que gostava de ir à escola na pré-escola, mas isso começa a mudar a partir da primeira série quando passa a ter dificuldades de aprendizagem. Dificuldades de aprendizagem nas séries iniciais são comuns, no seu caso estava relacionada a um problema de visão. Chama atenção na fala de Sandro, a maneira como a escola lidou com essa dificuldade de aprendizagem. Sandro tinha um comprometimento visual importante, mas a escola não percebeu o que se passava com seu aluno. Não associaram sua dificuldade de aprendizagem a seu déficit de visão, que só foi diagnosticado no final da quarta série quando mudou

de escola, depois de conflitos com professores e problemas reiterados de aprendizagem, que causaram grande sofrimento a Sandro.

Zago também constatou o impacto negativo representado pela dificuldade escolar reiterada, que contribuiria para afastar o aluno da escola. Como afirma, “o aluno que passa anos na escola vivendo sucessivas derrotas certamente não fica imune. A interiorização do fracasso, além de outros efeitos relacionados à auto-estima, certamente não favorece uma relação positiva com a escola” (Zago, 2007).

Sandro relatou, ainda, outras situações de angústia e humilhação que ajudam a entender por que passou a ver a escola como um espaço aversivo e hostil, atualizando nele o sentimento de inferioridade configurado em experiências anteriores ao início de sua escolarização.

Patto alerta que “muitas vezes as crianças são submetidas na escola a práticas humilhantes sob a alegação dos professores de que elas ‘não percebem’, ‘não sentem’ as agressões” (1997, p. 286), pois teriam um aparato psíquico menos complexo. Não sabemos se os professores de Sandro pensavam assim. Mas Sandro percebeu a agressão e sofreu em virtude delas. A autora nos lembra também que “Em geral as crianças são mantidas na escola durante muitos anos, até que mecanismos escolares mais ou menos sutis de expulsão acabem por se impor” (Patto, 1997, p. 294). Sandro não chegou a abandonar a escola, como ocorreu com seu irmão e com muitos outros alunos, mas fica claro em sua fala que a escola foi para ele lugar de sofrimento, onde vivenciou inúmeras situações de angústia e humilhação.

Nem todos os profissionais da escola, no entanto, foram referências negativas que contribuíram para a percepção da escola como lugar hostil e desprovido do sentido de construção do conhecimento. Mencionou alguns profissionais que considerava especiais, como uma coordenadora que teria sido importante para que continuasse estudando.

Apesar desses profissionais diferenciados, reconhece que a relação com o estudo muda apenas na época do vestibular, quando se dá conta da importância dos conteúdos escolares, um ano depois de ter saído da escola. Na escola, não se conversava com os alunos sobre o vestibular, e ele também não trazia esta referência de sua família. A questão não está no vestibular em si, que é apenas uma possibilidade. Há uma implicação subjetiva, uma mensagem

subjacente ao silêncio sobre o tema do vestibular, que foi percebida por Sandro. Como mencionou, achou que aquilo não era para ele, achou que fazer faculdade não fazia parte do seu universo de possibilidades. Nem todos os alunos precisam ou devem prestar vestibular, ou fazer uma faculdade, há profissões que dispensam esse tipo de qualificação. No entanto, cabe à escola ampliar o universo de possibilidades do aluno e não restringi-lo.

Ainda que atendendo a uma lógica instrumental e utilitarista, o vestibular concretiza e representa um momento de necessidade e uso dos conteúdos escolares. Para Sandro, quando passa a ver no conhecimento escolar a possibilidade de entrar numa faculdade, e superar a sua condição socioeconômica, o conhecimento passa a ter outro significado. Sandro ressignifica a importância do conhecimento, e isso muda sua relação com a aprendizagem. Foram importantes nesse processo o teatro e os seus colegas do teatro. Mas Sandro já não está na escola. Sua relação com a aprendizagem escolar só mudou quando fez cursinho, este sim “importante para retomar essa coisa do afeto com o próprio conteúdo, com o próprio ensino formal”. Na escola, ficaram evidentes a dificuldade e o sofrimento relacionados ao processo de aprendizagem.

Apesar desse sofrimento, como nos contou, a superação da realidade na qual vivia o manteve na escola. Evidencia com isso que percebeu na escola um espaço de novas possibilidades, um lugar que lhe possibilitaria romper com a forma como vivia. Sua fala revela que este ainda é um significado social importante relacionado à escola e ao conhecimento.

A fala de Sandro expressa de forma clara que para compreender o aluno e a sua experiência escolar devemos considerar que é um sujeito no qual entrelaçam-se as dimensões cognitivas, afetivas e biológicas. A experiência de pobreza de sua mãe e o analfabetismo de seu pai foram aspectos importantes na configuração do sentimento de inferioridade, que afirmou ser uma marca sua e de sua família. Mas também foi importante para compreender a relação de Sandro com a escola, o seu desejo de superar esse sentimento de inferioridade. Como contou, um dos motivos de ter continuado na escola foi o desejo de superar a realidade na qual vivia. A busca da superação da pobreza e do sentimento de inferioridade é, portanto, aspecto essencial para a compreensão da história de Sandro. A relação com a escola e o estudo faz parte dessa estratégia de superação.

A escola foi para Sandro um lugar que apontava para a confirmação da sua condição de inferioridade. Antes mesmo de começar a

frequentar a escola, ele já a via como um lugar de humilhação. Sentimento que é atualizado pelas dificuldades vivenciadas por Sandro na escola.

No entanto, como nos ensina Gonçalves Filho,

Os humanos são iniciadores, realizam o inesperado. Somos capazes de começar o que não podia ser perfeitamente aguardado de coisa alguma que tivesse ocorrido antes. (*Gonçalves Filho, mimeo*)

A fala de Sandro nos ajuda a compreender que a maneira como as circunstâncias afetam os sujeitos é singular, não há uma causalidade direta e mecânica, pois há um sujeito que se constitui nessas relações, algumas vezes como resistência, se contrapondo aos veredictos que geram humilhação.

Leão (2006), referindo-se a uma pesquisa de Francois Dubet, menciona que alguns alunos “aderem aos julgamentos escolares que os invalidam e os conduzem a perceber-se como incapazes”, outros, diante desses julgamentos, se voltam contra a violência que recebem da escola de forma também violenta. Sandro menciona situações em que se sentiu humilhado e inferiorizado na escola, mas não adere a esses veredictos, busca superá-los.

O processo de configuração de sentidos é complexo, envolve elementos e percepções contraditórios. Os sentidos podem ser opostos em diferentes momentos da vida do sujeito. Não há uma linearidade, há avanços e retrocessos. A fala de Sandro contém contradições que devem ser compreendidas não como incoerências, mas como evidências do processo de elaboração das suas experiências, do seu movimento de constituição humano.

A escola não foi só espaço de humilhação. Na escola, ainda que poucos, alguns profissionais possibilitaram encontros potencializadores e positivos que contribuíram para a percepção da sua viabilidade e capacidade de superação da realidade que lhe parecia adversa. Também foram referências positivas, que apontaram para a possibilidade de superação, o teatro, os amigos do teatro e o cursinho.

Como vimos, o sentido da escola para Sandro não pode ser compreendido se não considerarmos a história de sua família, a sua hipermetropia, a sua situação socioeconômica, e, também, como a escola encaminhou essas

questões, como lidou com o seu aluno real e singular. A história de Sandro é carregada de contradições que constituem um sentido subjetivo também carregado delas. Sofrimento convive com projeto de futuro, e superação da própria condição humilhada e a escola aparecem como fonte e possibilidade de um e de outro. Sandro chegou à Universidade. Está na Universidade apesar da sua história de escolarização, mas também por causa dela.

Sujeito 4: Joana

Joana tem 22 anos, é brasileira, solteira, filha única, mora com sua mãe num bairro da zona oeste de São Paulo. Sua mãe é socióloga. Seu pai não mora no Brasil; Joana conviveu pouco com ele.

Quanto ao seu percurso escolar, Joana não lembra a idade com que começou a ir à escola, mas diz que era bem pequena. Antes de mudar para a escola onde permaneceria até o final do Ensino Médio, na qual entrou no pré-primário, frequentou duas outras pré-escolas. Não repetiu nenhum ano. No final do Ensino Médio, fez alguns meses de cursinho e prestou vestibular na PUC e na USP. Entrou na PUC, sua primeira opção de escolha para o curso de Psicologia.

Segundo informações obtidas no site, a escola onde Joana estudou, em 2007, contava com 60 alunos matriculados no terceiro ano do Ensino Médio. No mesmo site, ficamos sabendo que a escola ficou entre as 30 mais bem colocadas no Estado de São Paulo. A escola fica localizada na zona oeste de São Paulo, e a sua clientela, segundo Joana, é composta em sua maioria por alunos de classe média intelectualizada.

NÚCLEO I

Papel da escola: ***“acho que foi me formar como pessoa.”***

Este núcleo traz um aspecto importante do sentido da escola para Joana: a sua função de formação como pessoa.

*“Então, acho que foi me formar mesmo como pessoa, porque a escola onde eu estudei tem um outro olhar para o aluno, não é vamos formar para o vestibular, não. É vamos formar pessoas que conseguem criticar, que sejam conscientes do papel delas na sociedade. Era muito diferente do que uns amigos meus tinham. A minha aula de História não era, o que eu até senti falta, mas não era aprender data por data, aconteceu isso no ano tal, não. **Era aprender a ler texto e criticar. A gente leu texto de historiadores, a gente leu texto de economista.** Era muito diferente, não sei, **foi muito importante para mim.** E ver filmes, não sei, era... não sei descrever, mas **eu aprendi muito, vi muita coisa.** Então ter aula de artes... **me formava como pessoa mesmo, em vários sentidos.** Era na aula de História aprendendo a criticar, era tendo aula de história da arte, era tendo aula de artes, língua. Às vezes eu senti falta de conteúdos até assim pro vestibular, porque era difícil. Mas ao mesmo tempo **eu acho que aprendi coisas que as pessoas, a maior parte das pessoas não tem acesso** assim, em geral. **Acho que foi muito importante para mim. O foco era a pessoa e não uma prova específica,** ou uma data específica, ou aquela conta específica, era um olhar mais integrado, assim.”*

*“(...) eu entrei na faculdade conseguindo ler os textos da faculdade, não era uma coisa estranha. A gente tinha uma aula de, nem lembro como eles chamavam, mas era como se fosse uma aula de filosofia, mas que a gente via textos que, sei lá, eles têm na filosofia da USP, no curso. Então **eu cheguei aqui sabendo ler, sabendo escrever muito bem e conseguindo,** não sei, **entender melhor alguns conteúdos que alguns amigos meus da faculdade levaram um tempo para conseguir,** tipo, ‘Nossa que texto estranho, não faz muito sentido. Que tipo de trabalho eles querem que eu escreva? É muito diferente daqueles que a gente tinha na escola.’ Então, **na verdade, foi muito rico,** mas na época do vestibular eu fiquei muito brava, mas depois e antes eu via assim o quanto foi importante. **Não era chato ir para escola,** em geral, claro era cansativo às vezes você falava não... mas era meio relação de amor e ódio com a escola. Mas é*

cansativo, enfim, mas **foi muito válido e depois que eu entrei na faculdade eu vi quão importante foi, também.**

“Tinha bastante (valorização do aprender, dos conteúdos acadêmicos).”

“Tinha o aprender que a escola sempre incentivou.”

“Acho que se academicamente tem coisas interessantes, por outro lado a parte afetiva da escola deixa a desejar. Não sei como está agora, mas deixa muito a desejar.”

“Na minha escola eu gostava da maior parte das coisas que eu estudava, me interessava. Cansava, na época eu reclamava, enfim, mas olhando para trás, um pouco o que eu lembro eu gostava, assim, da maioria das coisas que eu tinha.”

“(…) os textos que eles (professores) passavam eram muito bons. E as aulas eram muito bem estruturadas, eles tinham vontade de dar aula, a maioria, não todos. Ao mesmo tempo tinha aula como a de biologia que eu sinto que eu aprendia tudo sozinha, a gente pegava os livros de biologia e lia inteiro e aprendia sozinho. Mas era bom também. Porque eu acho que isso eles ensinaram muito você, não tanto, mas a ser autodidata, você mesmo saber estudar, pegar um texto e aprender. Eu sinto isso até hoje. Às vezes, as aulas estão muito ruins, mas eu consigo pegar os textos e tirar o que é importante para mim e passar nas matérias.”

“Mais do que os conteúdos em si de algumas matérias, era como estudar. Eu aprendi como estudar, isso eu acho que é um diferencial grande. Só que os professores lá, eu sinto que eram mais vivos. Também as matérias eram muito bem estruturadas. Lá tinha mais relação de uma coisa com a outra.”

“aula de história eu gostava bastante, a de português eu gostava, a de (não consigo entender o que fala) eu gostava

também. É, mas, por exemplo, inglês eu detestava, tinha coisas que eu não gostava.”

“(a aula era boa) por ser um assunto que me interessava muito, não todos, mas vários, colocados de um jeito interessante, então a aula tinha um formato interessante que não era, ah isso e isso e isso, de tentar fazer a gente descobrir, ir atrás, então olhar o assunto de um jeito legal que faça sentido dentro do nosso contexto. Então se a gente ia estudar biologia a gente ia plantar o feijão e ver o processo e, tanãã, ou ir no laboratório e fazer os experimentos, acho que isso tem em toda escola, abrir o sapo, ver como é dentro, então eu acho que essas coisas eram legais, de colocar na prática essas coisas de química, biologia e até física. O professor ser motivado interessado, acho que isso era importante também. E até os textos. Nas aulas mais de humanas os textos eram muito bons, a gente lia Platão na escola.”

“às vezes, a gente ficava seis meses estudando uma coisa. Por exemplo, a gente estudou Brasília, então ficou seis meses estudando geografia, e a gente lia o que o Oscar Niemeyer fez, ... aí foi para Brasília. Então vamos ver arquitetura, e era junto, também a parte de política, vamos estudar como é a política no Brasil, então era tudo ligado, tudo fazia sentido. Deixa eu pensar uma outra viagem, ah, Ouro Preto, então na aula de história da arte a gente via o Barroco, na aula de história a gente estudava esse período. Então era muito legal, eram várias matérias num mesmo projeto, sabe.”

Sobre o quê a motivava a ir à escola, responde:

“Tinha um pouco das minhas amigas, de encontrar, de conversar e tal, que era importante. Falei pouco disso, mas era importante, ótimo. E algumas aulas que eu achava legal, tipo vou aprender mais disso, vou entender tipo a Guerra Fria, ou aquele livro que eu tô lendo a gente vai falar dele, tinha isso também.”

“Nesse ano tenho um paciente que não sabe ler nem escrever, ele tá na quarta série, tá com dez anos e não sabe ler nem escrever. Ele se sente super mal com isso, se sente muito burro. Essas são questões que até nem acho que são só da escola, tem muita coisa, mas ele tem dez anos e não gosta de ir na escola. Tem mais nove na classe dele que também não sabem ler e escrever, então tem alguma coisa errada, sabe.”

“é uma pena que eles (os alunos da escola onde fez estágio) não tenham tido as aulas que eu tive, porque aí fica sem sentido mesmo, você não vai querer estudar.”

Joana parece sugerir, em alguns trechos da fala, uma oposição entre o ensino de conteúdos e a formação do aluno como pessoa. No entanto, em sua totalidade a fala de Joana revela que a formação do aluno como pessoa não se dissocia da aprendizagem dos conteúdos escolares. Joana menciona que a importância da escola foi formá-la como pessoa, mas, para explicar o que isso significou, refere-se à qualidade das aulas, aos textos lidos e à aprendizagem de conteúdos importantes que outras pessoas não aprenderam.

Ainda que mencione ter sentido falta de alguns conteúdos exigidos no vestibular, reconhece que a escola possibilitou a ela que chegasse à faculdade sabendo “escrever muito bem” e podendo compreender textos que alguns colegas tinham dificuldade para entender.

Joana menciona, também, que gostava de ir à escola, e uma de suas motivações era os conteúdos ensinados nas aulas. Seus professores eram motivados, os textos muito bons e as aulas bem estruturadas. Seu paciente (que atende em situação de estágio na faculdade), ao contrário, está na quarta série e não sabe ler nem escrever, se sente mal e não gosta de ir à escola. Joana traz uma experiência oposta à sua para reiterar a importância da aprendizagem na escola, e desta na sua formação como pessoa.

Este núcleo evidencia que a escola para Joana foi importante como lugar de aprendizagem. A escola onde estudou não

estava voltada para o ensino dos conteúdos pedidos no vestibular, mas isso não significa que não estivesse comprometida com a aprendizagem dos alunos. Ao contrário, a fala de Joana deixa clara a valorização dos conteúdos acadêmicos pela escola, seja quando menciona expressamente essa valorização, *“Tinha o aprender que a escola sempre incentivou”*, seja quando se refere à boa qualidade das aulas, ao envolvimento dos professores e aos projetos desenvolvidos pela escola. Fica evidente, portanto, o compromisso da escola com a aprendizagem dos alunos.

Joana enfatiza a importância dos conteúdos ensinados na escola para sua formação. Na escola, aprendeu a compreender textos, a escrever bem e a estudar, e isso foi fundamental para a compreensão dos textos, das aulas da faculdade e para a sua compreensão do mundo, ou seja, para a sua formação como pessoa.

NÚCLEO II

Postura dos alunos diante do estudo: ***“os alunos da minha escola, não todos, mas as pessoas se envolviam bastante”***

Segundo Joana, os seus colegas da escola eram implicados com a aprendizagem escolar, e isso foi um diferencial importante na sua escolarização. Neste núcleo, apresentamos a importância da postura dos alunos sobre o ambiente escolar.

A postura do aluno é causa e consequência, determina e é determinada pelo ambiente escolar. A escola é importante na determinação da postura do aluno, mas a postura do aluno também traz implicações para o ambiente escolar. Joana menciona a bagunça, que atrapalha, e a parceria na realização dos trabalhos acadêmicos que estimula o envolvimento com a aprendizagem.

“E tem uma coisa que é muito importante que eu não tô falando, que é a postura dos alunos. Faz muita diferença também. Porque... eu acho que os alunos da minha escola, não todos, mas as pessoas se envolviam bastante. Claro, sempre tem quem estuda menos, mas lá todo mundo tava ali,

participava, se interessava, alguns não, mas a maioria sim. Aprendiam, sabiam o que estava sendo dito.”

“Não todos, mas vários. Eu tinha muita coisa dessa parceria, assim. Gente com quem eu me dava muito bem para trabalhar academicamente...”

“(...) Não sei, a mim não atrapalhava ele (colega) dormir, mas se ele fazia muita bagunça, ficava causando muito nas aulas às vezes atrapalhava, sabe.”

“(...) a postura dos alunos (da escola) era diferente.”

“(...) Eu vejo uma postura diferente, vejo. Mas às vezes vejo alunos que estudaram em outras escolas e que têm uma postura bem mais desenvolvida. (...) Então é relativo. Eu sinto que esses alunos que estudaram nessas escolas mais assim, que eles têm uma postura diferente, mas ao mesmo tempo, não necessariamente. Alguns não estão nem aí com nada e alguns que estudaram em outras escolas, estão. Claro que vai um pouco da sua educação em casa, das suas experiências, da sua vida fora da escola.”

“(...) Não sei se é só passividade ou também insegurança de se colocar e achar que não sabe.”

“acho que varia mais de aluno para aluno. Porque até aí eu me sentia muito segura no meu ano (na faculdade) e na escola me sentia até mais.”

“Ah, eu acho que tinha um incentivo da gente participar, a gente tinha um espaço grande de ser escutado, de falar o que a gente gosta, o que não gosta, dizer o que está legal e o que não tá. E talvez pelas aulas serem interessante também, e aí as pessoas acabam se envolvendo mais, e não sei, desde pequena é uma formação que busca que a gente se coloque, que fale o que gosta o que não gosta, que fale o que é importante. Não sei, aqui na PUC as pessoas talvez até por

virem de escolas que nunca teve isso continuam achando que a aula é para sentar, escutar, sair.”

“nossa que legal teve este texto, vamos discutir. (...) de chegar e falar ‘nossa, vamos fazer esse trabalho’, de confiar ‘olha, eu faço essa parte e você faz essa’. (...) eu confiava assim, tipo você vai fazer isso.”

“Todo mundo se empenhava para fazer uma coisa legal, assim. Os trabalhos eram bons. (...) Eu tinha muita coisa dessa parceria, assim, gente com quem eu me dava muito bem para trabalhar academicamente.”

“Ah, tinha gente também que viajava, sempre tem. Mas participavam, estudavam, alguns mais, outros menos, algumas aulas que te interessam mais.”

“Tinha o aprender que a escola sempre incentivou”

“Tinha um pouco (bagunça), tinha às vezes, mas não era uma coisa assim. Eu também conversava, tinha essa coisa de passar bilhete.”

“(Brincadeira em sala de aula) Não era tão forte assim, em geral eu achava engraçado. Porque eram coisas que não atrapalhavam.”

“bagunça (na escola) era pouca. (...), mas tinha gracinha, às vezes cansava. Tinha conversa, mas nada assim que atrapalhasse, era uma coisa ou outra.”

“Tinha a coisa de transgredir, mais os meninos, tipo de provocar, de contestar, mas os professores eram muito contestadores.”

“eu fiz minha iniciação científica em educação, então eu ia em escola pública, até considerada uma das melhores de São Paulo, e era tipo o caos a aula, metade da classe na sétima série não sabia ler e escrever. Quando tinha aula, ninguém

escutava, era o caos, o caos, o caos. Lá (na escola onde Joana estudou) *não era assim. Nessa escola as aulas que eu assisti eram muito ruins*, eu falava ‘gente, nessa época a gente tinha isso’, a gente fazia muita coisa e na escola pública **eu pensava ‘gente, como eles vão gostar disso?’ A aula é chata, o professor coloca um monte de coisa na lousa e não fala nada e as pessoas copiam. Meu, a aula é isso? Era muito diferente das aulas que eu tive.”**

“O caos. Assisti em várias, na quinta, na sexta, e era tudo uma m., m. é pouco, eu saía mal, eu saía muito frustrada (...) **Era muito a postura dos professores** eu acho, né. **Era muito ruim.** E alunos que desde pequeno nunca foram incentivados, né. É muito aversivo para eles ter aula. Nesse ano tenho um paciente que não sabe ler nem escrever, ele tá na quarta série, tá com dez anos e não sabe ler nem escrever. **Ele se sente super mal com isso, se sente muito burro.** Essas são questões que até nem acho que são só da escola, tem muita coisa, mas **ele tem dez anos e não gosta de ir para escola.** Tem mais nove na classe dele que também não sabem ler e escrever, então tem alguma coisa errada, sabe.”

“é uma pena que eles (os alunos da escola onde fez estágio) **não tenham tido as aulas que eu tive, porque aí fica sem sentido mesmo, você não vai querer estudar.”**

Na escola onde Joana estudou, a maior parte dos alunos se interessava pelos conteúdos ensinados, fazia bons trabalhos e estava envolvida com a aprendizagem. Também faziam gracinhas, conversavam, “*mas nada que atrapalhasse*” a aula, mencionou Joana.

Para Joana, a postura diferenciada dos alunos de sua escola, que seriam mais participativos e comprometidos com as questões acadêmicas, se explicaria por questões relacionadas à qualidade das aulas e à postura da escola e dos professores, e também por experiências externas à escola, como a educação familiar. A postura do aluno, portanto, não é determinada apenas por suas experiências escolares, mas elas são importantes.

Com relação à postura da escola e dos professores, mencionou que, na escola onde estudou, os alunos eram incentivados a participar das aulas, a se colocar. Essa postura da escola, aberta a ouvir os alunos, propiciava a eles que se sentissem seguros para se colocar, pois não teria receio de não estar certo. Além disso, destaca a importância das aulas interessantes, e do “*aprender que a escola sempre incentivou*”, para que o aluno queira ir à escola e se envolva com a aprendizagem dos conteúdos ensinados. É interessante notar que estes dois aspectos apontam para a existência de um ambiente organizado em torno da construção do conhecimento e revelam o compromisso da escola com a aprendizagem do aluno.

Quanto à bagunça, na escola onde Joana estudou, significava conversar, passar bilhete, coisas que não atrapalhavam a aula, muito diferente do que viu quando fez estágio. É interessante notar a relação que Joana estabelece entre a qualidade das aulas e a bagunça. Sugere que na escola onde estudou não havia razão para esse tipo de comportamento, por isso a postura dos alunos era diferente. As aulas eram interessantes, os professores incentivavam os alunos a participar, os alunos eram escutados e incentivados a aprender.

Este núcleo revela que, para Joana, a postura dos alunos se explica em grande medida por fatores internos à escola, mas não só por eles.

NÚCLEO III

Joana aluna: “***Tenho um comprometimento com o aprender.***”

Este núcleo traz falas que nos ajudam a entender o envolvimento de Joana com as questões acadêmicas e seu processo de escolarização.

“(…) ***quando eu entrei na escola eu ia muito mal. Aprendi a ler e escrever normal. Mas na primeira série, nessa época eu ia muito mal. Eu lembro que era muito difícil para mim os***

conteúdos, então isso era difícil para mim. A recuperação eles chamavam de 'grudi' nessa época, e eu sempre ficava de 'grudi', era horrível, assim. Eu lembro que eu tinha dificuldade com português e matemática, não conseguia aprender tipo 100, 200, 300. **Eu lembro o dia que a minha mãe me ensinou isso.**"

"(...) eu não conseguia entender. **Então no começo eu ia muito mal, era difícil, eu me sentia meio burra, tal, na escola. Depois eu comecei a ir muito bem e aí foi o oposto assim.**"

"**foi uma mudança**, assim. Lembro que eu tirava notas baixas em algumas matérias, na primeira série, tal e depois, aí, de repente, não sei se foi de repente, mas não consigo lembrar o que foi. Mas eu lembro de quando eu tava na quarta série, aí eu já ia bem assim. Na primeira eu ia mal."

"E às vezes as aulas mesmo, era cansativo, preguiça de estudar, preguiça de... fazer outra coisa, acho que isso é normal."

"Talvez mais por ser rígida comigo mesma. **Tenho um comprometimento com o aprender, mas são aí questões minhas.**"

"Talvez assim, um futuro de... opção."

"A minha mãe não ia (deixar eu ficar dormindo), mas **antes da minha mãe, eu não ia me deixar dormindo, nem precisava entrar a minha mãe para isso.**"

"Então, eu tô pensando nisso (de onde vem esse eu que não deixa dormindo). Mas é que acho que isso de ser muito rígida comigo, tipo **eu não posso faltar, eu preciso ser a melhor aluna, preciso ir bem, preciso aprender, preciso saber tudo.**"

"Não é (ser) melhor aluna em termos dos outros, mas era para mim mesma, **preciso ser melhor que eu mesma sempre.** Acho que tem um pouco de...**eu acho que eu me escondia um pouco no acadêmico para me afirmar, sabe. Tipo, sou tão insegura**

*em tantas outras coisas mas nessa área eu me banco, me garanto. Com as relações, com os amigos, bambambam, eu me sinto insegura mas aqui eu sei, sabe. Então tinha um pouco isso, e de ser rígida mesmo, eu preciso aprender tudo, saber tudo que o professor falou. Eu vou saber até mais do que precisa, então na aula de biologia eu vou saber que são quatro hemoglobinas em cada célula, não precisava desse detalhe. **Tinha o aprender que a escola sempre incentivou, mas tinha uma coisa que era até sofrido.** Eu passava noite, virava noite às vezes fazendo trabalho, para ficar o trabalho mais assim que pudesse. Tomava café, pó de guaraná. **E não acho que a escola tava fazendo isso, era eu mesma, por ser rígida comigo mesma.** Ser a melhor naquilo que eu estou fazendo, não com relação aos outros, **mas tudo o que eu puder dar de mim eu vou dar naquilo.** Tipo inglês, que era uma matéria que eu não ia bem, era super sofrido.”*

“Os dois (estudava para ir bem na escola e pelo o vestibular).”

“Mais no final assim (pensava no futuro), tipo ‘nossa preciso ser um profissional bom, me garantir, ganhar meu dinheiro, fazer uma coisa que eu gosto’.”

“Pensava também que tinha que estudar para passar no vestibular.”

“eu estudei muito por mim mesma.”

De onde vieram essa cobrança e essa preocupação com os conteúdos escolares?

*“**Talvez da própria escola, não sei. A cobrança talvez vá longe assim nas minhas questões comigo mesma.** Eu não sei de onde vem. Ninguém falava nada porque não precisava falar.”*

*“acho que a maioria (prestou vestibular), mas nem todo mundo. É muito isso, **tem uma pressão em escola particular, acho que***

isso é geral no nosso meio que você tem que fazer faculdade.”

Joana se lembra de ter tido dificuldade em português e matemática quando estava na primeira série. Contou que se sentia burra e que isso era sofrido. Depois mudou, começou a ir muito bem. Não lembra a razão da mudança, mas mencionou que sua mãe a ajudou a superar essas dificuldades iniciais.

Reconheceu que a escola incentivava a aprendizagem dos alunos, mas havia também a sua cobrança pessoal, e o fato de se sentir insegura nas relações com os colegas e, por isso, se dedicar ao estudo como forma de se inserir na escola.

Joana atribui o seu comprometimento com a escola ora a uma característica sua, de querer saber e aprender, ora à escola que incentiva a aprendizagem dos alunos. Percebe que não havia uma causa única que determinasse e explicasse o seu comprometimento com a escola. Tanto aspectos relacionados à escola quanto fatores extra-escolares, relacionados à sua singularidade, contribuíam para esse comprometimento.

NÚCLEO IV

Relação interpessoal com os colegas: ***“O que você é fica escondido atrás do que você precisa ser.” “Eu gostava (de ir para a escola), mas é que era sofrido por essa parte das relações.”***

A relação interpessoal com os colegas foi outro aspecto importante da experiência escolar de Joana. Neste núcleo, agrupamos as falas que nos ajudaram a entender essas relações e a maneira como a escola lidou com elas.

“Aí tem a parte dos amigos, não sei se isso conta também.”

“Sair com as minhas amigas, ficar no intervalo com elas, as festas, as coisas, acho que isso era legal também. Foi uma época importante, mas é uma época difícil, também, essa da

escola porque a relação tem muita questão, muita fofoca, muita briga, muita coisa.”

“(No fundamental I) o que **eu lembro mais** não são das aulas, mas **dessa coisa das brigas, das intrigas, de ser amiga, depois você briga, você fala mal**. Dos meninos, de brigar, é isso que eu lembro. Aí da quinta à oitava, aí tem isso e um pouco mais os conteúdos também.”

“(Brigavam) **por uma bobagem, você é legal, você não é**. Aí, ninguém fala com você.”

“eu acho que **tinha muito essa coisa dos rótulos na escola entre os alunos** mesmo. Tipo, eu era a **aluna certinha**. Eu não era só isso, mas **você é certinha então acabou, você é isso assim**.”

“**O que você é fica escondido atrás do que você precisa ser**. Então eles (os colegas) eram, ah, nós somos legais.”

“Então, eu caí nessa classe que eu me sentia muito reprimida. Academicamente não, mas **eu me sentia muito reprimida como pessoa, de não poder ser eu mesma porque se eu falo que gosto de, sei lá, fazer tal coisa, eu não sou legal mais**. Então, eu ficava muito no limite assim, **de fazer parte pela borda desse grupo dos mais legais**. Porque não era totalmente fora, mas eu não era totalmente dentro porque eu gostava de fazer outras coisas também com outras pessoas, então eu não me sentia de lugar nenhum. Tipo eu tinha uma amiga, minha melhor amiga, a gente era grudada, que também era assim, **a gente meio que ficava no limbo** assim, porque você não é nem daqui totalmente, nem daqui e era separado, bem maniqueísta assim, você é daqui ou você é daqui e isso eu acho bem ruim, assim. **E eu acho que a escola trabalha pouco isso**.”

“Formaram novas painéis e aí painéis muito fortes na minha classe.”

“era uma rixa assim a aula. Eu falava com o outro grupo, mas tinha gente, amigos meus, que não falavam. Então era muito chato. Eu acho que a escola não soube trabalhar isso.”

“ao longo dos anos foi meio que perdendo essa coisa da panela, mas eu acho que ainda tinha, talvez perdendo porque eu fiquei mais no meio do que eu era no começo, e essa minha amiga a gente se dava muito bem academicamente.”

“Agora vou falar de uma parte afetiva, porque eu tinham essa minha melhor amiga, que ela foi por cinco anos minha melhor amiga. E aí a gente brigou quando acabou a escola e eu esqueci muita coisa assim. Porque muita coisa passava por ela e eu esqueci tudo... Quando acabou o ensino médio, quando eu entrei na faculdade, a gente brigou feio, assim, e aí eu esqueci muita coisa, (...) eu reprimi muita coisa assim dessa época.”

“As piores lembranças são os rótulos, assim. Você é isso, você é isso, e se eu não sou isso, não posso estar nem aqui, nem aqui, então... de não pertencer a lugar nenhum assim. Acho que eu pude me encontrar bem mais depois que eu terminei a escola, pude ter espaço para ser o que eu queria. Aí eu até pude ter mais a ver com os alternativos em algumas coisas. Mas antes eu não conseguia porque eu não conseguia nem saber do que eu gostava, eu tinha que gostar das coisas. (...) aí era pesado essa coisa da identidade. Eu não conseguia me achar, saber o que eu gostava porque eu tinha que gostar das coisas...”

“tinha muito essa coisa dos rótulos na escola.”

“Tinha uma época que era difícil, eu odiava ir na escola.”

“Eu gostava (de ir para a escola), mas é que era sofrido por essa parte das relações.”

“Gostava... Mas eu sofria. E às vezes não, era alegre.”

“É engraçado que eu comecei falando bem e agora... Mas é importante, porque é isso, é assim. Então foi sofrido para mim, foi bom e sofrido, bem polarizado. Nossa assisti o filme tal, a aula tal, legal e não sei quê. Saí com os meus amigos, que legal e ao mesmo tempo que difícil porque eu não pertencço nem à aqui, nem à aqui. Que que eu sou? Não sou tanto desse jeito que gosta de fazer essas coisas, mas também não sou desse que não gosta de não sei quê.... então eu fiquei bem perdida.”

“Acho que é (próprio dessa fase), mas acho que talvez fique muito polarizado, a escola trabalhe pouco com isso.”

“De quinta à oitava série a questão do estigma... eu acho que era menos, a gente era menor, não tinha tanto essas coisas da identidade tão forte; no ensino médio que eu acho que foi um boom assim.”

“No fundamental I, eu era mais gordinha, então eu sofria por isso. Eu era a gordinha. Sempre tinha isso, cada um, todo mundo tinha um problema, entendeu. Então, ‘ah seu cabelo é assim, então você é isso’, você tem o nariz assim, então estigmatizava por isso. Então tinha muito isso, mas era meio que com todo mundo.”

“(...) depois eu emagreci, isso era tipo pré e eu era bem gordinha, aí era chato. E eu era tímida também na escola, bem mais do que eu sou hoje em dia, então era mais difícil assim. Quem é quietinha, fica mais na sua, é mais zoadado. Mas isso quando eu era menor. Depois me enchiam o saco por eu estudar. Primeiro porque eu era gordinha, depois porque era quietinha, depois porque eu era certinha, eu mesma tô me rotulando agora. Mas todo mundo tinha uma coisa, era muito cruel, assim. Ainda mais quando a gente era menor, assim. Você é isso, você é aquilo, todo mundo era. Mas era mais de criança, depois eu sinto que era mais pesado, é pesado quando é pequeno também. Criança acho que é muito cruel umas com

as outras, elas pegam no pé, assim. É que no Ensino Médio, eu lembro mais porque é mais recente mesmo.”

“E tinha o aluno que zoava todo mundo, ele era menos zoadô..”

“tinha um menino que até era amigo deles e eles chamavam ele de sapo, zoavam muito ele, talvez demais sabe, sei lá acho que ele se cansava. Sei lá, imagina ter uma história em quadrinho de você sendo um sapo, sendo que você não gosta de ser chamado de sapo.”

“Acho que a escola nesse sentido mediava pouco. Isso eu lembro muito do colegial. Tem muitas questões assim que eu acho que essas escolas, talvez, supostamente mais alternativas, deixam a desejar. Tem essa coisa, você é legal, você vai para X, você escuta Y, você é legal. Se você não fuma, gosta de outro tipo de música, você não sei quê, (...) você não é legal. Então, eu acho que tem muito disso, assim. Que começa nessa época da quinta à oitava série. (...) Então discriminam. Aí todo mundo vai na festa de não sei quem, aí só os mais legais vão na festa. E aí você tá aqui, de repente não tá mais, você briga, fica amigo. Então acho que isso é difícil, assim.”

“Acho que ela (escola), vou tá falando de agora, o que eu penso agora, na época eu não sei, mas eu acho que ela poderia mediar mais, assim. Claro que tem um nível que você não pode mexer, mas faz falta um pouco porque fica meio pesado o ambiente nesse sentido. Tipo o ensino médio eu senti muito pesado, era muito difícil.”

“Eu lembro só do coordenador (que) era muito próximo, e alguns professores criticavam que ele era tão próximo. Eu lembro assim que no final do terceiro ano eu ia todo dia chorar na sala dele e todo mundo ia falar da vida. Acho que ele falava demais. Eu lembro que uma vez ele chamou a minha mãe, aí a gente ia conversar e ele falava que estava muito orgulhoso da Joana

porque ela não precisa ficar ... e não sei quê para aguentar essa fase que é difícil e tal. Eu lembro só disso assim."

"Faltava um pouco talvez da coordenação também perceber que essa mediação precisava ser feita, não sei se era tanto problema dos professores. Acho que era mais da coordenação a mediação que faltou."

"(...) tem um perfil que supostamente é da escola, então eles não ajudam a ter a diferença. Você sai da escola, você conhece gente aqui na PUC, por exemplo, que é muito diferente, que a escola nunca trabalhou, porque você tem um perfil de aluno na escola, então acho isso ruim."

"Acho que se academicamente tem coisas interessantes, por outro lado a parte afetiva da escola deixa a desejar. Não sei como está agora, mas deixa muito a desejar porque eles criam uma dependência, a escola fica como se fosse uma mãe para gente então você cria uma relação de amor e ódio com a escola. A gente fica muitas horas lá, então a escola é muito a sua vida, muito. Eu acho que eles criam essa relação com a gente, a gente cria com eles, enfim. De ser muito dependente, de não resolver muito essa coisa do relacionamento e os professores são muito próximos, então, não sei, tem muito essas coisa dos queridinhos dos professores, é muito pequeno, então acaba se aproximando muito de alguns alunos"

Este núcleo revela a importância e a dificuldade das relações interpessoais entre os alunos. Mostra também a relevância da presença da escola mediando essas relações. Para Joana, a escola deveria ter interferido mais, ter ficado mais atenta às relações entre os alunos, pois este é um aspecto complexo e difícil da experiência escolar. Destaca que as relações entre os alunos, não sendo objeto de acompanhamento e atenção da escola, acabam permitindo que os rótulos sejam aplicados.

Questões relacionadas à aprendizagem dos conteúdos formais, ao pertencimento ao grupo e à identidade do aluno, estão presentes na vida escolar, e a escola deve estar atenta a eles.

Vários aspectos se integram na escola: ensinar conteúdo formal, ensinar a ser crítica e ensinar a relacionar-se. Joana vai compondo um sentido para a escola onde estes aspectos estão presentes e compõem a função da escola. Em sua opinião, a escola deixou a desejar neste último ponto, apesar da sua relevância para o aluno.

NÚCLEO V

Relação com os professores: **“tinha muito isso dos preferidos, os queridinhos e a ovelha negra, a laranja podre”**

“os professores são muito próximos, então, não sei, tem muito essa coisa dos queridinhos dos professores.”

“talvez tenha um desequilíbrio, não de todos os professores, da relação que eles tinham com os alunos, de alguns alunos serem muito próximos e outros não.”

“ela (escola) forma alunos arrogantes em sua maioria, que acham que eu estudei aqui, então eu sou mais legal. Dentro da escola também, quem é mais legal, quem não é. Os professores talvez também ajudem nisso, né. Se tem alguns professores que só escutam os alunos que supostamente vêm de um lugar. Os alunos nobres, os alunos não nobres, acho ridículo, assim. Então tem esse lado.”

“(a proximidade dos professores com os alunos) eu achava um dos grandes diferenciais da escola, só que eu acho que tem que tomar cuidado para você não acabar priorizando alguns alunos. Acho legal ser próximo, mas talvez com limites para não perder o foco.”

“num nível ela é legal, a aproximação, porque ela captura, porque a gente se envolve e fica mais descontraído e tal, mas num outro nível acaba perdendo talvez o respeito pela aula. Tipo, esse professor gosta de mim, posso fazer qualquer coisa que tá tudo bem, sabe (...). E atrapalha a aula.”

“ser muito próximo dos professores em alguns momentos é bom, em outros se perde o limite.”

“Em geral acho bom (proximidade com o professor).”

“Acho que é legal porque quebra essa concepção do professor num lugar de superioridade. Mas acho que é um outro lugar,

*tem que ser, mas não superior e aí acho que às vezes essa linha é tênue, tipo de ser um outro lugar mas de não ser igual, é igual e diferente, não pode ser só igual. Mas não eram todos os professores assim, o professor de química era 'oh, eu tô aqui o meu limite é esse'. **Não era sempre assim, talvez eram poucos, mas é que me marcou.** Na época você acha que é grande, mas é muito novo. E você acha que sabe tudo. **Em geral é bom a proximidade, talvez só a questão de passar dos limites e de priorizar alguns alunos, aí eu acho que isso não é legal.** Aí não sei nem se é uma questão de proximidade ou não, mas ter que **priorizar alguns alunos porque eles vão melhor, porque tipo você já espera deles isso e dos outros que já tem esse rótulo de que você vai sempre bem e os outros sempre mal,** acho que isso não é legal. E isso independe de ser próximo ou não. Porque é muito pequeno, então **você já sabe o que esperar de cada um.**"*

*"Poucos (professores priorizavam) por fazer parte de um determinado grupo, mas aconteceu e acho isso chato. Eu não sei, essa arrogância, as pessoas saem arrogantes. **Comigo eles** (professores) **não eram arrogantes, mas eles eram com o meu colega do lado,** assim, então o que adianta."*

*"(...) **eu sinto que os professores discriminavam eles um pouco.** (...) Eu sinto que os professores não contribuía muito pra aceitarem eles, sabe. 'É o C. mesmo, é o Z. mesmo'."*

*"**tinha muito isso dos preferidos, os queridinhos e a ovelha negra, a laranja podre, como uma professora disse.**"*

*"a postura (dos professores) acho que é bem parecida na escola inteira de quinta ao final. **Acho legal o professor ser presente, é importante para mim. É que sempre eu fui aluna que, assim, estudava e tal. Então para mim sempre foi boa a relação com todos os professores.** Mas olhando pros outros alunos eu não acho que era justo sempre, então eu acho que isso era complicado, assim. Comigo era tudo bem, porque era bem*

mesmo. Então “ah, a Joana é legal”, os professores tipo “a Joana vai bem, a Joana não é um problema”.

“Me sentia (valorizada pelos professores), mas eu não acho que eles valorizavam todos os alunos. Valorizavam bastante também, mas é que alguns tinham essa coisa de estigmatizar os outros alunos, alguns.”

Fica evidente que, para Joana, o professor foi uma referência importante. Joana coloca a questão da proximidade entre alunos e professores. Pondera que ela ajuda o aluno a se envolver com a escola, mas também dá margem a um mal-estar entre os alunos por se sentirem preteridos.

Joana menciona a questão do tratamento desigual dispensado a alguns alunos. Para ela, os professores eram muito bons, competentes, ensinavam bem, mas priorizavam alguns alunos e estigmatizavam outros que não correspondiam ao perfil da escola ou não eram bons alunos. Para ela, os alunos protegidos se tornavam arrogantes. Os alunos preteridos e rotulados como maus alunos tinham dificuldade de superar esta condição.

O tratamento diferenciado que prioriza alguns e estigmatiza outros alunos marcou a experiência escolar de Joana, e evidencia a relevância da figura do professor para os alunos. A fala de Joana evidencia a importância das expectativas do professor em relação ao aluno, evidencia que os processos de avaliação informal têm efeito sobre o aluno.

É interessante notar que, segundo menciona, esse era o comportamento de alguns professores, não de todos, mas marcou a sua experiência escolar. Fica claro que o professor é uma referência importante para o aluno e que a relação interpessoal entre professor e aluno foi um aspecto relevante/marcante na experiência escolar de Joana.

Para Joana as questões afetivas e relacionais não receberam da escola a atenção e o cuidado necessários. A escola aos poucos surge como um lugar preocupado com o ensino e o

conhecimento, deixando de lado os aspectos afetivos/subjetivos que compõem este processo. Desta forma, algumas experiências negativas ou que provocaram sofrimento vão surgindo na fala de Joana.

NÚCLEO VI

A família: **“A minha mãe sempre envolvida, sempre me ajudou nas questões acadêmicas”**

*“(...) quando eu entrei na escola eu ia muito mal. (...). Eu lembro que eu tinha dificuldade com português e matemática, não conseguia aprender tipo 100, 200, 300. **Eu lembro o dia que a minha mãe me ensinou isso.**”*

*“(sua mãe) Era muito próxima, mas isso todos os pais eram da escola. Eles chamavam muito, tinha reunião de pais, era próxima. **Tinha um grupo de mães que era mais envolvida e a minha mãe era assim.**”*

“Eu lembro de não querer que a minha mãe fosse nas festas da escola, essa coisa assim, sempre foi complicado.”

*“Porque era uma época que eu não aguentava, **precisava ser eu, então minha mãe estava sempre ali sabe, então era demais, era excessivo, sufocava.** Até hoje, às vezes sufoca um pouco. Não, **eu sinto que em termos da escola ela ajudava,** de estudar que **ela nunca me cobrou, eu sempre fiz as coisas meio por mim.** Até porque acho que **em casa era um ambiente que eu tinha espaço para fazer o que eu queria, então eu ia bem por mim mesma.** Então, nunca tipo, mostra suas notas para mim.”*

“Minha mãe fez Sociais, mas lá no RS, depois ela fez mestrado na USP.”

“A minha mãe sempre envolvida, sempre me ajudou nas questões acadêmicas, mas me incomodava ela ser presente

demais na minha vida em geral. Mas em termos da escola não atrapalhava.”

“minha avó também estudou assim, era mais assim.”

“(o padrasto) dava aula de física, ele era físico, dava aula (...) era tudo desse meio intelectual.”

Joana supera sua dificuldade de aprendizagem inicial com a ajuda de sua mãe. Sua mãe também sempre esteve envolvida e a ajudou com as questões acadêmicas. Além disso, havia uma grande proximidade ideológica e acadêmica entre o seu ambiente familiar e escolar.

Fica evidente, portanto, que a sua família valorizava a escola e a aprendizagem escolar. Esta era a sua referência familiar, e foi para ela um fator que contribuiu para o seu envolvimento com a escola e com a aprendizagem formal.

SÍNTESE

Para Joana a escola está significada como lugar importante para a sua formação como pessoa. Os conteúdos e as relações estabelecidas na escola estão postos como ferramentas fundamentais para isto. Em sua fala, fica evidente a importância dos conteúdos aprendidos na escola para a constituição da sua identidade, para a sua formação pessoal.

As relações interpessoais também foram importantes, mas estão marcadas por situações desagradáveis. Joana tem recordações de experiências desagradáveis, que se referem às relações com os amigos e professores. Para Joana, as relações interpessoais eram difíceis e poderiam ter sido encaminhadas de outra forma pela escola. Mencionou as rotulações nas quais Joana não se enquadrava. Sentia-se incomodada, também, quando percebia por parte dos professores a preferência por um perfil determinado de aluno.

Assim, escola foi importante pelas aprendizagens acadêmicas, mais fáceis para ela, e, também, pelas relações interpessoais, aspecto mais difícil de sua experiência escolar, mas não menos relevante, como ficou claro em sua narrativa. Joana se forma como pessoa não só ao se apropriar do conhecimento produzido, mas também ao se relacionar com os colegas e professores. Assim, repertório escolar e formação pessoal se integram no sentido constituído por Joana.

CAPÍTULO V

SOBRE A CONSTRUÇÃO DA EXPERIÊNCIA ESCOLAR

No capítulo anterior, procuramos nos aproximar dos sentidos da experiência escolar para os entrevistados. Neste capítulo, buscamos compreender alguns dos aspectos da experiência escolar significativos para os sujeitos de pesquisa e para a compreensão da relação do aluno com a escola e com a aprendizagem escolar, caminhando para as conclusões que a pesquisa permitiu. Nosso olhar está voltado, portanto, para a compreensão da escola e dos aspectos importantes no processo de aprendizagem. Buscamos contribuir enfatizando aspectos que compõem a dimensão subjetiva do processo de escolarização. Acreditamos que dar visibilidade às relações do sujeito com a aprendizagem escolar e às relações interpessoais vividas e no processo, com os colegas e adultos da escola, é uma maneira de compreender a experiência incluindo aspectos do sujeito que é ativo e construtor da realidade escolar.

A escola, apesar de existir para tornar acessível o conhecimento acumulado pelas gerações precedentes, não se restringe ao âmbito cognitivo, pois a dimensão da afetividade está sempre presente. A escola é composta por sujeitos que são, a um só tempo, afetivos e cognitivos. Não se pode, portanto, compreender/estudar a escola e a experiência escolar de seus alunos restringindo-se ao âmbito cognitivo. O sujeito é uma totalidade em que aspectos cognitivos e afetivos se integram. Dar visibilidade à dimensão subjetiva é permitir que estes aspectos estejam analisados na relação que mantêm entre si.

Da relação com o saber escolar

Como vimos com Charlot (2000), a relação com o saber é uma relação com o aprender. Para compreender a aprendizagem, devemos considerar que ela acontece na relação com o ensino, em um processo do qual participam sujeitos em interação. Além disto, vários outros elementos estão presentes neste processo, como os conteúdos ensinados, os métodos de ensino e o ambiente físico e social da escola. A relação com o saber, portanto, é uma relação complexa na qual estão presentes diversos elementos.

A relação ensino-aprendizagem, portanto, é um espaço de intersubjetividade e quando falamos na presença de sujeitos estamos nos referindo à dimensão subjetiva presente neste processo.

A escola, em nossa sociedade, é a instituição encarregada do ensino sistematizado de alguns conhecimentos construídos historicamente pelo homem e considerados necessários, ou importantes, à vida em sociedade.

Como ensina Rego,

A escola propicia às crianças um conhecimento sistemático sobre aspectos que não estão associados ao seu campo de visão ou de vivência direta (como no caso dos conceitos espontâneos). *Possibilita que o indivíduo tenha acesso ao conhecimento científico construído e acumulado pela humanidade.* (2007, p. 79, grifo do autor)

Vygotsky (2007), por sua vez, verificou que “aprendizado e desenvolvimento estão inter-relacionados desde o primeiro dia da vida da criança” (2007, p. 95). Toda aprendizagem, portanto, não só a escolar, implica desenvolvimento do ser humano, implica a construção de si mesmo.

Apesar disso, a aprendizagem dos conteúdos acadêmicos só foi reconhecida como um aspecto central da experiência escolar por Danilo e Joana. Sandro e Ângela, ao contrário, afirmaram que a aprendizagem dos conteúdos acadêmicos não havia sido uma marca importante deixada pela escola. Como afirmou Sandro, a escola “nunca teve o sentido de construir conhecimento”.

Como entender esta diferença? Que aspectos da experiência escolar poderiam ajudar a entender esses diferentes sentidos?

Um desses aspectos se refere às atividades pedagógicas propostas aos alunos pela escola. Na fala de Danilo e Joana, foram inúmeras as referências à qualidade das aulas, dos professores, dos textos e dos projetos desenvolvidos na escola. Como Joana mencionou, “os textos que eles (professores) passavam eram muito bons e as aulas eram muito bem estruturadas”.

Também é bastante ilustrativa, da relação entre o ensino e o envolvimento do aluno com a aprendizagem escolar, a fala de Joana comparando a escola onde estudou à escola pública onde fez estágio: “Nessa escola (onde fez estágio) as aulas (...) eram muito ruins. Eu pensava: ‘gente como eles vão gostar disso, a aula é chata, o professor coloca um monte de coisa na lousa e não fala nada, e as pessoas copiam’. Era muito diferente das aulas que eu tive. É uma pena

que eles não tenham tido as aulas que eu tive, porque aí fica sem sentido mesmo, você não vai querer estudar”.

Sandro e Ângela, ao contrário, mencionaram aulas ruins e pouco interessantes. Fica evidente, portanto, a importância das práticas pedagógicas no processo de aprendizagem. A esta mesma conclusão chegaram Tacca e González Rey quando afirmam que repousam na atuação do professor “e nas formas com que organiza as relações na sala de aula muitas das possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos” (2008, p. 145).

A qualidade das práticas pedagógicas revela, por sua vez, o grau de comprometimento da escola e dos professores com a aprendizagem dos alunos. Outro elemento da experiência escolar que se mostrou importante na construção da relação com o saber e na constituição de sentidos sobre estas experiências.

Danilo e Joana se referiram ao compromisso da escola com a aprendizagem de seus alunos e destacaram que isso foi importante para o seu envolvimento com as questões acadêmicas. O compromisso com a aprendizagem também fica patente quando mencionam a motivação dos professores, seu preparo teórico, o estímulo aos alunos, a proximidade e o diálogo.

Como Joana destacou, *“eles (os professores) tinham vontade de dar aula”*. Além disso, destaca, *“Tinha o aprender que a escola sempre incentivou”*. Para Sandro e Ângela, no entanto, seus professores pareciam desmotivados e pouco envolvidos com a aprendizagem dos alunos. Alguns professores eram ruins, outros eram razoáveis, mas faltavam demais.

Estes são aspectos que evidenciam o compromisso da escola e dos professores com a aprendizagem dos alunos compõem um ambiente escolar voltado para a aprendizagem. A fala desses alunos revela a importância desse compromisso e do ambiente coletivo na sua postura como aluno, na construção da sua relação com a aprendizagem. Assim, além da dimensão diretamente didática, das práticas escolares, e junto com elas, fica clara a importância de aspectos subjetivos que revelam interesse e compromisso da escola com a aprendizagem do aluno.

Mitjáns Martínez nos ajuda a compreender a importância do compromisso com a aprendizagem e do ambiente escolar voltado para a aprendizagem, quando menciona a relação entre subjetividade social e individual:

As subjetividades social e individual constituem-se mutuamente. Não é possível considerar a subjetividade de um espaço social desvinculada da subjetividade dos indivíduos que a constituem; do mesmo modo, não é possível compreender a constituição da subjetividade individual sem considerar a subjetividade dos espaços sociais que contribuem para a sua produção. (In González Rey, 2005, p. 20)

Este compromisso com a aprendizagem, no entanto, não foi percebido por Ângela e Sandro nas escolas em que estudaram. Eles conheceram professores com essas características apenas no cursinho. Para Ângela, seus professores pareciam desmotivados e pouco preocupados com a aprendizagem dos alunos. Para Sandro, de modo geral, seus professores eram despreparados, muito rígidos na forma de ensinar, desconsiderando os diferentes processos de aprendizagem dos alunos, o que dificultava a aprendizagem

As atividades e práticas escolares são elementos importantes na construção dos sentidos subjetivos. Sandro afirmou que não percebia na escola um ambiente voltado para o estudo. Sentiu isso apenas quando fez teatro, este sim *“um ambiente um pouco mais estimulado para estudar”*, importante na sua maneira de perceber e se relacionar com o estudo. Como vimos, o envolvimento de Sandro com o saber escolar se deve pouco à escola. Para ele e Ângela, ficam claros o quanto não aprenderam na escola e a importância do cursinho na aprendizagem dos conteúdos escolares. Como afirma Ângela, *“quando eu entrei no cursinho eu tava aprendendo as coisas (...) Comecei a aprender muitas coisas no cursinho”*.

Joana, por sua vez, mencionou a relevância de algumas aprendizagens possibilitadas pela escola. Destacou, também, que na escola onde estudou percebia que os alunos, de modo geral, participavam ativamente das aulas e atividades propostas pela escola, o que também sugere/aponta para um ambiente voltado para a aprendizagem.

Fica evidente, portanto, a relevância das práticas pedagógicas desenvolvidas na escola para o envolvimento do aluno com o saber escolar. Como lembra Charlot, “a constituição do eu epistêmico não é somente uma condição da

situação didática, é também um de seus efeitos” (2005, p. 44). A escola deve considerar que o eu epistêmico não é dado, se constitui nas atividades/práticas pedagógicas implementadas pela escola.

No que se refere ao professor, cabe destacar ainda a qualidade dos vínculos estabelecidos com os alunos. Danilo e Joana, por exemplo, deixam claro que a relação com os professores compunha um cenário de confiança e compromisso com a aprendizagem. No caso de Sandro e Ângela, a relação com os professores era distante, algumas vezes hostil e sempre marcada pela ausência de compromisso com a aprendizagem. Professor e aluno não constroem uma relação professor-aluno no processo de aprendizagem. Isso ficou claro quando Ângela menciona uma professora que fazia o que os alunos queriam mesmo que em prejuízo da aprendizagem. Com isso o sentido da escola como lugar de aprendizagem se perde.

De onde vem e como se constitui esse sentido de escola como lugar de aprendizagem? Relaciona-se a quê?

Reconhecemos que a relação do aluno com o saber não se deve apenas à escola, mas ela tem papel fundamental nesse processo, pois esse sentido, em parte, se constitui na escola, a partir das experiências escolares. Foi o que vimos com nossos sujeitos de pesquisa.

Para compreender a relação que o aluno estabelece com a escola e com o saber devemos considerar tanto os fatores intra-escolares – as experiências vivenciadas na escola, relacionadas ou não a situações de aprendizagem –, quanto os extra-escolares – relacionados às condições socioeconômicas, à família e às experiências do aluno fora do espaço escolar, pois ambos afetam direta ou indiretamente a sua vida escolar do aluno.

Como nos lembra González Rey,

Qualquer experiência humana está constituída por diversos elementos de sentido que, procedentes de diferentes esferas da experiência, determinam em sua integração o sentido subjetivo da atividade atual desenvolvida pelo sujeito. (2005a, p. 127)

Assim, o significado da escola para a família é um elemento de sentido presente na maneira como o aluno se relaciona com a escola e com o

aprendizado, bem como a sua condição socioeconômica e as experiências escolares marcadas por emoções positivas ou negativas

Para Charlot, aprender “faz sentido por referência à história do sujeito, às suas expectativas, às suas referências, à sua concepção da vida, às suas relações com os outros, à imagem que tem de si e à que quer dar de si aos outros” (2000, p. 72). Portanto, a relação com o saber não se refere apenas à experiência escolar, mas, como evidenciaram nossos sujeitos de pesquisa, também a ela. A relação do aluno com a escola é determinada pelo sentido que a escola tem para ele. Este sentido, por sua vez, tem como um de seus elementos constitutivo a experiência escolar.

Para compreender a relação de um aluno com o saber, deve-se levar em consideração a sua história, em sentido mais amplo, a sua experiência escolar e as suas expectativas e projetos de futuro organizados como sentidos subjetivos. Devemos considerar também que a situação de aprendizagem, além de ser marcada por uma multiplicidade de fatores relacionados ao aluno, ela se dá na relação ensino-aprendizagem da qual participam outros sujeitos com histórias e expectativas de vida próprias. Por isso, Charlot afirma que aprender “é sempre aprender em um momento de minha história, mas, também, em um momento de outras histórias” (2000, p. 68), explicitando que aprender envolve relações interpessoais.

O aluno está na escola com todas as suas questões, é uma unidade, na qual afeto e cognição não se dissociam. Em suas vivências, o aluno constitui sentidos que compõem a realidade escolar e que determinam a relação que estabelece com a aprendizagem. Portanto, a relação com a escola e com o saber envolve, além do aspecto epistêmico e didático, a dimensão subjetiva.

Leite (2006) nos lembra que as próprias ações pedagógicas dos docentes, tais como o planejamento do curso e das atividades a serem desenvolvidas em aula, têm um impacto sobre o aluno, não só cognitivo, mas também afetivo. Isto também ajuda a entender a relevância da postura do professor sobre o envolvimento do aluno com a escola e com o saber. Uma aula bem estruturada não só facilita a compreensão do conteúdo ensinado pelo aluno (dimensão cognitiva), mas revela respeito e consideração do professor por seu aluno e por seu processo de aprendizagem. O compromisso do professor com a aprendizagem do aluno revela que a aprendizagem é um valor importante para ele e para a escola, e que é em torno dela que devem se organizar as relações escolares,

pois é a aprendizagem a razão de ser da escola. Revela o sentido da escola para o professor.

A reciprocidade envolvida na relação professor-aluno esteve presente na fala dos nossos sujeitos. É interessante, nesse sentido, a fala de Ângela quando relaciona a postura do professor e a bagunça do aluno. Como observa Ângela, entre elas há uma relação de determinação recíproca em que uma é causa e consequência da outra. O professor se desinteressa por ensinar diante da bagunça dos alunos e estes bagunçam/conversam na aula todo o tempo porque não veem sentido nas aulas pouco interessantes dadas pelo professor desmotivado diante da bagunça dos alunos. Fica evidente a relação de reciprocidade existente entre professor e aluno. Forma-se, assim, um círculo vicioso: a escola torna-se um espaço no qual ensino e aprendizagem não são o eixo pelo qual professores e alunos se orientam. Como disse Ângela: *“um pouco como eu via as minhas aulas: pra que isso vai servir para mim? Não preciso prestar atenção nisso”*.

A bagunça também foi mencionada por outros entrevistados, seja para se referir à da sua experiência pessoal, seja para se referir ao que viu nas escolas em que estiveram como estudantes de Psicologia. Como fica claro, a bagunça se refere à postura do aluno na escola/em sala de aula e revela a maneira como o aluno participa da escola e se envolve com a construção do conhecimento. Entender o significado da bagunça para os alunos, portanto, está relacionado ao significado que a escola e a aprendizagem têm para o aluno.

Para Joana, ao contrário, a bagunça não foi um aspecto marcante de sua experiência escolar. Mencionou que havia alguma bagunça, mas era pouca e não atrapalhava a aula. A bagunça só foi mencionada em resposta a uma pergunta sobre o tema, para se referir à bagunça que presenciou quando fez estágio, caso em que estaria relacionada à péssima qualidade das aulas, corroborando a percepção de Ângela sobre a relação entre a bagunça e a falta de interesse e sentido das aulas.

Muito se tem estudado, pesquisado e publicado sobre este tema. Em geral, o termo indisciplina tem sido utilizado para fazer referência à quebra das regras especificamente criadas para a viabilização do trabalho pedagógico. Seu significado não foi sempre o mesmo, modificou-se ao longo do tempo. Inicialmente, todos os comportamentos desviantes observados no ambiente escolar eram classificados como indisciplina, independentemente do seu grau. Atualmente os pesquisadores deste tema costumam reservar o emprego do termo indisciplina aos

comportamentos que violam diretamente as regras criadas para garantir a realização do trabalho pedagógico, que de alguma forma dificultam o andamento da aula.

Quanto à sua compreensão, entretanto, nem sempre buscou-se compreender o comportamento “indisciplinado” como uma conduta que diz respeito ao sentido da escola e da aprendizagem para o aluno, que vimos que está relacionado à qualidade das aulas e à postura do professor.

A escola como lugar de relações interpessoais

A escola, além de ser espaço de aprendizagem de conteúdos acadêmicos, é também espaço de relações interpessoais com colegas e educadores. Mas esses são aspectos que não estão dissociados na escola. Sentir-se bem, sentir-se inserido no ambiente escolar, é importante para que o aluno se envolva com o conhecimento.

A aprendizagem escolar, como vimos, acontece na relação ensino-aprendizagem que é uma relação com o conhecimento mediada pelo outro; é, portanto, uma relação com o outro. Além disso, na escola há um contexto de convívio mediado por profissionais, o que a diferencia de outros espaços de socialização frequentados pelos alunos.

Nas entrevistas, ficou evidente que a escola foi importante como espaço de convívio, de inserção social e de constituição da subjetividade. Foi possível perceber, também, que as relações interpessoais com os colegas e professores nem sempre deram causa a lembranças positivas; ao contrário, três dos quatro entrevistados mencionaram a dificuldade e o sofrimento decorrentes das relações com os colegas. Contaram que eram frequentes os apelidos, os insultos e os xingamentos entre os alunos.

Danilo, por exemplo, utilizou o termo *bullying* para se referir à “zoação” de que teria sido vítima. Talvez não pudéssemos caracterizar como *bullying*, mas nos importa o fato de ter causado sofrimento e evidenciar a dificuldade e a complexidade da relação entre os alunos. Joana deixou clara a importância e a complexidade das relações com os colegas, “*Eu gostava (de ir à escola), mas é que era sofrido por essa parte das relações*”. Ângela, também, mencionou que os apelidos recebidos dos colegas a incomodavam. Sandro foi o único que não

mencionou qualquer dificuldade na relação com os colegas. Referiu-se a eles como uma motivação para ir à escola, mas foi claramente evasivo quando procuramos nos aprofundar na compreensão da relação com seus colegas.

Quanto à participação da escola intermediando essas relações, para Joana a escola *“poderia mediar mais... faz falta (...) porque fica meio pesado o ambiente nesse sentido. (...) era muito difícil”*. Ângela não deixou clara a mediação desses conflitos pela escola ou mesmo qualquer relação mais próxima com a escola. A fala de Danilo, por sua vez, evidenciou a importância de a escola estar atenta às relações interpessoais e ao que se passa com seus alunos. Em uma das escolas onde estudou, mencionou que trabalhavam com os alunos a questão da sua inserção no grupo, estavam atentos à forma como o aluno se percebia na escola, às suas questões emocionais, ao aluno como sujeito.

A importância de a escola ouvir o aluno e estar atenta ao que se passa com ele ficou evidente, seja pelos prejuízos causados ao aluno quando isto não acontece, seja pelo benefício representado por esta maneira de se relacionar e perceber o seu aluno.

É interessante observar que nas falas de Danilo e Joana fica evidente que estas relações se passam dentro de um contexto escolar. Joana mencionou que a escola poderia ter participado mais, mas reconheceu que os professores estavam abertos e atentos aos seus alunos. É perceptível a presença da escola, a importância da instituição escolar, como mencionou Danilo *“se sentia seguro na escola, nas relações (com os colegas) nem tanto”*. Nas falas de Sandro e Ângela, no entanto, a escola aparece apenas como o cenário no qual se dão as relações com os colegas. Entre os alunos e a escola, parece haver uma relação distanciada e formal.

Esse distanciamento entre aluno e escola ficou evidente no caso de Sandro que, por vários anos, parece ter vivido uma situação de invisibilidade na escola. Por vários anos, até o final da quarta série, a escola não percebeu que seu aluno tinha um déficit de visão que o impedia de ver o que estava escrito na lousa ou no caderno, o que obviamente tinha consequências diretas para o seu processo de aprendizagem. Sandro não conseguia enxergar sem óculos, mas a escola não relacionou este fato às suas dificuldades de aprendizagem.

Em entrevista recente Martin Carnoy, professor da Universidade de Stanford, mencionando pesquisa realizada por ele, na qual compara a educação

de Brasil, Cuba e Chile, afirma que uma das coisas que mais chamaram a sua atenção na escola brasileira foi o fato de que “60% das crianças repetem o ano, e as professoras pensam que isso é natural porque acham que as crianças simplesmente não conseguem aprender” (Carnoy, 2009, p. 16). Este fato, como apontou Carnoy, sugere a naturalização da dificuldade de aprendizagem. No caso de Sandro não sabemos se foi esta a razão pela qual a escola não se deu conta do que se passava com seu aluno, mas a demora no diagnóstico da causa de sua dificuldade escolar, talvez por entendê-la natural, evidencia a importância de a escola estar aberta e atenta ao que se passa com seus alunos, seres humanos com questões próprias, e, neste caso, até bastante corriqueira.

Também chama a atenção que Sandro não tenha dito que não conseguia enxergar. Ele não entendia o que estava sendo ensinado, mas não perguntava. Sandro traz em sua fala uma escola distante e até hostil na relação com os alunos e não uma escola aberta para ouvi-los e atenta ao que se passa com eles. Havia entre Sandro e a escola uma experiência de estranhamento e de distanciamento.

A importância de a escola ouvir o aluno e estar atenta ao que se passa com ele ficou clara nesta pesquisa, seja pelos prejuízos causados ao aluno quando isto não acontece, seja pelo benefício que representa essa maneira de cuidar, de se relacionar e perceber o seu aluno.

A educação não pode ser pensada apenas como transmissão de conhecimento. Educação é formação de sujeitos em processo de aprendizagem. Portanto, as relações vividas no espaço escolar são parte do processo e não podem ser ignoradas ou receber menor atenção que os processos cognitivos. As falas dos nossos sujeitos demonstraram a centralidade que as relações têm no processo, mas também a pouca importância que algumas escolas têm dado a este aspecto.

Além da relação com os colegas, a relação com os professores foi outro aspecto importante da experiência escolar seja para a aprendizagem dos conteúdos curriculares, seja para a inserção do aluno no espaço escolar. A relação com o professor tem um caráter afetivo-cognitivo. Alguns dos nossos sujeitos de pesquisa, entretanto, mencionaram várias formas de hostilidade presentes no ambiente escolar, mas nem sempre enfrentadas pela escola e, algumas vezes, até protagonizadas por ela. Para Sandro, por exemplo, a escola foi lugar de desrespeito e humilhação. E isso, em parte, foi decorrência da qualidade da sua relação com os professores da escola.

Com Danilo fica claro que se sentir seguro na escola, que percebia estar atenta ao que se passava com ele, foi fundamental para a sua escolarização e também para a elaboração e superação de situações de vulnerabilidade vivenciadas na sua adolescência. Para Sandro, ao contrário, a experiência escolar reforçou vulnerabilidades, não o ajudou a elaborá-la.

Essas experiências evidenciam a importância da consideração da dimensão subjetiva, o que nem sempre ocorre na escola. Como nos lembra Aquino,

há de se convir que essa dimensão informal do trabalho pedagógico não figura de modo explícito entre as discussões sobre as competências do educador levadas a cabo pelos atores da intervenção escolar ou pelos teóricos da área, muitas vezes às voltas com a dimensão imediatamente metodológica da prática escolar. (Aquino, 1999, p. 12)

A fala de Aquino nos remete ao equívoco presente na dicotomização dos aspectos cognitivos e emocionais, pois possibilita à escola imaginar ser possível se restringir a considerar apenas a dimensão cognitiva.

Neste estudo, vimos diferentes maneiras de a escola agir em momentos nos quais seus alunos vivenciaram situações de maior vulnerabilidade, como luto, problemas de saúde, depressão etc., e ficou claro que ela pode ter um papel importante nestes momentos. Aquino (1999) também chama atenção para a vasta gama de situações e dramas pessoais presente no cotidiano escolar que pode desencadear grande sofrimento e angústia nos alunos. São circunstâncias que demandariam um posicionamento do *staff* escolar (professores, coordenadores, diretores), mas que nem sempre recebem a devida atenção, pois a escola não se preparou para isso.

Estar atenta ao que se passa com os seus alunos implica estar atenta ao seu processo de aprendizagem e às suas questões emocionais, mas a escola deve se preparar para isso, pois “seria triste e errado se a equipe de ensino das escolas deixasse de ajudar crianças necessitadas só por não ter sido ‘treinada’” (Knapman, 1999, p. 124). Vimos com Danilo a importância de a escola estar preparada para esta forma de cuidado, para este tipo de apoio e de parceria com o seu aluno, garantindo a sua inserção no espaço escolar mesmo em momentos de vulnerabilidade. Danilo, mesmo nos momentos mais difíceis, viu na escola um espaço de pertencimento importante no enfrentamento das suas questões.

As experiências desses alunos, sujeitos de nossa pesquisa, revelam formas diferentes da escola compreender e lidar com seus alunos. Evidenciam que a escola não pode se omitir, banalizar ou entender naturais comportamentos hostis e agressivos, de alunos ou professores. A escola deve ser para seus alunos um espaço de pertencimento propício às trocas escolares e ao desenvolvimento das potencialidades humanas, não um espaço hostil onde os alunos não se sentem aceitos.

Para Angelucci (2006), na escola a criança aprende “sobre quem ela é, como é o mundo e qual o seu lugar nele, o que pode esperar dele e o que os outros esperam dela” (2006, p. 219). Na escola aprende-se a conviver, aprende-se sobre o outro e sobre si mesmo. Por isso, é importante pensar na maneira como tem se dado a socialização na escola, no tipo de sociabilidade valorizado e como a escola tem participado do processo de socialização dos seus alunos. Socializar não equivale a frequentar um espaço social apenas, na escola deve-se trabalhar com os alunos maneiras de encaminhar os conflitos interpessoais sem o uso da violência física ou verbal.

Há hoje, por parte de alguns profissionais da educação, a percepção de que os professores estariam sobrecarregados pela multiplicidade de questões que teriam de dar conta. Efetivamente, se entendêssemos que é do professor sozinho, e não da escola como um todo, a responsabilidade pela educação do aluno, estaríamos atribuindo a nesse profissional tarefas demais. No entanto, o professor é um dos profissionais da escola. Trata-se de refletir sobre a divisão das atribuições, sobre o que cabe a cada um dos profissionais da educação que atuam na escola.

Relação família-escola

Não nos aprofundaremos na análise deste tema, apesar da sua relevância para a compreensão das relações que a criança estabelece com a escola, pois estamos investigando fatores internos à escola.

Vale apenas mencionar que para todos os nossos sujeitos de pesquisa a família foi um elemento de sentido importante na compreensão da relação que estabeleceram com a escola e o saber escolar. Foi interessante observar que as famílias desses alunos valorizavam a escola e a escolarização de seus filhos, cada qual à sua maneira.

Lahire concluiu em sua pesquisa que “o tema da omissão parental é um mito” (1997, p. 334). Esta conclusão de Lahire, que desconstrói um lugar comum em relação às famílias menos escolarizadas, também foi observada por nós neste estudo. Como vimos com Ângela e Sandro, seus pais eram pouco escolarizados, mas sempre procuraram garantir que seus filhos frequentassem a escola e fizessem as tarefas solicitadas por ela.

A relevância da desconstrução desse mito está no fato de que a omissão dos pais com baixa escolaridade foi muitas vezes evocada para justificar o pouco interesse e até a evasão escolar por parte dos alunos da escola pública. Não foi o que vimos neste estudo. As famílias pobres com baixa escolarização têm um distanciamento da realidade e da linguagem escolar, o que dificulta o apoio a ser dado aos seus filhos em processo de escolarização. Isto é diferente de desvalorizar a escola. Muito pelo contrário, o que encontramos foram famílias que acreditam na escola como possibilidade de melhoria das condições de vida e, por isso, insistem e obrigam seus filhos a irem à escola. Sabem que a escola é importante para seu desenvolvimento, mas têm um desconhecimento deste processo, portanto têm maiores dificuldades de interferir nele. São famílias que acreditam no que a escola afirma e raramente questiona suas atitudes em relação aos seus filhos. Querem seus filhos na escola e se sentem envergonhados e responsabilizados quando eles não vão bem ou não cumprem com as expectativas da escola.

A escola como lugar do saber em um processo de socialização

A escola se caracteriza por ser um espaço coletivo voltado para a educação dos alunos. Portanto, as atividades e relações escolares se organizam em torno da aprendizagem do aluno. Mas não podemos esquecer que “o processo educativo não se configura como algo isolado do ser humano, ao contrário, é um processo socialmente constituído a partir das relações com os outros indivíduos” (Soares, 2006, p.44). Sendo assim, temos de considerar a importância das relações interpessoais no processo de aprendizagem, pois este pressupõe uma relação ensinar-aprender.

Pensar o saber (ou o aprender) implica pensar na relação ensino-aprendizagem da qual participam sujeitos, unidades cognitivo-afetivas, históricas e singulares. As relações pedagógicas são relações intersubjetivas. Para entendermos a relação que os alunos estabelecem com a escola e com o saber não

podemos ignorar o sentido produzido por esses alunos em suas experiências escolares.

Na escola, junto com a aprendizagem dos conteúdos acadêmicos o aluno ‘aprende’ sobre si próprio, sobre os seus limites e possibilidades. Como vimos neste estudo, este aprendizado não se impõe ao aluno, mas é um elemento de sentido que participa da constituição da sua subjetividade. Além disso, a escola não é a única referência do aluno, também são referências importantes a família, os amigos, a posição social ocupada pelo aluno na família e na sociedade. A escola é um dos espaços de constituição do sujeito. Não é o único, mas os depoimentos dos participantes desta pesquisa evidenciaram a importância da escola nesse processo. Evidenciaram também a riqueza de aspectos que a vida escolar contempla.

Nesta pesquisa, vimos o sofrimento a que pode dar causa uma escola onde o aluno não encontra espaço para se colocar e não é visto como ser um humano com características biológicas, afetivas e cognitivas próprias. Ficou evidente, assim, a importância da escola que se abre a esta possibilidade; que se abre aos aspectos singulares do aluno e à dimensão subjetiva do processo de aprendizagem. A escola deve estar comprometida com o desenvolvimento e a aprendizagem de seu aluno, um ser humano com medos e angústias, sentidos subjetivos que devem merecer atenção da escola. Seja em benefício do processo de aprendizagem, seja para o fortalecimento do aluno como sujeito.

Neste estudo, nenhum dos sujeitos fracassou em sua escolarização, todos estão em uma universidade respeitada e reconhecida pela sua qualidade acadêmica. Não há “vítimas” da escola, e isso nos permite perceber que há uma série de fatores que participam da relação que os alunos estabelecem com a escola e o saber escolar. Nenhuma variável sozinha poderia determinar ou explicar uma trajetória escolar.

Poderíamos daí concluir que a escola não foi um diferencial importante. Mas essa seria uma conclusão precipitada e equivocada, pois não estaria considerando os outros determinantes do processo de escolarização do aluno. Se tomarmos as experiências escolares dos nossos entrevistados, fica evidente a relevância da escola na relação do aluno com a aprendizagem e na sua formação intelectual. Ficou evidente que a escola foi um diferencial positivo importante na vida de alguns alunos e que a escola pode ter um papel significativo na aprendizagem dos conteúdos e na vida do aluno.

Pudemos concluir em nosso estudo que a escola sozinha não determina o destino escolar dos seus alunos, mas tem um papel significativo. A escola pode ser um elemento fundamental na aprendizagem dos alunos, mas isso acontece apenas em algumas escolas e está relacionado, sobretudo, às atividades pedagógicas propostas pela escola, e ao compromisso e envolvimento dos profissionais da escola com a aprendizagem e com a dimensão subjetiva do aluno.

Ficou claro, portanto, que a escola como lugar de construção do saber é, inevitavelmente, lugar de constituição de sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso foco neste estudo foram as experiências escolares e o impacto delas na relação que o aluno estabelece com a escola e o saber. Estudamos essa questão por meio da investigação dos sentidos constituídos pelos alunos em sua experiência escolar.

A escola é um espaço de relações humanas, e essas, como evidenciaram nossos sujeitos, são complexas e conflituosas. Por isso, a escola deve estar atenta a essas relações intersubjetivas. Como vimos com Charlot, os alunos devem querer estar na escola; portanto, a escola não pode ser um espaço aversivo, de sofrimento, onde o aluno é submetido por colegas ou professores a situações de humilhação. Ao contrário, a escola deve ser um lugar no qual o aluno se sente acolhido e protegido.

O que compete à escola na educação de crianças e jovens? Em primeiro lugar, deve-se considerar que há atribuições inerentes à atividade escolar; são questões que, a escola queira ou não, estão presentes em seu cotidiano e por isso não há como evitá-las. Como foi possível observar na análise das entrevistas, a escola deve considerar que seus alunos são seres humanos singulares, com características físicas e psíquicas e com uma história própria. A escola não pode se omitir diante das particularidades dos seus alunos. É importante considerar que a sala de aula é um espaço de relações intersubjetivas e não apenas de aprendizagem. Não há como evitar que questões pessoais dos alunos, e dos professores, estejam presentes na escola, pois são sujeitos nos quais cognição e afeto não se dissociam. A escola deve se preparar para lidar com essas questões.

Pensar em condições educacionais implica considerar as atividades pedagógicas e também as relações vividas pelo aluno na escola. Ambas são aspectos da experiência escolar que devem receber atenção dos profissionais da escola, pois são condições para a aprendizagem dos conteúdos escolares e para o desenvolvimento dos sujeitos.

O desafio que se coloca então para a escola é lidar com o coletivo que se forma pelo conjunto de sujeitos envolvidos no processo, sem ignorar a singularidade dos alunos. Deve considerar que o coletivo é constitutivo e constituído por sujeitos, numa relação de constituição recíproca. Esta é a razão da complexidade e diversidade de questões que compõem e participam do espaço escolar.

Pode ajudar a enfrentar esse desafio a adoção de ideias que olhem a realidade sem dicotomizar sujeito e sociedade; individual e coletivo. A Psicologia Sócio-histórica tem esta proposta. O sujeito se constitui nas relações e nas atividades que desenvolve. A realidade social é o âmbito da intersubjetividade e se constitui pelas ações e relações dos sujeitos. O mundo é transformado pela atividade de cada um e cada um se constitui a partir destas atividades coletivas.

Nas experiências escolares, a presença do sujeito está posta em sua singularidade, à qual o professor deve estar atento, mas está posta também no coletivo, no qual significados são produzidos a partir dos sentidos subjetivos. Ao mesmo tempo, estes significados compõem os sentidos que singularmente serão constituídos.

Há sujeitos no processo ensino-aprendizagem, portanto não há como desconsiderar a dimensão subjetiva presente neste processo. Vimos a importância das práticas pedagógicas para construção do eu epistêmico, mas reconhecer que não são só conteúdos, disciplinas, matérias, conhecimentos, formas e técnicas de trabalho que estão presentes na realidade educacional é fundamental para compreender esta realidade de forma mais complexa e completa.

Neste estudo foi possível observar que os sujeitos se envolvem diferentemente nos processos e esta forma de envolvimento constitui e é constituída pelo próprio processo. Assim, os sentidos da aprendizagem e da escola para os sujeitos que participam do processo de ensino-aprendizagem são parte deste processo e se constituem a partir dele. Assim, a escola e os professores devem considerar, ao lado de todos os elementos que conhecem e já consideram, a existência do sujeito.

O saber é o eixo em torno do qual se organiza a atividade escolar. Mas esse saber se constrói na relação ensino-aprendizagem desenvolvida por sujeitos que participam desta relação a partir dos sentidos que ela tem para eles. Sujeitos que sofrem, se afetam, têm passado e projetam o futuro, aprendem, se desenvolvem, se relacionam, atuam, enfim, produzem o processo educacional como protagonistas de suas próprias experiências e coadjuvantes da experiência coletiva.

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, W. M. J. A pesquisa em psicologia sócio-histórica: contribuições para o debate metodológico. In: BOCK, A. M. B., GONÇALVES, M. G. M., FURTADO, O. (Orgs.). **Psicologia Sócio-histórica: uma perspectiva crítica**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. e OZELLA, S. Núcleos de Significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia Ciência e Profissão**. 26 (2) 222-245, 2006.

_____. **Sentidos e significados do professor na perspectiva sócio-histórica**: relatos de pesquisa. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

ALVES, R. As escolas em bairros com altas taxas de violência: a visão dos professores. In: RUOTTI, C., ALVES, R., CUBAS, V. O. **Violência na Escola**: um guia para pais e professores. São Paulo: Andhep/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

ANGELUCCI, C. B. O e outros. O estado da arte em pesquisa sobre o fracasso escolar (1991-2002): um estudo introdutório. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 51-72, jan/abr. 2004

_____. A inclusão escolar de pessoas com necessidades especiais na rede estadual de São Paulo: a dissimulação da exclusão. In: VIÉGAS, L. S. e ANGELLUCCI, C. B. (Orgs.) **Políticas Públicas em educação e psicologia escolar**: uma análise crítica a partir da psicologia escolar. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

AQUINO, J. G. Transtornos emocionais na escola: da consternação à inclusão. In: ALSOP, P. e MCCAFFREY, T. **Transtornos emocionais**. Tradução Denise Maria Bolanho. São Paulo: Summus, 1999.

ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva. 1972.

BOCK, A.M.B. Psicologia da educação: cumplicidade ideológica. In: MEIRA, M. E. M. e ANTUNES, M. A. M. (Orgs.). **Psicologia escolar: teorias críticas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

_____. e GONÇALVES, M. G. M. Subjetividade: o sujeito e a dimensão subjetiva dos fatos. In: GONZÁLEZ REY, F. (Org.). **Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, P. As contradições da herança. In: NOGUEIRA, M. A; CATANI, A. (Orgs.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 2005.

CAMPOS, C. L., GOMES, C. A. O fracasso escolar no ensino médio: a perspectiva dos da rede pública do Distrito Federal. **Psicologia da Educação**, São Paulo, v. 17, p. 139-156, 2º sem., 2003.

CARNOY, M. Entrevista. In: **Folha de São Paulo**, p. A16, 10/08/09.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

_____. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização**: questões para a educação hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005.

_____. Formação de professores: a pesquisa e a política educacional. In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil**: gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez, 2006.

CHAUÍ, M.S. Os trabalhos da memória. In: BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

DUARTE, N. **Educação escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vigotski**. São Paulo: Ed. Autores Associados, 2001.

FREITAS, L. C. Educação hoje: questões em debate. **Estudos Avançados**, v. 15, n. 42, maio/agosto, 2001.

GONÇALVES FILHO, J. M. **Problemas de método em psicologia social**: algumas notas sobre a humilhação política e o pesquisador participante. São Paulo, s.d. (Mimeo)

GONÇALVES, M. G. M. **Psicologia social-histórica e políticas públicas**: a dimensão subjetiva de fenômenos sociais. Doutorado – Psicologia Social. PUC-SP, São Paulo, 2003.

GONZÁLEZ REY, F. **Sujeito e subjetividade**: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005a.

_____. O valor heurístico da subjetividade na investigação psicológica. In: GONZÁLEZ REY, F. (Org). **Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005 b.

_____. **O social na psicologia e a psicologia social**: a emergência do sujeito. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: os processos de construção da informação. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

KNAPMAN, D. Apoiando a criança enlutada na escola – sentindo-se perdida? In: ALSOP, P. e MCCAFFREY, T. **Transtornos emocionais**. Tradução Denise Maria Bolanho. São Paulo: Summus, 1999.

LAHIRE, B. **Sucesso escolar nos meios populares**: as razões do improvável. São Paulo: Ática, 1997.

LEAL, D. **A constituição da identidade de uma aluna com deficiência visual**: um estudo sobre o processo de inclusão escolar. Mestrado – Educação: Psicologia da Educação. PUC-SP, São Paulo, 2008.

LEÃO, G. M. P. Experiência de desigualdade: os sentidos da escolarização elaborados por jovens pobres, **Educação Pesquisa**, São Paulo, v. 42, 2006. Disponível em www.scielo.br

LEITE, D. M. Educação e relações interpessoais. In: PATTO, M. H. S. (Org.). **Introdução à psicologia escolar**. 3 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

LELIS, I. O significado da experiência escolar para segmentos das camadas médias. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 125, p. 137-160, maio/ago, 2005.

MIRANDA, M. G. O processo de socialização na escola: a evolução da condição social da criança. In: LANE, S. T. M., CODO, W. (Orgs.). **Psicologia Social**: o homem em movimento, São Paulo: Brasiliense, 1984-2007.

MAHONEY, A. A. Contribuições de H. Wallon para a reflexão sobre questões educacionais. In: PLACCO, V. M. N. S. (Org.) **Psicologia e Educação**: revendo contribuições. São Paulo: Educ. 2005.

MARTÍNEZ, A. M. A teoria da subjetividade de González Rey: uma expressão do paradigma da complexidade na psicologia. In:

GONZÁLEZ REY, F. (Org.). **Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005b.

NOGUEIRA, M. A; ROMANELLI, G; ZAGO, N. (Orgs.). **Família e Escola**: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

PARO, V. Avaliação e Repetência. In: CARVALHO, J. S. (Org.). **Educação, Cidadania e Direitos Humanos**. Petrópolis: Vozes, 2004.

PATTO, M. H. S (Org.). **Introdução à psicologia escolar**. 3 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

PEREIRA, G. M. Experiência de desigualdade: os sentidos da escolarização elaborados por jovens pobres. **Educação Pesquisa**, São Paulo, v. 42, 2006. Disponível em www.scielo.br

PEREIRA, M. E. M.; Rossi, A. F.; Araújo, S. L. O desenvolvimento dos alunos e suas causas na opinião de seus professores. *Psicologia da Educação*, São Paulo, v. 12, 1. sem. de 2001, p. 33-67.

PINO, A. A psicologia concreta de Vigotski: implicações para a educação. In: PLACCO, V. M. N. S. (Org.) **Psicologia e Educação**: revendo contribuições. São Paulo: Educ. 2005.

REGO, T. C. **Memórias de escola**: cultura e constituição de singularidades. Petrópolis: Vozes, 2003.

REGO, T. C. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico cultural da educação. Petrópolis: Vozes, 2007.

RONCA, V. F. C. **Docência e Ad-miração** (da imitação à autonomia). São Paulo: Edesplan, 2007.

SETTON, M. G. J. Um novo capital cultural: pré-disposições e disposições à cultura informal em segmentos com baixa escolaridade. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 26, n. 90, p. 77-105, jan/abr. 2005.

SEVERINO, A. J. O projeto político pedagógico: a saída para a escola. In: Revista de Educação AEC, 27 (107/: 85-91), abr/jun, 1998.

SEVERINO, A. J. **Educação, sujeito e história**. São Paulo: Olho d'Água, 2001.

SOARES, J. **Vivência Pedagógica**: a produção de sentidos na formação do professor em serviço. Mestrado – Educação: Psicologia da Educação. PUC-SP, São Paulo, 2006

SOUZA, A.C.M. O direito à literatura. In: CARVALHO, J. S. (Org.). **Educação, Cidadania e Direitos Humanos**. Petrópolis: Vozes, 2004.

SOUZA, V. M. T. de e PLACCO, V. M. N. S. “A interação na escola e seus significados e sentidos na formação de valores”, **Psicologia da Educação**, São Paulo, 21, 2º sem de 2005, p. 53-77.

SZYMANSKI, H. A família como um *lócus* educacional: perspectivas para um trabalho psicoeducacional. **R. bras. Est. Pedag.**, Brasília, v. 81, n. 197, p. 14-25, jan. /abr. 2000.

TACCA, M. C. V. R. Relação Pedagógica e desenvolvimento da subjetividade. In: GONZÁLEZ REY, F. (Org). **Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005b.

_____; GONZÁLEZ-REY, F. Produção de Sentido Subjetivo: as singularidades dos alunos no processo de aprender. **Psicologia, Ciência e Profissão**, 2008, 28(1), p. 138-161.

VYGOTSKY, L. S. (1896-1934). **A Construção do Pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. (1896-1934). **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZAGO, N. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In: ZAGO, N., CARVALHO, M. P., TEIXEIRA, R. A. (Orgs.) **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ANEXO I

ENTREVISTA COM DANILO

Esta foi a primeira entrevista realizada nesta pesquisa, uma entrevista piloto, que decidimos aproveitar por sua relevância para a compreensão do tema estudado. Foi efetuada em 04.08.08, na PUC-SP, com Danilo, aluno do quarto ano do curso de psicologia da PUC-SP, em uma sala do quinto andar, reservada para esta finalidade. A entrevista foi gravada e teve a duração de 58 minutos. O entrevistado foi informado sobre a pesquisa, os objetivos da entrevista e suas garantias como participante de pesquisa. Em seguida assinou um termo de consentimento livre e esclarecido.

O aluno estudou em duas escolas: do Maternal ao final do Ensino Fundamental em uma escola que designaremos por **F**, e por **M** a escola onde fez o Ensino Médio. Na época da entrevista Danilo tinha 22 anos.

E: Danilo, gostaria de conversar com você sobre a sua experiência escolar. Que papel você diria que teve na sua vida?

D.: Papel na minha vida. Teve diversos papéis na minha vida, não posso dizer que teve um só. Com certeza formação no sentido acadêmico, de matérias, física, química, história, etc. Não deixa de ser um papel muito importante, mas acho um papel muito importante que teve na minha vida foi o papel de socialização mesmo. Eu mudei de escola da 8ª série para o 1º ano, eu estava no F e fui para o M.

E: Antes disso você tinha estudado todo o tempo no F?

D: Todo tempo no F desde o maternal. Ganhei o que eles chamam de medalhinha do saco de ouro, que é uma medalhinha para quem fica até a oitava série do F.

E: E é dada por quem, pela escola?

D.: Pela escola. E fui para o M. Quando eu estava no F., eu era meio.., era um cara muito inseguro, eu era muito.....me pegavam muito para cristo, eu tinha amigos mas eu tinha uma convivência muito difícil lá. A oportunidade de mudar de colégio me deu a oportunidade de mudar essas minhas relações. Então,...mudar um pouco até a minha personalidade. Eu não era mais um cara inseguro no M, eu era um cara muito mais sociável, muito menos tímido, muito mais....comunicativo, tal. Fiz um grupo de amigos rapidamente, entrei num time de futebol lá, são amigos que eu tenho até hoje.

E: E por que você acha que era assim no F?

D.: Eu não sei dizer por quê...parece que é uma coisa que foi sendo construída aos poucos, ao longo dos onze anos que eu fiquei no F., alguma coisa assim, onze, doze treze anos que eu fiquei lá, então, não sei dizer exatamente porque ficou daquele jeito, mas.....eu tive a oportunidade de mudar.

E: E você tinha essa percepção de que você gostaria de mudar?

D.: Sim, foi um dos motivos de ter saído do F, ter aceitado sair. Foi uma idéia que a minha mãe teve, pela educação forte que o M tem; um colégio top e que eu aceitei, mas pensando mais nessa renovação.

E: Possibilidade de ser de outra forma.

D.: Exatamente, de mudar, de ter outras relações, de conhecer gente....O F é um colégio pequeno, também, é meio limitado nesse sentido. O M tem 250 alunos por ano, né...então, abriu muitas portas para mim. Até hoje eu estou envolvido com o M de algumas maneiras. O meu estágio de licenciatura, eu fiz lá, sou monitor de encontro de jovens lá, até hoje.... Vou todo ano à festa junina, tem festa dos ex-alunos,...é uma comunidade da qual eu ainda faço parte ativamente porque foi de fato uma mudança muito grande na minha vida.... e foi muito importante, eu dou muito valor para isso, até hoje. Então eu continuo rondando por ali.

E: Uma mudança que você achou positiva?

D.: Extremamente positiva, sem dúvida nenhuma. Mas, é claro, tem também a questão da qualidade da educação, o S. tem uma qualidade de educação absurda, muito grande, é muito bom lá. Os professores são muito bons.

E: Quando você fala em qualidade da educação você se refere a que?

D.: À questão acadêmica, pedagógica. Os professores são muito bons, os orientadores são muito bons, os projetos que eles têm lá são muito bons. Por exemplo, a gente tinha um semestre com..... um projeto que era meio ambiente. Então tinha viagem de estudo do meio, fui para a Amazônia com o M que foi espetacular...Uma série de coisas, os projetos sociais lá eram muito bons também.....Tinha sempre parte de esporte, tinha FEI, que era o campeonato de futebol, tinha...As aulas eram ótimas, uma qualidade muito boa. Eu tenho muito orgulho de ter, ter...

E:...Estudado lá.

D.: Ter estudado lá, ter feito o colegial lá. Ensino médio,...na época era colegial, ainda.

E: E tem alguma experiência que você destacaria, nessa mudança? Como foi essa passagem de uma escola para a outra e essa mudança que você traz, na sua identidade, talvez a gente pudesse dizer assim. Você acha que houve algum fato que ajudou? Você rompeu com um grupo de pessoas que te colocam num determinado lugar e isso já representa muito. Você foi com uma expectativa de criar um lugar novo, parece. Como você foi acolhido por esses colegas ?

D.: Foi muito bem, às vezes até, eu acho que dei uma certa sorte porque... eu estava na sala do primeiro ano, aquela confusão, todo mundo vindo da 8ª série para o colegial, toda aquela história, setenta alunos novos de outros colégios...então, só pelo fato de ter 70 alunos de outros colégios já se cria uma abertura naturalmente; porque um terço da sala é novo. ...E o grande acontecimento de abertura foi que por algum motivo ficaram sabendo que eu era goleiro. Tinha um time de futebol, estavam precisando de um goleiro, resolveram chamar o moleque novo para ser goleiro. E eu entrei nesse time de futebol e eu fiz os meus amigos lá, o meu grupo, que são os amigos que eu tenho até hoje. Foi esse o momento de abertura. Eram amigos que estavam juntos desde a primeira série, normalmente grupos assim são difíceis de entrar, são grupos muito fechados, por isso que eu digo que eu tive uma certa sorte, porque teve essa abertura, essa oportunidade. É engraçado, estão precisando de um goleiro, eu sou goleiro, essa coincidência aí que abriu essa porta de criar novos laços de amizade que foram super especiais para mim ali.

E: E você acha que a escola tinha alguma preocupação em trabalhar essa integração, essa relação entre os colegas, tanto o F quanto o M?

D.: Eu não sei dizer se o F tinha tanta preocupação com isso, mas eu também era mais moleque , não sei se eu prestava muita atenção.

E: Mas você sentia que era um lugar onde você não estava tão à vontade.

D.: É, sentia que não era um lugar onde eu estava à vontade, sem dúvida. O M eu lembro que nas aulas de orientação vocacional tinha essa preocupação. A gente tinha trabalhos, exercícios, pequenas dinâmicas que trabalhavam exatamente com isso. Eu lembro até de um que era, acho que é o único que eu lembro daquele ano, onde você tinha que....tinham desenhos com bolinhas algumas juntas, outras separadas, outros eram grupinhos de bolinhas e umas soltas, e você tinha que pintar qual era você, se vc estava num grupo grande, se estava solto e tinha outros grupos, se você era a intersecção entre dois grupos.....

E: Isso no M?

D.: No M. Esse é um exercício que eu lembro de fazer. Eu não lembro de outros, mas eu lembro que tratava-se disso no primeiro ano, na orientação educacional. Então tinha uma preocupação.

E: De saber como o aluno está situado no espaço da escola?

D.: É, como está situado na área do social mesmo.

E: Neste exercício, me parece, há uma preocupação em entender como você estava se percebendo no grupo.

D.: Sim, concordo.

E: Quando coloca a bolinha, mostra como você se vê.

D.: Como você se coloca, sim.

E: No F você não sentiu isso, que houvesse isso como uma preocupação central?

D.: Não, não, acho que não. Eu não sentia, não lembro.

E: Você não lembra?

D.: É, eu não posso dizer se tinha. Talvez tivesse e eu nunca percebi. Masassim, eu não percebi essa preocupação, talvez tivesse, mas eu não...

E: Como você vê a questão do respeito e da relação com os professores nas escolas em que estudou?

D.: Relação com os professores, respeito....Bom, eu acho que as relações com os professores, aí nesse sentido, no F, eram ótimas. Eu não posso reclamar de nada, eles prestavam atenção, eles estavam lá, apoiavam. Eu sempre fui bom aluno, então nunca fui o cara que precisava de muita ajuda no sentido acadêmico,...Mais...no sentido da insegurança, tal, mesmo. Alguns professores falavam, um ou outro mais velhos. Inclusive são professores com quem ainda tenho um certo contato, às vezes. Mas não era uma coisa muito....institucional fazer isso, era do professor, uma coisa pessoal daquele professor.

E: Isso no F?

D.: Isso no F. No M é diferente, no M eu acho que os próprios professores não entram tanto na parte mais pessoal da sua vida. Se eles percebem alguma coisa, eles passam para a orientação e para a coordenação daquele ano. E a

orientadora e a coordenadora entram e conversam com você, te chamam para conversar e...fazem o trabalho que deve ser feito.

E: Entendi.

D.: No segundo ano do M eu perdi a minha irmã...E foi um baque fenomenal e eu tinha um resguardo ali no M muito bom. Os professores, o que eles faziam ali na sala de aula, era me deixar sair e entrar, meio à vontade da aula, sem ficar fazendo pergunta ou enchendo o saco, nem nada. E eu sentia que as pessoas ficavam meio de olho em mim, para ver se eu estava bem e tal. Os vigilantes vinham conversar às vezes, uma em especial, a B., sempre vinha falar comigo. E a orientação e a coordenação estavam a par de tudo o que estava acontecendo, e estavam abertos o tempo todo. Eu conversei muito com o pessoal a respeito disso. Então, bem...aí parece que era uma coisa mais institucional sabe, porque tem uma organização: quem é que vai fazer essa parte, entendeu? Qual é a função dos professores, não, não vamos falar disso com ele, a gente vai dar essas liberdades e tal, por enquanto, e ficar esperto, ficar de olho; quem vai fazer esse trabalho são mais as orientadoras e coordenadoras.

E: E você se sentia cuidado?

D.: Sim, eu me sentia extremamente seguro no M, sem dúvida nenhuma. Eu até acho que eles me deixaram de recuperação em uma matéria só para ficar um tempinho a mais no colégio para ficarem de olho em mim. Era multimídia, era uma matéria dessas que ninguém pega e que não era importante no sentido educacional; era uma aula de artes, uma coisa a parte, e eu fiquei de recuperação o único do meu grupo. Tinha um grupo ali de 6 e eu fui o único do grupo que fiquei de recuperação, eu acho que foi para eu ficar um tempinho a mais frequentando o colégio naquele primeiro semestre, para eles ficarem um pouco mais de olho em mim.

E: E isso um pouco depois do falecimento da sua irmã?

D.: É, no mesmo semestre.

E: Para te manterem mais próximo...

D.: Eu acho que foi isso. Na época eu fiquei puto, sabe um absurdo, como eu fui o único do grupo que fiquei de recuperação, ou vai o grupo inteiro ou não vai ninguém, né. Mas hoje eu penso e acho que foi mais ou menos por causa disso. Então eles têm esse apoio.

E: Essa preocupação.

D.: Essa preocupação.

E: D., e a relação dos seus pais com a escola como era? A percepção dos seus pais, a sua maneira como percebiam a escola?

D.: Sempre me foi falado que a escola era minha única responsabilidade, que eu não precisava trabalhar, não precisava trazer dinheiro para casa, e que a escola era minha responsabilidade. Minha mãe e meu padrasto nunca foram muito participativos, assim de ir a reunião de pais e mestres e etc, né....Eu como nunca dei trabalho nesse sentido, sempre fui bom aluno, não era uma coisa que era uma preocupação muito grande deles, eles não precisavam se preocupar com isso,.....então,..... não sei responder essa pergunta, acho que....

E: E você conversava com eles sobre a escola?

D.: É falava o que estava acontecendo, o que eu tava aprendendo tal, mas ...num....a visão deles era essa a escola era minha obrigação, minha responsabilidade, tinha que ir bem na aula, era minha responsabilidade, era a única coisa que eu tinha que fazer.

E: E no momento de mudar do F, para o M foi uma decisão sua...?

D.: A idéia foi deles.

E: Foi idéia dos seus pais?

D.: É, a idéia foi idéia da minha mãe.

E: Como vc já colocou por ser uma escola “boa”, “forte”?

D.: É, exatamente. Uma escola maior, menos família, menos tio e tia, sabe. No F um dos meus professores me conhecia desde que eu era bebê, porque era irmão de uma amiga da minha mãe, alguma coisa assim. Sabe, então, era bem família mesmo, bem paroquial.

E: E essa escola maior o que traria para você? O que eles imaginaram, você acha?

D.: Imaginaram que me traria uma abertura para o mundo, gente nova, grande...sabe, uma coisa mais....não sei uma coisa maior mesmo com mais gente, com..onde eu não sou tão conhecido, não sou tão....né, é...não tem essa relação tão próxima, tão afetuosa... nesse sentido do tio e da tia mesmo, sabe...uma coisa um pouco mais madura, madura é melhor, acho que é uma palavra boa. Mais de amadurecimento mesmo....O F. era muito...por conta dos professores que tinham dado aula para o meu irmão, então eu era o irmãozinho do R., tal.

E: Os teus outros irmãos tinham estudado lá, também ? Você tem quantos irmãos?

D.: Um irmão mais velho.

E: O seu irmão mais velho estudava no F?

D.: Ele estudou lá a vida inteira.

E: E a sua irmã ?

D.: Ela estava estudando no F.

E: Ah, ela estava no F?

D.: Ela era sete anos mais nova do que eu, estava na terceira série, acho....

E: Tá...

D.: Então,.... era isso, era bem família...

E: E alguma lembrança, alguma marca da escola. Você trouxe uma lembrança importante relacionada à sua irmã. Que impacto você acha que isso teve na sua vida, ou você nunca pensou sobre isso?

D.: Sobre o que, sobre..

E: Sobre a questão do acolhimento que a escola te deu no momento em que aconteceu esse fato com a sua irmã?

D.: A importância disso?

E: É, para a sua maneira de ser hoje. Você faria alguma ligação, ou não?

D.: Olha, acho que nem tanto com a escola, muito com os amigos que eu fiz lá no M. Minha irmã morreu, eu estava no M, e quem me deu o grande apoio, estava mais presente mesmo, era esse time de futebol....o pessoal desse time de futebol. Inclusive, foi uma grande surpresa minha quando eu estava lá ...tinha acabado de acabar o Carnaval, foi em 2002, eu estava no segundo ano, nem tinha começado...tinha tido tipo duas aula, quinta e sexta, depois de quarta-feira de Cinzas, era isso.Nem tinha começado a escola ainda, eu voltei de viagem de carnaval, a minha irmã morreu nessa viagem, num resort....E...quando eu cheguei no cemitério, no enterro, estava lá, tal, e apareceu um deles, né...e depois apareceram todos. Eu nem sabia que eu tinha feito uma amizade naquele nível de intimidade, até. Conhecia eles há um ano,

não estava esperando essa presença. E, daí, de repente, eles apareceram. Esse foi o grande momento de acolhimento, talvez, que eu tive no colegial, foi quando eles estavam lá....Lembro de até ficar feliz, de sorrir, ali quando eu vi o primeiro chegando, né...Então,...o acolhimento,... a grande... a maior parte dele foi por parte desse...

E: Desses colegas, dos amigos.

D.: Desses colegas.

E: Mas da escola também, não D? Quando você me diz que sente como uma coisa institucional esse cuidado da escola, essa escola que te deixa até de recuperação...

D.: ..para ficar um pouco mais...

E: ..um pouco mais com você.

D.: Sim, sem dúvida tem.

E: As pessoas acabam dando na medida das suas possibilidades.

D.: ...É....eu só digo porque eu...É eu sabia que a escola estava lá,..mas mais presente...

E: Mas, você acha que podia contar com a escola?

D.: Podia, podia sem dúvida nenhuma.

E: Essa percepção que você tinha, isso te deixava...

D.: Sim. Eu tinha muito, eu tinha...eu tive síndrome do pânico naquela época, eu tinha ataques do pânico o tempo inteiro, menos em dois lugares: em casa e na escola.

E:...É mesmo? Isso começou depois do falecimento da sua irmã, ou não teve uma ligação direta com esse fato?

D.: Eu já tinha antes. Já tive algumas vezes, antes,....mas passou,...não tive mais. Não tinha por um ano, um ano e tanto, depois que a minha irmã morreu, eu comecei a ter bastante, mas na escola não,...nem em casa.

E: No ensino fundamental, no F, você já tinha tido?

D.: Já tinha tido.

E: E isso era conversado na escola?

D.: Quando teve estudo do meio, no F, a escola estava a par....Ah...eu lembro de....Na sexta série eu não fui no estudo do meio por causa disso. Na sétima eu fui, e o professor que ficou, ia ficar no meu quarto durante o estudo do meio estava sabendo, né... Tinha uma certa preocupação da escola...

E: E no estudo de meio, normalmente fica alguém no quarto?

D.: Fica, um professor ficou no quarto, na sétima série, na oitava não, na sétima sim. Na oitava não? Na oitava tinham os monitores e não eram os professores, mas..enfim...o professor alí que ficou com a gente, no nosso quarto ele estava sabendo, estava a par, e...às vezes ele perguntava se estava tudo bem, tal...tinha um cuidado também.

E: Você sentia que você podia contar com aquela pessoa, que era um apoio?

D.: É, mas não era uma coisa tão...., não sei dizer, era uma...eu sabia que qualquer pepino eu podia falar com os professores,...mas não era uma coisa que eu ficava tão à vontade,...entendeu. Não era uma coisa tão...é, não era tão à vontade assim...Um ou outro professor que estava lá, aqueles que também na escola estavam mais presentes, tal, sim, ficava bem à vontade falando com eles, mas.....não com aquele professor que ficou no meu quarto aquela semana, não conheço direito, sabe, é meio...foi meu professor de educação física uma vez, não tem muito a ver, sabe.

E: Entendi.

D.: Na oitava série, eu fui no ensino do meio de novo e também tinha essa questão, mas já tava um pouco mais resolvida,...então esse apoio nem era tão necessário mais.

E: Agora, como você mencionou, você sentia que não era uma preocupação institucional da escola?

D.: Não, era feito meio.

E: Era mais individual, por cada professor.

D.: É, era feito mais no bom senso, sabe....mais no...uma coisa meio..... sei lá, imagino o que eu faria se fosse se o meu filho que estivesse numa situação dessas, mais no instinto, no bom senso, não uma coisa tão formalizada, planejada.

E: A escola nunca te chamou para conversar sobre isso, como era?

D.: Não, isso não. Falou um pouco ali, antes dessa viagem que, caso acontecesse alguma coisa...

E: Ela te chamou para conversar?

D.: Não, não lembro de ser isso. Também, faz bastante tempo heim....Você está forçando um pouco a memória aqui...

E: Não, tudo bem, só o que você lembra.

D.: Eu não lembro muito bem como foi essa aproximação, eu acho que...eu não lembro de ir para uma reunião.

E: Uma coisa mais formal, institucional, isso não?

D.: É, acho que foi mais uma coisa tipo na saída: “D. vem cá”, ou então no estudo do meio, sabe, alguma coisa nesse sentido, nada formalizado. Mas no M também não teve uma reunião: “vamos falar sobre isso”..... Eu fui falar com a orientadora, avisei o que tinha acontecido, a gente conversou um pouco a respeito,...e ficou meio acertado mais ou menos o que ia acontecer, sabe...então...não teve uma...não fui chamado para nada...foi uma coisa....

E: Mas essa percepção da preocupação institucional, parece que você marca bem essa questão da preocupação institucional do S. em lidar com essa questão. Então, ainda que não diretamente, parece ser a forma como se lida. Mas você se sentia cuidado, pelo professor, pelo funcionário....Fazia parte das preocupações da escola. No F, pelo que eu entendo que você me traz, e se não for assim eu gostaria que você me corrigisse, porque são as suas lembranças, então a preocupação de não ficar interferindo, que era mais por parte de um determinado professor ou de outro e não da escola...

D.: Sim, era mais ou menos por aí mesmo...

E:?(fico em silêncio, talvez tenha feito cara de dúvida)

D.: É essa impressão que eu tenho mesmo, é isso aí... Mas tem uma questão....também que...quando isso aconteceu comigo no M eu já tinha meus 16 pra 17 anos. No F eu tinha 14, 13. Então, é....bem diferente, não sei quanto eu prestava atenção nessas coisas, no F. Então, de repente tinha e eu não sei, não percebi,...Eu não sei dizer bem, talvez corresse risco de....

E: Claro, são fases diferentes e em cada uma a gente percebe uma coisa.... Mas vamos pensar um pouquinho...tem algum fato que tenha te marcado, algum professor em especial, ou uma lembrança especial com relação à maneira como se dava a dinâmica escolar, ou a relação com os professores? Você tem alguma lembrança, ou não, seria forçar um pouquinho?

D.: De relação com os professores tenho muitas lembranças desde o fundamental I.

E: Positivas...?

D.: Positivas. O fundamental I, 1ª, 2ª, 3ª e 4ª séries, a classe tinha um professor que dava matemática, ciência, estudos sociais e português. E tinha uma outra professora que dava ciências. Então era uma relação super intensa, ali, todo dia, o mesmo professor, o dia inteiro....

E: E você tem uma memória boa dessa época?

D.: Tenho uma memória boa, sem dúvida nenhuma. Me lembro da diretora, X, que era o máximo, brava demais, às vezes. Lembro das aulas de música, da professora de música, eu fazia parte do coral. Não, só tenho memórias boas mesmo.

E: Tá.

D.: Daquela época, com os professores. Mas... foi, mais ou menos, a época que eu comecei a ser o cara que era pegado ali para Cristo, que era zoadado e tal,....no final do Fund.I.

E: E como você acha que a escola lidava com essa questão?

D.: Não tenho a menor idéia.

E: Você não lembra?

D.: Como a escola lidava com isso? Não sei. Honestamente, eu não sei....

E: Você se não lembra da presença da escola mediando a relação entre os alunos?

D.: Não, não me lembro. Só se tivesse uma, uma briga física, de fato, que aconteceu algumas vezes. Briga de moleque de quarta série não é nada, né. Mas, enfim, uns tapinhas pra lá e pra cá. Mas daí a escola vinha e dava bronca nos dois. No ginásio eu fui suspenso duas ou três vezes por brigar porque no ginásio eu comecei a me defender mais, né..Aí eu me defendia do jeito que eu sabia me defender. Daí vem a escola e suspende os dois, fala e...Mas ali no dia-a-dia não lembro de nenhuma mediação, não.

E: Você não lembra?

D.: Não.

E: Tá....Vou entrar um pouco nas lembranças que vocês levantaram na classe. Uma das coisas que me chamou a atenção foi um dos grupos, não sei qual pois os grupos, você se lembra, não são identificados. Um grupo mencionou que a pluralidade de professores, no fundamental II, era uma das lembranças positivas. Em algum momento você pensou que pudesse ser melhor ter vários professores do que ficar com um único professor, ou não?

D.: Não, eu nunca pensei nisso. Mas acho que é uma opinião que eu compartilho. Acho que de fato é interessante ter um professor para cada matéria. Eu lembro de estar assustado na quarta série de ter tantas matérias novas: história, geografia,...álgebra...O que é álgebra? O que é x? Eu perguntava para o meu irmão e ele falava: “é que nem aquele quadradinho que você desenha”....eu falava: “mas eu não entendo”.... Eu ficava desesperado...(fala em tom de brincadeira).

E: Mas você acha que mais pelo conteúdo intelectual do que por alguma questão relacional?

D.: Também, também.... Quanto à relação afetiva, ali, com o professor, eu não tinha muito essa preocupação. Eu lembro até na quarta série a minha professora dizia com certo orgulho que a gente era a única classe que não chamava ela de tia, chamava pelo nome. Então, pelo menos ali naquela classe a gente tava mais, talvez mais amadurecido nesse sentido. Mas eu não tive problema em ter vários professores, uma relação um pouco mais distante, tal. Para mim não foi uma questão.

E: D., voltando um pouco para a questão que você mencionou da sua história pessoal. Não que você se lembre objetivamente do que aconteceu no Fundamental I ou II, mas no M você mencionou que os dois únicos lugares onde se sentia bem quando estava em crise, eram na sua casa e na escola. Quando você era mais novo, você não se lembra de como se sentia?

D.: Não, eu me sentia bem na escola. Não tinha grandes problemas na escola. Me sentia bem em casa, me sentia bem na escola, mesmo já tendo alguns ataques de pânico, na escola eu não tinha.

E: E você não lembra da participação dela te ajudando nesse aspecto, diretamente?

D.: Não, não, só dizendo que se acontecesse alguma coisa durante o estudo do meio era para eu falar e tal, buscar o professor, alguma coisa nesse sentido, mas uma participação ali na hora, no dia-a-dia, não, de jeito nenhum.

E: Mas, de toda forma eram dois espaços nos quais você se sentia....

D.: Sentia seguro. Me sentia seguro, tanto no F quanto no M.

E: Apesar de no F você dizer que não havia uma mediação nas relações...

D.: Não havia, mas...eu acho que talvez no F eu me sentisse muito bem porque era um lugar extremamente familiar, pequeno, eu conhecia todos os professores, alguns mais do que outros, mas...eu conhecia bastante gente...Eu tava lá minha vida inteira, então uma coisa mais segunda casa mesmo.... Mesmo não tendo essa mediação e....sendo uma coisa mais ali no bom senso, tal isso servia, era o suficiente para eu me sentir seguro lá, sabe.

E: Tá, você acha que era o suficiente?

D.: Acho. Eu só mencionei o M porque aquele foi um momento de grande crise mesmo,...a maior de todas, eu tava lá. E lá, eu me sentia muito bem. Apesar de só estar a um ano na escola.

E: A profa. Elisa comentou que, no momento em que vocês levantaram as lembranças em classe, você mencionou que a sua experiência parecia ter sido muito diferente da experiência dos outros. Por que você sentiu isso?

D.: Isso foi engraçado até. Eu era o cara que gostava de fazer lição de casa, por exemplo, eu achava divertido. Essa era uma coisa que eu ficava meio surpreso, as pessoas falando que adoravam aula vaga, e hora da saída, e hora do recreio e esses momentos....eu, também, gostava, adorava recreio, ir embora para casa, tudo bem. Mas era uma coisa tão....não quero escola, não quero estudar, eu gostava....Sabe, quando eu tive catapora, eu estava lá no pré-primário, eu completei o meu caderno inteiro enquanto eu estava com catapora. O caderno da escola, eu fiz ele inteiro, ali em casa, porque eu não tinha nada pra fazer, eu fazia isso, era engraçado....de repente, comparar com a experiência de outras pessoas e... todo mundo odiar todas essas coisas... Eu achava legal cantar o hino quando eu estava na quarta série, terceira série. Um dos momentos muito emocionantes que eu lembro foi quando o Ayrton Senna morreu e a gente perfilado, cantando o hino, com uma faixa preta....esse foi um momento especial até.

E: E por que você sentiu como especial?

D.: Não sei, porque era um ídolo, sabe, que tinha morrido e todo mundo na escola mal, todo mundo chateado, com faixa preta no braço, perfilado, cantando o hino nacional como em uma homenagem, foi uma coisa especial. Eu lembro das pessoas falando que odiavam as matérias, as aulas, os professores. Eu adorava os professores, gostava dos professores. Eu conversava com eles fora, dali, do horário de aula, e tal. Passava sempre na sala dos professores, às vezes. Uma relação bem diferente mesmo, era isso. Fazia tudo que todo mundo fazia, só que...Eu adorava recreio, fazia zona na

aula, mas,...raramente,... no ginásio, eu era expulso da aula, o professor pediu para sair da aula, aconteceu uma vez ou outra. No colegial nunca, não aconteceu nenhuma vez. No M, eu era esse cara mais...não sei, eu gostava de estudar, sabe....eu gostava de ir para a escola, gostava de me dedicar, de aprender, essa foi a grande diferença com o pessoal lá, parecia que era uma coisa muito mais de obrigação, tem que fazer e gostavam muito mais da parte ali social, dos amigos...

E: Isso os seus colegas da PUC?

D.: As pessoas, o pessoal do meu grupo gostava muito mais dessa parte dos amigos, do social. Essa é a impressão que eu tenho.

E: Entendi.

D.: Eu gostava disso também, mas eu gostava da parte acadêmica mesmo.

E: E de onde você acha que veio esse envolvimento com o acadêmico? Na sua história de família, como era?

D.: Não sei, tem na minha história de família, o meu irmão era assim também. Meu pai era extremamente intelectual, acadêmico. Mas eu não sei dizer de onde vem, era uma coisa natural. Como eu disse, desde o pré-primário, eu estava doente, eu completei o caderno da escola, a apostila ali de exercícios. Eu disputava com um amigo meu, no primário, quem terminava os exercícios de matemática primeiro. Sei lá, eu fazia esse tipo de coisa, sabe. Mas eu não sei dizer bem de onde vem.

E: E na escola, os seus amigos também pensavam assim?

D.: Não, nem um pouco.

E: Na escola também não pensavam assim?

D.: Não. O pessoal do F, ali, eu era o cara para quem eles vinham pedir ajuda quando eles estavam de recuperação, o cara para quem eles pediam cola. Eles tinham muito pouca preocupação com isso. Volta e meia eu lembro um trabalho que a gente fez, Brasil 500 anos, na oitava série, ano 2000, em que eu e uns amigos, desses que não se importam muito, a gente fez um baita trabalho sobre as grandes navegações, fez um mapa mundi enorme, com isopor, teve toda uma preocupação, trabalho. A escola pediu para a gente apresentar pro supletivo, pediu pra gente apresentar pro pré-primário. Baita dedicação; essa inclusive é uma diferença, eu gostava de fazer trabalho, o pessoal do grupo, aqui na aula da Ana, não gostava. Mas, no geral, tinham até uma certa raiva de mim, eu era o cdf, eu era o cara que passava de ano em tudo, que não tinha dificuldade e, no geral, isso gerava uma certa, até uma

certa zoeira, porque eu era o cara que não tinha essa dificuldade, esse problema. Então, meus amigos de F. pensavam bem diferente.

E: E no M?

D.: No M tem 250 pessoas, não aparece isso. Tem de tudo, isso é o legal do M, se tem 250 pessoas, tem de tudo.

E: E na tua classe, quantos eram?

D.: Eram 40, acho.

E: 40.

D.: No F, na minha classe de oitava série tinham quinze, máximo 20, 22. No M eram 40, 42.

E: E tem alguma lembrança que você lembra de não ter mencionado, quando fez o trabalho com a profa. Elisa?

D.: Não, não. Quando eu fiz o trabalho? Não, eu acho que eu coloquei tudo que eu lembrava. Eu não coloquei essa parte da.....

E: A lembrança ruim? Você tem muita lembrança boa da escola, felizmente; lembrança ruim, não?

D.: Lembranças ruins de escola, eu acho que era essa parte. Inclusive, eu acho que coloquei isso na Elisa, essa parte do bullying mesmo, da “encheção” de saco, de ser pego para Cristo, ser zoadado, tal. É, essa foi a lembrança hoje, que inclusive coloquei lá. Eu tinha 12/13 anos, eu tinha um narigão, ainda, então me pegavam.

E: Por que ainda?

D.: É, porque eu tinha um nariz grande e eu já era o cara que já tinha toda aquela insegurança. Tinha um nariz grande, era o meio “cedeeezinho” da turma, então me pegavam de jeito, eu era o alvo perfeito praticamente. Então essa é a lembrança ruim de escola.

E: Tá..

D.: Talvez isso até esteja relacionado, o social meio ruim com uma preocupação maior com o acadêmico, eu não estou indo tão bem desse lado, eu não gasto tanta energia, tanto tempo pensando no social, na escola, eu vou mais para o lado de cá. Mais ou menos também, porque surge mais no

fundamental II, que é pior essa parte social, e eu já era mais acadêmico fazia tempo.

E: O social no Fundamental II é mais difícil?

D.: É mais difícil no fundamental II, é. Doze, treze anos começa a ter festinha, começa a ter...Você precisa ter uma reputação, ser um cara legal, ser bem visto e bem quisto pelas pessoas. E, não sei, talvez eu fosse um pouco mais, nessa parte de, talvez eu tenha demorado um pouco mais para amadurecer nesse sentido, era muito inseguro e tal. Eu sofri um pouco por causa disso.

E: E, por que você fala que você era inseguro?

D.: Ah, porque eu era completamente nervoso, ansioso, inseguro, o tempo inteiro. Até hoje eu sou um pouquinho. Isso eu peguei da minha mãe, a minha mãe é completamente assim, também. Mas, é, é, nervoso, não sei, inseguro mesmo.

E: Mas você sempre se sentiu muito bem na escola, apesar desta insegurança que você aponta?

D.: Sim, nas escolas sim. Nas relações sociais ali nem tanto, mas na escola, no lugar, sim.

E: Ah, porque ali você achava...Por que você acha que é assim, não vou sugerir, desculpa?

D.: Porque na escola é rotina, vai indo e acaba sendo uma coisa de segurança mesmo. As coisas não mudam tanto. Já, ali, na hora das relações sociais, hora do recreio, tal...já, eu já era um cara mais inseguro. Eu seguia, tipo, a nossa turminha ali tinha um moleque que era mais, meio líder, assim, e todo mundo ia seguindo ele. Eu era um dos que seguiam, sabe. Falar com menina para mim era um terror. Eu era completamente desajeitado, como a maioria dos moleques de 12, 13 anos é, mas mais do que os outros aparentavam pelo menos. Eu achava que eu era mais desajeitado do que os outros. Hoje em dia, eu já não sei, de repente todo mundo era desajeitado, comparado a hoje em dia com certeza. Mas, por causa disso, essa a minha diferença.(fala essa última palavra, muito baixo).

E: Como você acha que a escola te via?

D.: Como um moleque bonzinho, que estuda, vai bem na aula e é bonzinho, não cria problema. Ninguém presta muita atenção também, né? A escola vai prestar atenção no moleque problema, né.

E: Mas você achava que não prestavam muita atenção? A maneira como a escola nos vê, você acha que isso não teve uma importância sobre a maneira como você se comportava?

D.: Como eu me comportava? Talvez, não sei dizer. Talvez porque o meu irmão era o cara certinho, a escola já esperava que eu fosse parecido, e eu, de fato, era um cara quietinho, não fazia muita bagunça, ia sempre bem, tirava A, B, no mínimo um C, e um cara legal, “de boa”, sossegado, que não dá problema. Eu acho que a escola me via como um cara que não dá problema. E, talvez, de fato eu fosse esse cara que não desse problema. Eu não sei o que veio primeiro, se foi a percepção da escola, talvez baseada no meu irmão, ou se fui eu que passei essa percepção por ser de fato isso, ou agir dessa forma. Talvez uma coisa que foi se alimentando retroativamente, sabe.

E: E você gostava de ser esse...

D.: O cara bonzinho?

E: Você gostava desse olhar da escola?

D.: Nossa, eu sempre me preocupei muito em agradar as pessoas. Eu acho que, até hoje, eu tenho um certo problema com isso, de ter que sempre agradar e tal. É uma coisa que vem lá de trás, então eu queria sempre agradar o professor, na escola, no fundamental, também no colegial, talvez até na faculdade. É uma coisa que sempre foi minha, querer agradar as pessoas. Eu não sei por que, eu to fazendo terapia para ver se eu descubro. (risadas)

E: O que não é exatamente ruim, que bom.

D.: Não, não é necessariamente ruim. Mas, talvez, tenha me impedido de ter algumas experiências interessantes por querer agradar.

E: Por exemplo?

D.: Não sei, de zoar mesmo, na escola fazer merda. Fazer coisas erradas, são experiências interessantes, também, não deixam de ser.

E: E seriam interessantes por quê?

D.: Ah, não sei dizer. Interessantes no sentido de serem experiências, também. Experiências que durante a escola eu não tive. Eu não tomava bronca. Chegar e falar mal da professora, que a “f. da p. me deu uma bronca”, “uma vaca”, tal. Não era uma coisa que estava em mim. Talvez até uma coisa que me conectasse com meus amigos, sabe, talvez. Essas experiências mais negativas na relação com os professores talvez me deixasse mais próximo dos meus amigos, e talvez essa fosse uma coisa interessante.

E: Mas, parece que você fez uma escolha. Poderia eventualmente ter tido outra conduta só para agradar o seu amigo, houve uma escolha sua.

D.: Tentava também. Eu agradava o professor, eu tentava agradar os meus amigos também. Não são coisas excludentes, se agrada um desagrada o outro, vou tentar fazer os dois. Mas com o professor é fácil, com os amigos da sua idade é mais difícil, eu acho não sei. Agora eu estou chutando completamente, não tenho essa lembrança.

E: Não tem problema, é a maneira como você percebe, hoje, o que aconteceu antes. A idéia foi essa, por isso não perguntei para pessoas que estão na escola. É uma elaboração sobre o que aconteceu, era essa a intenção. D. acho que está ótimo, muito obrigada.

ANEXO II

ENTREVISTA COM SANDRO

Esta entrevista foi realizada no dia 27/10/08 e teve duração de 117 minutos. Havia uma sala reservada para a entrevista, mas quando chegamos estava trancada. Ficamos em outra sala que estava vazia. Não fomos interrompidos e tudo transcorreu de maneira tranquila. S. no momento da entrevista tinha 29 anos e estava no quarto ano do curso de psicologia da PUC-SP.

E: S. eu gostaria de conversar com você a respeito da sua experiência escolar. A minha pesquisa é sobre isso. Vocês fizeram aquele trabalho com a professora Elisa e agora eu gostaria de saber sobre a sua experiência. Gostaria que você me dissesse qual foi o sentido da escola na sua vida, qual foi a importância da escola na sua vida.

S: Eu acho que a escola para mim, por um bom tempo, foi uma obrigação, um compromisso. Muito mais ligada a cumprir e dar conta de um compromisso. Eu acho que pela forma como eu vivia, a relação que eu acho que eu tinha de pouco afeto pela escola, eu tenho umas memórias meio truncadas, comprometidas, eu acho, eu acho importante falar isso. Mas acho que nunca teve o sentido de construir conhecimento, que aquilo me formaria como pessoa, acho que eu poderia dizer isso.

E: Por que você fala que não tinha um afeto grande pela escola?

S: Não sei, acho que principalmente por essa coisa do compromisso. Acho que as figuras dos professores, na grande maioria, acho que a relação que eles tinham com o trabalho era muito artificial, muito, sei lá, presa aos currículos de uma forma extremamente rígida que não dava condição pra gente se aproximar. E tem aquela coisa de A, B e C, você tem que fazer rigorosamente aquelas atividades, estudar aquele conteúdo daquela maneira como o cara está acostumado a fazer há 20 anos, o mesmo tipo de abordagem. Ensinar sintaxe daquela maneira, daquela maneira é que ele vai querer que você aprenda sintaxe. Não está aberto às transformações. Hoje é essa leitura que eu faço.

E: Você acha isso com relação à aproximação com as matérias. E a relação com o professor, como era?

S: A relação com o professor? Ah...eu tenho boas memórias também. Eu lembro que eu tinha um prof. José Tobias, que a gente chamava na turma, carinhosamente, de “Véio”, ele era um puta cara. Filósofo, professor de educação física, tava estudando Psicologia ainda, tinha uma experiência de vida, era um “tiozão” assim, bem que pegava a gente e era muito carinhoso, muito próximo.

E: Em que série isso?

S.: Se eu me lembro bem, na quinta série, sexta série.

E: Mas era mais ele, ou os professores de um modo geral? Como era a relação com os professores de um modo geral?

S: De modo geral ficou essa imagem do professor rígido, rigoroso.

E: Rigoroso no ensino dos conteúdos, mas não com relação à proximidade pessoal?

S: Com relação à proximidade pessoal, eu vejo uma preocupação, sempre, em pontuar, marcar com autoridade e muitas vezes autoritarismo. Distantes, e muito despreparados pra entender o processo individual de cada um, perceber um pouco mais sensivelmente. É...claro que não dá para se aprofundar, é um pouco utópico, mas ter um olhar um pouquinho mais sensível, pra... Cada dia aquele aluno é diferente, quem dirá...você encarar todos como iguais. Um pouquinho mais de olhar sensível. Não sei se porque eles trabalham muito, porque precisam de dinheiro, ou por falta de preparo, mas eu fico com essa imagem da escola.

E: E isso você acha que acabou interferindo na relação que você tinha com a escola, e com o estudo, ou não?

S.: Acho que sim, determinante.

E: Você era um bom aluno?

S.: Não, sempre fui um aluno mediano. Exceto em educação artística, educação física.

E: Você gostava de ir à escola?

S.: Por causa das relações sociais, né.

E: Ah, a sua motivação era.....

S.: A minha motivação, principalmente, acho que sempre foram os vínculos com os amigos, com as pessoas, com alguns professores que eu considerava muito especiais, como esse que eu falei, e também o de Educação Artística, o M, muito sensível. Alguns poucos assim, que passaram.

E: Então a parte social, a relação com os amigos, era boa na escola?

S.: Acho que sim.

E: Era gostosa, você gostava?

S.: É, sim.(fala com muito pouca convicção)

E: Mais ou menos? Você está falando um sim...

S.: É, eu sempre fui muito introspectivo e tímido. Mas eu consegui me inserir, eu tinha o meu grupo e tal, na escola.

E: Mas você falou que gostava de ir para a escola principalmente pela relação com os amigos, menos pelo estudo.

S.: É, tinha esse sentimento de preenchimento....e de inserção social. Acho que tinha muito esse sentido para mim a escola, também.

E: Ta.

S.: Acho que mais atrelado a isso, eu acho, do que compreender que...Eu fui me dar conta de que estudar todo aquele conteúdo básico, de Ensino Fundamental e Médio, era importante para a minha formação pessoal e também prá.....na época de vestibular, e que foi depois do meu período, assim. Eu havia sido repetente de uma quinta série. Estudei até a metade da quarta no X, uma Escola Estadual de I e II grau, na época era essa nomenclatura ainda.

E: Que fica onde?

S.: Fica na zona leste de São Paulo.

E: Perto da sua casa?

S.: Isso, um bairro chamado Cangaíba, próximo à Penha, subdistrito da Penha.

E: Ta

S.: Aí eu tinha uma tia que era....é da área da educação, já era na época, e viu que eu tava com dificuldade, tal...

E: Ela era professora dessa escola?

S.: Não, ela era professora de uma outra escola. Ela sugeriu para a minha mãe que me tirasse dessa escola e me levasse para uma outra, chamada Z, onde ela dava aula para a quarta série, para ela ser uma das minhas professoras.

E: E era próxima da sua casa?

S.: Era num outro bairro, eu tinha que me locomover de ônibus, era um bairro mais para dentro da zona leste, eu andava uns dez, quinze minutos de ônibus. Aí, fiquei esse final de quarta série, esse meio ano letivo e aí passei para a quinta série...Aí, foi...um caos...essa primeira quinta série.

E: Você mudou de escola no meio da quarta série, foi para a escola da sua tia...

S.: Isso, eu estava com dificuldade e a minha tia teve essa percepção quis ajudar, e essa primeira metade foi até tranquilo. Aí, na quinta série, acho que muito, também, por causa da adolescência, da fase tal, e por causa das minhas dificuldades, eu estava muito rebelde assim, muito bagunceiro, tava da turma do barulho.

E: Dificuldades...conta um pouquinho mais como era isso.

S.: Dificuldade de aprendizado mesmo, de concentração. Eu tinha um problema da visão que não tinha sido....é....Eu não usava óculos até esse período....eu acho..eu já tinha uma visão comprometida, como você pode ver, o meu grau é bem forte.

E: Eu não consigo ver. Não dá para perceber.

S.: É, o meu grau é bem forte.

E: É, quantos graus você tem?

S.: Tenho dez graus de hipermetropia.

E: E você descobriu naquela época?

S.: É, eu me lembro de ter descoberto entre, assim, metade de quarta e quinta série....Eu passava por umas situações muito delicadas, assim de brigar com o professor, discutir. Teve uma vez que eu pedi para ir ao banheiro, na aula de História, nessa quinta série, aí eu passei na cantina e comprei um sorvete e parei na frente da porta da sala, que estava fechada, e tava comendo meu sorvete, rapidinho. Aí ele abriu a porta da sala e me viu. Aí, esse iluminado, professor de História, tomou o sorvete da minha mão e jogou no chão e falou assim: “eu deixei você ir ao banheiro, não você ir comprar sorvete.” E aí, o que é que eu fiz, eu fui lá e comprei outro e voltei para a porta da sala. E aí, terminei de chupar na porta da sala, uma coisa de se afirmar e tal....E aí, ele veio querer pegar de novo, e aí eu lembro dele tomar o sorvete agressivamente de mim e eu dar um murro nele, na barriga dele. Claro que, eu acho que nem afetou porque eu era muito “mirradinho”. Aí, nossa, foi o caos.

E: E como ele reagiu?

S.: Ele chamou o inspetor, a direção, tal. Devo ter ficado o resto do dia ouvindo ladainha. Então, eu já tinha sido agredido, já, né, de alguma maneira, e revidei, agredi, também.

E: E como a escola encaminhou isso, ela te ouviu?

S.: Essa minha tia sempre foi muito rigorosa, então...

E: A sua tia era professora do quê na escola?

S.: Nessa época não me lembro, mas ela era deficiente físico, nessa época acho que ela estava readaptada. Ela me deu aula na quarta série, nessa época da história, na quinta, acho que ela

já estava readaptada, que ela tem poliomielite, ela tem problema de coluna, ela tava com uma função desviada lá dentro, acho que mais próxima da direção inclusive. E ela deve ter me dado sermão. (Eu devo) ter ficado numa sala sozinho, horas. Assim, tipo de castigo.

E: E na época, você lembra do que te disseram, ou ficou um sermão que não chegou a fazer sentido para você? Ou você entendeu um pouco? A escola te explicou e procurou entender o que estava acontecendo? Trabalhou com você a compreensão dessa situação, ou nem tanto?

S.: Eu não tenho nenhum diálogo marcado, assim, que tenha sido esclarecedor. Ficou como essa ‘enchecção de saco’, meio desesperado, meio apavorado por ter feito uma coisa absurda...

E: Você percebeu que tinha sido uma coisa absurda?

S.: É.

E: E você chegou a colocar a sua percepção, de que o professor havia sido...

S.: Não, não lembro disso.

E: Como você entendeu, que explicação você deu a essa situação na época, como elaborou essa questão, você se lembra?

S.: Não. Eu lembro de ter ficado com essa sensação de que eu era alguém do mal. Fizeram eu me sentir assim, um aluno do mal, um motivo para muita confusão. Por um certo lado, nesse período da adolescência, da pré-adolescência, uma coisa para se orgulhar, uma coisa para se envergonhar, digna dessa pressão.

E: E você mais se orgulhava ou mais se envergonhava?

S.: Eu não sei, mas eu acho que eu mais me orgulhava.

E: E daí para a frente, como foi na escola?

S.: Daí eu repeti essa série.

E: E você acha que você acabou assumindo esse papel de alguém do mal?

S.: Não. Acho que assumi um pouco essa condição de rebeldia, acho que... que assumi um pouco essa condição de rebeldia, isso sim, de sempre ta..é... incomodado com a situação. Acho que isso foi se traduzindo e hoje eu levo assim.... Daí, quando eu repeti a quinta série eu voltei para o X, a escola inicial, e aí foi onde eu terminei a minha vida de Educação Fundamental e Médio.

E: E como você foi recebido nessa escola da qual você tinha saído?

S: Bom, eu fiquei um ano e meio fora, eu lembro de ter chegado meio...perdido, assim,... sem ambiente. Mas quando um aluno novo chega não tem nada de especial, nenhuma recepção especial, entra na sala e....é isso que eu me lembro.

E: E aí como foi, continuou a ser o aluno rebelde? Rebelde com relação a que?

S: Acho que continuei a ser um aluno mediano. Nesse meio tempo, eu lembro de ter tido a oportunidade de participar de um grupo de teatro, no X. Acho que o ano letivo todo, que foi uma coisa muito transformadora, assim,...de trabalhar um pouco com a arte, de assistir teatro, essa coisa...que era uma coisa que a escola ofereceu. Eu lembro de ter retomado um vínculo com o professor M. de Educação Artística, por exemplo que me reforçava muito pro lado da arte. Acho que eu fui...mais...virando para esse lado artístico e tal. Mas eu num...num sei te dizer se eu tenho memórias precisas, lineares, sabe, de lá para cá.

E: Não se preocupe, só algumas coisas que te marcaram, alguns fatos, algum professor, que você achou importante.

S: Então, eu lembro de nessa época, acho que era sexta série, ano seguinte, de...essa coisa do teatro, desse professor conversando comigo, o M., me reforçando muito para a arte. Ele dava flauta doce nas aulas dele e eu me saía super bem, e fazia música, ele super elogiava a gente da sala. Então.... tinha essa....E ele tinha sido professor de um tio meu também. Então tinha uma história ali presente, naquela relação de afeto, sabe, que já de alguma maneira eu já considerava especial. E ele valorizava isso. Depois....a...eu lembro de uma professora acho que na sétima, oitava série, uma professora de língua portuguesa que era uma das pessoas mais....rigorosas que eu tive, assim, mais chatas, sabe, daquelas.....chamava S. Quando eu falei de sintaxe eu lembrei dela. Eu não conseguia entender nada, era uma coisa de copiar e reproduzir lousa e...Sabe, eu tenho lacunas na gramática até hoje, ortografia, assim...porque tinha asco, assim...Bom, mas já vinha de antes na verdade.

E: E você não falava que estava com dificuldade, que não estava conseguindo entender? Como a escola lidava com essa dificuldade de aprendizagem? Você não estava conseguindo aprender aquele conteúdo, como eles encaminhavam isso?

S: Eu não lembro disso. Eu tenho a sensação de que era essa coisa da avaliação e uma vez que você não consegue, você fica frustrado e é visto como um aluno ruim.

E: E eles davam recuperação?

S: Ah, eu cheguei a fazer algumas recuperações, na quinta, sexta série...isso tinha também.

E: Mas não te ajudaram muito?

S: Não, porque eu acho que a recuperação era mais uma coisa pra fazer um...mais burocrática, uma segunda época, que aí eu estudava bastante, corria atrás pra passar...Eu lembro de ter feito pelo menos duas recuperações, dois anos seguidos, acho que na quinta e na sexta série.

E: Você sentia mais como uma formalidade?

S: É, um castigo, assim.

E: Recuperação era castigo.

S: Recuperação era castigo. E era de dar vergonha, assim, pô...peguei recuperação.

E: Você não via como momento de aprender o que não tinha aprendido?

S: Não. Como eu te falei, eu fui mudar a minha relação com o estudo nessa época de vestibular, e aí eu atrasei um ano de reprovação, terminei o colegial em 97, aí fiquei no ano de 98 totalmente assim, sem contato com nada que mexesse com a cabeça.

E: E você parou, não tentou nem o vestibular?

S: Não, eu nem pensava em vestibular, eu acho que nem sabia que podia. Sabe, eu não tinha essa referência familiar, não tinha essa referência nem da escola, nem nenhum professor passou, ou eu captei pelo menos essa atmosfera.

E: Eles não conversavam com vocês no terceiro colegial a respeito do vestibular?

S: Não, eu não tenho essa memória. Se tivesse ali alguns núcleos...É, devia ter pessoas implicadas nisso, só que eu estava em outra atmosfera...eu não devo ter captado...e eu acho que não tinha também informação....assim, prá todo mundo, porque senão, de alguma maneira, eu teria registrado a coisa de uma forma mais importante. Terminei 97, fiquei 98 totalmente à toa, só trabalhava.

E: E você trabalhava com quê?

S: 98, deixa eu ver. Vamos fazer uns cálculos, sou de 79, em 99, vinte anos, eu deveria trabalhar no almoxarife numa empresa metalúrgica. Depois também, eu trabalhei de estoquista numa loja de calçado em shopping center. Era essa a minha realidade, eu precisava trabalhar, sempre moramos de aluguel, tem essa coisa que eu sempre trago como referência de família humilde tal, uma coisa que eu tive muita dificuldade pra me adaptar com o ambiente da PUC, porque existe um público economicamente desfavorecido, mas acaba se dissipando porque é minoria. Você demora para encontrar quem são as pessoas. Aqui sempre vivem, num universo, pessoas com outra realidade econômica, social, com acesso à alimentação, com acesso à diversão, à cultura. Aqui na PUC, eu tive muita dificuldade de me adaptar em função da minha história, minha história escolar. Bom, aí esse 98/99 eu voltei a fazer teatro fora, em outro lugar, e naquela turminha do teatro tinha duas irmãs, nossas amigas, assim, que eram muito aplicadas na escola.

E: Você fazia teatro onde?

S: Eu fazia teatro. Tem o parque ecológico do Tietê que oferecia as aulas, e aí eu lembro de ter ido com a minha irmã, uns amigos da rua, conhecemos outras pessoas lá. E era um ambiente um pouco mais estimulado pra estudar, pra escola; tinha uma preocupação maior, as pessoas traziam essas referências, enfim. E a maioria tinha histórico de ensino público também. Se bem me lembro, acho que não tinha ninguém da escola particular. E essas meninas que eu to te falando, a C e a E, elas tinham estudado em escola pública, mas elas mandavam muito bem, assim, elas dominavam o conteúdo de ensino médio para o vestibular. E a E já falava espanhol, eram duas irmãs, e a outra já falava francês que tinha aprendido em uma escola que oferecia, pública da Penha. Acho que é o papel da família, também, de influenciar e direcionar também.

E: Você acha que elas faziam o curso por incentivo da família delas? Não fazia parte do currículo da escola?

S: Elas estudavam numa outra escola que eu não sei o nome, e uma segunda escola oferecia o curso para quem estava até no máximo no primeiro colegial. Essa escola tinha salas para línguas que recebiam pessoas de outras escolas, era uma escola pública, N SP, o pessoal chama de Estadual da Penha.

E: E você acha que os pais delas é que incentivaram?

S: Elas não tinham mãe, tinham perdido a mãe muito cedo. O pai era um cara extremamente rigoroso, bem “chucrão”, e elas tinham uma tia, irmã da mãe falecida, que era vizinha, que eu acho que, se eu me lembro bem, era a referência delas.

E: E a sua família, como você sentia a relação da sua família com a escola, com o estudo?

S: Então, a minha família. Assim, meu pai foi minha mãe quem alfabetizou, quando eles se conheceram, meu pai era analfabeto, só assinava o nome, e tinha uma letra linda, aliás. Ele ia assinar W, ele fazia assim (faz uma mímica para mostrar o gestual do pai).

E: Desenhado.

S: Bem desenhado, devagar. Fazia contas porque era comerciante, ambulante, tal e escrevia algumas poucas coisas, a minha mãe que tinha alfabetizado. Minha mãe foi terminar o ensino médio depois dos três filhos nascidos e grandes. Lembro da minha mãe freqüentando o ensino médio, mas era sempre uma coisa de cumprir formalidade, cumprir um...Não tinha uma coisa de olha é importante porque você vai aprender geografia, você vai conhecer o mundo e vai saber onde ficam os países e as culturas e quais as possíveis relações econômicas, as influências culturais que a gente recebe dos americanos, coisas assim. Não tinha essa coisa. Pra arte eu tinha esse tio K, lá amigo do M, professor M, que era uma pessoa que apresentou para a gente criança Chico Buarque. Pintava, desenhava muito, dedicava tempo lá pra gente, era irmão da minha mãe.

E: Ele era músico?

S: Não, ele não era músico, ele era operário, só que muito envolvido com música, fã do Chico Buarque demais e ele era desenhista por conta própria. Ele era referência para isso. Então tinha esse estímulo cultural que vinha daí. Tenho um irmão mais velho, nove anos mais velho, que também sempre trabalhando, e tinha uma vida que eu não lembro nada relacionado à escola, era muito passear, as baladinhas dele, na época de rock'n roll, vestido de preto. Eu lembro dessas coisas assim.

E: Você é o segundo filho?

S: Não, tem a S. que é a do meio. O (irmão) tem 38 e eu 29, a minha irmã tem 33, não 31. Eu não sei se foi suficiente para descrever o ambiente familiar, assim.

E: E os seus irmãos, estudaram até o final do ensino médio, fizeram faculdade?

S: Não, meu irmão não terminou o ensino médio. Ele estudou depois suplência, só até o começo do segundo colegial, não terminou até hoje. A minha irmã terminou, mas também, assim, não emendou o colegial na faculdade. Ela fez Comunicação e Artes do Corpo, aqui, e agora está na Alemanha, trabalhando bastante. Sou super fã dela, puta atriz.

E: Também para ela, você acha que teve importância o seu tio?

S: Com certeza, ela fala isso. A gente compartilha essa referência, tal.

E: Que interessante.

S: Hoje, ele mudou da água para o vinho. Teve muitos problemas na vida, então se tornou uma pessoa 'paradona', completamente diferente daquela referência. Matou um pouco aquela referência que a gente tinha.

E: Mas na época valeu?

S: É, a gente ainda guarda esse carinho e vira e mexe a gente paparica ele, nesse sentido.

E: Que gostoso. E você não se lembra da maneira como os seus pais te apresentavam a escola?

S: Não. Lembro só da minha mãe cobrando, quando eu falava que tinha trabalho da escola pra fazer, ela cobrando pra fazer. Aí, volta um pouco, lá na quinta série, antes de eu me transferir para o C.M, eu lembro de uma experiência muito ruim, traumática, bem traumática, que a professora sempre me dava a tabuada de castigo porque eu não havia feito alguma coisa. Que eu me lembro não havia feito alguma atividade, ou alguma bagunça. E aí tinha dez vezes cada tabuada, coisas assim absurdas, às vezes até mais. Aí, eu lembro de passear para a periferia, para a casa de uma tia nossa e levar essas coisas pra fazer lá e minha mãe cobrando que eu fizesse, minha mãe sempre cobrando que eu fizesse tudo, e eu nunca fazia direito, sempre dava uma enroladinha pra não fazer.

E: E você não lembra por quê?

S: Não lembro, acho que devia ter feito alguma coisa de errado.

E: Não, por que você dava essa enroladinha, por que resistia em fazer?

S: Porque ninguém quer fazer dez vezes a tabuada.

E: Claro. Não, mas por que você dava essa enroladinha e não fazia a lição?

S: Ficar nas aulas era difícil.

E: Por quê? Você não lembra por que você sentia assim?

S: Não lembro.

E: Você falou que via como uma formalidade?

S: É, um compromisso, uma obrigação, uma obrigação com a família, porque tinha uma cobrança de estar na escola, isso tinha dos meus pais; é, eu lembro.

E: Mas você não via muito sentido em estar na escola?

S: Não, a não ser as relações pessoais ali, né, interpessoais.

E: Ta, com os amigos?

S: É. E aí eu lembro da minha mãe nessas situações de cobrança. Eu no final de semana, eu com um trabalho pra fazer, que eu não tinha feito, no domingo a tarde eu decidia fazer porque sabia que ia ter que entregar, aí ela ficava: vamos terminar vai, não pára, tem que fazer, essas coisas de cobrança assim. Não lembro da minha mãe sentar comigo pra fazer nenhuma atividade, muito menos meu pai.

E: E a questão da sua visão, me conta um pouquinho mais disso? Você tem problema para enxergar longe, ou perto?

S: Eu tenho hipermetropia, 10 graus.

E: Isso prejudica a sua visão...

S: Totalmente, eu não posso dirigir, não posso ler nada.

E: Você não enxerga longe ou não enxerga perto?

S: Fica tudo bem pequenininho. Não enxergo nem longe nem perto. E tenho também 3,75 de astigmatismo, não, agora diminuiu, 2,75 de astigmatismo. De uns anos pra cá vem diminuindo.

E: E na escola, você não enxergava a lousa? Talvez isso tivesse alguma relação...

S: É, acho que isso ficou claro na quarta série quando eu me transferi de escola. É, foi lá assim...Tem uns absurdos que dá até tristeza e vergonha de contar, mas eu te conto. Uns absurdos do tipo, eu me lembro de terem percebido finalmente que eu precisava de óculos e me conseguiram um óculos que tinha lá na escola, assim, lá guardado, um óculos velho.

E: E quem percebeu?

S: Então, eu não sei.

E: Mas foi na escola nova?

S: Foi na escola nova, não sei se foi a minha tia ou a própria escola. Lembro de sentar no fundo da aula de história, desse professor imbecil, é um babaca, de sentar no fundo da sala, de ter aquelas lousas pra copiar e eu não copiar nada, e eu tinha uma amiga que copiava às vezes pra mim, para eu poder apresentar que estava feito.

E: Você não falava que não estava enxergando a lousa, como era?

S: Então, é uma coisa curiosa mesmo.

E: Interessante, curiosa.

S: Acho que é como o cego mesmo, você não tem referência do diferente daquilo. Eu acho que é isso.

E: Mas você lembra de sempre ver a lousa...

S: É, acho que por isso o esforço era maior e por isso... O seu trabalho fala sobre memórias, né. Eu tenho a lembrança de ter as memórias comprometidas, porque obviamente tem relação a visão comprometida com algumas experiências, acho que tem alguma relação, que eu não sei exatamente qual, mas eu tenho algumas lacunas de memória que eu acho que tem a ver com visão. Imagino que tenha algum sentido isso.

E: Pelo fato de você não enxergar, você percebia as coisas de uma outra forma...

S: É, tanto é que eu tenho uma audição muito apurada, eu acho que por viver esses primeiros anos precisando de óculos, e sem óculos.

E: Humm.

S: E a história de me darem esses óculos, que não passei pelo oculista nada, me deram um óculos assim velho, botaram lá para eu enxergar as coisas, que não era meu.

E: Não te encaminharam para o oftalmologista?

S: Só um tempo depois, não sei exatamente quando, mas eu lembro que a gente tinha muita dificuldade financeira, pobreza e tal, mesmo. E a gente tinha uma vizinha que era conhecida da minha mãe e se propôs a me levar ao oftalmologista e a me comprar um óculos. E aí, eu lembro de ter essa situação de um sentimento de humilhação nessa coisa. Porque eu lembro dela ter dito, o marido falou assim “tem que ver um óculos para ele escolher tal”, e ela “ah, não tem nada que escolher nada, eu já estou dando”. Uma coisa assim, mais ou menos.

E: A vizinha tinha se proposto a te dar os óculos?

S: Mas tinha que ser do jeito dela, enfim. É, tem umas experiências bem tristes assim, com essa questão de ter dificuldade financeira. Então, aí eu ia te contando a experiência com as tabuadas que é da experiência traumática; prá resumir, eu lembro de ter voltado de uma dessas ocasiões do castigo sem fazer o castigo como devia ser feito, na quarta série ainda, antes de transferir de escola, X. Eu lembro de ter voltado e ter uma outra iluminada, uma outra professora iluminada que, ela viu que eu não tinha feito, e a turma toda saiu para o intervalo, recreio, e eu fiquei dentro da sala de aula tendo que fazer a tabuada, sozinho e trancado. E ali, eu acho que ela deve ter me dado uma bronca, ou a própria situação de nervosismo, eu acabei fazendo cocô. A situação de nervosismo deve ter alterado todo o meu intestino, meu metabolismo, ali, eu fiz cocô na sala trancado, sem poder sair, chorando. Foi absolutamente traumático, assim. Marcou essa coisa de não ter afeto e relação com a escola, foi muito traumático mesmo. Lembro de voltar pra casa, sozinho, sujo, pesado. Tem um lado engraçado e um lado muito triste, né. Muito traumático mesmo.

E: É muito triste.

S: É um absurdo, eu acho.

E: E como foi, a professora viu ou você disfarçou?

S: Não, ela voltou, eu estava chorando e todo sujo.

E: E ela ?

S: Eu não lembro. Eu lembro de ter sido encaminhado para a secretaria e ter saído pela secretaria. Eu acho que essa mulher devia ser presa, devia ser um desses casos de televisão. Só que, eu não sei o que aconteceu, eu só lembro de ter saído pela secretaria, que é nos fundos da escola. Então, né, ela se deu conta da situação e eu fui embora.

E: E você foi para a sua casa..

S: Andando, que era mais ou menos próximo, uns 15, 20 minutos andando. Sujo e chorando o caminho todo.

E: E você chegou na sua casa...

S: Encontrei meu pai no caminho, quase na rua de casa.

E: E seu pai?

S: Ele tava ocupado, ele vende bilhete, tava negociando alguma coisa ali, “ah, vai pra casa que eu já to indo, tal”. Não deu muita atenção também, tinha essa coisa, o meu pai era um homem muito frio distante, assim. Aí fui pra casa, e aí foi isso, não lembro de ninguém ter ido atrás.

E: Você contou pra sua mãe?

S: contei, mas não lembro a reação dela, não tenho memória disso. Essa história é bem pesadona.

E: Pelo que você lembra, eles não foram na escola conversar?

S: Que eu saiba não. A minha mãe, com o meu irmão mais velho, tinha uma cultura de permitir o castigo e autorizar, legitimar o professor para fazer isso. O meu irmão tem umas histórias bem cabulosas na escola também, por isso também não terminou, por isso uma relação de não ter prazer com a leitura. Tinha essa coisa da minha mãe autorizar o professor a castigar. Meu irmão sofreu muitas coisas traumáticas assim na escola. Então minha mãe tinha essa relação de considerar, respeitar a autoridade do professor, legitimar a autoridade do professor e, presente, cobrando para cumprir as obrigações. Nessa ocasião, que eu me lembre ficou totalmente por isso. Nem a minha tia que era um pouco mais esclarecida e era professora, nem nas conversas de família, não lembro nada de terem ido atrás.

E: Mas virou uma conversa de família, é isso?

S: Virou uma história de vergonha pra carregar.

E: Para você carregar, ou para a família?

S: Pra mim. Não lembro da repercussão que teve na família, acho que não teve.

E: E a escolarização do seu irmão, você contou que foi muito complicada, e você era o irmão mais novo. Como você via isso, você lembra?

S: Como eu via? Sei que ele não era referência pra estudar, sempre trabalhou bastante. Meu irmão tinha a função também de cobrar de vigiar um pouco também. Mas não sei se entendi a pergunta.

E: Que referência você acha que ele foi para você, você tem alguma lembrança disso, o que você diria do seu irmão?

S: Tenho muito carinho porque ele sempre cuidou muito da gente, se preocupou em...Por ter sofrido sempre com essa coisa de pobreza e ter trabalhado desde cedo, então, ele era um pouco um segundo pai, assim. Sempre lembro dele me presentear com a minha primeira bicicleta. Tenho essa coisa do carinho e um medo que eu tinha dele também, porque às vezes ele me batia. Quando eu fazia coisa do arco da velha, era moleque, assim, ele me dava umas pancadinhas. Depois foi ele que instituiu o castigo na minha casa, “não bate pai, deixa ele de castigo”, que era uma coisa melhor, já. Lembro dele com um pouco mais de cuidado e sensibilidade com a gente, com os irmãos mais novos. De muito carinho, de brincar muito, mas pra escola não era, definitivamente não era referência para estudar.

E: E a sua irmã?

S: Uh...A minha irmã, de pequena a gente nunca se deu bem, a gente brigava muito de tapa, muita pancadaria. Eu não lembro.

E: Ela estudava na mesma escola que você?

S: Estudava na mesma escola. Ela era um pouco inacessível, assim...Menina, dois anos mais velha, não me queria por perto de jeito nenhum.

E: E ela era boa aluna, como era?

S: Não, ela também era da pesada na escola. Até esse período de oitava série.

E: O que é da pesada?

S: Eu to falando da pesada, to usando esse termo, porque eu fui numa reunião do meu sobrinho, do pré, no ano passado, no EMEI, e a professora falou “olha, o G. não tem feito as coisas, está meio desatento, ta bagunçando, ele é da turma da pesada viu.”

E: E ele está com quantos anos?

S: Ta com sete. Eu achei um absurdo ela falar isso, “não, olha, o G. é um menino inteligente, só é um pouco preguiçoso.” Falei com o meu irmão, aí o meu irmão já queria ir lá e eu falei “não, espera, vamos dar um tempo, não ta nada, não é nada tão grave. Vamos ver se ela vai continuar adjetivando ele, aí a gente conversa com essa mulher”. Mas no dia eu já dei um recado, assim, pra ela, tipo, eu ironizei “Ah, preguiçoso, como é alguém preguiçoso?” Ela “não, não é isso, é que às vezes ele não faz as coisas”, deu uma desconversada.

E: E a questão dos adjetivos, me fala um pouquinho. Como você sentia isso?

S: Os adjetivos?

E: É, a questão que você coloca da adjetivação das pessoas, você sentia isso na escola?

S: To lembrando do meu irmão, das histórias que ele conta, de novo. Quando ele fazia as coisas erradas tinha aquela coisa de ficar no canto da sala e por a orelha de burro, passou por isso. De mim eu lembro, não lembro de adjetivos, eu lembro das situações, eu na sala da coordenação, e o X tinha uma coordenadora, na época da minha sexta, sétima série, maravilhosa, assim, muito paciente, ouvia. Então...Eu lembro de uma situação específica pra falar. Intervalo de aula, saiu um professor e ai entrar o prof R de história, nesse tempo, eu peguei a flauta doce que era uma coisa gostosa, afinal de contas, tal, tava ali tocando alguma coisa. Daí o professor chegou, imediatamente, antes dele colocar as coisas na mesa, ele já mandou eu parar. Eu tava esperando a aula, não tinha começado ainda, eu continuei, pensei comigo: quando começar eu paro, né. E aí, eu acho que ele já não devia ir com a minha cara, eu já devia ter feito uma outra peripécia, peraltice. Daí ele veio e tomou a flauta da minha mão, tentou tomar, a gente ficou com aquela coisa de troca, também. Eu lembro de, nessa situação, eu ter empurrado ele, ter saído da sala e fui parar na coordenação. Aí eu lembro dessa coordenadora M. A. com o aluno problema nas mãos, sendo paciente, “o que aconteceu, por que você tem feito isso?” Mas eu acho que essas atuações, Ana, são alguns profissionais que têm um preparo melhor, pessoal e profissional melhor. E são situações de dedicação isolada, na escola, sabe, pessoas dispostas a perder tempo. Definitivamente, não está na estrutura isso. Essa é a visão que eu tenho, fazendo os estágios que eu tenho feito de educação na psicologia. Eu diria que tem gente determinada no meio do caos que é a escola pública, ainda hoje. Eu fiz estágio na escola Z, aqui pertinho, na Lapa. Já ouviu falar, conhece? Tem um perfil dos alunos, é bem curioso porque eu conversei com um professor de geografia, meu amigo que fez estágio lá, ele falou, pelo que eu entendi, tem moradores da região, mas muitos são filhos de pessoas que, como a Lapa é um centro comercial, pessoas que vêm passar o dia todo, trabalhar e os filhos vêm para a escola. Um perfil bem curioso, as pessoas vêm de muitos lugares diferentes, bairros diferentes. É uma bagunça a escola, uma bagunça. Os alunos não têm noção de respeito, entre eles e o professor, eles e os colegas. Essas coisas que eu to contando que eu fiz, eu tenho a impressão que, quando eu fiz, elas eram muito mais desparatadas, muito mais absurdo e notável, porque era mais isolado, de um garoto problema ou outro. A impressão, que eu tive na Z, é de que é geral. Eles se chutam o tempo todo, se batem, se xingam, gritam, falam palavrão na frente do professor. Tem um professor ou outro, que está disposto a berrar e a botar o dedo na cara e a pegar pelo braço e chacoalhar, que aí estabelece uma relação de autoridade e medo, que consegue um pouco mais controlar. Os outros, acho que vão tocando, fingem que não vêm. É isso que eu vi agora.

E: É interessante a sua maneira de ver esses meninos que fazem coisas parecidas com as que você fazia, mas eram discrepantes, e nessa escola você vê que é a regra. Como você percebe isso, pensa em você quando era criança, para tentar entender o sentido do que essas crianças fazem agora? Para você, como psicólogo, como vê isso?

S: Eu acho que, apesar de estar generalizada, eu, não é naturalizar, mas consigo entender um pouco mais, que isso vem das referências das famílias que as pessoas têm, da realidade que elas têm, estímulo ou não. Você não consegue definir, mas você sabe que por trás de cada um tem uma história importante.

E: E como você imagina, como profissional, encaminhar essas situações?

S: Boa pergunta, né. Essa é uma pergunta difícil de responder, eu não sei, a gente discutia isso nas aulas. Eu acho que o psicólogo, dentro da escola, não vai ter essa função de olhar caso a caso, tem uma função institucional e o que pode fazer é ajudar junto com uma equipe, recebendo a demanda que vem dos professores. Os casos mais isolados, você vai encaminhar pra, se for o caso, psicoterapia, fora, rede de saúde pública.

E: Mas esse estágio te ajudou a entender um pouco o seu próprio comportamento na escola?

S: Sim, acho que ajudou a entender, mas eu já vinha entendendo antes de passar por essa experiência do estágio.

E: Agora, vamos voltar um pouquinho à coordenadora que você mencionou, como um caso isolado. Ela te chamou para conversar, o que isso significou para você na época, você lembra?

S: Ah, um acolhimento total, me senti acolhido, senti afeto da parte dela. Aí, era ela que fazia eu ter os momentos de reflexão, de melhorar, que eu não tava fazendo a coisa certa. Eu lembro dela me tocar para esse sentido, começar a aguçar em mim o sentido de que a escola é importante, precisa terminar, aprender. Não lembro exatamente dos diálogos, mas dela ter sido essa referência de carinho e de acolhimento dentro da escola.

E: E isso acabou significando para você?

S: Uma mudança de comportamento.

E: Uma mudança de comportamento?

S: Acho que sim. Eu to pensando agora, memória é sempre assim. Eu acho que não tão claro, de uma hora pra outra, processual tal. Acho não, tenho certeza, porque a vida escolar, de estudo, continuou e vira e mexe eu lembro dessas figuras isoladas como referência, entendeu.

E: Foi importante para que você continuasse estudando?

S: É, uma coisa efetiva, inclusive para continuar estudando.

E: O seu irmão saiu da escola, por que ele saiu, teve algum fato que marcou?

S: Ele sempre precisou trabalhar muito. Desde cedo, trabalhava desde os catorze anos, bastante, no ramo de calçados também ele trabalhava muito, pra complementar a renda e tudo isso. E eu estudava à noite. Eu, a avaliação que eu faço é que ele não agüentou, desde muito cedo, trabalhar e estudar. E aí tinha dificuldade na escola, não tinha referência familiar, não tinha memórias boas da escola, tinha essas memórias grotescas também. Precisaria lembrar aqui para te contar algumas, mas só essa coisa da orelha de burro, chegou a apanhar na mão, tomava uns puxões de orelha de arrancar a orelha e a minha mãe legitimava o professor,

umas coisas assim, né. Então, acho que na sétima série, ele era muito amigo do meu pai, meu pai já encarava ele como um homem. Ele falou “eu não quero mais estudar”, meu pai falou “por que você não quer? Vai estudar”, ele falou “não, eu quero só trabalhar”. Aí, meu pai acabou deixando. Mas tinha uma coisa dele complementar o papel masculino, de subsistência, pairando no ar.

E: S, quando você começou a ir à escola você lembra se gostava, ou não? Parece que se criou um círculo vicioso de afastamento, você se comporta de uma maneira que a escola não entende adequada, e a escola

S: Porque nunca é só uma coisa, já tem uma história minha aí. Legal. Eu já fiz análise por um ano e meio, aqui no Sedes, e eu falei muito pouco da minha vida escolar, só desses eventos mais traumáticos, assim. Mas é interessante essa oportunidade de estar relembrando e revendo agora, porque eu não tenho nada elaborado, né. Estou aqui muito num clima de associação livre. No começo lembro da pré-escola, de uma coisa de adorar ir pra escola, a coisa do lanchinho, musiquinhas. Tenho memórias boas, lembro de algumas vezes dormir na escola, mas acho que era normal, né, dormir? Lembro de um dia ter dormido um tempão na mesa.

E: Em que série?

S: Na pré-escola.

E: Na pré-escola é criança, pequenininho....

S: É, tinha uns cinco anos. Eu lembro de gostar muito de ir pra escola.

E: E você dormiu e tudo bem, ou você se sentiu como?

S: Acho que me senti meio deslocado, por ter dormido. Eu dormi na mesa, acho que fiquei bastante tempo dormindo nesse dia, e estava tendo atividade com guache. As minhas coisas estavam espalhadas, e eu dormi e acordei no final, pra ir embora. Eu me senti meio perdido, assim. Eu to pensando quanto a minha relação com a escola vinha de uma particularidade minha, assim, minhas conexões com o mundo, to pensando agora. Aí, depois, primeira série, lembro da dificuldade de fazer a conta de dividir, de mais sei lá. É, não to com a memória clara dessa época.

E: Você lembra o momento em que deixou de ser uma coisa boa, que deixou de querer ir para a escola, teve algum fato, talvez a própria...não sei?

S: Eu não sei. É uma reflexão que não tem tanto a ver com as minhas memórias, tem a ver com as nossas discussões acadêmicas aqui. Vamos ver se encaixa, se faz algum sentido. Eu acho que tem um choque muito grande do que significa uma criança que tem a oportunidade de frequentar a pré-escola, que também não são todas, e tem uma liberdade nas atividades, pra pintar e bordar, e entra na primeira série você tem que ficar sentado. Fisicamente limitado, correr, brincar e pular, é muito mais limitado nesse sentido, e você ter que começar

a inserir a matemática, a escrita de uma forma muito sistematizada, e aí vem essa coisa da avaliação, como uma coisa ruim, não como parte do processo, mas como discriminadora mesmo de quem é bom, de quem é ruim. Eu to falando da pressão. Eu não tenho memória, mas tenho essa impressão de que a passagem para a primeira série já é um momento determinante.

E: Pela cobrança?

S: Pela cobrança, pela mudança de...Quando eu tive contato com essa reflexão acadêmica, eu lembro de ter feito sentido pra mim: “é mesmo, eu lembro que comigo foi assim.” Essa passagem do pré para a primeira já foi uma coisa não muito boa. Eu tenho a sensação de que isso é a minha memória real.

E: E não foi boa porque você se sentia cobrado?

S: É, é, muda completamente a característica, do pré pra a primeira série. Eu to com a sensação agora de que as coisas que eu estou falando estão meio perdidas, sem linearidade.

E: Não, não tem problema, a gente vai recuperando as coisas importantes.

S: Ah que bom, mas depois você está danada para fazer a transcrição.

E: Não tem problema. Escuta S., quando você fez terapia você comentou poucas coisas da escola?

S: É, eu comentei sobre esse fato da quarta série, que eu fiquei trancado na sala e saí cheio de coco e comentei de uma experiência que não é da escola, mas que de alguma maneira eu ligo com a escola, você vai entender porquê. Eu morava nos fundos de uma escola, na rua, assim, a uns 50 metros pra baixo do fundo da escola. Eu lembro da gente passar muita necessidade, não ter o que comer nesse período, e a gente ir buscar sopa de soja nos fundos da escola. De pegar, buscar sopa de carne de soja, que era uma experiência de muita humilhação. Coisas que eu me dei conta depois de adulto, na análise.

E: E isso com que idade?

S: Eu acho que eu tinha entre 5 e 6 anos, com 7 anos eu já morava em outro lugar.

E: S, é interessante, quando você fala que sentiu assim. Mas, talvez, pudesse ter estabelecido uma outra relação, ter sentido que a escola era um espaço ...

S: Que supre.

E: Que supre, provedor.

S.: É, mas acho que não. Porque a minha mãe tem uma cultura de se inferiorizar muito, porque tem uma história longa e triste de pobreza e fome que precisaria de tempo pra te

contar. Tem uma coisa de se diminuir diante das pessoas que a gente, a nossa família, não superou isso ainda adultos, essa referência dela a gente vem superando. O meu irmão com muito mais dificuldade, eu acho, por ser mais velho, pegar uma época ainda mais grave. Minha irmã, acho que superou mais, elaborou melhor isso. E eu, depois, recentemente, venho pensando e elaborando isso. Então tinha essa referência de humilhação em buscar essa comida nos fundos da escola. E nos fundos da escola.

E: É, nos fundos da escola...E você acha que isso talvez tenha contribuído para a sua relação com a escola.

S: Eu acho, por isso que eu to te falando agora. Aí fica mais num 'psicologuês' assim, né. Qual o sentido que foi. É, mas é o seu trabalho, tem tudo a ver, né.

E: É, como você sentiu, como você percebeu, acho que não é 'psicologuês' porque é a sua experiência pessoal, eu imagino 'psicologuês' quando a gente fica generalizando e falando da experiência de todos, como uma regra, a gente está falando da sua experiência, o que você sentiu.

S: Então, legitimando essa experiência, eu acho que sim. Não sei exatamente como, mas acho que sim.

E: Vamos voltar um pouco para a época em que você fez teatro que foi, como você mencionou, uma retomada da importância do universo escolar.

S: Eu estou achando alguma incoerência no que eu falei, em relação a eu ter falado que o meu interesse foi mais depois do final do colegial, mas eu lembro desses cursos serem ainda antes de eu terminar o colegial. Mas enfim, isso não importa acho. O que você gostaria que eu falasse sobre isso?

E: Você comentou em relação ao vestibular, que acabou o seu ensino médio sem que tenha sido colocada para você qualquer perspectiva de fazer uma faculdade, que estudar ainda era o cumprimento de uma obrigação, e uma formalidade acabar o ensino médio. Você ficou um ano sem estudar, trabalhando, e teria começado a fazer teatro, onde conheceu aquelas meninas que tinham outra percepção da escola, diferente da sua...

S: É, o grupo todo.

E: O grupo todo tinha uma percepção da escola, do universo acadêmico muito diferente, o que pra você foi importante pois a partir daí você teria começado a perceber um pouco da importância que a escola poderia ter.

S: Isso, isso mesmo.

E: Se você achar que tem alguma mudança temporal,..você acha que ainda estava na escola?

S: É, porque eu lembro de ter ficado dois anos no curso de teatro e dele ter começado em 95 e eu terminei o colegial em 97. Então...eu teria feito junto com a escola, mas tenha colhido os efeitos depois. Talvez os frutos disso, e as amizades se mantiveram também, namorei uma dessas meninas, ...Tinha um outro amigo, D, que era um cara que era uma referência, também, estudava muito...foi fazer Etapa. Também de família classe média baixa, tinha que trabalhar e pagar cursinho também, e fez dois anos de Etapa, e mais um de Objetivo, aí entrou em Geografia na USP, hoje trabalha no IBAMA, um cara inteligente. Um amigo que passava essa imagem de que era por ali que eu preciso ir também. Mas eu sentia essa distância, de que faltava muito pra mim, eu tinha essa sensação com relação às meninas, com relação a ele, tinha essa sensação de que falta muito. Mas aí fui fazer cursinho também, em 2002. Eu tava trabalhando com telemarketing, se bem me lembro, e fazia Etapa. Fiz uns três meses, e eu viajava na maionese, no cursinho, cansado, não conseguia fazer nada, ...As aulas eu entendia muito pouco, fiz três meses e saí. Eu entrei na PUC em 2004...Não, o Etapa foi em 2000, depois eu fiquei mais um período sem pensar em faculdade, de 2000 a 2002, depois em 2003 fui fazer o cursinho da Poli, você conhece? Começa originariamente como um cursinho popular, hoje tem se transformado em comercial, de mais fácil acesso econômico tal e uma cultura de receber as pessoas com dificuldade econômica.

E: Ele era gratuito e as aulas eram dadas pelos alunos da Poli?

S: É, tem essa história inicial, mas hoje já tem um outro perfil. Mas eu peguei o finalzinho desse período ainda, que eu considero bom. Daí eu terminei o colegial em 97. Em 98 eu simplesmente “bundeí”, totalmente despreocupado, não passou pela cabeça. Depois, eu lembro de 99 para 2000, por essa coisa do estímulo do trabalho, pensar em ir fazer inglês e também porque eu tava pensando em viajar pra fora, porque tinha uma oportunidade lá. Namorava uma menina e ela tinha um casal de amigos...Tô pensando em que eu ocupei a mente, fui fazer inglês, trabalhando, tal, não sei quê.

E: Então, mas o que te levou a esses saltos, a fazer inglês e depois a fazer uma faculdade?

S: O que me levou a fazer inglês foi essa oportunidade de viajar pra fora, eu acho. Não, não, foi a coisa de ter um currículo, a expectativa de que isso vai te valorizar profissionalmente, daí fui fazer inglês por causa disso. É complicado assim, né?

E: Não, de jeito nenhum.

S: Aí eu, namorando com a A, já pensando em viajar pra fora, isso em 2001, a gente tava com essa expectativa de viajar para os EUA para trabalhar lá quando em 11 de setembro teve o episódio e....eu tava fazendo meio que por baixo dos panos o visto, sabe, naquelas de jeitinho brasileiro, ia pagar \$ 500 dólares para conseguir o visto para ir para os EUA, então por isso eu estudava muito inglês. Só que aí nós nos separamos, eu estudei inglês mais um tempo e saí. E aí, no início de 2002, eu entrei na universidade, na Cruzeiro do Sul, para fazer Psicologia e aí eu fiquei uns três meses só. Desisti porque eu trabalhava o dia inteiro eu ganhava um pouco mais de 500 “paus” e pagava 500 “paus”. E eu vinha lá do fim do mundo, correndo, atravessava um trajeto muito difícil para chegar até São Miguel Paulista, e fazia aula a noite, uma sala com 97 alunos, aí eu falei “não, não é por aí”. Aí, eu já trazia essa

referência do meu amigo D na USP, C na USP, sabe, todos caminhando. Eu tinha uns papos com eles...Aí saí, não estudei no resto de 2002 e em 2003 entrei no cursinho da Poli. Eu me dediquei um pouco mais, trabalhando também, e sempre...carrego comigo ainda hoje essa referência da dificuldade, sabe, de fazer com dificuldade. Eu falo hoje com um certo orgulho...Eu lembro que, em 2003, eu trabalhava na Barra Funda com telemarketing, na Atento, aquele prédio azul de vidro que tem perto do metrô, grande, é ali. E aí eu terminava o expediente às duas horas e a aula começava às sete, do cursinho, à noite. Então eu ia da Barra Funda até a Lapa andando e ficava lá à tarde, então alguns dias eu conseguia estudar, outros nem tanto eu estava cansado, assistia aula à noite. Foi onde eu fiz um pouco melhor o cursinho. Daí em 2004 eu entrei na PUC.

E: Então você entrou na PUC pelo vestibular, não foi Prouni?

S: Não, foi pelo vestibular. Só que eu fiz uma estratégia assim para entrar.

E: É, qual foi?

S: No cursinho a gente conversava bastante com os professores, tinha aquela linha de professores mais descolados, mais próximos da gente, jovem, ...e eles falavam para todo mundo de pensar em alternativas de tirar essa coisa de todo mundo só querer entrar na USP, só nas mais concorridas, ...e aí eu lembro deles falarem na possibilidade de entrar nas particulares boas, como PUC, Mackenzie, São Marcos...Sabe, eles cogitarem isso deixar mais próximo para mim. Então eu prestei, acho que, na USP, Fôno, porque era uma opção que pelas contas do vestibular que era pra mim, eu acho que dá; eu não passei. Aqui na PUC eu prestei primeira opção Psicologia, segunda Fono, e ...não passei na primeira opção. Frequentei por um ano a Fonaudiologia, com essa expectativa de me transferir para a Psicologia. O vestibular era muito menos concorrido para Fono.

E: E você sabia que podia pedir transferência, alguém já havia te dito isso?

S: Eu tinha essa expectativa. Depois faria uma prova da fono pra psico. Eu frequentei um ano, me envolvendo com a Fono que era um curso muito bacana, me apaixonei bem, edaí me transferi para a psicologia.

E: E por que você escolheu fazer psicologia?

S: Porque...na época do colegial eu cheguei a pensar em fazer técnica para enfermagem, eu tinha essa imagem, só essa imagem da psicologia de cuidar de pessoas,um pouco da imagem hospitalar tal. Eu lembro de ler um livro espírita que foi um marco.....é enfim. E eu li porque eu era espírita, eu li com muito envolvimento e dizia assim: que a depressão ia ser um problema importante pras pessoas. E naquela época eu tava pensando em procurar um curso de técnico em enfermagem pra fazer. Porque eu achava que a minha parada era cuidar de gente, ainda acho. E daí eu tava lendo esse livro, então eu vi que psicologia podia ser uma coisa legal. Fiquei alimentando isso por bastante tempo. Tanto é que em 2002 eu tinha prestado nessa outra universidade...

E: Mas agora você falou uma coisa que ficou um pouco confusa. Você mencionou primeiro que na época do ensino médio você não se via fazendo uma faculdade, não era uma coisa colocada e agora você diz que quando estava no colegial já pensava em fazer psicologia, ou alguma coisa ligada a isso.

S: Não, a psicologia surgiu depois, acho que eu estou me referindo à alguma época entre 99 e....Com certeza 98 não foi porque eu só trabalhava e ...fumava muita maconha, tava assim bem perdidinho. Teve um período em que eu fiquei sem trabalhar em 98 inclusive, acho, se não tiver confundindo as coisas. Lembro de passar as tarde na rua com os amigos, foi um ano meio perdido meio....Como ser humano tem importância, mas foi um ano meio morto com essa visão de desenvolvimento formal, de escola trabalho, foi um ano meio complicado por isso que eu to marcando.

E: E quando você pensava que queria cuidar de pessoas, por que você acha que queria isso?

S: Eu acho que é por causa da referência religiosa.... Porque meu pai faleceu, eu tinha catorze anos. Quando meu pai faleceu, tinha um vizinho que era amigo da família e era espírita e me encaminhou, me convidando para as reuniões, foi me inserindo no espiritismo, no kardecismo, e aí eu lembro de ter uma presença do assistencialismo, de participar de um projeto chamado Beija Flor, em que a gente saía arrecadando nas portas alimento pra levar pro asilo de velhos, eu lembro dessa atmosfera, desse ambiente.

E: De ajuda mútua.

S: De ajuda é, de caridade, tinha. O livro era espírita, então tem essa origem, eu acho. Minha mãe, minha mãe também sempre foi muito caridosa com as pessoas, sabe. Receber alguém que ta na rua e dar um prato de comida, dentro de casa, tem umas histórias bonitas assim, como chamar pra dentro de casa para tomar um banho, comer na mesa com a gente, então tem essa referência, assim. Acho que foi por isso.

E: E a sua mãe, é viva?

S: É viva, tem 62 anos, é uma menina. Bom, acho que no desejo pela Psicologia, eu tenho essa referência desse assistencialismo, dessa caridade, desse referencial caridoso, desse olhar religioso.

E: De ajudar as pessoas.

S: É, isso foi me dando norte para pensar na Psicologia.

E: E no cursinho, como era a relação com os professores?

S: No cursinho, na Poli, foi uma coisa muito divertida de fazer. Porque tinha uma pressão pessoal por eu achar que eu estava muito aquém na questão de conteúdo. Uma cobrança pessoal, acho que é uma característica minha de sempre me cobrar muito e lançar metas às vezes maiores, essa ansiedade, essa angústia de, às vezes, fazer coisas melhores e maiores pra

superar a origem, sabe essas coisas assim. Uma pressão muito grande, então eu tinha essa sensação de que eu tava meio aquém com relação ao conteúdo, mas os professores são muito divertidos, muitos professores são próximos, entre os intervalos de aula conversavam, brincavam. O conteúdo é musicado porque tem...algumas vezes é musicado, ...o professor faz a gente se apaixonar no cursinho, porque eles querem ser bons para terem concorrência no mercado, então eles fazem...Essa coisa do cursinho é muito legal, nesse sentido retoma bem para alguns jovens, eu acho. Para mim cumpriu essa função. Sei lá o professor de biologia cantar uma musiquinha pra você lembrar como é....a troca dos genes lá.

E: Você acha que isso acabou criando uma relação diferente sua com o conhecimento, com o ensino?

S: Afetiva, afetiva, importância. Se o cara faz uma coisa brincado, né, e se você consegue se envolver na brincadeira, tá na sintonia da brincadeira, você vai pra casa e lembra da brincadeira com o conteúdo e aí muda a relação.

E: E você acha que a partir daí mudou a relação que você tinha com o conhecimento?

S: Eu acho. Eu vou falar pra você uma coisa de análise que eu já falei mais ou menos aqui por cima, uma das coisas que me manteve estudando foi a superação dessa realidade da qual eu vim, e a superação do analfabetismo do meu pai, uma coisa que foi levantada em análise. E, depois, o cursinho foi importante para retomar essa coisa do afeto com o próprio conteúdo, com o próprio ensino formal. Então tem essas duas coisas presentes, eu acho.

E: E também possibilitar que você fosse para o ensino superior.

S: E tem uma questão que é o mínimo de subsídio que você tem que ter, e de alguma maneira eu tenho a impressão que ...Bom, se o meu irmão já era, quando o meu pai faleceu, eu tinha 14 anos, meu irmão tinha 23 anos, já era o braço direito, já tinha parado de estudar porque não gostava, não queria. Aí, ele fica no lugar, eu acho que ele se sacrificou muito por ser mais velho, por ter essa realidade diante dele. Ele trabalhava, eu pude não trabalhar, por exemplo. Então, tem essa questão de subsídio mínimo que eu acho que tenho, ainda hoje. Por ter sido o caçula, eu comecei a trabalhar cedo também, mas nunca foi tão sério como ele, de ter que trabalhar porque tinha realmente que chegar junto ali no aluguel. Eu lembro de ter trabalhado bem cedo, com uns 13, 14 anos, mais por uma cobrança da minha mãe, vender sorvete na rua, uma coisa rápida e depois trabalhar de office boy com 16, 17. Tive uma folga muito maior, eu acho, em comparação com o meu irmão que não tinha essa liberdade que eu acho que é essencial, é da ordem do concreto da alimentação, você estar descansado pra poder ficar num cursinho, por exemplo. Telemarketing é um trabalho de seis horas, meu dinheiro não era todo aplicado em casa, eu podia ir ao cinema, podia sair pra passear com os amigos. Acho que tudo isso de alguma maneira vai, né, permitindo. A realidade em torno do estudante tem que estar a favor de alguma maneira.

E: A aqui na PUC, como foi passar no vestibular, o que você sentiu?

S: Eu não passei na primeira opção, passei na segunda. Então eu não tenho aquela sensação de pintar a cara, ahhhhhh!!! Eu nunca tive essa sensação. Eu percebi que foi uma conquista, mas eu tinha passado num curso que já era menos concorrido, tem aquela coisa assim. Só que eu tinha, no terceiro mês, já tinha as dicas que a minha irmã que já tinha entrado na universidade, e ela tinha bolsa de estudos, aqui na PUC, ela fez artes do corpo. Daí eu sabia que tinha possibilidade de bolsa. Quando entrou tinha bolsa de 60%, ela ficou acumulando uma dívida por um tempo e depois conseguiu chegar a 80% de doação e 20% restituível. Quando eu entrei, já tinha essa expectativa de conseguir a bolsa. Minha irmã conseguiu, acho que eu vou conseguir também. Então eu entrei na fono com essa sensação de não tanta conquista assim, porque afinal de contas não entrei na primeira opção, mas vou fazer, curso superior vai muito bem obrigado. Essa coisa profissional de superar a realidade, como eu te falei. Aí eu freqüentei. Pra pagar a matrícula, lembro de ter feito um esforço descomunal, da minha irmã ter dinheiro guardado dela, de trabalho, e me emprestar. Era 1.208, não me esqueço, na época. Lembro dela conseguir 700 reais dela e eu pegar ali mais um que eu tinha, também, de trabalho do mês. Enfim, fazer o cata na família pra pagar a matrícula. E fiquei uns três meses sem pagar, pleiteando uma bolsa, quando eu consegui a bolsa 100% doação.

E: 100%, que bom!

S: É, logo de cara. Eu lembro que foi um dia muito bonito. A minha irmã trabalhava muito também e a gente se via muito pouco em casa. Depois ela foi morar com uns amigos e a gente se via menos ainda. E eu lembro de eu ter saído com a notícia que tinha conseguido a bolsa e esbarrei com ela no corredor na mesma hora, e a gente chorava junto, assim, que nem criança. Uma história bem bonita. Até me emociono. A gente foi para um cantinho assim, choramos juntos, tal. To até me emocionando....E aí, fiz o primeiro ano de Fono como um dos melhores alunos do curso de fono, não só da minha sala. Com essa coisa de fazer jus à bolsa tal..e...tinha um rendimento muito bom mesmo, muito bom...de ótimo...entre 8 e 9,5 era a maioria das minhas notas no primeiro ano da faculdade. Tinha um ou outro 10, um ou outro 5 e 6, a grande maioria entre 8,5 e 9,5, assim. Então me destacava muito no meu primeiro ano de fono. Aí tava com essa expectativa de quero psicologia e me envolvendo com o curso de fono. Eu lembro que na transferência, no final do ano de 2004, que eu tinha que decidir se eu ia continuar a Fono ou se ia pra psicologia, eu lembro de ter pego um trabalho de temporada, com calçado também, e trabalhando o dia inteiro assim, louco de trabalhar. Não conseguia nem pensar nas coisas direito e tinha que tomar essa decisão. E tomei a decisão de me transferir, só que pra isso eu perdi uma semana de sono, estava louco, cansado, dormia mal, tinha que tomar a decisão...muitos questionamentos...Por isso que eu falo que, de uma certa maneira privilegiado, me dando o direito de ter crise existencial, assim. E afinal de contas, eu vou me frustrar se eu fizer fono, ou não, e aí.....Porque o que eu queria era psicologia, eu vou me frustrar se não fizer, aí me transferi.

E: Uma decisão difícil, você começou a gostar de fono...

S: É, e eu tinha me destacado, já tinha sido no primeiro ano convidado pra fazer iniciação científica.

E: Que bacana.

S: Tudo bem que era uma professora que estava precisando de aluno.

E: Mas é sempre assim.

S: É, tinha me destacado de verdade, ali. Tinha esse orgulho de ter feito...e aí eu teria me formado já. Ta difícil me manter na PUC, ta cansativo. Ta bem difícil...aí ...É, me transferi. Mantive a iniciação científica no primeiro ano de psicologia, na fono, até agosto.

E: Na iniciação científica, você tinha uma bolsa?

S: É, eu tinha uma bolsa, tinha 300 paus de bolsa, que já dava um respiro. Mas era um trabalho f.d.p. É, hoje eu fico fazendo essa crítica que era uma mão de obra, assim, que não me orientou pra pesquisa, definitivamente, assim. Era uma coisa de digitar *corpora*, sabe. Tinha transcrição de falas de criança e a maior parte do tempo, a esmagadora parte do tempo, exceto por uma reunião de um grupo de estudos que ela organizava, de Lacan, o resto era mão de obra, digitar *corpora*.

E: Mas você estava começando.

S: É, mas eu vi depois disso muitos amigos fazendo do jeito que se deve, como deve ser feito. Aí, depois, eu mesmo passei a cobrar isso dela. “Então, não quer me passar umas leituras?”, eu pedi isso pra professora. Cobrei e depois não dei conta do recado, assim. Quando ela começou a me dar leitura do grupo de Lacan e, eu não dava conta de digitar as coisas e ler, me atrapalhava todinho, tal. Eu sei que a minha relação com o estudo tem decaído. Tem decaído na PUC, assim.

E: É, por que?

S: Não sei porque, vou pensar.

E: Você foi para a psicologia, ficou contente...

S: É, foi um momento difícil de decidir.

E: Mas você decidiu, e deve ter se sentido bem, inclusive por ter sido um excelente aluno. Você comentou que em alguns momentos você se sentiu aquém, que faltava um pouco de conhecimento. Você mencionou os seus amigos que entraram na USP, que você achava que sabiam tão mais que você, que você sentia que não estava à altura desses amigos. Quando você vem pra PUC, e você se vê como um dos melhores alunos, imagino que deve ter sido muito bacana pra você.

S: É, em especial no primeiro ano. Eu lembro que, quando eu me transferi, eu já comecei a decair um pouco. O primeiro ano todo, eu tava muito isolado nas minhas relações. Era um curso, eu era o único homem da sala e eu não tinha muitas amigas. Tinha umas colegas meio

ocasionais, e foi muito determinante essa coisa do sentimento de humilhação, sabe, sempre muito presente, e isso comprometeu muito as minhas relações.

E: No curso de Psicologia?

S: Já no curso de Fono.

E: Já no curso de Fono?

S: Já. Era uma empreitada muito mais individual, sabe. A sorte é que ali, em maio, eu me envolvi com o centro acadêmico e conheci algumas pessoas do curso de Fono dos anos acima que eu estabeleci um pouco mais de vínculo, me mantive socialmente.

E: Quando você fala em sentimento de humilhação, eu queria entender como é isso pra você, pra não ficar só uma fala, como é pra você, explica um pouco melhor?

S: Eu não entendi “ficar só uma fala”, que você disse.

E: Pode ficar uma fala generalizada...

S: Teórica.

E: Uma fala teórica. Porque na psicologia esse termo sentimento de humilhação.....

S: Não, mas sabe que eu comecei a falar disso muito mais pessoalmente, visceralmente, e depois, só pra querer estabelecer a comunicação, eu coloquei a coisa do sentimento de humilhação. Acho que tá mais ligado, mesmo, à experiência.

E: Conta um pouco dessa experiência aqui na PUC, por que você sentia isso, esse sentimento de humilhação, era alguma coisa daqui? Você falou que assim que entrou no curso de fono já tinha um sentimento de humilhação?

S: É, eu lembro, eu convivia com, convivo né, hoje com mais facilidade, com pessoas muito ricas. Então, as meninas, eu lembro assim de me convidar pra ir...Eu tava começando a fazer amizade e as meninas me convidavam pra sair e eu já não podia, né. Vamos almoçar no restaurante japonês? Aí, eu já...são coisas que vão cerceando e minando, às vezes.

E: Você não podia, e isso fazia você se sentir mal?

S: É. E eu lembro de paquerar uma R., que acho que ela já vinha com um p. importado, sozinha pra faculdade. Eu comecei a me interessar e paquerar ela, quando eu me dei conta de quem ela era, da distância social. Estas coisas estão presentes, né. E aí, eu lembro que eu dei 20 passos atrás, assim. E ela tava até afim de mim. Então, eu não sei, essas coisas eu acho que...eu acho que elas acontecem num ambiente de estudo, que essas coisas estão embrenhadas, interconectadas, sua vida social e a da escola, e a da faculdade no caso, e aí uma coisa influencia na outra. Eu tinha no meu bom desempenho uma oportunidade de

socialmente me destacar também, porque eu era visto como bom estudante. O sentimento de humilhação vai reaparecendo de uma história pessoal que eu já tinha, mas vai reaparecendo concretamente nas minhas impossibilidades, eu acho. Eu lembro que, mesmo assim, eu tinha, muito forte, o desejo de ir bem no primeiro ano da faculdade. No segundo ano da faculdade isso já enfraqueceu um pouco, porque o curso é bem diferente, o curso de psicologia, de fono, uma carga de leitura....Assim, eu ia bem lá, mas, como todo aluno, eu não lia tudo, fazia o que podia, eu lia muito. Quando eu mudei, não sei se a sensação de stress da mudança de curso, se já desgastado com as relações pessoais, não sei exatamente o que aconteceu, com essas relações que eu estou descrevendo. Aí tem um curso mais difícil, com uma carga de leitura maior ainda. Na fono a gente tinha muita disciplina prática, de anatomia. No primeiro ano, Audição, que era uma disciplina que a gente tinha que olhar os cortes do aparelho auditivo, era uma disciplina prática. Tinha Leitura também, mas era mais prática, uma outra relação com o conhecimento, mais concreto, tal. Aí, para um segundo ano, já um pouco mais cansado. Fiquei um tempo sem emprego, mas, vira e mexe, eu fazia trabalho ou de final de ano, como te falei, ou de garçom no final de semana. Acho que eu to tentando um pouco justificar o porquê não dei conta, né. Mas aí, eu não sei, o meu rendimento caiu, o curso era mais difícil, eu não consegui estabelecer vínculos assim, de amizade, importantes. Mas também foi um bom ano, academicamente me saí muito bem. Primeiro e segundo anos de psicologia ainda. Fui decrescendo, acho que no terceiro ano. Foi um ano caótico, que eu quase saí da universidade.

E: Por que?

S: Porque eu peguei quatro dp's, eu sou bolsista, não pode ter dp.

E: Você se desinteressou um pouco?

S: Eu estava totalmente desorganizado pessoalmente, tinha terminado um namoro de três anos e meio. Tava sem dinheiro pra nada. Comia porque tinha. Acho que foi em 2005, não 2003, 2006, terceiro ano. Comia porque tinha uma bolsa do PAC, sabe o PAC?

E: Sei.

S: Eu tinha uma bolsa do PAC de alimentação no restaurante. Faltava na escola porque eu não tinha dinheiro pra vir. Umas histórias assim, que me emocionam de lembrar.

E: Você teve que parar de trabalhar?

S: Tive que parar de trabalhar. Não tinha opção de continuar trabalhando, ter emprego. Então, eu conseguia alguns bicos de garçom, esporádicos, em buffet que eu tinha contato. Trabalhei em alguns restaurantes, um bistrô que tem aqui na João Ramalho, por uns dez meses, toda quinta, sexta e sábado. Depois trabalhei aqui perto do metrô Sumaré, num restaurante chamado P, italiano.

E: Você estudava durante o dia?

S: A fono era integral manhã/tarde, aqui era integral tarde/noite. Na fono tinha os meus dias preenchidos até o começo da tarde, quatro horas. Na psicologia os meus dias começavam sempre à 1:30 e terminavam, sempre, no começo da noite ou 9:00 10:00 horas da noite. Fiz licenciatura junto, repeti algumas vezes matéria da licenciatura, então a licenciatura está cumprida pra mim. Fiz curso de línguas também. Tinha os horários bem preenchidos com a universidade. Eu não tinha emprego e a minha mãe não tinha dinheiro pra me dar pra vir pra faculdade. Essas coisas, acho que foram me minando um pouco. Falta de subsídio que eu te falei. Eu to emocionado com essas histórias. Acho que faz tempo que eu não parava pra falar sobre isso, sabe. Então, acho que eu vou chorar. Que mais,...aí você tava me perguntando?

E: Aqui da PUC. Quando você foi pro Centro Acadêmico, você falou que teve uma boa relação com as pessoas.

S: É, como tinha uns amigos bem vivos, assim de ficar correndo de lá pra cá com essa história de militância,...Eu não tinha patavinas de contato com militância, com política. Eu comecei a achar uma coisa muito interessante, tendo um pouco mais de contato com o mundo, melhorando minha compreensão do mundo, da organização social. Essas coisas todas foram me estimulando. Com aquilo fui entendendo melhor o meu lugar, foi me ajudando a elaborar a minha própria condição social. E aí tinha essa coisa muito gostosa do movimento estudantil, fiquei uma semana no encontro de fono em Salvador, fui com grana da nossa mobilização, de conseguir grana de projeto de professor, porque a gente, a gente tinha esse diálogo, meus colegas tinham mais até porque eram mais velhos. De fazer rifa pra viajar, essas coisas. Com interesse mais focado nas discussões, me encheu de energia nesse período.

E: Quando você foi para a Psicologia, acabou saindo desse grupo?

S: É, eu lembro que quando....Como eu tinha uma rede legal de amizade com os professores da fono, antes de me transferir, eu fui conversar com a coordenadora da Fono na época, a ..., posso falar o nome? Aí eu lembro dela ter me falado uma coisa que ela achou que estava me ajudando, tadinha, mas eu acho que ela me ajudou a carregar mais uma, uma, enfim, criar coisas na cabeça, porque ela falou assim: “É você vai se transferir mesmo da fono?” Marquei uma reunião para me aconselhar com ela, tinha um pouco mais de amizade tal. Eu lembro dela ter falado assim: “Ah, você que sabe. Você na fono é, você se destaca”, porque de fato eu tinha mesmo essa condição na época, fonaudiólogo tem poucos homens, na psicologia, ela tinha já uma imagem idealizada ou do contato que ela tinha com os alunos da psicologia, ela já discriminou assim: “os alunos da fono são menos estudiosos que os da psicologia. Você tem se dado bem aqui, mas lá, você vai ser mais um”, ela falou, ‘porque lá as pessoas estão num outro nível’. Isso foi o que eu tirei do discurso dela. Mas o discurso dela era, aqui você é único, lá você vai ser mais um. Tanto porque lá tem outros homens, a psicologia é uma profissão um pouco mais pra homens, e ela considerava isso na fono um privilégio.

E: Um diferencial positivo.

S: Um diferencial positivo, e...também essa questão, de que, é, mesmo intelectualmente, academicamente, eu ia estar um pouco mais equiparado. E ela achava que eu não devia me transferir, só que eu me transferi porque eu tinha esse desejo pessoal.

E: Você acha que isso acabou funcionando, até, como um incentivo pra você se transferir, ou não? Mais uma superação? Você comenta muito sobre a questão da superação na sua história, essa vontade de superar...

S: É uma marca. É, mas eu lembro que tava muito presente a preocupação de não me frustrar, o meu objetivo inicial quando fiz cursinho era fazer psicologia. Estava bem identificado ainda com o que eu conhecia da psicologia. Eu acho que não, naquele momento, com ela, não teve esse significado de superar. Ou, até acho que sim, né. Vamos pensar, talvez, pensando bem sim, porque se afinal de contas se lá eu não sou, eu não tenho destaque é pra lá que eu vou para consegui-lo. Não sei, talvez, to fazendo essa análise agora. Sabe que por muito tempo, acho que até o segundo ano de psicologia, eu fiquei com a sensação de que não deveria ter feito isso. Porque eu teria me formado já, por exemplo. Eu até comentei isso agora, hoje mesmo. Olha que legal, dessas amigas daquela época, uma delas estudou aqui. Foi inclusive aquela que tinha sido minha namorada.

E: Fez que curso?

S: Fez História, tá dando aula no Estado hoje. Ela também era uma pessoa importante afetivamente, pra mim. Quando eu fui me transferir, eu fui perguntar pra ela, ela também achou que eu não devia me transferir. Então tem umas coisas aí que....Se eu queria fazer Psicologia que eu fizesse primeiro a Fono e depois Psicologia, já que eu já tava na Fono.

E: Olha que interessante.

S: Mas aí eu me transferi mesmo assim. Talvez tenha tido esse significado de superação mesmo, não sei.

E: Bom, mas agora você....

S: É, agora tô no quarto ano de Psicologia. Tô satisfeito com a escolha, mas rolou essa dúvida e não está superada ainda, eu acho, né. Porque eu to no quarto ano ainda, tenho o ano todinho que vem, to com 29 anos, tem uma demanda, a própria vida.

E: Hoje em dia você trabalha?

S: Faz uma semana que eu saí do estágio.

E: Estágio remunerado?

S: Eu estava estagiando na prefeitura de Guarulhos, com educação, desde março deste ano, aí faz 2 semanas que eu saí porque eu to enforcado com a faculdade.

E: Está tendo que se dedicar.

S: É, senão...vou..me ferrar porque ta num momento crítico de não fazer muitas coisas, assim.

E: Momento crítico da sua vida?

S: Acadêmico, de não fazer muito.

E: De não se dedicar.

S: De não se dedicar.

E: E por que, S?

S: Não sei. Cansado. Não sei. Eu não consigo trazer pra perto, todo o momento, a coisa do próprio desejo, o sonho de fazer psicologia, de me formar que em algum momento me movimentou. Mudou minha relação com o curso, desencanto com as coisas, às vezes. Mas eu acho que, racionalmente sim, a possibilidade que isso vai dar, da superação total, né de ter uma formação, e de talvez, muito provavelmente, conseguir se inserir, já que a PUC é uma universidade de renome tal. Eu não consigo trazer isso pra perto, pro cotidiano, de forma que me alimente, entendeu.

E: Tá.

S: Eu to lembrando aqui de outra coisa. Embora não tenha conexão, essa coisa das relações, no primeiro e segundo ano da psicologia, que corresponderam a segundo e terceiro na PUC. Como eu vinha te falando, foram dois anos complicados em termos de relações pessoais. Tanto é que eu pedi até transferência de turma, no final do segundo ano de psicologia, porque tinha uns desafetos assim com algumas pessoas, tinha uma dificuldade de me inserir e algumas tentativas que eu fiz me senti frustrado, com situações que eu não quero descrever agora. E daí, eu mudei de turma, porque eu conheci pessoas com quem eu me identificava mais, até por serem,...essa questão mais uma vez, de serem mais próximas socialmente de mim. Aí me transferi pra sala dessas pessoas com quem...Daí, de lá pra cá, eu consegui tornar um pouco mais saudáveis as minhas relações.

E: E mais agradável a sua convivência e....

S: Mais agradável minha convivência e permanência aqui e com os estudos.

E: E como, foi pra você, a atividade com a prof. Elisa, retomar a sua experiência escolar?

S: Pois é, eu não to lembrando.

E: Não ta lembrando?

S: Eu não to lembrando. Não quer me ajudar?

E: Você fez, estava no dia?

S: É eu tava, fiz, mas não to lembrando direito.

E: Você não lembra o que vocês conversaram?

S: É,...a memória é

E: Seletiva. Foi no primeiro dia da aula da professora Elisa Rosa, você lembra dela? Ela trabalha com a profa. Ana Bock.

S: Sei, a Elisinha, que é super menina tal, jovem.

E: É. Ela dividiu a classe em grupos, vocês se dividiram em grupos e anotaram num papel as lembranças boas e ruins que vocês tinham da escola. Ninguém colocou o nome, o grupo não é identificado, a intenção não era identificar individualmente as lembranças de cada um.

S: E você teve acesso a essas lembranças sem identificação.

E: Isso.

S: E agora, tenho certeza que você deve ter lembrado de alguma coisa...que eu falei.

E: Não, eu não sei quem falou, é impossível, não dá pra fazer essa relação direta.

S: Eu não sei, mas é bem provável que eu tenha descrito essa situação da quarta série.

E: Não, as situações não eram descritas, eram pontuais, por exemplo, lembrança boa: aula de educação física, artes...

S: Ah, lembrei, mas não foi no primeiro ano.

E: Não, no quarto ano.

S: Agora to lembrando. Eu tava procurando nas memórias do primeiro e segundo anos de psicologia. Não to tão leso, não.

E: Não lembra se foi gostoso fazer essa atividade?

S: Acho que foi meio distante, assim.

E: Você estava meio distante?

S: É, não tava tão implicado não...na atividade.(Responde baixo, e fica em silêncio)

E: S. muito obrigada, acho que está ótimo por hoje. Agora eu vou transcrever, ler e se tiver alguma outra coisa, a gente pode voltar a conversar?

S: Claro, pra mim foi um prazer enorme. Pra mim é prazeroso saber que eu estou participando de um processo de pesquisa. Você foi uma pessoa super receptiva, tanto é que eu consegui me abrir e falar de coisas bem pessoais. Foi um prazer, tranquilo.

E: Fico feliz, muito obrigada.

ANEXO III

ENTREVISTA COM ÂNGELA

Esta entrevista foi realizada no dia 07/11/08 e teve duração de 1 hora e 50 minutos. Havia uma sala reservada com esta finalidade. A. tinha 24 anos e estava no quarto ano do curso de Psicologia da PUC-SP, quando a entrevista foi realizada. Da mesma forma que fiz com os outros sujeitos, expliquei sobre a pesquisa e pedi que assinasse um termo de consentimento.

E: A. gostaria que você me contasse um pouco sobre o sentido que a escola teve na sua vida. Que papel você atribuiria à escola na sua história, na sua vida?

A: A escola em geral ou alguma fase específica?

E: A escola de modo geral.

A: Eu acho que foi muito importante no sentido da socialização, dos amigos que eu fiz na escola, porque as lembranças que eu guardo da escola, assim, seria, acho dos amigos que eu tive lá, das bagunças que a gente fazia, sabe. Muito mais do que de sala de aula de lição, enfim. Então, acho que o sentido que eu dou é assim de um espaço de socialização, em que você começa a construir o seu meio social, os seus amigos e você mesmo vai se constituindo. Foi mais assim mesmo o que ficou do sentido da escola.

E: Você tem uma boa lembrança da escola?

A: De algumas épocas sim, de outras não tanto. Eu acho que eu gostava mais da escola na época que eu era menor. Quando fica adolescente tem todos os conflitos da adolescência também, é um pouco mais complicado. De quando eu era criança tenho lembranças muito boas.

E: Conta um pouco da sua escolarização, como foi?

A: No começo eu entrei, acho, com 5 anos no pré, que era bem perto da minha casa. Toda escola que eu estudei era bem perto da minha casa, só agora que pra vir pra PUC eu atravesso o mundo, assim.

E: Onde você mora?

A: Eu moro em Santo André. Então, sempre foi tudo muito perto, 5, 10 minutos de casa. Era uma EMEI, na época ainda, e eu estudei dois anos lá. As lembranças que eu tenho de lá são mais lembranças de fotos, assim. Pelo que eu vejo nas fotos da festa junina, festa de fim de ano, tal. A única coisa que eu lembro um pouco mais, mas assim mesmo porque eu tenho uma foto, é que no último, não, acho que no primeiro ano que eu fiz lá era uma professora muito brava, então eu lembro que minha primeira experiência foi com uma professora muito rígida e já no segundo ano eu tive quatro professoras no primeiro ano. Porque uma entrou e

provavelmente arrumou um outro emprego ou teve que sair, fazer outra coisa, outra engravidou, sabe, então foram mudando. Eu lembro que, no fim do ano, tenho uma foto com as quatro.

E: Você achou ruins essas mudanças, ou não?

A: Não sei se achei ruim.

E: Por que você acha que se lembra até hoje disso? É interessante.

A: É, talvez pode ser até pela idéia da troca, sai uma entra outra, e acho que quando a gente era criança não deviam explicar muito bem o que tinha acontecido. Estava acostumada com uma até certo tempo, depois mudou e era uma outra diferente, que aí você vai ter que criar um outro vínculo e tal e daqui a pouco sai de novo. Eu imagino que deva ser um pouco por isso, que eu lembro.

E: Você gostava delas?

A: Acho que gostava de todas. Gostava mais da primeira que eu me lembre, assim. Mas as imagens que eu tenho, assim pra te falar, são as imagens das fotos, que eu lembro das fotos e eu lembro das situações. A primeira era um pouco mais nova, era um pouco mais...não sei era um pouco mais mãe, assim. Acho que então eu gostava um pouco mais dela. A outra tinha uma postura um pouco mais séria, então eu gostava dela mas não era uma coisa tão próxima, assim. Acho que foi mais por essa coisa da quebra do vínculo mesmo que eu lembro bastante de todas, sabe.

E: Você entrou na escola com quantos anos?

A: Com cinco anos, na pré-escola.

E: Entrou com 5 anos....

A: Isso, e depois que eu saí da pré-escola, com 7 anos, eu entrei na primeira série. É assim, o pré fica aqui e a escola que eu estudei fica aqui, sabe, uma do lado da outra, muito próximo de casa, as duas eram escolas públicas e....na época que eu estudei a escola era muito boa. Tinha o lance das escolas padrão e essa escola era uma dessas, então ela era o modelo de Santo André, assim.

E: Que legal. E você foi estudar lá porque era próximo da sua casa ou porque seus pais escolheram essa escola pelo fato de ser boa, você lembra?

A: Pelas duas coisas, porque era próximo da minha casa e porque as minhas duas irmãs mais velhas já estudavam lá, então já fui pra lá também, pra ficar com as três na mesma escola, pelas duas coisas. Na mesma região tem umas três ou quatro escolas bem próximas, mas essa era a melhor de todas ali da região, então eu fiquei nessa por esse motivo.

E: E Santo André, como é a vida lá?

A: O bairro que eu moro é bem tranquilo. Não sei se você conhece o bairro da Mooca, do Ipiranga, assim, que é um pouco mais residencial, é como se fosse assim o bairro onde eu moro, é bem mais tranquilo, mais residencial. Agora tá ficando um pouco mais centro, assim, sabe, tá tendo mais supermercado, mais banco, até mais semáforo, a gente fala brincando né, perto de casa, mas na época era bem mais residencial, bem mais vila. Mas a cidade de Santo André é grande, é bem urbanizada.

E: Você acha que tinha uma vida comunitária, as pessoas se conheciam, como era? Tinha uma integração da comunidade com a escola?

A: Tinha, tinha. Na verdade todos os meus colegas estudavam na rua da minha casa, a maioria. Então, até agora que você falou, eu fiquei pensando. Até uma situação muito interessante. Tinha um menino, vários, mas esse menino era da minha sala, então ficou mais marcado, que ele morava do outro lado da cidade e ele vinha pra escola de perua, a gente achava muito estranho. Que estranho uma pessoa vir de perua pra escola, a gente mora aqui do lado, vem a pé não precisa de disso. Era muito esquisito, sabe. Era bem residencial, todo mundo se conhecia, tinha a tia que vendia doce, tipo que abriu a garagem da casa e aí começou a vender, sabe. E a gente saía da escola e passava lá, comprava alguma coisa, um pirulito, um doce e ia embora pra casa. Sabe, então, era tudo bem tranquilo.

E: Dessa época você gostava, primeira e segunda séries. E da alfabetização, você se lembra de quando foi alfabetizada, como foi?

A: Não lembro, não lembro.

E: Você lembra de ter sido um fato importante na sua vida, ou não?

A: Então, agora que você falou, eu lembrei que, assim, a minha mãe teve uma época da vida dela que ela vendia yakult, não sei se você já viu esses carrinhos?

E: Sei.

A: Então, sábado ela ficava na feira que tem na rua de cima da minha casa e eu sempre ia com ela porque era dia que eu não tinha aula, eu lembro que eu tinha um caderninho que, com linhas, até lembro do caderno agora, você viu uns cadernos que tem uma linha branca uma linha verde...nem sei se existe mais. Eu tinha um caderninho desses, não sei se ganhei, eu lembro que ficava fazendo continha de vezes. Eu lembro que eu levava pra ficar fazendo, e ia fazendo e tal. Uma situação muito engraçada que eu ia fazendo, 1x1, 2x2, 4, 4x4, 16, todos os números, daí teve uma hora que eu fiquei super feliz porque eu fiz 1x100, 1000, e eu falei nossa cheguei no 1000, super feliz, e a minha mãe falou: mas não é 1000, é 100. Acho que essa é uma situação bem legal de quando eu tava aprendendo a contar, a fazer contas. Eu acho que deve ter sido, na segunda ou terceira série, mas eu não tenho certeza. Não consigo lembrar dos fatos assim. Acho que foi mais esse fato.

E: Da matemática.

A: É que eu lembro do caderninho, que eu fazia toda feliz, mostrando pros outros, olha o que eu aprendi, sabe então era bem assim.

E: E como era a relação dos teus pais com a escola?

A: Meus pais, na verdade é sempre aquela coisa, a minha mãe que ia na reunião. No começo eu era muito bagunceira, então sempre que ia na reunião as professoras reclamavam de mim porque fez muita bagunça, não sei quê. Depois de uma época isso acabou, parece que eu mudei, assim, muito, de uma época pra outra na escola, muito engraçado. Eu fazia muita bagunça, corria pela sala, ficava conversando com todo mundo, mas ao mesmo tempo eu era...

E: Em que série você mudou?

A: Quarta série, não sétima ou na oitava, por aí. Porque por eu ser muito assim, eu recebia muitos apelidos de todo mundo, sabe. E chegou uma hora que eu isso começou a me incomodar. E daí eu lembro que teve uma época que eu pensei assim, bom se eu não ficar mais xingando os outros os outros também não vão mais me xingar. Então eu meio que mudei a minha postura por esse motivo. Essa história do xingamento estava me incomodando muito.

E: O que as pessoas falavam, que xingamentos?

A: Ah, um monte de apelidos de não sei o quê, não lembro exatamente assim, que apelidos, mas eu lembro que os apelidos começaram a me incomodar.

E: Mas eram apelidos que falavam que tipo de coisa?

A: Acho que eram apelidos meio, meio relacionados à aparência. Tipo, ah magrela, ah não sei quê, sabe esse tipo de coisa, que foi começando a me incomodar, não sei se porque tava chegando a época da adolescência. E você começa a não querer ser vista de tal forma e então, não, não vou mais continuar assim. Tanto que até, acho os doze anos eu brincava na rua com toda a molecada, todas crianças mais novas do que eu. A partir, depois do meu aniversário de doze anos eu não saí mais na rua, sabe. Não quis mais brincar com eles, meus amigos eram os da escola, que tinham a minha idade, e aí acho que foi meio, sétima série eu devia ter uns 13. É eu parei de brincar na rua e de ser mais moleque, assim. Já fui mudando. Já fui me interessando mais pelos meninos, e não sei que, então já não podia mais continuar com a mesma postura que eu tinha, né.

E: Então até a sétima série era mas moleca e bagunceira.

A: É, chegava em casa com o cabelo todo bagunçado e sempre com a roupa suja. Cheguei a rolar com menino na rua brigando, já fiz de tudo, meu joelho não nega é todo cheio de cicatriz, porque eu aproveitei muito bem a minha infância, assim com brincadeira e tudo. E

teve uma transição assim muito rápida. Até minha mãe mesmo fala até hoje, quando a gente ta vendo fotos, alguma coisa, ela fala olha seu aniversário, aqui ta cheio de criança, lembra que depois desse aniversário você não quis mais sair na rua, as meninas vinham te chamar, e você: 'não, não quero, não vou'. E eu não fui mais, parei completamente.

E: Você assumiu a mocinha..

A: Totalmente. Totalmente.

E: E na escola também passou a ter outra postura?

A: Na escola também.

E: Você era boa aluna antes?

A: Sim.

E: Sempre foi boa aluna?

A: Sempre fui, tanto que até nessa quarta série que eu tava falando, quando as professoras faziam as reuniões e reclamavam de mim, tinha uma professora que tinha dado aula pra minha irmã mais velha, e eu sou bem parecida com ela, então quando ela me viu já sabia que eu era irmã dela, e daí ela falava assim, nossa nem parece que você é irmã da E., porque a E. é tão tranqüila, e você não para, é um capeta, só corre pela sala e tal e quando tinha as reuniões ela sempre falava isso pra minha mãe, só que ao mesmo tempo ela falava ela é uma ótima aluna, o problema é que ela não para. Na hora que tem de fazer as coisas ela faz, mas na hora que ela termina começa a bagunçar e não para, sabe. Então, sempre teve essa, eu lembro que essa professora especificamente, eu lembro que alguns professores davam algumas matérias e outros davam outras. Essa professora, acho que dava história, matemática e geografia e um outro professor dava as outras. Eu gostava mais dela do que da outra. Nessa época era quarta série, e daí ela...sempre que tinha aula de história, e tinha um outro menino que também era super bagunceiro, sempre que a professora fazia alguma pergunta era a gente que respondia. Eu tinha até esquecido isso uma época, mas uma amiga minha, muito tempo depois, falou nossa lembra na quarta série, tudo era A. e o A., A. e A. Quando a professora fazia uma pergunta, podia esperar que um dos dois ia levantar a mão pra responder, sabe. Então eu acho que eu era muito mais atuante na sala de aula, e participava mais nessa época que depois. Depois eu acabei me fechando mais, ficando mais tímida também, sabe. Na própria situação de sala de aula.

E: E por quê? Você acha que os professores mostravam que era inadequado aquilo?

A: Pode ser. Talvez.

E: Quando você falava o professor não te dizia pra ficar quieta, ele incentivava que vocês participassem?

A: É a lembrança que eu tenho especificamente dessa aula assim, é que eu participava, eu sabia as respostas.

E: Você ficava contente?

A: Ficava. Eu lembro que a professora estimulava, provavelmente se ela não estimulasse, eu acho que eu não faria assim. Então, nessa época tinha um certo estímulo. Depois, não sei se as aulas forma ficando muito chatas ou fui eu mesma que fui me retraindo, aí eu já não sei, mas eu já não participava mais da aula depois de um certo tempo, assim. Eu ficava mais na minha, sabe. Ninguém participava muito acho.

E: Aí a aula ficou morta.

A: Exatamente, os professores chegavam e ficavam lá falando a aula inteira da mesma coisa que não fazia muito sentido pra gente....enfim...Eu lembro de uma professora de geografia, não lembro qual é o termo agora, é alguma coisa relacionada com a Guerra Fria, trotskismo, sei lá, eu vim a estudar um pouco disso na faculdade, mas muito pouco, e um pouco no cursinho, mas eu falava: gente o que são essas palavras que esses professores ficam falando? Por que ela falava como se fosse uma coisa tão natural, mas pra mim não fazia sentido nenhum aquilo que ela estava falando. Na sétima série, geografia. Eram umas palavras que não tinham nada a ver sabe. Pra mim não fazia sentido nenhum a professora estar lá falando.

E: E você não perguntava?

A: Acho que não. Acho que falava ah, acho que não me interesse por isso, não quero saber o que é. Eu acho que a minha postura era assim, pelo que eu me lembro. Até nessa situação um pouco de bagunça em sala de aula, eu lembro de uma situação que foi bem traumática pra mim, que eu até chorei na sala de aula. Eu lembro de mim olhando pra sala, sabe, com a vista embaçada, tipo chorando mesmo, vendo aquela situação. Numa aula de educação artística, eu devia estar aprontando, e a professora me pegou assim, não sei se ela me pegou pelo braço, ou se ela me levou, enfim, a lembrança que eu tenho é de alguma coisa forçada, sabe, me pegou e me levou para o fundo da sala, tinha, não sei se você já viu nas escolas, é na escola pública que tem, como se fosse um armário mas é baixo, então dá pra sentar em cima, de uma parede até a outra. Era um armário desses e ela me levou e me colocou sentada em cima do armário e falou ta agora você vai ficar quieta. E aí eu lembro que eu comecei a chorar e foi muito...traumatizante. Eu tenho uma lembrança meio de ...acho que era exatamente o que ela queria fazer, de exposição e de ridicularização até, com aquela atitude que ela teve. Não tenho uma lembrança nem um pouco boa.

E: Em que série isso?

A: No máximo até a quinta, não lembro exatamente quando foi. Na época que eu era bem capeta, assim.

E: E você estava fazendo muita bagunça?

A: Eu não lembro.

E: Não lembra?

A: Não, eu lembro dela me pegando e me colocando lá, mas o que eu estava fazendo antes, eu não sei. Mas pra ela chegar a fazer isso, provavelmente ela deve ter chamado a minha atenção muitas vezes e eu não liguei, e aí ela foi e me pegou e me tirou provavelmente de perto de quem eu tava fazendo bagunça junto, acho que deve ter sido por aí.

E: Essa foi a única situação ruim que você lembra?

A: De menor sim. Quando eu era mais velha teve umas outras situações. Eu sempre tive amor platônico na escola, de gostar de um menino e o menino nem saber que eu existia. Então, eu tive situações assim, que eu era super fechada não falava desse tipo de coisa, daí eu virar pra uma amiga e, com toda a confiança do mundo, confiar que eu gostava de tal pessoa, e ela, acho que era amiga de uma outra menina, enfim, e ela contou pra essa menina que contou pra não sei quem que contou...a sala inteira ficou sabendo que eu gostava do menino. Daí eu fiquei numa situação assim, que eu não podia tá do lado dele, conversando com ele, bagunçando, enfim. Ficava todo mundo olhando e dando risada. Então pra mim essa também foi uma situação traumatizante. Isso foi na sexta série, eu lembro que eu gostava desse menino, mas eu também zoava ele pra caramba, sabe. Era uma relação meio complicada, assim. Daí até ele ficou sabendo que eu gostava dele e tal. E também ficava tirando sarro da minha cara. Então não foi nada muito bom, foi meio traumatizante. Daí pra eu confiar depois em outra pessoa pra contar alguma coisa demorou bastante.

E: Você se sentiu traída pela amiga. Era uma situação ligada aos amigos.

A: Sim, sim. Por isso que eu digo que eu acho que o que mais eu tenho de lembrança assim, são dessas situações. E relações com o professor. Ou porque eu fazia muita bagunça e me colocava de castigo, eu lembro que teve uma vez que a gente tava bagunçando, acho que foi na sexta série mesmo, tava fazendo muita bagunça na sala de aula daí entrou, tinha uma inspetora na escola, tinha dois com o mesmo nome, F., ‘finha’ porque era pequena e magrinha e ‘fezona’, porque era maior, nordestina, mais fortona. Fezona era brava, mais impunha mais respeito pelo medo. A gente tava fazendo essa bagunça na sala e achando que era a outra que estava ali no corredor, que a outra fingia que não via muitas coisas e essa ela era muito brava e ela entrou na sala, provavelmente devia estar sem professor pra gente tá fazendo uma bagunça daquela, mas eu não lembro exatamente. Mas ela entrou na sala e pegou todos os alunos que estavam em pé, colocou numa fila do lado de fora da sala de aula e levou pra diretoria, todos vocês agora vão levar suspensão quem mandou fuçar fazendo barulho na sala de aula...Aí levou todo mundo. Agente foi e eu lembro que fiquei com muito medo, porque nunca tinha acontecido esse tipo de coisa comigo, por mais que eu fosse bagunceira nunca tinha levado uma suspensão. Nossa levar uma suspensão na época que tava na escola era o fim, assim. Você virava o ‘delinquentezinho’ da escola, sabe. O diretor era muito rígido, assim. Dizem algumas pessoas e as minhas irmãs que compartilharam dessa época melhor da escola, que a escola era melhor porque ela tinha um diretor que botava as pessoas na linha, os alunos na linha, sabe. Que a escola era boa por isso, tinha um diretor que

botava ordem na casa. Daí a gente foi pra diretoria, tal e eu tava morrendo de medo daquele diretor, e daí na hora que a gente chegou lá ainda bem que ele não tava. Aí a gente ficou lá tomando um chá de cadeira, uma meia hora, 40 minutos, daí entrou uma coordenadora, não sei, e ela deu um sermão na gente, tal....Aí a gente voltou pra sala. A experiência que eu tenho com diretoria é essa. Nunca tive muito problema.

E: Você sempre foi uma boa aluna, sempre gostou de ir pra escola?

A: Sim.

E: As suas irmãs também eram boas alunas?

A: Eram. Sempre, a gente sempre foi muito bem assim na escola. Eu gosto muito de ler até hoje, e eu peguei esse gosto pela leitura com as minhas irmãs, porque elas sempre leram muito e aí eu comecei lendo gibi, eu lia muito gibi, adorava, depois passei pros livrinhos da coleção Vagalume, que tinham várias histórias, daí, daí, fui começando a ler livros mais elaborados, maiores, com mais histórias, e foi até hoje assim, sabe. Então foi com elas que eu aprendi a ler, dentro de casa, foi o maior incentivo que eu tive.

E: Você tem duas irmãs mais velhas?

A: É uma de 30 e outra de 32.

E: Elas fizeram faculdade também?

A: Sim, mas...a minha irmã do meio está terminando a faculdade e a mais velha fez faculdade mas não exerce, é funcionária pública. Mas elas fizeram sim, continuaram.

E: E os seus pais ?

A: Meus pais em relação a estudo, assim?

E: É, eles estudaram?

A: Então, minha mãe estudou até a quarta série só porque na época que ela estudou ela morava no interior, no sítio. E lá só tinha uma escola que eles até contam pra gente até hoje que eles iam de caminhão. Era super longe.

E: Ela era de onde?

A: Você conhece X ?

E: Não.

A: Interior de São Paulo pros lados de Y. E aí, naquela escola só tinha até quarta série. Daí, ela também fala que ela era super boa aluna, que os professores adoravam ela e tal, e que se

ela pudesse ela teria continuado. Mas ela não teve possibilidade de continuar. Que a partir daí ela começou a trabalhar, enfim, já trabalhava em casa e na roça e tal. Então, ela estudou só até a quarta série. Até hoje ainda ela tem um livrinho com uma história da Branca de Neve, está super amarelado, assim, sabe, mas aquele livrinho, acho que é o contato que ela tem com o estudo que ela teve, sabe. Então ela guarda ele super bem guardado, ta todo puidinho assim, mas ela guarda aquele livro.

E: E vocês já conheciam o livrinho e a importância que ela dava pra escola, por isso talvez até..

A: Acho que sim. A experiência dela é essa. O meu pai, ele também estudou, acho que até a quarta também. Porque ele vivia na mesma situação da minha mãe, porque só depois que eles casaram que eles vieram pra São Paulo. Daí vieram pro ABC, e meu pai sempre trabalhou em metalúrgica ali na região.

E: Ele não trabalha mais?

A: Não ele está aposentado, já faz uns dez anos, porque logo que ele chegou em São Paulo começou a trabalhar na Z, e aí já trabalhou a vida inteira, 25 anos, daí se aposentou. E aí meu pai também estudou até a quarta, mais ou menos nessas condições, eu acho, e daí depois, quando ele trabalhava, eles ofereceram educação lá, não sei se era supletivo, e daí ele fez a formação até a oitava série. Teve formatura, festa de formatura, e ele adorava assim. Ia pra escola com a pastinha dele, todos os cadernos dentro, então pra ele isso foi uma experiência boa, assim. Naquela época ele foi incentivado a fazer assim.

E: E vocês percebiam isso? Você acha que colaborou...

A: É acho que sim. Porque eles sempre valorizaram, sempre incentivaram muito a gente a estudar. Sempre que a gente chegava da escola, incentivando a estudar. Tem alguma lição pra fazer, não sei quê....Então, eles nunca foram participativos de ajudar a fazer a lição, assim, até porque acho que vai até um certo limite, o tanto que eles sabem, pelo tanto que eles estudaram. Mas de incentivo, ali de incentivar mostrar que é importante, sempre incentivaram. Mas foi mais uma situação deles estarem ali dando um apoio moral do que está ali ajudando a fazer. Mas foi importante esse apoio.

E: Bacana. E você estudou na mesma escola até o final do ensino médio?

A: É sempre na mesma escola, porque lá tinha desde a primeira série até o colegial, então estudei lá todo o tempo. Convivendo com as mesmas pessoas. Tanto que é assim, uma vez a cada dois anos eu vou na escola porque eu voto lá. Então, agora quando teve segundo turno, eu fui duas vezes na escola. É engraçado entrar lá porque parece que era muito maior na época que eu estudava. Agora parece menor, meio esquisita, na época que eu estudava lá parece que a escola era mais alegre, agora parece que ela está meio cinza demais.

E: Aos teus olhos, ou você acha que mudou?

A: Acho que mudou um pouco mesmo, pra subir pras salas de aula tinha escada, agora eles colocaram umas rampas porque até pela idéia da inclusão eu imagino, e daí foi feita uma gambiarra, então não ficou muito bonito, ficou do jeito que dava pra ficar, sabe. Então ela tá um pouco esquisita, mas ela é bem menor do que eu imaginava, porque na época pra mim ela era muito maior. Mas é interessante voltar lá, mas eu não fico explorando os lugares, eu entro faço o que eu tenho que fazer, dou uma olhadinha assim em volta e vou embora.

E: Fica contente?

A: Eu gosto. Eu não tenho vontade de ir lá assim, algum dia e ficar lembrando e tal.

E: Por que não?

A: Ah, a escola é aberta naqueles programas de escola da família, então, fim de semana, às vezes tá aberto por exemplo, eu não tenho vontade de ir lá no fim de semana e ficar explorando a escola e lembrando das coisas, mas quando eu entro, cada cantinho eu lembro de alguma situação sabe, tipo aquelas cenas de filme que a pessoa entra e se vê, comigo acontece isso, nesse canto aconteceu tal coisa. Quando eu entro as lembranças estão muito presentes. Talvez por ser uma época que eu queria que voltasse e não vai voltar. Como eu falo, na época que eu estudava eu era feliz e não sabia, porque ia pra escola de manhã e voltava pra casa, e se tinha alguma lição pra fazer, fazia, senão ia brincar ou assistir TV ou ia dormir, sabe. Tinha uma vida assim, muito tranqüila.

E: Tinha uma vida tranqüila.

A: É, pensando agora, minha vida é completamente diferente, então eu falo: eu era feliz e não sabia.

E: Na PUC é período integral?

A: É período integral e eu preciso dispor de quatro horas, duas pra ir e duas pra voltar. Pego trem, pego metrô, pego mil coisas, então....Agora tá mais tranqüilo porque alguns dias da semana eu fico na casa da minha amiga.

E: Você faz manhã-tarde ou tarde/noite?

A: Agora não tem mais muito isso no quarto ano, tá mais concentrado tarde/noite, mas por conta das supervisões que eu peguei, porque se tivesse pegado outra poderia ser de manhã. Agora é mais tarde/noite, por isso quando eu fico até muito tarde eu fico na casa de uma amiga minha, três dias na semana, aí tá mais leve agora mas no primeiro ano eu ia e voltava todos os dias, era muito cansativo.

E: E você fazia em que período?

A: Fazia manhã/tarde, entrei manhã tarde. Foi esse ano que mudou completamente, até o ano passado era só manhã/tarde.

E: Você fica na casa de uma amiga aqui da PUC?

A: É, ela mora pertinho, daí é super tranquilo. Tem dia que a gente tem aula até 10:20 da noite, daí pra ir embora essa hora...eu fico por aqui mesmo.

E: Claro, e você está gostando da PUC?

A: Tô gostando bastante.

E: Tá gostando bastante?

A: No começo foi meio difícil, assim me adaptar.

E: Por quê?

A: Porque a PUC é um, agora não é mais, mas na época ela era um outro mundo pra mim. Até porque, eu sempre tive vida ali naquela região, sabe, estudei sempre na mesma escola. Daí é assim, depois que eu terminei a escola, fiquei, um ano, parada, fiz dois anos de cursinho. Então eu já ia pro centro de Santo André, pegava ônibus, uma coisa um pouco mais longe de casa, sabe. Então nesse meio tempo eu já trabalhei, já me expandi um pouco. Só que quando eu comecei a vir pra PUC nem se compara, sabe. Pra mim, aqui era outro mundo, com pessoas diferentes, pessoas de outra classe social e pessoas que tinham um outro tipo de assunto que não condizia comigo, assim. Então pra mim foi muito difícil, eu quase que desisti. Na primeira semana foi muito difícil pra mim, eu chegava em casa chorando, falava: eu não quero ficar lá. Sabe, pra mim foi muito difícil a adaptação. Mas também, depois de um tempo, até o que me ajudou muito aqui na PUC foi o apoio que a Ana Bock deu pra gente. Porque assim, ela é meio que a coordenadora dos alunos do ProUni, e daí eu lembro que logo no primeiro semestre a gente recebeu uma carta de que teria uma reunião, a gente achando que era reunião pra avaliação dos alunos, todo mundo morrendo de medo de não tá atingindo a nota que precisava e tal, e quando a gente chegou lá a gente conheceu ela, super aberta, super legal, querendo saber como estava sendo nossa experiência na faculdade, sabe. Daí a gente teve um espaço pra abrir o que estava acontecendo, como a gente estava se sentindo, assim. Aí teve uma coisa que ela me falou que me ajudou a colocar os pés, acho que eu também faço parte disso, assim, sabe. Que ela falou: 'não, vocês não têm que se sentir mal, ou se sentir em um lugar que não é de vocês, sabe, vocês não estão aqui por favor, a gente está fazendo um favor pro governo com vocês aqui, porque o governo está pagando, a faculdade paga menos impostos e tal. então é um favor...são vocês que estão fazendo um favor, vocês estão aqui e estão ajudando.' Então isso fez muito eu me sentir parte, sabe. Não só eu como uma outra aluna, eu conversei com ela e me falou a mesma coisa, foi muito bom pra ela também, ter vindo e ter conversado e ter se sentido mais fazendo parte, sabe, assim. Então, eu achei que isso foi um passo inicial que ajudou. Aí, também, eu aos poucos fui me integrando mais na faculdade tal, e fazendo mais coisas, e agora eu já me sinto fazendo parte assim, sabe. Mas foi muito importante esse, essa inicial. Tanto que, acho que esse ano a gente, acho que nos primeiros anos eu vinha mais, no ano passado eu não vim muito, esse ano eu vim numa reunião que teve do ProUni e tinha vários alunos de primeiro ano, também,

que provavelmente poderiam ter alguns ali passando pela mesma situação que eu, né. E daí eu lembro que eu até falei pra eles assim, gente é muito importante ta aqui, ta aqui nessa reunião porque a partir dessas conversas que a gente tem aqui a gente começa a perceber qual é o nosso lugar na faculdade, sabe, e aí a gente começa a se sentir mais parte assim, eu tava falando no fundo da minha própria experiência porque foi o que aconteceu comigo, né. Não sei se aquilo fez sentido pra alguém, mas pra mim foi importante ter falado assim, né. Porque muitas pessoas não tinham ido à reunião, muitas pessoas nem sabiam, então eu falei avisa pros seus amigos, avisa que é importante ta aqui, até pra, agora ta um pouco mais organizado, agora tem a lei tem as coisas que as pessoas podem e não podem fazer, só que quando a gente entrou tava muito jogado.

E: É diferente o que você pode ou não pode?

A: Então, teoricamente não, o aluno ProUni tem os mesmos direitos que os outros alunos, só que como teve mudança de currículo teve coisas que mudaram e que a gente pode, por exemplo a gente pode fazer licenciatura, como qualquer aluno podia fazer e eles não podem mais, são coisas assim que se a pessoa não vem se informar ela não sabe. Curso de línguas parece que eles não iam oferecer pros alunos do ProUni só que daí elas foram atrás, a Ana (profa. Ana Bock), a Graça (profa. Maria da Graça), eu acho e daí elas conseguiram, sabe. É um canal que a gente tem com a faculdade, que pra mim sempre foi muito importante. Por mais que eu sempre tenha.... Não sei, eu nunca tive dificuldades muito grandes, nunca precisei ir atrás, pedir ajuda, mas só de saber que a gente tem essa possibilidade de ajuda, sabe, é muito importante.

E: Claro. Vocês conversam inclusive disso, se precisar de alguma ajuda...

A: Sempre relacionada à faculdade. Porque até no primeiro ano, teve uma aluna que tinha muitas dificuldades financeiras e ela teve que parar. Até tentaram uma bolsa para ela tal, mas como era primeiro ano, é muito difícil conseguir bolsa de qualquer coisa, qualquer auxílio, e ela não tinha dinheiro nem pra vir pra faculdade sabe.

E: E o PAC?

A: É só a partir do segundo ano, não sei se mudou, mas na época era assim. E ela teve que parar e foi uma judiação, todo mundo ficou muito com dó dela porque ela morava em W, demorava três horas pra chegar na PUC, então ela não tinha nem pra passagem, sabe, pra alimentação também não, pro xerox também não. Querendo ou não você gasta, você precisa ter pelo menos uma ajudinha ali. Daí ficou que parece que a gente ia ganhar um auxílio do governo, só que aí o nosso curso não foi considerado período integral, por mais que a gente fique na faculdade o dia inteiro. Faltaram, tipo, quatro horas pra ser considerado período integral. Aí, sem a perspectiva da bolsa ela falou: não tenho como continuar, sabe. Ela era super esforçada, ela ia ser uma super psicóloga, assim, sabe, Mas enfim, tomara que ela tenha conseguido um outro rumo, assim, bom também.

E: Claro. E você foi da primeira turma do ProUni?

A: Da primeira turma. A primeira turma vai se formar esse ano. De todo o Brasil, a primeira turma vai se formar esse ano. Só que como a Psicologia são cinco anos, eu me formo no ano que vem. Era primeira turma, a gente estava totalmente às cegas, assim, sem saber o que era, o que não era, como ia ser, que tipo de avaliação que a gente ia ter, sabe. Mas aos poucos a gente foi vendo que era bem mais tranquilo que a gente imaginava.

E: São quantos alunos do ProUni, na Psicologia?

A: Não sei.

E: Esse trabalho que a Ana fez, foi com os alunos da Psicologia?

A: Com os da Psicologia, na época eram uns dez, no máximo, pelos menos foram esses que foram na reunião, eu acho.

E: E, fora aquela que saiu, os outros continuam aqui?

A: Deixa eu pensar. É, então, teve uma menina que eu vi na primeira reunião, que eu não vi nunca mais na faculdade. Acho que ela também saiu, mas eu não sei.

E: Você não mantém contato com esses alunos, só nas reuniões? Qual a periodicidade?

A: É, só nas reuniões, uma vez por ano ou por semestre.

E: E vocês vão e conhecem os alunos novos?

A: É, esse ano encheu uma sala, e faltou muita gente, sabe. Então tem muita gente agora, já são quatro anos, tem bastante gente. Mas foi interessante essa primeira reunião pra gente conhecer os outros, ver que os outros passavam por dificuldades também, foi bem interessante. Mas eu, assim, particularmente, acabei não mantendo contato com os outros. Eu sabia quem era, a partir daquele momento eu sabia quem eram os outros alunos do ProUni na faculdade, se eu encontrava, a gente se cumprimentava e tal, mas nada muito próximo.

E: Não viraram os seus amigos da faculdade?

A: Não.

E: Depois você se inseriu e foi conhecendo as outras pessoas.

A: É, depois eu fui vendo que, a dificuldade que eu tive, outras pessoas também tiveram. Pessoas que vieram de outras cidades, pessoas que vieram de outros contextos também, do mesmo jeito que eu, assim. Sabe, então, eu percebi que foi uma situação que deu pra ser contornada, assim. Foi tranquilo, hoje em dia. Até uma coisa assim, que foi um pouco mais facilitada pra gente, não sei se é facilitada, não sei se é esta a palavra, não gostaria falar isso facilitada, mas talvez tenha sido mais fácil da gente ter alcance, foi a própria iniciação científica. Porque a Ana (profa. Ana Bock) também conversou com vários professores, viu

quem eram os professores interessados em orientar, e aí, ela mandou para os alunos quais eram os professores, quais eram os temas que eles trabalhavam. E aí, quem se interessou, marcou reunião com os professores. E eu marquei reunião com a professora que é minha orientadora até hoje. Deu super bem, a gente tinha idéias muito parecidas, K de Psicologia Analítica, e tamos até hoje, tamos na metade do projeto agora, vamos terminar no ano que vem. E assim, não sei se, talvez foi mais fácil, porque antes, sem ter uma intermediação, foi muito difícil, porque eu já tava querendo fazer iniciação desde que eu entrei na faculdade. Eu fiz um cursinho que foi muito bom, no segundo ano, no primeiro ano eu fiz o Anglo que enfim, era muito comercial e no segundo eu fiz cursinho super pequeno lá de Santo André que me ensinou muitas coisas sabe. Lá, eles foram meio colocando a sementinha acadêmica, sabe, da gente investir na iniciação científica que é importante, que faz parte do processo da universidade. Então, eu já entrei na faculdade assim, querendo fazer alguma coisa desse tipo e não sabia muito bem o quê. No primeiro ano eu fui atrás e não podia porque só pode a partir do segundo, aí no segundo eu e mais duas amigas fomos atrás de vários professores e ninguém queria, ninguém tava disposto, enfim. Uma professora, que se interessou tal tinha um projeto e a gente entraria no projeto dela, saiu na demissão em massa dos professores. Então acabou que a gente não fez nada. Aí foi a partir dessa experiência que a gente pode entrar em contato vários professores.

E: Dessa experiência com a Ana?

A: É. Porque assim, na verdade todos esses professores eram de anos mais adiantados, professores do terceiro e do quarto, que a gente não tinha contato, não sabia quem era. A gente perguntava pros professores do segundo que falavam não quero, não to interessado e tal. Aí a partir desse contato que teve deu certo pra várias pessoas, a iniciação.

E: E isso foi falado só pro pessoal do ProUni ou pra todos?

A: Pro pessoal do ProUni, por isso que eu digo que foi facilitado. Mas também não quero dizer que foi facilitado porque a gente ralou bastante pra conseguir alguma coisa. Assim, acho que o primeiro contato foi facilitado, mas a partir daí quem se interessou foi atrás, quem não se interessou não fez nada.

E: E você tem uma bolsa de iniciação científica?

A: Sim, desde março. E com a bolsa de iniciação eu consegui começar a fazer terapia. Foi muito importante, eu tava precisando muito. Porque no quarto ano a gente começa a atender, começa a ter contato com estágio, e aí a gente começa a questionar a nossa própria postura ali diante das coisas, e quem vai ouvir, sabe. E aí foi que eu comecei agora a fazer, isso foi muito importante pra mim sabe, ter conseguido essa bolsa agora.

E: Que legal, você pega o dinheiro da bolsa e paga a terapia? Não tem também um serviço de atendimento aqui da PUC ? Vocês podem fazer?

A: Tem, pode pra gente também. Mas eu nunca quis. Eu entrava nas salas de atendimento da clínica eu falava, eu não quero ser atendida aqui, sabe.

E: Por que?

A: Não sei. Não sei se porque passam pessoas no corredor, e eu não sentia um acolhimento, sabe, quando eu entrava naquelas salas.

E: Eles não fecham a porta?

A: Fecham, mas imagina assim um vidro e uma cortina dessa assim. Fica passando gente ali fora, assim. Não sei, talvez tenha sido uma coisa própria minha, que não parei muito pra pensar. Sempre pensei que na hora que der certo eu vou começar. Também tinha uma certa resistência pra fazer, assim. Achei que eu comecei na hora certa. Comecei a fazer na hora que eu queria. Eu comecei agora no meio do ano, faz uns quatro, cinco meses que eu to fazendo. Mas foi num momento que eu acho que se não fosse eu não ia ta conseguindo dar conta das coisas agora, sabe. Dos estágios e dos atendimentos, tudo o que a gente começa a fazer agora no quarto ano.

E: Por que você acha que não estaria conseguindo?

A: Porque eu acho que eu ia...Eu tenho que aprender a lidar com algumas coisas minhas, primeiro, pra não ficar com essas coisas de ficar jogando pro outro uma coisa que é minha, sabe. Eu acho que eu ia fazer isso muito. Principalmente algumas coisas que eu fui descobrindo minhas, assim. Então ta sendo importante pra isso, pra eu saber o que é meu e o que é do outro, e não misturar as coisas e não fazer nada certo, sabe. Então acho que é isso que está me ajudando bastante na terapia. Ta sendo bem importante.

E: Puxa que bom A., bacana. Escuta, e a iniciação você acha que acabou ajudando, você chegou a mencionar, também no seu envolvimento com a faculdade?

A: Acho que sim. Com a faculdade e até com os professores, porque também conversei com vários professores pra pedir material, então acaba que cria um outro vínculo, assim. E também, agora, eu to fazendo parte da comissão de formatura, então eu também to participando um pouco mais de um outro lado da faculdade. Então eu to meio que me enfiando nas coisas aí, então ta bem melhor agora. A adaptação assim, ta bem melhor.

E: Então, aquele choque inicial?

A: Aquele choque inicial, não tem mais.

E: E seus pais devem ter ficado orgulhosos?

A: Bastante. Na verdade a escolha pela Psicologia não tanto. Porque na verdade quando eu saí da escola, um ano que eu fiquei parada que eu te falei. Um ano eu fiquei parada, mas eu trabalhava numa clínica veterinária e aí nessa época eu pensei, passei por quatro profissões, eu queria fazer Educação Física logo que eu saí da escola.

E: Você sempre foi boa aluna?

A: Sempre, quando eu tirava nota vermelha me descabelava.

E: Bom, você terminou o ensino médio e você começou a trabalhar, você não prestou vestibular?

A: Não prestei vestibular porque eu não teria como pagar, e nem sabia direito o que eu queria fazer. Fiquei pensando tá eu quero fazer educação física, mas não sei se é isso que eu quero. Daí eu falei, bom vou dar um tempo quem sabe depois eu começo, sabe. E daí eu comecei a trabalhar na clínica veterinária. Daí eu trabalhei dois anos nessa clínica, um ano só trabalhando e no outro ano trabalhando durante o dia e fazendo cursinho à noite, que era quando eu fazia no X, só que fazer cursinho à noite e não fazer é a mesma coisa, ainda mais pra quem teve um ensino público que quando você chega no cursinho você vê que não aprendeu um monte de coisa. Ou então que você esqueceu mais da metade, não sei exatamente. Mas quando eu saí eu queria Educação Física, só que aí nesse um ano que eu fiquei parada, da Educação Física eu passei pra Odonto, só que quando eu vi a veterinária fazendo umas limpezas nos cachorros assim, me dava uma aflição tão grande, eu falei não isso não é pra mim, eu não quero Odonto. Eu não vou conseguir fazer isso. Eu desisti da Odonto e resolvi fazer Fisioterapia, era legal, não sei quê. Aí depois não sei o que aconteceu que eu mudei pra Psicologia, não, não quero cuidar do corpo das pessoas, quero cuidar da mente. Eu acho que o que me fez inicialmente, a lembrança que me veio, é que uma vez que eu tava na clínica veio uma com o cachorro e eu achava ela tão tranqüila, assim, achava uma pessoa tão...Ela contando que ela era psicóloga que ela fazia isso, que ela fazia aquilo. Eu acho que eu identifiquei, nossa eu quero ser assim também. Foi uma coisa de identificação, parecia uma pessoa esclarecida, uma pessoa...Não sei dizer exatamente mas eu me interessei, nossa vou começar a pensar nela, sabe. E era no final do ano, e a partir do ano seguinte eu tava pensando eu quero fazer psicologia mas eu tenho que começar a fazer cursinho pra tentar faculdade pública, enfim, porque eu não aí poder pagar, na. E aí que eu comecei a fazer cursinho no ano seguinte e eu já queria Psicologia desde começo do cursinho, eu não cheguei mais a questionar o que eu queria, por isso eu acho que esse ano que eu fiquei parada foi muito importante. Tem muitas pessoas que entrar direto na faculdade aí o primeiro ano delas é super crise porque a pessoa fica será que eu quero fazer Psicologia, será que eu não quero, tinha muitas pessoas assim no primeiro ano, e pra mim essa era uma coisa que já tinha passado, sabe. Porque essa fase de ficar nos questionamentos eu já tinha passado fora da faculdade, já tinha ficado aquele um ano. Então quando eu entrei assim, isso que eu quero.

E: Então você acabou o Ensino médio e foi trabalhar e fazer cursinho á noite e...

A: É só que à noite era muito complicado porque não dava tempo de estudar. Daí, no final, prestei FUVEST, prestei várias faculdades públicas e não deu.

E: Tentou só pública, nessa época?

A: Só, porque não teria como pagar. Aí, no ano seguinte, eu também ia fazer a mesma coisa só que calhou de eu ser mandada embora, mas foi muito bom. No primeiro momento eu

fiquei muito nossa eu fui mandada embora, o que aconteceu. Mas depois foi muito bom porque todo o dinheiro que eu peguei de seguro desemprego eu paguei o cursinho todo de uma vez e aí fiz só cursinho, estudando de dia de tarde e de noite.

E: Os seus pais te sustentavam, você não tinha que ajudar em casa?

A: É. Meu pai sempre teve uma aposentadoria razoável e a minha mãe também sempre fez uns bicos, como costureira, então também tinha um dinheirinho, então dava. Mas também, eu gastava só com passagem e comprar uma coisinha ou outra que eu comia no cursinho. Na verdade o que eles não poderiam pagar era o cursinho que eu paguei, então deu pra fazer, assim. Aí fiquei esse ano inteiro estudando e tal, e nesse cursinho que foi muito bom pra mim, não sei se ele continua igual, mas eu indicaria ele pra muitas pessoas, porque lá eles não só te ensinam a matéria, eles te ensinam muitas coisas em relação à vida e à vida acadêmica, ao quê fazer ou não, sabe, então é bem interessante. E daí, nesse ano, eu tava bem preparada, eu prestei várias faculdades, eu prestei pública, particular nenhuma, porque eu falei “eu vou passar em alguma pública”. E daí surgiu o ProUni., E aí, o que é isso, o que é isso? Vamos tentar, não sei quê. E as pessoas do cursinho comentavam do ProUni. Só que os diretores do cursinho eram contra essas coisas, ele dizia “não, vocês têm que fazer faculdade pública, porque faculdade pública é melhor, não sei quê, não vai nessa de faculdade particular”. Só que aí veio esse negócio do ProUni, e essa possibilidade de fazer uma faculdade melhor, ou acho que cheguei a conversar com ele que era a PUC e tal e ele falou assim, “não, a PUC é uma faculdade muito boa de Psicologia acho que você pode tentar como uma opção”. E aí eu me inscrevi. Quem me incentivou muito a me inscrever foi uma amiga minha que eu até hoje agradeço a ela por estar aqui, porque ela foi minha incentivadora. Daí eu fiz a inscrição do ProUni, muito sem saber o que era. Já tinha feito o Enem e tal, tinha ido super bem. Depois, no começo do ano, quando começam a chegar os resultados, chegou o resultado de Londrina que eu tinha passado, na UEL. E teve uma semana que eu fiquei em crise porque eu tinha que resolver, não a UEL foi depois, se eu ia demonstrar interesse pela vaga na UNESP, eu tava tipo em 13º lugar na lista adicionada, só que as pessoas desistem muito na UNESP, então eu tava dentro. Só que é em Assis, e aí eu fiquei super em dúvida porque na mesma semana eu tinha que resolver se eu ia pra Assis ou se eu vinha na PUC fazer a minha matrícula, porque saiu o resultado daqui e eu tinha sido aprovada. Daí, fiquei em conflito uma semana inteira sem saber o que fazer. Meus pais falaram “se você for até lá vai ter que fazer lá porque a gente se deslocar daqui até Assis pra fazer a matrícula e depois você resolver fazer em outro lugar, não, vai ter que ficar lá”. Então já era uma coisa muito conflituosa pra mim essa coisa de vai ter que ficar lá. Nossa meu Deus, o que eu faço. Aí resolvi pela PUC, mas ainda não tinha saído o resultado de Londrina, saiu só em março quando eu já tava fazendo aqui já, aí resolvi ficar sabe. Mas foi a melhor escolha que eu fiz porque por mais que seja longe, e eu gastasse com passagem, com isso, com aquilo, é muito inferior do que eu gastaria morando em uma dessas cidades. Então foi muito bom, fora que eu não saí de casa, porque a minha adaptação aqui sem ter saído de casa já foi difícil, imagina se eu tivesse saído de casa.

E: Seus pais deram apoio, você conversava com eles quando você ia pra casa angustiada?

A: Não, nessa época que eu tava angustiada eu não conversava, eu passei uma semana inteira angustiada, só chorava e não falava com ninguém. As pessoas queriam conversar comigo e

eu não conversava. Por que você está chorando? Não, não quero conversar. Foi uma semana muito difícil. E daí, depois, eles vieram conversar comigo mais a idéia da escolha, não do que eu estava sentindo, e aí acabei optando por ficar aqui, mesmo, sabe. Mas quando eu escolhi fazer Psicologia meus pais acharam esquisito. Minha mãe preferia que eu fizesse Fisioterapia porque dá pra ver mais o que a pessoa faz, você pega na pessoa, tá ali. Psicologia, o que você faz, sabe? Acho que até hoje tem uma certa incógnita do que eu faço exatamente. E aí...mas eles aceitaram, nunca colocaram oposição ao que eu tinha escolhido, teve um apoio, por mais que fosse assim, não entendo muito bem o que você está fazendo, mas já que você tá fazendo e tá gostando, então isso é que é importante, foi meio assim. E mesmo aqui na PUC, quando eu tava angustiada, minha mãe falava se você não quer ficar aí vai pra outra. Mas eu não queria ir pra lá, eu tinha ido pra lá fazer a prova e é uma cidade muito esquisita Londrina. Eu não tinha gostado muito. E também ficava tão longe e na época eu já namorava, e ia ficar longe do meu namorado...Em momento nenhum ele me disse pra não ir, mas também não me incentivava a ir. Quando surgiu o Prouni aqui, ele ficou super feliz quando soube que eu tinha passado, que ia fazer na PUC tal, sem ter que pagar. Aí eu acho que vários fatores me fizeram ficar. Mas eu acho que ficar na PUC foi a melhor coisa, assim. Na verdade eu gostaria de ter entrado em São Carlos, porque lá também tem Psicologia, dizem que é a melhor do Brasil, enfim. Só que agora eu não queria mais tá lá, porque pelo que eu vi mais ou menos, e a minha amiga que me incentivou a fazer a matrícula do ProUni e tal, ela tá em São Carlos. Então, além de querer ir pra lá eu queria ir pra lá com ela, e ela me contou como era um pouco a Psicologia lá porque ela conversou com pessoas que faziam Psicologia, pelo que ela me falou eu não iria gostar. Ela faz enfermagem, tá terminando esse ano, que o dela são quatro anos. Pelo que ela me falou eu acho que a PUC é o melhor lugar onde eu podia estar, sabe. Eu cheguei a essa conclusão de que foi muito bom eu ter ficado aqui assim. Eu gosto muito de estudar aqui.

E: Que bom. Achei interessante você mencionar que no cursinho eles trabalhavam com escolhas entre as universidades públicas ou eventualmente alguma boa universidade privada.

A; Sim. Eu acho que por ele ser um cursinho pequeno, não era um cursinho que visava mais o lucro que a boa formação. Os professores de lá eram formados em universidades públicas, era um clima diferente, as lembranças que eu tenho de lá também são muito boas. E eles sempre incentivavam, sempre falavam. O dono de lá, era formado em Letras e tinha feito outros cursos também na USP, então ficava fazendo piada de faculdade particular, caiu o RG na porta, tá matriculado. Tanto que quando eu entrei na PUC, quando eu tava naquela semana de dúvida, eu cheguei a ir no cursinho com a minha mãe para conversar com ele, pra ver o que ele achava, o que eu fazia, pela experiência que ele tinha. Ele não falou faça isso ou faça aquilo, deu os prós e contras de todas. Eu lembro que eu saí de lá assim, ah, o que adiantou, ele não me deu uma solução. Que bom que ele não me deu uma solução, eu penso hoje. Mas ele me deu um incentivo pra ficar na PUC, também, ele falava que a PUC é uma faculdade boa, entre as particulares não é uma faculdade que tem esse estilo de que está só atrás do lucro e o aluno é só um número. Tinha professores lá que tinham se formado aqui em História, dois professores. Então ele falou que a PUC era uma boa escolha, por isso também, eu vim pra cá. Só que aí eu voltei pra conversar com ele e ele falou Fiquei sabendo que a PUC vai ter vestibular de meio de ano, ah, não sei não se não vai cair a qualidade. Já começou a falar várias coisas que me deixou super insegura. Daí eu lembro que saí de lá

xingando ele, sabe, poxa, você tá lá e. Aí tinha um outro professor que falou, você vai ver que a PUC ta sempre em crise, desde a época que eu estudava lá e vai continuar. E realmente quando eu entrei aqui as primeiras coisas que você escuta são essas coisas assim da crise. Mas eles tinham um estilo bem interessante de orientação pros alunos. Até porque eles próprios tinham passado por esse tipo de ensino, assim de valorizar um pouco mais a produção do aluno. Esse professor dava aula de redação, então ele dava várias dicas de redação de escrita, então eu comecei a pegar essa coisa de erro de português com ele e cada vez aprimorando mais. Então, não sei, acho que lá era um ensino diferente, acho que não teria em outro cursinho.

E: Era bem diferente do X (outro cursinho)?

A: Era. Lá eu passava o dia inteiro, era como se fosse a minha segunda casa, conhecia todos os professores. Tinha aula de manhã das sete até quase meio dia, aí tomava um lanche ou almoçava e ficava estudando geralmente até as seis da tarde. Passava o dia lá, como se fosse um período integral. Tanto que quando eu entrei na PUC eu não senti tanto por isso, porque no ano anterior já passava o dia inteiro estudando. Tinha gente aqui que nos primeiros anos não agüentava, “meu o dia inteiro na faculdade eu não agüento sabe”. Além d’eu já ser um pouco regrada antes de entrar lá, cursinho me fez ser mais regrada, me fez parar sentar e estudar realmente. Tanto que quando eu entrei na PUC eu estudava em todos os finais de semana, era pra estudar, ler os textos, tal. Mas quando eu comecei a ficar aqui, na casa das minhas amigas eu comecei a fazer algumas coisas durante a semana, então o final de semana ficou um pouco mais livre. Daí o tempo foi passando e hoje to mais relaxada.

E: E essas amigas vieram de outras cidades, outros lugares e moram aqui?

A: É, vieram de outros lugares. Duas vêm do interior de São Paulo, uma vem de Belém, então assim,..Talvez por isso eu tenha me identificado mais com elas, porque elas não eram de São Paulo. Elas também estavam vindo de outros lugares, e tavam meio se sentindo perdidas aqui. Acho que a gente se identificou nesse primeiro momento um pouco por isso também, por essa situação.

E: Você comentou que sentiu uma defasagem quando fez cursinho, apesar da sua escola, você disse, ser boa. Você sentiu isso?

A: Bastante. Não sei se foi esse um ano que eu fiquei parada, se foi o ensino que eu tinha, mesmo, que ficava muito abaixo do que o esperado pros vestibulares de universidade pública. Enfim, quando eu entrei no Anglo, pelo menos a idéia que eu tenho de cursinho é fazer uma revisão de tudo que você já aprendeu, só que quando eu entrei no cursinho eu tava aprendendo as coisas. Por exemplo, química e física foram coisas que eu não tive na escola, porque tinha professores muito ruins ou então professores que eram razoáveis só que faltavam mais do que vinham. Então eu passei de ano, mas não tinha aprendido. Comecei a aprender muitas coisas no cursinho, nesse primeiro ano. Aí o segundo ano foi revisão das coisas que eu tinha aprendido no primeiro. E ainda eu tinha tempo pra estudar, tal. Então eu aprendi bastante coisa nesse um ano que eu fiquei sem fazer nada. Eu senti que o ensino que eu tive pro nível das universidades que eu queria entrar. Se eu tivesse saído da escola pra

fazer eu não conseguiria. Principalmente assim, eu não prestei mas o vestibular da Unicamp caíram questões dissertativas. Hoje em dia pra mim é estranho fazer questão objetiva, eu fiz uma prova ontem que tinha questões objetivas e dissertativas, pra mim foi muito estranho fazer aquelas objetivas, sabe. Na época era muito estranho fazer questão que eu tinha que escrever, escrever, o que eu vou escrever? Não tinha essa coisa de fazer uma redação, estruturar um texto, não tinha noção. Se eu tivesse saído da escola pra fazer esse tipo de prova eu não saberia o que escrever. Eu acho que os cursinhos me prepararam muito pra isso, me deram uma base pra isso, pra poder entrar.

E: E aqui você também é uma boa aluna?

A: Sim.

E: Quando você entrou, sentiu alguma dificuldade com relação ao conteúdo?

A: Aqui na PUC? Não, eu sentia que era mais avançada que alguns alunos. Não sei se foi pelos anos que eu fiquei parada, então talvez eu tenha amadurecido um pouco mais. Eu não tava mais naquele ritmo de escola, que às vezes fica bagunçando durante a aula, fica isso, aquilo. Eu não tinha mais isso quando entrei na PUC, já era pra assisti e prestar atenção na aula, sabe. Porque no cursinho tinha sido assim, já tava preparada pra isso. Enquanto outros alunos bagunçavam, conversavam a aula inteira, pra mim já tinha passado essa fase. Desde o começo eu percebi que tanto eu quanto um outro, tinham quatro alunos do Prouni nessa sala, depois no fim só ficaram dois, um saiu e o outro mudou de horário. Mas tanto eu quanto esse outro, a gente era praticamente os melhores alunos da sala assim. Porque ele também tinha vindo de um tempo de cursinho que ele ficou fazendo pra tentar entrar em faculdade pública, então a gente teve o mesmo caminho. E daí a gente conversava, meu a gente tem muito mais preparo que muita gente aqui. Então destoava um pouco, assim. Até amigas minhas que entraram direto do colégio, que eu percebia que tinha essa imaturidade pela própria experiência que não tinham tido de ficar um tempo, que hoje em dia estão com a postura que eu tinha no primeiro ano. Realmente foi aquele tempo dos três anos que eu fiquei sem estudar, sabe. Então eu achei importante ter ficado esse tempo parado, por mais que eu tenha ficado porque não dava pra fazer a faculdade nesse tempo. Mas não senti nenhum atraso.

E: Pelo contrário.

A: Pelo contrario, com certeza. Até porque no começo a gente se dedicava muito por medo desse negócio da avaliação que a gente achava que ia ter, de que notas a gente ia tirar. Tanto que quando a gente foi nessa primeira reunião do Prouni, tinha uma outra aluna que falou “gente eu to indo muito mal, to tirando nota baixa o que eu vou fazer? Se eu reprovar eu vou perder a bolsa”, ela tava super nervosa. Aí conversou e viu que era muito mais maleável do que a gente imaginava, que dava pra pegar uma DP ou outra. Terminando nos cinco anos dava pra pegar uma dp ou outra.

E: Ela ia mal por que não se dedicava?

A: Não sei, não acompanhei. Não devia estudar muito e era a única aluna do ProUni numa sala, então no começo ela se sentia muito isolada. Agora ela faz parte de tudo quanto é coisa, toda festa ela ta, agora ela é da faculdade. Mas na época eu lembro que ela falava, gente eu me sinto sozinha na sala onde eu estudo, sabe, não tenho nada a ver com aquelas pessoas. Eu até falei, eu também me sinto assim, mas a gente tem que tentar e tal.

E: Mas como eram as pessoas, eu não estudei aqui na PUC.

A: Deixa eu pensar. Talvez fosse um certo preconceito da minha parte, sabe. Que eu ia chegar aqui e encontrar um monte de gente de classe alta, de patricinha, não sei o quê, que só tem conversinha fútil...E realmente tinham umas que eram assim. Daí, quando eu cheguei foquei mais nessas pessoas assim. Comecei a prestar mais atenção nessas pessoas e, ‘gente, eu não tenho nada a ver com essas pessoas’. Mas daí eu fui conhecendo essas pessoas, e aí eu fui vendo que ‘ah, tudo bem, a pessoa tem mais dinheiro que você, mas e daí sabe. Ela também tem outras coisas. Ela também, sei lá, tem dificuldades. Também passa por outras situações que você não passa e enfim. Por que esse preconceito? Era preconceito da minha parte, sabe. Hoje em dia tenho essa consciência, foi preconceito da minha parte, quando eu entrei. E não sei, acho que a partir do momento que eu comecei a pensar, ‘tudo bem, as pessoas têm dinheiro mas e daí não é só isso’, eu comecei a olhar pras pessoas como elas realmente eram, não com aquela capa da pessoa riquinha que tem de tudo. Foi o quê me fez me aproximar mais das pessoas e perceber que não era bem assim também, do jeito como eu pensava. Não era todo mundo nadando em dinheiro, tem gente com dificuldade pra pagar a faculdade. Acho que eu fui caindo mais na realidade, mesmo, porque por mais que eu viesse de outra realidade eu vim com uma visão que não era. E quando eu comecei a interagir com as pessoas eu comecei a ver que não era bem da forma como eu tava pensando. E isso me ajudou a me localizar mais na faculdade também, foi o que ajudou bastante.

E: Bacana. E você chegou a comentar sobre isso com essa amiga, ou não?

A: Não. Acho que não.

E: Porque é uma coisa importante. Talvez fosse interessante conversar com a sua amiga, que se sentia isolada, sobre essa maneira de ver as coisas.

A: Verdade. É, mas eu não sei, acho que a gente chegou a conversar algumas vezes. Porque é assim, digamos que ela destoa bastante das meninas com quem ela criou amizade. É assim, ela mesma falava isso, porque ela era negra, ela era mais gordinha e tal. As meninas são todas super magrinhas, super patricinhas. Daí, eu lembro que a gente conversou um dia uma coisa mais próxima, ela chegou e falou ‘às vezes eu acho que eu tenho que andar igual às meninas da minha turma, sabe, porque eu sou muito diferente delas, porque elas andam maquiadas, elas andam sempre arrumadas e eu sempre ando assim’. Eu falei ‘olha pra mim, olha o jeito que eu ando também. Eu não ando super chique.’ Isso era uma coisa bem particular daquele grupo com quem ela andava. Eu falei ‘se você olhar em volta, você vai ver que na faculdade tem pessoas mais desencanadas; não é porque você anda com elas que você tem que ser igual a elas’.

E: Mas ela era amiga das meninas ?

A: Ela é amiga delas até hoje. Elas são amigas porque ela, acho que, também conseguiu superar essas diferenças, assim, sabe. E aceitar que ela era diferente delas, e mesmo assim elas poderiam continuar amigas, que acho que foi um pouco do que eu também consegui, sei lá pensar e mudar. Mas depois daquele dia a gente nunca mais conversou sobre aquilo. Mas ela continua a mesma pessoa. E do jeito que ela é, ela é super querida na faculdade por várias pessoas. Está super dentro da faculdade, fazendo parte de várias coisas. Cada um vai se encontrando, eu acho. As pessoas do ProUni da faculdade foram se encontrando, assim, cada uma do seu jeito. Pelo menos com quem eu tenho contato, que eu converso um pouco mais, acho que sim.

E: Bacana isso, A. E você tem quantos anos?

A: Tenho 24.

E: E a atividade que vocês fizeram, sobre as lembranças da escola. Você gostou dessa atividade, como foi?

A: Foi interessante a atividade, porque cada pessoa vinha de uma situação diferente, eu vinha da escola pública, uma amiga minha vinha de uma escola do interior, a outra vinha de uma escola de Belém, a outra de uma escola de São Paulo que era particular e a outra também veio do interior. E com pessoas de escolas completamente diferentes.

E: Quem reunia o grupo ?

A: A gente mesmo. Falaram “ah , se juntem e façam”, fizemos com quem estava do lado, e assim se formou o grupo. Ai eu lembro que nós nos juntamos, e uma coisa que foi interessante foi que existiam os mesmo personagens na escola, por exemplo, inspetores de alunos, só que os nomes eram diferentes em uma, inspetor e em outra já era bedel , em outra era não sei o quê. Então, existiam as mesmas figuras, mas elas faziam coisas vamos dizer assim, diferentes. A relação que as pessoas tinham tido com essas figuras eram diferentes, relação com o professor, cada um com a sua particularidade. Ah, a hora do recreio era a hora que todo mundo mais adorava, todo mundo lembrava mais como uma lembrança boa .

E: Eram mais lembranças comuns, no mesmo sentido, ou eram diferentes ?

A: Acho que, não sei, a gente levantou tanta coisa. Bastante coisa tanto de boas quanto de ruins .

E: No grupo existiu muita divergência, muita diferença entre as lembranças trazidas? Eu tive acesso a esse material e para alguns, por exemplo, o recreio era uma lembrança ruim, um momento difícil da escola, ou a aula de educação física. Uma mesma lembrança nem sempre era boa pra todas as pessoas. Às vezes a gente fica com a impressão de que não é assim. Pelo que lembra, as lembranças eram parecidas?

A: Acho que sim, lembranças mais em comuns sim, porque como eram de lugares diferentes às vezes tinham atividades diferentes que cada um considerava como...Nossa, por exemplo, feira de ciências tinha gente que adorava, mas não tinha na minha escola então pra mim não fazia muito sentido o que era uma feira de ciências. Ou....semana das nações, uma coisa assim, cada dia era um não sei o quê de um país, nossa se tivesse isso na minha escola eu com certeza teria achado isso muito legal, mas na minha não tinha mas tinha na de várias pessoas.

E: Mas de modo geral você achou as suas lembranças muito parecidas com as delas?

A: Sim.

E: Interessante. Eu cheguei a conversar com alguns alunos que me disseram que ficaram surpresos com a diferença que havia entre a sua percepção e a dos colegas, por exemplo, quando diziam que não gostavam de ter aula, ele gostava de ter aula. Ele se sentiu um pouco diferente dos colegas, você não?

A: Assim, eu não me lembro exatamente como eu me senti na hora, mas se tivesse sentido algum estranhamento eu me lembraria porque as situações de estranhamento que eu tive eu lembro muito bem. Então, teve muita coisa diferente e muita coisa parecida.

E: Que situações de estranhamento foram essas?

A: Ah, de quando entrei na faculdade, assim. As lembranças ruins também foram muito parecidas que eram os inspetores de alunos dando bronca, quando o professor dava bronca, quando, sei lá.

E: E quando o professor dava bronca, você comentava com seus pais?

A: Nossa, não lembro. Lembro que no começo os professores escreviam no caderno, sabe, mandavam recadinho, então provavelmente minha mãe via e devia brigar comigo. Mas eu acho que não.

E: A. me fala uma coisa, você, uma aluna boa, que parece sempre teve uma relação muito boa com a escola, com os professores e com os colegas, como você avalia o seu grupo de colegas da escola, não mais da PUC. Como você via e descreveria o ambiente da sua escola, o envolvimento dos seus colegas com os estudos, a relação entre eles?

A: Não todo mundo, mas sempre tinha o grupo dos que estudam e o grupo dos que bagunçam na sala de aula. Mas eu sempre fiz mais parte do grupo que estudava do que daquelas pessoas que são mais populares, que são aqueles que conversam com todo mundo, que são aqueles ficam ali fazendo bagunça. Mas mesmo esses também estudavam, sabe. Então acho que o pessoal estudava. Acho que os que menos estudavam era uma menina e mais os meninos que eram mais largados assim. Mais desencanados, às vezes nem tinham caderno, ou ficava rodando o caderno ao invés de prestar atenção na aula. Os meninos que se ferravam mais, tiravam notas mais baixas, brigavam mais com as professoras por causa das notas. Mas o

peçoal estudava sim. Alguns se destacavam um pouco mais, eu não fazia parte deles. Eu era uma aluna de média pra boa, mas não me destacava como nossa, super aluna, assim, não tinha esse destaque. A relação com os professores, eu tinha um contato maior quando eram menos professores, que eu acho que foi a partir da sétima série que a gente começou a ter um professor pra cada matéria. Tinha uma época que os professores não mudavam de sala e quem mudava eram os alunos. E não deu muito certo porque uns alunos se perdiam ou se escondiam no banheiro. Mas era legal porque a gente encontrava as pessoas nos corredores e trocava uma palavra ou outra. Mas aí eu comecei a não ter mais uma relação muito próxima com os professores, a relação era mais próxima quando era um, dois ou três no máximo. Depois comecei a ficar uma aluna mais quieta, mais tímida, já não participava muito de aula, ficava com as dúvidas pra mim mesma.

E: E por que você acha que aconteceu isso?

A: Não sei. Não sei se foi a própria fase da vida, ali. Não sei, mas sei que teve essa mudança e eu dei uma retraída. Não sei se eu posso dizer que foi só pelos professores que davam bronca porque eu bagunçava demais, porque eu era expansiva demais na aula, não sei.

E: Era uma expansão de felicidade não de rebeldia?

A: Que eu me lembre não, eu queria conversar. Até a quarta, quinta série acabava a aula a gente tinha o intervalo, o recreio, quando a gente tinha a merenda, eu sempre adorei a merenda da escola, todo mundo odiava, até hoje eu sinto o gosto de algumas coisas que eu comia lá e que eu nunca mais comi, sabe. O recreio pra mim também era muito bom, o comer no recreio, a merenda. E aí eu lembro que até a quarta série, no fim da aula os professores também levavam a gente pra comer. Eu sempre ficava na escola, tem uma subidona onde a minha mãe me esperava e depois tinha mais um tempinho até chegar na minha casa. E minha mãe ficava me esperando na subida porque eu ficava lá comendo a merenda e conversando e bagunçando. E eu sempre vinha bagunçando e ela sempre brigava comigo porque tinha ficado lá 15 minutos me esperando e nada. Então acho que era de alegria, mesmo. Não era nada rebelde de querer contestar um professor, acho que eu nunca fui assim de ficar fazendo uma coisa pra provocar o professor.

E: Você ficava feliz na escola?

A: É, do que eu me lembre. Talvez ali algum dia eu tenha feito alguma coisa pra provocar, mas o que eu queria era conversar com todo mundo, queria brincar, não estava a fim de ficar sentada com a b. na cadeira, sabe. Era mais por isso que eu levava tanta bronca.

E: Então a relação com os amigos era fácil? Este é outro aspecto que pra você foi muito fácil, mas que não é assim pra todo mundo.

A: Ah, não era mil maravilhas, mas eu tinha amigos, eu era feliz com eles. Carreguei poucos, muito poucos pra hoje em dia, mas na época era muito bom. Acho que até por isso você fala que muitas pessoas não gostam do recreio, porque o recreio é o momento de maior socialização ali com os colegas. Mas eu não tinha problema não.

E: Com relação aos conteúdos ensinados, também nunca teve problema?

A: Não, que eu me lembre só no cursinho, com física. Eu ia estudar Física eu ficava deprimida porque eu não entendia, não entrava na minha cabeça. Eu lembro que eu parei de estudar física e fiz o vestibular sem saber Física. Porque era uma coisa que realmente me deprimia, e eu não entendia por mais que viesse o professor me ensinar, eu não conseguia sabe. Mas nessa época, na escola, Física era mais decoreba, colocar os números nas formulas, não tinha que pensar muito. A partir do momento que eu precisei pensar um pouco, a Física não fez mais sentido e não faz sentido até hoje, pra mim. Se algum dia eu precisar estudar física vai ser complicado. Foi o mais, só nesse período.

E: No ensino médio, no final, vocês conversavam sobre o vestibular, a escola trazia esse assunto pra conversar com os alunos?

A: Não, acho que naquela época não tinha. Talvez hoje em dia seja uma coisa que se discuta um pouco mais. Mas naquela época...Eu lembro que teve uma menina da minha sala que era uma das mais inteligentes da sala e ela passou acho que na.....Sabe, hoje em dia eu falo 'meu, não tenho muita dificuldade pra passar nessa faculdade'. Mas ela passou, não tinha acabado ainda o terceiro ano, ela já tinha entrado. Lembro que uma professora falou nossa, tal aluno vai fazer Anhembí-Morumbi, sabe. E foi recebido como a pessoa que vai sair e já vai fazer uma faculdade, assim. Era uma coisa diferente. Acho que isso mudou muito rápido, hoje em dia acho que tá muito essa coisa de faculdade, não sei.

E: Você acha que hoje em dia, na escola, eles conversam mais com os alunos sobre isso?

A: Acho que sim. Mas eu não tenho certeza.

E: Na sua época só algumas pessoas prestava vestibular ?

A: É, na verdade eu lembro dessa menina que prestou e passou, eu lembro de um menino que, aí já tinha toda uma outra experiência familiar, ele tinha vindo de uma escola particular pra fazer ali. A família dele tinha uma outra visão do que era faculdade. Ele ia fazer UNESP, ele ia fazer música, então ele já tinha uma outra estrutura familiar, uma outra coisa, ele queria fazer uma coisa que ele gostava. Eu lembro que ele falou: Anhembí-Morumbi, quem não entra? Ele já tinha um pouco essa noção, eu não tinha noção nenhuma de diferença de faculdade, que uma ia ser melhor aquela. Ele falou nossa, eu não entro nessa faculdade, pra ficarem fazendo uma coisa tão grande por ela ter entrado. Ele já tinha essa outra visão, de que ele ia entrar numa faculdade pública, tanto que já entrou, já se formou e tal. Que eu me lembre esses dois. Tem pessoas que entraram, fizeram meio ano e pararam. Então, teve de tudo.

E: E você continua tendo contato com os seus colegas da escola?

A: Muito pouco. Eu sei mais ou menos o que cada um tá fazendo e fez, mas contato mesmo.

E: E eles fizeram faculdade?

A: Vários, mas eu acho que fui a única que deu as caras pra fazer uma coisa mais difícil, sabe. Pra sair um pouco de lá, ir pra outro lugar, pra ir mesmo atrás de uma coisa que quisesse. Muitos fizeram a faculdade que era perto de casa que não era tão boa, mas dava pra ficar lá. Muitos talvez não tenham tido vontade, mas não posso julgar também. Não sei, mas acho que fui a única meio louca que saí de lá pra fazer a coisa realmente que queria.

E: E por que você acha que resolveu ir atrás desse desafio?

A: Acho que eu quis ir atrás de alguma coisa que eu quisesse mesmo fazer, e aí as coisas foram se desencadeando. Bom, pra eu fazer uma faculdade boa, vou ter que fazer uma faculdade pública, pra fazer uma faculdade pública, vou ter que fazer um cursinho e estudar. E as coisas foram indo assim. Fui fazendo, fui estudando.

E: E por que você teve a idéia de fazer faculdade?

A: Acho que a idéia de ter uma profissão mesmo. Não de, como acontece com muitas amigas minhas, hoje em dia, que não fizeram uma faculdade, que ta trabalhando com telemarketing. Eu não queria isso pra mim, sabe. Trabalhar assim, eu queria ter uma profissão, queria ter alguma coisa direcionada, não sei. Eu queria ter uma profissão e fazer alguma coisa que eu realmente gostasse. E aí eu tive vários incentivos da família e de quem tava à minha volta e acho que isso me ajudou muito, e eu fui atrás.

E: E quem foram essas pessoas exatamente?

A: Acho que meus pais, minhas irmãs, meu namorado também. Na época, porque assim, eu conheci ele no ano que eu saí da faculdade e a gente ta junto até hoje.

E: Da escola.

A: isso, da escola. E aí , nesse ano ele também já fazia faculdade, e ele também me incentivou, sabe.

E: Ele faz o que?

A: Ele já se formou em engenharia, ele tava terminando. E daí...acho que ele me incentivou bastante a estudar porque no ano que a gente se conheceu eu não estudava, e ele me fala até hoje que achava muito esquisito eu não estudar, sabe. Como uma pessoa não estuda? Acho que esse também era o valor da família dele assim. Então ele me incentivou bastante a estudar também. Acho que foram várias coisas, assim que ajudaram a continuar além da minha vontade de continuar.

E: E as suas amigas que você via...

A: As minhas amigas nem tanto eu acho. Eu continuei e elas nossa você é louca vai fazer cursinho, não tive muito incentivo delas sabe. Fui porque eu realmente queria, não no embalo porque os amigos iam sabe.

E: E hoje, elas acham bacana você ter feito?

A: Então, a gente tem tão pouco contato hoje em dia. Eu não sei, eu me desliguei um pouco. Acho que a gente está em mundos diferentes, eu não sei explicar, mas eu sinto isso. Não sei na verdade acho que no começo elas meio que, eu não sei se eu me colocava ou se eu me sentia numa posição diferenciada, por eu estar fazendo uma faculdade que eu realmente queria, por uma ...muitas vezes me perguntavam como vai a faculdade, Ah ta puxada, e todo mundo ah, você é corajosa de fazer tudo isso. Sabe, acho que eu sempre fui colocada numa posição de destaque pela escolha que eu fiz assim. Agora a gente ta mais afastada, mas logo na época que eu comecei eu sentia um pouco isso.

E: E pra você, qual foi a sensação quando entrou aqui?

A: Ah, foi legal, eu gostei. Talvez tenha ficado um pouco decepcionada inicialmente porque o meu projeto era entrar numa faculdade pública e não numa particular, mas quando eu entrei e fui tendo contato com as coisas e vendo que era isso mesmo que eu queria fazer, foi muito legal. Fui me encontrando assim, em várias aulas e vários textos, fui me encontrando na teoria. Vi que era realmente isso que eu queria fazer. Na verdade, uma outra coisa que eu gosto muito também é dança. Mas eu nunca tive a possibilidade de fazer, enfim. Se eu pudesse, se tivesse tido a oportunidade, acho que eu teria feito uma faculdade de dança, alguma coisa do tipo.

E: Aqui tem Artes do Corpo.

A: É, mas eu nem sabia que existia, era uma coisa muito idealizada. Acho que são cursos novos. Mas é uma coisa com que eu quero trabalhar na minha profissão. Sei que dá pra trabalhar com coisas corporais, então vai ta dentro de alguma forma, então eu já me sinto realizada por isso. Acho que dá pra trazer esse outro lado meu, essa outra vontade, pra dentro da profissão.

E: De onde veio a dança pra você?

A: Eu sempre dancei muito, eu sempre gostei de dançar. Tinha uma época que eu fazia jazz em São Bernardo, num centro de convivência. Teve uma época que eu fiz dança de salão.

E: Então, você fez. Entendi que você nunca tinha feito nada.

A: Mas não assim profissionalmente, a minha idéia era profissionalmente.

E: Ta, então, quando você era criança os seus pais te levavam...

A: Não, meus pais no máximo iam na apresentação. Eu já era um pouco maior e ia com as minhas amigas. Não era nada que a família tenha a ver, porque não era pago. Então eu ia lá, eu fazia, falava mais ou menos pros meus pais como era...Tinha uns 12,13,14 anos, então, uma vez por semana, ia com as minhas amigas pra lá. A gente ia andando, levava uma meia hora até lá, e a gente ia super feliz porque chegava lá e era muito legal, sabe.

E: Que tipo de dança?

A: Não era nada assim muito clássico, acho que era, sei lá jazz...Era mais pra estar ali mexendo o corpo e ter a apresentação no fim do ano. Então eu adorava. Mas teve uma época que eu quis tanto que acho que foi por isso que eu pensei em fazer educação física. Porque eu achei que talvez tivesse alguma coisa a ver, mas aí eu caí na Psicologia e eu vi que tem muito a ver.

E: E porque você abandonou a idéia de fazer Educação Física?

A: Porque eu achei que ser professor de Educação Física, não sei, eu achava uma coisa muito sei lá, não ia ser assim muito legal pra mim.

E: Por quê?

A: Não sei dizer. Não sei, mas acho que os meus professores de Educação Física eram meio frustrados pelo que eles tinham vontade de fazer e não podiam fazer, aí eu falei assim, eu não quero ser professora de educação física, sabe.

E: O que eles queriam fazer e não podiam?

A: Teve uma época na minha escola que tinha olimpíadas, incentivavam muito esporte na época que as minhas irmãs estudaram. Quando eu entrei já tava mudando um pouco, e depois eu acho que não tinha mais verba pra fazer isso. Eu acho que os professores estava acostumados a fazer sempre sabe. Sei lá, achei isso uma coisa meio frustrante. Eu pensei, vou entrar numa profissão já achando que ela é frustrante, não vou, vou fazer outra coisa. Acho que foi um pouco por isso, assim.

E: E os outros professores, você acha que eles eram felizes como professores?

A: Acho que não.....Então, os professores que eu tinha nos primeiros anos eu acho que sim. Mas depois de um certo tempo, não sei se os alunos ficaram piores, ou o que aconteceu com a relação ali, mas..eu tinha muitos professores que eu percebia que eram muito desanimados. E tinham outros que faziam muito o que os alunos queriam, sabe, meio que...Tinha uma professora que todos os alunos adoravam, mas porque ela ia dar prova e os alunos falavam Ah professora, prova com consulta, ela ah, ta bom...ela acatava tudo que os alunos falavam. Todo mundo adorava ela por causa disso. Então, talvez pra ela não se frustrar tanto ela fizesse tudo o que os alunos esperavam que ela fizesse. Não sei se eu lembro exatamente ou se to influenciada pela época que eu fiz licenciatura aqui na faculdade. Então você começa a

entrar mais em contato com a educação no Brasil, então isso talvez tenha contaminado as minhas lembranças daquela época.

E: Mas o professor de Educação Física?

A: É ele dava pra perceber que estava mais interessado em paquerar as meninas. Dos outros professores eu lembro dessa professora que era muito, sei lá, os alunos faziam ela meio de gato e sapato, então todos os alunos adoravam ela, queriam ela como a representante da turma na formatura e tal, mas porque ela era a professora que fazia tudo que os alunos queriam, sabe. Professora, não vai dar isso hoje; ah, então tudo bem dou na semana que vem.

E: Mas não tinha nenhum professor que você achasse envolvido, animado com a escola?

A: Eu tive um professor na sexta série, de geografia, ele era muito engraçado. E professor engraçado era uma coisa muito estranha eu só vim a conhecer professores engraçados no cursinho, que eles eram muito legais. Os professores do cursinho, eu vejo que realmente gostavam de dar aula, sabe, se dedicavam ao que eles faziam. Mas esse professor era muito engraçado, ensinava as coisas de uma forma engraçada, todos os alunos gostavam dele, ele era amigo de todos os meninos, ele era um moleque assim. Daí, ele ensinava as coisas de uma forma que eu lembro que era gostoso de aprender com a forma que ele ensinava, que eu lembro que eu levei por muito tempo. Agora eu não lembro mais as coisas que ele ensinava, mas lembro que são coisas que eu levei por um tempo.

E: Os outros, você acha que eram...

A: Os outros eram mais tradicionais.

E: E quando você fez licenciatura, o que vocês viam, por que você fala que ficou com essa impressão?

A: É porque eu fiz estágio na época também. Então, quando eu fiz, eu vi como era o ensino público pelo lado de cá,...de lá não sei...e era frustrante porque os alunos só bagunçavam. Assisti aula tanto à noite quanto de dia, numa escola lá perto de casa e uma aula de Filosofia numa faculdade, numa escola que estão no supletivo, sabe, pra pessoas que estão ali pra ter o diploma. Então não fazia muito sentido aquela aula, as pessoas iam na aula pra ficar conversando.

E: As pessoas iam à aula pra ficar conversando?

A: É, saíam da sala. Assisti tanto ao EJA quanto colegial normal. Isso era perto da minha casa e numa outra escola quase lá na Pompéia. E aula de filosofia, e os alunos..., é que a professora de lá era uma pouco mais dinâmica, assim, tinha estudado na PUC, sabe, ela acreditava um pouco mais no que ela estava fazendo, assim. Mas os alunos só conversavam e brincavam na aula, tal..ninguém tava muito aí. Eu não quero isso, eu não quero fazer isso. Quando eu terminei a licenciatura eu sabia que aquilo era uma coisa que eu não queria fazer.

E: Você não achou que você talvez pudesse fazer de uma forma diferente, que talvez pudesse mudar a relação dos alunos com o estudo?

A: Não, não pensei. Eu não sou uma pessoa assim muito revolucionária, não sei se eu conseguiria mudar muita coisa. Se eu chegasse numa sala e tivesse alunos daquele jeito, acho que aos poucos eles iriam minando a minha força de vontade, assim. Daqui a pouco eu ia estar igual àquele professor.

E: E você como futura psicóloga, você já tentou imaginar porque os alunos têm esse comportamento? É totalmente inexplicável?

A: Acho que sei lá, às vezes um pouco do jeito como eu via as minhas aulas de geografia da sétima série, um pouco, pra que isso vai servir pra mim, não preciso prestar atenção nisso. Talvez seja um pouco essa a postura dos alunos. E a dos professores, ‘Ah, eu to ganhando, se eu ensinar ou se eu não ensinar, então, independente da forma como eu fizer vai ta feito’. Eu via muito assim a relação.

E: No estágio você assistia só as aulas de filosofia?

A: E idéia era Psicologia, mas não tinha, só uma ou outra e também era desastrosa, davam cada coisa pros alunos....ficavam ensinando teoria. Eu assisti uma aula que ele ficava falando sobre uns conceitos de Freud; o que isso vai servir pros alunos? Mas também não sei de que forma poderia ser feita. Eu lembro do meu namorado que dizia que gostava da aula de psicologia porque ficavam conversando, não tinha certo e errado, podia falar qualquer coisa. Mas ele fez escola particular.

E: A. eu acho que ta bom por hoje, muito obrigada.

ANEXO IV

ENTREVISTA COM JOANA

Entrevista com Joana, realizada em 11/12/2008, na PUC-SP, em uma sala reservada para esse fim. Teve a duração de 2 horas e 14 minutos.

Na época da entrevista, Joana tinha 22 anos e estava no quarto ano do curso de Psicologia da PUC/SP.

E: Gostaria que você me contasse um pouco sobre o papel, a importância da escola na sua vida?

P: Então, acho que foi me formar mesmo como pessoa, porque a escola onde eu estudei é, nem sei se depois de estudar com a Ana e com a Elisa, nem sei se o nome seria construtivista, enfim, mas é uma escola considerada como construtivista que tem um outro olhar para o aluno, não é vamos formar para o vestibular, não, é vamos formar pessoas que conseguem criticar, que sejam conscientes do papel delas na sociedade. Então foi muito importante, assim, porque...Eu tô pensando mais assim, nos últimos anos, depois até eu posso voltar, porque era muito diferente do que uns amigos meus tinham. A minha aula de história não era, o que eu até senti falta, mas não era aprender data por data, aconteceu isso no ano tal, não. Era aprender a ler texto e criticar, então a gente leu texto de historiadores, a gente leu texto de economista. Era muito diferente, não sei, foi muito importante para mim. E ver filmes, não sei, era...Não sei como descrever, mas eu aprendi muito, vi muita coisa, então, ter aulas de arte me formava como pessoa mesmo, em vários sentidos. Era na aula de história aprendendo a criticar, era tendo aula de história da arte, era tendo aula de artes, língua. Às vezes eu senti falta de conteúdos até assim pro vestibular, porque era difícil, mas ao mesmo tempo eu acho que aprendi coisas que as pessoas a maior parte das pessoas não tem acesso, assim, em geral. Acho que isso foi muito importante para mim. O foco era a pessoa e não uma prova específica, ou uma data específica, ou aquela conta específica, era um olhar mais integrado, assim.

E: Você achou que isso te atrapalhou no vestibular, você sentiu falta de alguma coisa?

P: Então, foi muito rico, mas na época do vestibular eu fiquei muito brava, na época. Eu até fui bem, mas mesmo assim eu falava poxa e agora? Eu vou bem na matemática da escola, mas na hora das provas do simulado eu vou mal, eu vou bem em não sei quê mas na hora do vestibular eu vou mal, eu preciso passar no vestibular, e aí eu faço o que com isso? Mas hoje em dia eu vejo que foi muito melhor, porque eu entrei na faculdade conseguindo ler os textos da faculdade, não era uma coisa estranha, a gente tinha uma aula de, nem lembro como eles chamavam, mas era como se fosse uma aula de filosofia mas que a gente via textos que, sei lá, eles têm na filosofia da USP, no curso, então eu cheguei aqui sabendo ler, sabendo escrever muito bem e conseguindo, não sei, entender melhor alguns conteúdos que alguns amigos meus da faculdade levaram um tempo para conseguir, tipo, nossa que texto estranho, não faz muito sentido, que tipo de trabalho eles querem que eu escreva é muito diferente

daqueles que a gente tinha na escola. Então, na verdade, foi muito rico, mas na época do vestibular eu fiquei muito brava, mas depois e antes eu via assim o quanto foi importante. Não era chato ir para escola, em geral, claro era cansativo às vezes você falava não...mas era meio relação de amor e ódio com a escola. Mas é cansativo, enfim, mas foi muito válido e depois que eu entrei na faculdade eu vi quão importante foi, também. Mesmo que no período do vestibular tenha sido importante assim.

E: E você chegou a fazer cursinho?

P: Eu fiz, porque eu sou muito neurótica, mas eu fiz assim dois meses de cursinho intensivo, junto com a escola. É meio cansativo.

E: E você prestou que vestibulares?

P: Prestei só USP e PUC. Entrei na primeira fase da USP, só que eu queria fazer PUC, mas tinha uma questão em casa que a minha mãe queria que eu fizesse USP, obviamente, e eu queria fazer PUC, porque falavam que a Psicologia era mais de um jeito, aquilo, e eu me interessava mais, então eu nem estudei muito na segunda fase da USP, eu fui médio, mas não passei, e na PUC eu passei.

E: Então a escola acabou não te atrapalhando.

P: É, não. Mas é que o meu desempenho na escola era muito melhor do que o meu desempenho no vestibular. E isso eu não entendia, porque o meu desempenho sempre foi muito bom na escola e nos dias que eu fazia os simulados eu não ia tão bem aí eu falava o que está acontecendo, sabe. Eu não era boa na escola? Não era compatível. Aí que eu comecei a entender, isso é diferente do que eu vejo. Nas aulas de português eu nunca tive gramática direito, eu sempre aprendia literatura, a escrever e tal, mas eu nunca tive gramática, então tinha perguntas de gramática que eu não tinha idéia de como responder. E essas coisas, eu ficava 'peraí', tudo bem, talvez seja interessante ter outras coisas mas....acho que é uma lacuna, assim.

E: Mas você não tinha aula de gramática aplicada aos textos?

P: Então, eu sei usar os conteúdos, mas se me perguntam, que nem no vestibular, as regras, eu não faço idéia, eu sei usar mas algumas coisas até hoje eu tenho dúvidas. Às vezes com vírgula...é tudo intuitivo...não faço idéia, é uma lacuna eu acho, às vezes me incomoda. Acho importante ter do jeito que eu tive, mas alguns conteúdos talvez tenham faltado.

E: Você ficou com a impressão de que faltou isso, e aqui na PUC, comparando com os seus colegas, você sente que para algumas coisas tem mais facilidade e os seus colegas tem mais facilidades para outras?

P:É. Então eu sentia mais isso no começo, agora não. Eu passei pro quinto ano e eu fiquei um ano fora, tranquei um ano, então desde que eu voltei não sinto isso. Até, eu achava o curso bem mais forte no começo aqui na PUC, na verdade a entrevista nem é sobre o curso da PUC,

mas eu achava bem mais forte no começo, hoje eu acho muito ruim. Hoje eu acho que as minhas aulas da escola eram melhores que muitas aulas que eu tenho aqui.

E: Melhores em que sentido?

P: Não sei. Ah, os professores, são poucos os professores que são bons, são muito conservadores, assim. Parece que tem essa coisa da PUC mais de esquerda mas eu não acho que é mais. Você vê que a postura de vários professores é muito conservadora dentro da Psicologia. E mesmo professores sem vontade de dar aula, que passam textos ruins, bem comidos, mastigados que num...não te põe desafio nenhum, então tem sido bem frustrante assim estudar.

E: E na sua escola?

P: Era. Na minha escola eu gostava da maior parte das coisas que eu estudava, assim, me interessava. Cansava, na época eu reclamava, enfim, mas olhando para tras, um pouco o que eu lembro eu gostava, assim, da maioria das coisas que eu tinha.

E: Você mencionou os professores daqui, gostaria que me contasse dos professores da escola.

P: Ah, tá. Nem todos mas alguns eram meio fracos, mas tinham uma postura bem mais crítica, e os textos que eles passavam eram muito bons. E as aulas eram muito bem estruturadas, eles tinham vontade de dar aula, a maioria não todos. Ao mesmo tempo tinha aula como a de biologia que eu sinto que eu aprendia tudo sozinha, a gente pegava os livros de biologia e lia inteiro e aprendia sozinho. Mas era bom também. Porque eu acho que isso eles ensinaram muito você, não tanto, mas a ser autodidata, você mesmo saber estudar, pegar um texto e aprender. Eu sinto isso até hoje, às vezes as aulas estão muito ruins mas eu consigo pegar os textos e tirar o que é importante para mim e passar nas matérias.

E: E você acha que isso foi uma coisa que eles ensinaram na escola?

P: Acho. Mais do que os conteúdos em si de algumas matérias, era como estudar. Eu aprendi como estudar, isso eu acho que é um diferencial grande. Só que os professores lá, eu sinto que eram mais vivos, assim. Aqui, parece que está meio que tudo morto, não sei, não tem muito sentido. Também as matérias são muito ruins, muito repetitivas. Lá, não, eram muito bem estruturadas. Aqui, eu acho que não é tanto. Lá tinha mais relação de uma coisa com a outra, aqui, a gente fica repetindo a mesma coisa. O quarto ano é inteiro assim, qual é o papel do psicólogo? Parece que a gente precisa ficar reafirmando o tempo todo. Qual é o papel do psicólogo na educação, toda aula de educação e gente discute qual é o papel do psicólogo na educação. Qual é o papel do psicólogo no trabalho? Toda aula a gente discute isso, aí chega e qual é o papel do psicólogo na saúde? A única coisa que não questionam é qual o papel do psicólogo na clínica, que aí é instituição sagrada e ninguém questiona. Mas todas as matérias a gente, em todas as aulas tinha que falar qual era o papel do psicólogo, fica repetitivo, cansativo.

E: E na escola?

P: É, acho que lá tudo fazia um sentido maior, assim. Os professores mais motivados, os textos melhores. Acho que era mais legal. E tem uma coisa que é muito importante que eu não tô falando, que é a postura dos alunos, faz muita diferença também. Porque eu acho que os alunos da minha escola, não todos, mas as pessoas se envolviam bastante. Claro, sempre tem quem estuda menos, mas tá todo mundo tava ali, participava, se interessava, alguns não, mas a maioria sim. Aprendiam, sabiam o que estava sendo dito. E aqui, na PUC, as pessoas são muito passivas, as pessoas sentam, escutam e ninguém quer saber, ninguém fala nada, ninguém contesta, nem pergunta, e lá, não.

E: Por que você acha que talvez esteja idealizando?

P: Não, porque eu só tô falando coisas boas, então nunca é só bom, mas eu acho que a postura dos alunos era diferente.

E: Você acha que os alunos eram mais motivados. E você acha que em alguma medida a escola acabou contribuindo para isso? Por que você acha que na escola eles eram mais motivados?

P: Ah, eu acho que tinha um incentivo da gente participar, a gente tinha um espaço grande de ser escutado, de falar o que a gente gosta, o que não gosta, dizer o que está legal e o que não tá. E talvez pelas aulas serem interessante também. Aí as pessoas acabam se envolvendo mais e, não sei, desde pequena é uma formação que busca que a gente se coloque, que fale o que gosta o que não gosta, que fale o que é importante. Não sei, aqui na PUC, até sinto que tem um pouco, não é que é um horror, mas as pessoas talvez até por virem de escolas que nunca teve isso continuam achando que a aula é para sentar, escutar, sair. Escuta, assimila, vai. Acho que assim, por exemplo, a Ana é uma professora que quer que a gente crie diálogo, mas as pessoas estão tão desacostumadas com isso que ninguém nem consegue, assim, e aí acaba sendo uma aula expositiva e às vezes quando reúne em grupo ninguém quer conversar, ninguém fala, então.

E: E na escola você sentia que as pessoas...

P: É, não todo mundo, mas um pouco mais. Talvez eu mais, não sei. Tinha mais interação entre professor e aluno do que aqui.

E: Então você sentiu essa diferença com relação aos alunos das outras escolas?

P: É, também é um pouco de preconceito porque tem muito disso, mesmo na escola, a gente forma. Os alunos que estudaram num tipo de escola, onde você estudou? Isso é um saco desse meio, acho um saco. Vem desde os primórdios e você vê isso. Então é assim, você estudou na escola X, no Equipe, no Vera, aí você conhece alguém, e aí pergunta onde estudou e já classifica ele, esse aí é dos não sei quê. Então eu sinto que tem isso ainda um pouco na PUC. Não todo mundo, teve gente que misturou e tal, mas tem essa coisa assim que vem, de que a gente supostamente é melhor porque estudou nessas escolas, e não é, na verdade não é. Eu vejo uma postura diferente, vejo. Mas, às vezes, vejo alunos que estudaram

em outras escolas e, que têm uma postura bem mais desenvolvida. Tenho uma amiga que estudou no Rio Branco e ela se envolve mais que eu, que supostamente vim da escola crítica, que me formou e tal. Então é relativo. Eu sinto que esses alunos que estudaram nessas escolas mais assim, que eles têm uma postura diferente, mas ao mesmo tempo não necessariamente, alguns não estão nem aí com nada. E alguns que estudaram em outras escolas, estão. Claro que vai um pouco da sua educação em casa, das suas experiências, da sua vida fora da escola. Aqui na PUC, eu sinto que alguns alunos, 1% da classe é que vai querer falar alguma coisa. A gente tinha aula de ética nesse primeiro semestre, e a professora falava ‘gente, a aula não acontece sem a participação de vocês, é uma aula que vocês têm que falar’. E ninguém falava, ela ficou muito frustrada. Falou ‘foi uma das piores turmas que eu tive porque ninguém fala nada, ninguém coloca o que acha, o que não acha.’ Então fica sem sentido a aula.

E: E você, se colocava?

P: É, numa classe que ninguém fala nada. Até tinha outros amigos que tinham vontade de falar, mas fica....Não sei se é só passividade ou também insegurança de se colocar e achar que não sabe.

E: E essa segurança de se colocar, você acha que isso foi trabalhado na escola, ou não?

P: É, acho que varia mais de aluno para aluno. Porque até aí eu me sentia muito segura no meu ano, e na escola me sentia até mais. Depois que eu entrei na PUC, me sentia segura porque a gente tem a mesma classe até o terceiro ano, mas desde que eu tranquei e voltei eu já não chego na aula e falo ‘eu acho isso, não sei quê’. Não, eu fico mais na minha no quarto ano, agora passei pro quinto. Fico mais observando.

E: E quando vocês levantaram as lembranças?

P: Eu não lembro dessa época, faz tempo?

E: Não faz tempo, foi na primeira aula da professora Elisa no quarto ano. A professora Elisa pediu para que vocês se reunissem em grupo e anotassem as lembranças boas e ruins.

P: Ah, lembrei agora. Lembro, coisas ruins: prova, horário, acordar cedo, eu lembro disso.

E: E você sentiu que as suas lembranças eram um pouco diferentes das dos outros alunos, ou não?

P: Tinham algumas pessoas do meu grupo que também tinham coisas boas assim, que até vinham casualmente de escolas parecidas, mas tinha muitas lembranças diferentes. Agora eu lembrei que a gente começou a discutir e eles assim, nossa era assim na escola de vocês, nossa na minha era ao contrário, era horrível, era não sei quê.

E: Por exemplo, o que era bom na sua escola e não na deles?

P: A coisa da punição era forte, então falavam nossa na minha escola se você fazia isso você era punido desse jeito e as broncas... E o que é bom na escola, tinha gente que falava assim, não ter aula, quando o professor falta, aula livre, o intervalo, só essas coisas, que eu também acho. Achava ótimo o professor faltar, ter intervalo, mas não era só isso que era bom, então isso era bem diferente. E a coisa das provas também. Tinha gente que falava que era horrível e para mim era estressante, acho que eu sou muito neurótica, enfim, eu até melhorei já desde a escola, mas não era a pior coisa, nossa chegou a época das provas. Era cansativo, era estressante, mas tudo bem. Para algumas pessoas era horrível, era ‘nossa agora me ferrei’, assim, tô fazendo a prova porque eles querem me ferrar, entendeu.

E: Então você gostava de ter aulas?

P: Ah, não todas, mas algumas, sim, tipo aula de história, eu gostava bastante, a de português eu gostava, a de (não consigo entender) eu gostava também. É, mas por exemplo, inglês eu detestava, tinha coisas que eu não gostava.

E: Interessante isso. Eu entrevistei outra pessoa que também me disse que ficou surpresa ao ver que as pessoas não gostavam de assistir aula.

P: É, a Elisa pontuou isso na aula. Falou ‘vocês estão falando aqui que tudo o que é bom não está relacionado com a escola’, assim, a hora do esguicho, era tudo quando não era aula com conteúdo específico. Tudo o que não era aula: atividade, jogos, educação física, eram só essas coisas que eram positivas. Aulas em si, de sentar e escrever ou não, não eram.

E: E o que vocês discutiram na classe com relação a isso?

P: Não, assim, qual era a diferença das escolas para alguns alunos acharem tão ruim o espaço das aulas e outros não? Então o que será que era ruim? Era o professor que era muito duro, muito arrogante, muito punitivo, que não deixava os alunos participarem, era isso? Era a aula que era chata, os textos eram ruins, o material era ruim? Então ficou meio nisso a discussão.

E: E vocês chegaram a concluir alguma coisa?

P: Não, foi mais pontuar e falar ‘olha que diferença’.

E: E para você por que a aula era boa?

P: Acho que por esses motivos que eu falei, por ser um assunto que me interessava muito, não todos mas vários, colocados de um jeito interessante, então a aula tinha um formato interessante que não era, ah isso e isso e isso, de tentar fazer a gente descobrir, ir atrás, então olhar o assunto de um jeito legal que faça sentido dentro do nosso contexto. Então se a gente ia estudar biologia, a gente ia plantar o feijão e ver o processo e tanãã, ou ir no laboratório e fazer os experimentos. Acho que isso tem em toda escola, abrir o sapo, ver como é dentro. Então eu acho que essas coisas eram legais, de colocar na prática essas coisas de química, biologia e até física. O professor ser motivado interessado, acho que isso era importante também. E até os textos. Nas aulas mais de humanas os textos eram muito bons, a gente lia

Platão na escola, lia, não é como a gente tem aqui, que o texto fala do autor do autor. Claro, a gente lê Freud, mas às vezes a gente, o que sei lá quem falou, às vezes faz falta ler a íntegra do texto. É difícil? É, mas vamos tentar. As aulas são muito curtas aqui, muitas aulas diferentes, quinze matérias, e nenhuma se aprofunda em nada.

E: E na escola você sentia que aprofundavam, os textos eram bem trabalhados?

P: É, às vezes, a gente ficava seis meses estudando uma coisa. Por exemplo, a gente estudou Brasília, então ficou seis meses estudando geografia, e a gente lia o que o Oscar Niemeyer fez, não sei que. Aí foi para Brasília, então vamos ver arquitetura, e era junto também a parte de política, vamos estudar como é a política no Brasil, então era tudo ligado, tudo fazia sentido. Deixa eu pensar uma outra viagem. Ah, Ouro Preto, então na aula de história da arte a gente via o Barroco, na aula de história, a gente estudava esse período, e aí arquitetura, tudo, então era muito legal, eram várias matérias num mesmo projeto, sabe. A literatura dessa época, era tudo integrado e aqui, não. Aqui, a gente tem quinze matérias e aí vai estudar isso e isso e isso. Falam da formação generalista da Psicologia, que é ótimo, que você abre mil portas e aí você escolhe para onde vai, mas ao mesmo tempo é interessante é, mas o que vale se a gente não se aprofunda em nada? Será que a gente tem condições para ir para qualquer porta, se a gente nem entende direito o que é cada porta? E aí fico me perguntando, falam mal da USP, da Psicologia, mas será que talvez não seja mais legal você ter quatro matérias por semestre, quatro horas de aula, mas pelo menos você entende o que está falando cada um. Então se é para estudar isso, vamos estudar direito para aprender. Não sei, às vezes me questiono um pouco nisso. É, não sei, é relativo, tem os dois lados.

E: É uma questão. Vamos voltar um pouquinho para a escola, pras suas lembranças boas.

P: Em termos das aulas acho que já falei um pouco. Aí tem a parte dos amigos, não sei se isso conta também?

E: Claro que sim.

P: Então, assim de sair com as minhas amigas, ficar no intervalo com elas, as festas, as coisas, acho que isso era legal também. Foi uma época importante, mas é uma época difícil, também.

E: Que época?

P: Ah, essa da escola. Assim, é porque a relação tem muita questão, muita fofoca, muita briga, muita coisa.

E: Em que época tem mais esse tipo de coisa? Você entrou com quantos anos na escola?

P: Entrei na escola desde bem pequena porque a minha mãe sempre trabalhou, meus pais são separados, o meu pai não mora no Brasil, então minha mãe sempre trabalhou e eu entrei na escola desde muito pequena.

E: Na escola X?

P: Não, entrei na..., não na ..., depois fui para uma escola chamada..., depois eu fui para a escola X.

E: Com que idade foi para a X?

P: Não sei, mas quando dava para entrar eu entrei, era pequena, no pré. Pode ser uns quatro anos, não faço idéia dos anos. Essa primeira escola que eu entrei, minha mãe diz que é super legal, mas eu não lembro nada. Depois, eu fui para essa Ibeji que eu lembro muito pouco, mas eu lembro que era um pouco mais rígido, assim. Então eu ficava um pouco revoltada com as coisas, e eu lembro muito de briga, de....isso bem pequena assim. Eu lembro de uma vez assim, tentar pular o muro da escola.

E: Na Ibeji?

P: É. De tentar pular o muro da escola, do professor correndo atrás de mim e de uma amiga minha. Chovendo e o professor correndo atrás da gente, em volta da piscina. Tinha uma piscina, assim. Só isso que eu lembro, das brigas, isso eu lembro bem, da aula eu não lembro nada.

E: Mas acho que você nem devia ter aula formal ainda, devia ser mais uma recreação.

P: É, devia ser mais recreação. E aí quando eu entrei na escola eu ia muito mal, na X. Aprendi a ler e escrever normal, mas na primeira série, essa época eu ia muito mal, eu lembro que era muito difícil para mim os conteúdos, então isso era difícil para mim. A recuperação eles chamavam de “grudi” nessa época, e eu sempre ficava de ‘grudi’, era horrível, assim. Eu lembro que eu tinha dificuldade com português e matemática, não conseguia aprender tipo 100, 200, 300. Eu lembro o dia que a minha mãe me ensinou isso.

E: Foi sua mãe quem ensinou?

P: É, porque eu não conseguia entender. Então no começo eu ia muito mal, e era difícil, eu me sentia meio burra, tal, na escola. Depois eu comecei a ir muito bem e aí foi o oposto assim.

E: E por que você acha que começou muito mal depois passou a ir muito bem?

P: Não sei. Não faço idéia, foi uma mudança, assim. Lembro que eu tirava notas baixas em algumas matérias, na primeira série, tal e depois, talvez em humanas eu fosse melhor assim, aí de repente, não sei se foi de repente, mas não consigo lembrar o que foi. Mas eu lembro de quando eu tava na quarta série, aí eu já ia bem assim. Na primeira eu ia mal. E daí dessa época o que eu lembro mais não são das aulas, mais dessa coisa das brigas, das intrigas, de ser amiga, depois você briga, você fala mal e vai.

E: No fundamental I?

P: É, é isso que eu lembro, dos meninos de brigar e tal é isso que eu lembro. Aí da quinta à oitava, aí tem isso e um pouco mais os conteúdos também.

E: Que tipo de briga era, por que brigavam tanto?

P: Ah, por uma bobagem, você é legal, você não é. Aí, ninguém fala com você.

E: E a escola o que fazia, você lembra de alguma mediação da escola?

P: Acho que a escola nesse sentido mediava pouco. Isso eu lembro muito do colegial, tem muitas questões assim que eu acho que essas escolas, talvez, supostamente mais alternativas, deixam a desejar. Tem essa coisa, você é legal, você vai para..., você escuta....., você é legal. Você fuma, você é legal. Se você não fuma, gosta de outro tipo de música, você não sei quê, você não é legal. Então, eu acho que tem muito disso, assim. Que começa nessa época da quinta à oitava série. Aí um menino fuma, depois o outro e não sei quê. Você usa tais palavras você é legal, e não, você não é. Então discriminam. Aí todo mundo vai na festa de não sei quem, aí só os mais legais vão na festa. E aí você tá aqui, de repente não tá mais, você briga, fica amigo. Então acho que isso é difícil, assim.

E: Isso entre os alunos, você acha que a escola contribui para isso?

P: Acho que ela, vou tá falando de agora, o que eu penso agora, na época, eu não sei, mas eu acho que ela poderia mediar mais, assim. Claro que tem um nível que você não pode mexer, mas faz falta um pouco porque fica meio pesado o ambiente nesse sentido. Tipo o ensino médio eu senti muito pesado, era muito difícil. Porque eu fiquei numa classe, é assim, o ensino médio misturaram. São duas unidades a escola, e aí misturam todas as unidades, muita gente sai, e vai pro...,, não sei quê e aí o pessoal que fica é todo misturado, de uma unidade e de outra. Ao longo da quinta à oitava série tinha um pouco essa rixa. Os meninos da X gostavam das meninas do Z, então a meninas da escola que eu era ficavam muito bravas. Isso depois passa e misturou. Eram 4 classes. Tem uma coisa que eu não falei e que era muito legal, quando eu entrei a escola parecia um mato porque tinha muita árvore, era meio uma floresta, tinha um bananal, era lindo assim. Tinha arara, tinha um monte de bicho, era legal e aos poucos eles foram cimentando, fizeram uma passarela, o que era de terra botou cimento e isso eu senti que foi ruim. Porque antes era muito gostoso, tinha um monte de paineira e eles botaram uma quadra, pequenininha mas até legal, com grama sintética, aí foi desvirtuando eu acho. E aí, quando a gente entrou, também era bem mais terra então essa mudança foi legal porque foi como voltar um pouco prum espaço mais verde, mais tranquilo. Mas eles cimentaram também ao longo do ensino médio, mas ainda tinha vários espaços com árvore. Então, quando entra no ensino médio a gente mudou de espaço, foi para lá, e as classes se misturaram então foi uma quebra grande, assim, ter entrado no ensino médio, porque você estava com um monte de gente que não conhecia. A classe que eu caí era supostamente das pessoas que, hoje em dia eu acho que eu sou bem mais assim do que eu era nessa época, nessa época eu não era supostamente do grupinho dos que fumavam maconha, dos que eram os mais legais, dos que eram mais alternativos, eu não era alternativa, eu era bem mais na minha, e eu caí numa classe que era quase todo mundo assim. Todo mundo que

até todo mundo acha que, quando você fala da escola X você cria um molde, na verdade não eram tantas pessoas assim, só que a maioria caiu na minha sala, das outras eram pessoas que ah, eu preciso ser nesse moldezinho quadradinho, que os pais são artistas, de esquerda. Até, minha mãe, minha família é assim, mas, você entende, os outros não eram tanto. A escola foi mudando ao longo dos anos. Eu entrei, a escola inteira era petista. Eu lembro que, depois, você chega outro dia e a escola inteira vota no PSDB, então isso fazia muita diferença nessa época assim. Então, a visão que as pessoas tinham dos alunos serem assim já era muito misturada, e na minha classe caiu todo mundo desse jeito. Não todo mundo, mas. Acho que era muito, eu vou falar gíria, de ‘pagar’ que é assim, sabe. Fingir que é assim, mais do que ser ou não ser. O que você é fica escondido atrás do que você precisa ser. Então eles eram, ah, nós somos legais.

E: Você acha que a escola reforça esse perfil?

P: Então, conversando com uma amiga que estudou comigo, outro dia, eu achei que alguns professores sim. Mas eu vou falar antes dos alunos, depois eu falo dos professores. Então eu caí nessa classe que eu me sentia muito reprimida. Acadêmicamente não, mas eu me sentia muito reprimida como pessoa, de não poder ser eu mesma porque se eu falo que gosto de, sei lá, fazer tal coisa, eu não sou legal mais. Então eu ficava muito no limite assim, de fazer parte pela borda desse grupo dos mais legais porque não era totalmente fora, mas eu não era totalmente dentro porque eu gostava de fazer outras coisas também com outras pessoas, então eu não me sentia de lugar nenhum. Tipo eu tinha uma amiga, minha melhor amiga, a gente era grudada, que também era assim, a gente meio que ficava nesse meio, no limbo assim, porque você não é nem daqui totalmente, nem daqui e era separado, bem maniqueísta assim, você é daqui ou você é daqui e isso, eu acho bem ruim, assim. E eu acho que a escola trabalha pouco isso.

E: Mas quando ela misturou as turmas, não foi uma tentativa de quebrar as panelas e integrar os grupos, você não acha?

P: É que antes não era tão assim, as pessoas eram mais amigas das pessoas da sua classe, de quinta à oitava série, então não era tanto tipo os mais legais...claro, tem sempre aquele menino que todo mundo gosta, mas não era tanto os mais legais, os mais alternativos, não era. Era muita gente comparado com o ensino médio, eram quatro classes na minha unidade e, se não me engano, duas na outra. Depois, quando misturou, viraram três classes de vinte e poucos alunos, era muito pouca gente.

E: Você acha que reforçou as panelas?

P: É, acho que formou mais. Formaram novas panelas e aí panelas muito fortes, na minha classe. Nas outras classes sempre falam que sentiam que era uma só, quase. E a minha não, a minha era uma guerra no primeiro ano. Sentava de um lado o pessoal que era de um jeito e do outro os outros, e umas quatro pessoas no meio, era sempre assim. Então, eu acho que isso atrapalhava.

E: E você estava onde?

P: No começo eu estava do lado que não era dos mais supostamente alternativos, eu falava gente pelo amor de Deus, sabe, cada um é o que quer ser, você não é mais legal porque escuta só MPB todos os dias, Aí depois à mediada que...eu fui indo para esse limbo, então eu comecei mais de um lado....E á assim, nem sei se devia falar essas coisas, na escola eu não queria de jeito nenhum experimentar maconha, de jeito nenhum, e tinha muito essa pressão. Então, ah, você não fuma maconha, você não é legal, entendeu, não adianta. Você pode até tipo circular, mas. Isso eu acho que teve na escola. No ensino médio, o pessoal fumava maconha dentro da escola. Então tinha a questão, quem vai no fumódromo, quem não vai. Eu não ia no fumódromo, então, eu já era muito discriminada por isso. Então, eu sinto muito forte. Eu tenho uma amiga que ela falou que ela não fumava e ela experimentou tipo nessa época e aí ela entrou pro grupo assim, experimentou, entrou pro grupo. Eu sentia muito, então de um lado eram as pessoas que ah, bebem, e aí eu me enquadrava mais, e do outro. Era muito infantil, mas era vamos beber no intervalo da aula, eu não sei se é para falar essas coisas, mas vamos beber no intervalo da aula, no almoço, e tinha um grupo que saia para beber. Ridículo, bobos, assim, querendo ser adulto. E o grupo que fumava maconha, era assim, sentava o grupo dos que bebia de um lado, os que fumavam do outro, isso no primeiro ano do ensino médio, depois ficou menos, mas era ridículo, assim. Era uma guerra. Tinha uma menina, até era minha amiga, e ela namorava um menino, do terceiro ano, que supostamente era desse grupo dos que, sei lá, boys, assim, sei lá, mas era assim.

E: Assim o quê? Como era?

P: Ah, sei lá, considerado meio dos boyzinhos, sei lá, que não ia para V. Madalena e não fumava maconha, enfim, não escutava só Novos Bahianos, é só um exemplo, adoro Novos Bahianos. Mas enfim, ela era namorada dele e ele era o símbolo do que não era alternativo na escola, então todo mundo desse outro grupo ficava tipo a aula inteira em cima dela, qualquer coisa que ela falava eles soltavam alguma pior, assim, alguma coisa destrutiva. Então era horrível, assim. Eu me divertia muito por um lado porque eu saia com algumas pessoas, era mais um grupo, mas por outro era uma rixa assim a aula. Eu falava com o outro grupo mas tinha gente, amigos meus, que não falava. Então era muito chato. Eu acho que a escola não soube trabalhar isso. Acho que se acadêmicamente tem coisas interessantes, por outro lado a parte afetiva da escola deixa, não sei como está agora, mas deixa muito a desejar porque eles criam uma dependência, a escola fica como se fosse uma mãe para gente então você cria uma relação de amor e ódio com a escola. A gente fica muitas horas lá, então a escola é muito a sua vida, muito. Eu acho que eles criam essa relação com a gente, a gente cria com eles, enfim. De ser muito dependente, de não resolver muito essa coisa do relacionamento e os professores são muito próximos, então, não sei, tem muito essas coisa dos queridinhos dos professores, é muito pequeno, então acaba se aproximando muito de alguns alunos. Conversando com uma amiga minha, talvez eu fale uma coisa, não sei se eu podia falar, mas...tem uma amiga minha que até virou mais amiga depois da escola, acho que até por isso, assim, porque ao longo dos anos foi meio que perdendo essa coisa da panela mas eu acho que ainda tinha, talvez perdendo porque eu fiquei mais no meio do que eu era no começo, e essa minha amiga a gente se dava muito bem acadêmicamente, mas como eu não fumava maconha, como eu não ia sempre para Vila Madalena, até ia às vezes mas não ia sempre, ia pro bar e tal...a gente até não se aproximava, até quando acabou a escola a gente

virou muito amiga, até curioso porque depois podia saber, depois cada um. Hoje em dia, esse grupo até não é tão próximo, as pessoas das outras turmas, que eu falei que eram quase uma só são muito mais amigas de que esse grupo que eu falei da minha classe. E, conversando com ela, ela falou umas coisas que eu não sei se eu percebia, acho que eu era mais ingênua, ela falou que acha que alguns professores priorizavam muito os alunos que eram filhos de artistas, que eram filhos de pais conhecidos assim, artista nem precisa ser conhecido, mas conhecidos dentro do meio, que também estudaram em escolas assim, então que eles priorizavam. Não sei, é que minha mãe também é mais assim, trabalha em ONG, então tudo bem eu me enquadrar um pouco nesses pais que tudo bem e ao mesmo tempo eu ia bem, me envolvia, gostava de artes, gostava de português, então eu me encaixava. Então, talvez, essa coisa eu nunca senti, mas ela falava, eu sinto que alguns professores discriminavam alguns alunos que vinham da unidade..., por exemplo. Então não vinham do....., que no tem muito essa coisa do PT, pais não sei quê. Os professores, alguns, discriminavam esses alunos, não davam espaço, tipo, mesmo que o trabalho deles fosse legal, era ruim porque era deles. E aí ela até me contou até de um professor que dava em cima de um aluno assim. Peraí, sabe, que é isso? Tem limite, pode ser amigo, pode. Uma vez eu fui numa árvore de Natal, no terceiro colegial, na casa de uma professora minha de português, não sei o que eu acho disso hoje em dia.

E: E como foi na época?

P: Foi legal. Eu lembro que eu adorava ela, que eu tava lendo ‘Feliz Ano Velho’, e ela conhecia o Marcelo Rubens Paiva, e eu nossa que legal. Queria me mostrar umas cartas que ele mandava para ela, e eu fui até a casa dela, enfim. Na época eu achei legal, mas eu acho que talvez tenha um desequilíbrio, não de todos os professores, da relação que eles tinham com os alunos de alguns alunos serem muito próximos e outros não. Eu lembro até de uma professora de português, ela era sensacional e ela terminou brigada com uma parte da classe porque ela falou meu, vocês são muito arrogantes. Ela também era, mas vocês são, tipo, muito reacionários, vocês não percebem isso, vocês ficam nessa postura de que não são reacionários, revolucionários enfim, talvez, mas vocês são muito reacionários. Talvez hoje, eu entenda o que ela quis dizer, nem foi para mim, porque comigo ela não brigou, mas ela brigou com a maior parte da classe, tanto que ela nem queria mais dar aula na época.

E: E isso, você acha que acabou sendo decorrência de uma relação pessoal próxima demais, não sei se eu entendi?

P: Talvez um pouco disso. Dessa briga com a professora não, mas dessa postura arrogante dos alunos, que eu acho que a escola não trabalha, acho que eles por um lado são críticos, por outro você fica muito preconceituoso com a diferença porque você tem que ser desse jeito, é legal ser isso, é legal ser crítico, então se você não é, você é chato, você é bobo, você é feio, bem infantil, assim, você não é legal, então a escola trabalha, acho que ela forma alunos arrogantes em sua maioria, que acham que eu estudei aqui então eu sou mais legal. Dentro da escola também, quem é mais legal quem não é. Os professores talvez também ajudem nisso, né. Se tem alguns professores que só escutam os alunos que supostamente vêm de um lugar. O que é isso, parece Feudalismo, aristocracia, sei lá. Se vem de tal lugar, você...Os alunos nobres, os alunos não nobres, acho ridículo, assim. Então tem esse lado. É engraçado que eu

comecei falando bem e agora. Mas é importante porque é isso, é assim. Então foi sofrido para mim, foi bom e sofrido, bem polarizado. Nossa assisti o filme tal, a aula tal, legal e não sei quê, sai com os meus amigos, que legal e, ao mesmo tempo, que difícil porque eu não pertencço nem à aqui, nem à aqui. Quem que eu sou? Não sou tanto desse jeito que gosta de fazer essas coisas, mas também não sou esse que não gosta de não sei quê. Então, eu me identifico com algumas do grupo que fuma maconha, mas não identifico aqui e me identifico com o outro em algumas coisas, então eu fiquei bem perdida.

E: Será que isso não é um pouco próprio dessa fase?

P: Acho que é, mas acho que talvez fique muito polarizado, a escola trabalhe pouco com isso.

E: Com essa aceitação da diferença, do respeito entre os alunos?

P: É, acho que a aceitação, até porque tem um perfil que supostamente é da escola, então eles não ajudam a ser, a diferença. Você sai da escola, você conhece gente aqui na PUC, por exemplo, que é muito diferente assim, que a escola nunca trabalhou, porque você tem um perfil de aluno na escola, então acho isso ruim.

E: Não trabalhou nem a aceitação dentro do universo de alunos na escola que é amplo, mas menos amplo do que aqui na PUC, por exemplo.

P: Que também não é amplo porque é bem elitista, se for pensar é uma faculdade que é paga, integral e não tem tempo para trabalhar você já seleciona muito, né. Nem é tão variado, mas só de vim de outras escolas particulares já é variado.

E: Vamos voltar um pouco à questão da proximidade dos professores com os alunos que você acha que talvez fosse excessiva.

P: É, eu gostava na época, eu achava um dos grandes diferenciais da escola, só que eu acho que ela tem que tomar cuidado, só isso, para você não acabar priorizando alguns alunos. Acho legal ser próximo, mas talvez com limites assim, para não perder o foco. Não sei se eu tô sendo conservadora falando isso, mas acho isso, tem que tomar cuidado. Por exemplo, acho um absurdo um professor ficar com um aluno, acho que perde total os limites, acho que a postura é outra, não é que o professor tem que ser a autoridade da classe, mas tem que...é diferente. Acho que isso, talvez isso perca um pouco essa de trabalhar a diferença, é diferente professor e aluno, é diferente, não é pro professor sair com o aluno, não tem cabimento, não existe isso, não devia existir, né.

E: Você acha que isso acabava prejudicando a relação de vocês com os aspectos acadêmicos ou essa aproximação seria uma estratégia do professor para capturar vocês pras questões acadêmicas?

P: Acho que é assim, num nível ela é legal a aproximação porque ela captura, porque a gente se envolve e fica mais descontraindo e tal, mas num outro nível acaba perdendo talvez o respeito pela aula sabe, porque tipo, esse professor tipo gosta de mim, posso fazer qualquer

coisa que tá tudo bem, sabe . Então tem várias meninas que eram assim, tipo avacalha que o professor deixa qualquer coisa, sabe. Ele vai passar mesmo, então tudo bem, faz o que você quiser. O professor adora ele, então, pode fazer trinta mil gracinhas que tá tudo bem. E atrapalha a aula.

E: Atrapalhava a aula?

P: Não sempre, às vezes é engraçado, é gostoso, mas às vezes era excessivo. Eu tinha um amigo, tinha uma sala que eles reformaram na escola, então eles fizeram várias salas, tipo sala que não era individual era uma mesma, assim. Aí, eu lembro que ele, nessa sala fórum que tinha mesa fixa, aí ele era do meio e ele ia atrás de mim e ele deitava e dormia na aula. Não acho isso certo, sai então, mas ficar dormindo atrás...e ninguém falava nada? Não eram todos os professores, mas, talvez, liberais demais, sabe, sem limite. Porque daí todo mundo fica muito arrogante, acha que tá em casa, faz tudo o que quer, talvez falte uma postura, né.

E: E você acha que isso atrapalhava a aprendizagem?

P: Para mim não atrapalhava nada, mas pro V. que estava dormindo atrapalhava, ele era muito inteligente, talvez por isso que tudo bem, que ele se envolvia, se ele estudasse um pouquinho já ia muito bem, entendeu. Eu me matava para estudar, não sei se eu estudasse um pouquinho eu iria bem, então eu me matava sempre, mesmo quando não precisava. Ele não, ele dormia lá...não sei a mim não atrapalhava ele dormir, mas se ele fazia muita bagunça, ficava causando muito nas aulas vezes atrapalhava, sabe.

E: Você comentou da menina que era reprimida pela classe pelo fato de ser namorada do menino que não era aprovado por um grupo; e os professores, como agiam?

P: Alguns professores mediavam, aquela professora que brigou ela cansou disso, sabe, mas outros não, outros...ela saiu da sala, ela não aguentou ficar lá. A menina, ela mudou de sala no segundo ano. Eu pedi também para mudar porque eu achava muito ruim, porque aí tinha uns meninos que no começo eram meus amigos, depois não me identifiquei mais depois, que eram esses meninos que vinham dessa unidade. Então eu sinto que os professores discriminavam eles um pouco. Eles falavam um pouco, mas talvez o jeito de pensar ,talvez fosse um pouco diferente, daí eu sinto que os professores não contribuíam muito para eles,... pra aceitarem eles, sabe. É o C. mesmo, é o Z. mesmo.

E: Você acha que eles ficavam meio estigmatizados? Você acha que existia isso?

P: Muito. Com alguns alunos.

E: Mas você acha que partia inclusive dos professores?

P; É, porque tinha muito isso dos preferidos, os queridinhos e a ovelha negra, a laranja podre, como uma professora disse.

E: No ensino médio isso. E no fundamental, como era?

P: No fundamental, eu lembro tão pouco do fundamental. Agora vou falar de uma parte afetiva, porque eu tinha uma essa minha melhor amiga, que ela foi por cinco anos minha melhor amiga, a gente ficou muito amiga acho que na sexta. E aí a gente brigou quando acabou a escola e eu esqueci muita coisa assim. Porque muita coisa passava por ela e eu esqueci tudo quando acabou o ensino médio, quando eu entrei na faculdade. A gente brigou feio, assim, e aí eu esqueci muita coisa, não sei se, nem sou psicanalista, enfim, não sei se eu reprimi as coisas, então eu reprimi muita coisa assim dessa época.

E: Do fundamental?

P: Dos dois, porque a gente era amiga desde quinta série. Porque a gente era muito amiga, a gente fazia tudo juntas, então tudo passa meio por ela, a aula, fora da aula, as férias. Então eu esqueci muita coisa. Tô tentando lembrar. Agora tô lembrando um pouco como era. De quinta à oitava série a questão do estigma, vou falar que era menos, porque não era tão polarizado, talvez, mas eu não tenho certeza. Eu acho que era menos, era menos, que a gente era menor, não tinha tanto essas coisas da identidade tão forte, no ensino médio que eu acho que foi um boom assim. Antes eu lembro mais de briguinha entre meninos assim, e os professores mais tranquilos, falando com todo mundo.

E: Então da primeira à oitava você acha que os professores estavam mais presentes. Eu gostaria de entender melhor a questão da presença dos professores, você acha que ela é mais positiva, ou não? Em alguns momentos você comenta que eles trabalhavam para o aluno ser autônomo, para aprender a estudar, em outro momento você falou que eles eram tão presentes que acabavam criando uma dependência, infantilizando vocês.

P: Acho que alguns. Na verdade, a postura, acho que é bem parecida na escola inteira de quinta ao final. Acho legal o professor ser presente, é importante, e para mim, é que sempre eu fui aluna que, assim, estudava e tal. Então para mim sempre foi boa a relação com todos os professores. Mas hoje em dia eu consigo parar e olhar os outros alunos que talvez eu não conseguisse porque era bom para mim, então tudo bem. Mas olhando pros outros alunos eu não acho que era justo sempre, então eu acho que isso era complicado, assim. Comigo era tudo bem, porque era bem mesmo. Então “ah, a P. é legal”, os professores tipo “a P. vai bem, a P. não é um problema”.

E: Você acha que era valorizado isso?

P: Era, era bem reforçado isso, tipo ah, você escreve bem, você não sei que tanananan.

E: Você se sentia valorizada pelos professores?

P: Me sentia, mas eu não acho que eles valorizavam todos os alunos. Valorizavam bastante também...mas é que alguns tinham essa coisa de estigmatizar os outros alunos, alguns. Mais talvez da parte do português, da parte das artes, assim.

E: Mas será que não existia isso de se alguém é bom aluno é valorizado? Ser um bom aluno é alguma coisa que, independentemente do grupo, qualquer um pode ser. Portanto para ele ser valorizado pelo professor, se ele se envolver com a escola, com o estudo, ele vai ser valorizado, você acha que não tinha isso?

P: Acho que tinha, só que acabava que esse grupo que no começo eu fazia parte, os meninos desse grupo não eram bons alunos, eles não iam bem, não é que eles não eram inteligentes, mas eles não iam bem, então eu acho que eles ficavam estigmatizados porque eles já eram um grupo diferente. E a escola sabia de tudo porque é muito pequena e eles sabem de tudo que acontece na nossa vida, assim, nas relações. Eles sabiam e discutiam, então a gente sabe. Mas eu acho que eles não eram incentivados, valorizados, assim.

E: À participar..

P: É, porque eles eram mais preguiçosos mesmo.

E: E por que eles eram mais preguiçosos?

P: Não sei dizer. Talvez pela formação de antes.

E: E por que eles eram diferentes? Você comenta que o pessoal do Butantã era filho de artistas e intelectuais e por isso eles eram valorizados, os do Morumbi não eram filhos desse grupo.

P: Não sei, a postura na aula era diferente. Se interessavam menos, mas não sei porque, pela história deles talvez.

E: Mas a escola você acha que não procurava trazê-los para se interessarem mais?

P: Acho que não, acho que pouco, era mais punitivo, assim. Tipo, P., você não vai fazer o trabalho sozinha, heim? Não sei quê. Abraça e puni aqui. Eu não sei, não sempre. Mas eu acho que tinha muito essa coisa dos rótulos na escola entre os alunos mesmo. Tipo, eu era a aluna certinha, eu não era só isso, mas você é certinha então acabou, você é isso assim.

E: E esse rótulo era no fundamental I, II e médio?

P: No fundamental I não era tanto, no fundamental I eu era mais gordinha, então eu sofria por isso...eu era a gordinha, sempre tinha isso, cada um, assim, tipo todo mundo tinha um problema, entendeu. Então tipo, ah seu cabelo é assim, então você é isso, você tem o nariz assim, então estigmatizava por isso. Então tinha muito isso, mas era meio que com todo mundo.

E: Todo mundo era zoado, cada um por uma razão?

P: E tinha o aluno que zoava todo mundo ele era menos zoado. Aí no ensino médio os meninos eram muito criativos, dessa outra turma, eu adorava eles tinham cada piada

sensacional, mas não tanto comigo, mas às vezes eles escolhiam alguns alunos que...Era chato o que eles faziam com eles.

E: Era engraçado, mas hoje você vê que talvez fosse um pouco cruel.

P: É, tinha um menino que até era amigo deles e eles chamavam ele de sapo, zoavam muito ele, talvez demais sabe, eles faziam história em quadrinho dele, desenhavam mó bem, era engraçadíssima a história, sei lá acho que ele se cansava, sei lá imagina ter uma história em quadrinho de você sendo um sapo, sendo que você não gosta de ser chamado de sapo.

E: Ele não gostava de ser chamado de sapo?

P: Não. Ele parecia mesmo um sapo, mas enfim né.

E: E para você, era chato ser a gordinha?

P: Isso era quando eu era bem pequena. Ah era, porque depois eu emagreci, isso era tipo pré e eu era bem gordinha, aí era chato. E eu era tímida também na escola, bem mais do que eu sou hoje em dia, então era mais difícil assim, que né quietinha, fica mais na sua, é mais zoad. Mas isso quando eu era menor. Depois me enchiam o saco por eu estudar. Primeiro porque eu era gordinha, depois porque era quietinha, depois porque eu era certinha, eu mesma tô me rotulando agora. Mas todo mundo tinha uma coisa, era muito cruel, assim. Ainda mais quando a gente era menor, assim. Você é isso, você é aquilo, todo mundo era..mas era mais de criança depois eu sinto que era mais pesado, é pesado quando é pequeno também. Criança acho que é muito cruel umas com as outras, elas pegam no pé, assim. É que no ensino médio eu lembro mais porque é mais recente mesmo.

E: E você não lembra da maneira como a escola trabalhava com essa questão dos rótulos?

P: Eu lembro só...o coordenador era muito próximo, e alguns professores criticavam que ele era tão próximo. Eu lembro assim que no final do terceiro ano eu ia todo dia chorar na sala dele e todo mundo ia falar da vida, acho que era...ele falava demais. Eu lembro que uma vez ele chamou a minha mãe, aí a gente ia conversar e ele falava que estava muito orgulhoso da P. porque ela não precisa ficar usando drogas e não sei quê para aguentar essa fase que é difícil e tal. Eu lembro só disso assim.

E: E isso não te ajudou, não foi bacana?

P: Acho que foi, mas aí eu era muito dependente dele sabe. Eu tava surtada no terceiro ano, queria acabar a escola, queria entrar no vestibular, o que eu ia fazer, o que eu queria da vida, tava surtada. Eu acho que talvez precisasse tipo chega, porque todo dia eu vou lá chorar, todo dia eu tava lá...acho que eu era muito dependente.

E: Mas ele não te ajudava a compreender as suas questões, ou ficava só ouvindo?

P: Não, ele era bem duro até às vezes. Mas é que eu acho que era demais, não punha limite em mim, P. calma também não é, não exagera. Eu era muito, eu sou ainda muito dramática, então eu acho que faltava tipo um chega sabe, chega. Essa minha amiga, que eu sou amiga hoje em dia, acha que eles se intrometiam demais na vida dos alunos. Ela tinha terminado um namoro com uma pessoa que era da nossa sala e aí a escola falava assim, tipo ela entrou na sala do coordenador, ela nem gostava de ir na sala dele, e ele falou para ela, tipo, você é muito sei lá, por isso o A. terminou com você. Sabiam de tudo e ainda davam opinião da relação afetiva dela, acho que não tá certo.

E: E escola era pequena?

P: Bem pequena. No meu ano tinha três salas de 25 alunos, no ensino médio. Nos outros anos tinha ao todo 50, 60 pessoas, é bem pequena. E o espaço é pequeno, poucas pessoas, são muito próximas as relações assim. Você sabe de todo mundo mais ou menos. Como uma cidade pequena, tem o lado bom e o lado ruim. Você conhece todo mundo, você fala com todo mundo, sabe da vida de todo mundo e isso pode ser bom em alguns momentos e ruim em outros. Então ser muito próximo dos professores em alguns momentos é bom, em outros se perde o limite. E o cara, com o professor? Acho que não é legal, então é relativo.

E: Em que outro momento é ruim essa proximidade com o professor?

P: Em geral acho bom.

E: É bom por quê?

P: É bom porque...Não sei, não fica essa coisa que tanto a gente critica aqui nas aulas de educação e desse modelo de educação que o professor é autoritário, tá num pedestal. Não tá, é alguém igual a você, que você vai ensinar e que ele vai ensinar. Acho que é legal porque quebra essa concepção do professor num lugar de superioridade, mas acho que é um outro lugar, tem que ser, mas não superior e aí acho que às vezes essa linha é tênue, tipo de ser um outro lugar mas de não ser igual, é igual e diferente, não pode ser só igual. Mas não eram todos os professores assim, o professor de química era, 'oh, eu tô aqui, o meu limite é esse'. Não era sempre assim, talvez eram poucos mas é que me marcou. Marcou porque recentemente a minha amiga me contou dessa história do professor com o aluno. E aí eu falei 'meu, como assim, sabe, que absurdo porque ele sempre dava em cima. Então sei lá.....A gente era muito novo, sabe. Na época você acha que é grande, mas é muito novo. Tipo quinze, dezesseis anos você é muito jovem, sabe, e aí o professor tipo. Não acho que o professor fumar com o aluno é legal também, sabe. Não acho legal, porque você é muito novo, você nem sabe o que tá fazendo, o professor sabe, ele é supostamente muito mais maduro. Não é nem questão de exemplo, mas você não sabe nada da vida. Não que eu saiba muito hoje em dia, mas é que você não sabe nada, e aí vem um professor e você acha que sabe tudo, que o professor, sei lá. Isso eu não acho legal. Em geral, é boa a proximidade, talvez só a questão de passar dos limites e de priorizar alguns alunos, aí eu acho que isso não é legal. Aí não sei nem se é uma questão de proximidade ou não, mas ter que priorizar alguns alunos porque eles vão melhor porque tipo você já espera deles isso e dos outros, que já tem esse rótulo de que você vai sempre bem e os outros sempre mal, acho que isso não é legal, e

isso independe de ser próximo ou não. Porque é muito pequeno, então você já sabe o que esperar de cada um.

E: Você acha que eles priorizavam tanto pelo fato de ir bem quanto pelo fato de fazerem parte de um determinado grupo, ou não?

P: Poucos por fazer parte de um determinado grupo, mas aconteceu e acho isso chato. Mas tinha também alunos de outros lugares, de outras escolas. Mais os professores que estudaram nessas escolas, tinham dado aula antes em escolas alternativas e aí vieram para escola, mais jovens. Tinha um professor meu, de química, que ele era super bravo mas ele era muito legal, tipo a família dele era cigana, ele vinha de outro lugar, assim. E tinha professor também que nada a ver assim, mas alguns não talvez poucos uns três ou quatro que vinham dessas escolas. Eu não sei, essa arrogância, as pessoas saem arrogantes. Comigo eles não eram arrogantes, mas eles eram com o meu colega do lado, assim, então o que adianta.

E: E na época você percebia, isso te incomodava?

P: Bem pouco, é que isso não era comigo, então.

E: De toda forma você acha que existia um clima no ensino médio que era um pouco mais pesado?

P: É, mas era mais entre os alunos, não tanto com os professores. Faltava um pouco talvez da coordenação também perceber que essa mediação precisava ser feita, não sei se era tanto problema dos professores. Acho que era mais da coordenação a mediação que faltou.

E: Essas eram as piores lembranças da escola?

P: As piores lembranças são os rótulo, assim. Você é isso, você é isso e se eu não sou isso, não posso estar nem aqui, nem aqui, então...de não pertencer a lugar nenhum assim. Acho que eu pude me encontrar bem mais depois que eu terminei a escola, pude ter espaço para ser o que eu queria. Aí eu até pude ter mais a ver com os alternativos em algumas coisas. Mas antes eu não conseguia porque eu não conseguia nem saber do que eu gostava, eu tinha que gostar das coisas. Se a minha mãe era mais hippie quando era mais jovem, eu queria não ser hippie sabe, queria até ser mais tipo patricinha, se fosse o caso. Queria ser diferente porque eu não conseguia ser tudo igual, tudo. Aí era pesada essa coisa da identidade. Eu não conseguia me achar, saber o que eu gostava porque eu tinha que gostar das coisas, eu tinha que ...Eu até estava conversando com uma amiga minha que até não estudou assim nessas escolas alternativas, mas que até ela se encaixa hoje na PUC mais nesse grupo e a gente é bem amiga, e ela falou que sente muito essa postura dos alunos que estudaram nessas escolas que a gente chama de G8 aqui. Sei lá tinha campeonato de esporte e era tipo Z, X, ..., ..,,...eram 8. E daí tem G12, que é o grupo estendido. E aí ela falou que os alunos que vêm do G8 têm essa coisa de ficar se afirmando ah eu sou legal, eu faço isso, uma pressão. Tipo, ah, eu tô trabalhando agora, só no final do ano, numa loja do shopping, aí teve um dia que eu virei para ela e falei ah, eu sei que é meio nada a ver.... Não, não é nada a ver, eu quero ter o meu dinheiro, quero ser independente. Acho que isso são resquícios da escola, tipo, nossa

vou trabalhar numa loja do shopping vendendo roupa, isso não é nada, zero. Não tô trabalhando no Tomie Otake, ou sei lá o que, ou numa escola, enfim. Mas eu sinto que na PUC também tem essa rixa um pouco entre os cursos assim. Você estudou aqui?

E: Não.

P: Entre os cursos mais do prédio velho. Quando eu entrei, no primeiro ano teve a invasão da reitoria e teve uma assembléia geral dos alunos e aí as pessoas iam falar e era todo mundo daqui do prédio novo, muita gente escutando que faz Direito, Economia, Administração, e muitos da Geografia, etc...falavam seu bombado, vai pra academia. E os outros seu maconheiro, vai fumar maconha. Ficavam em torno disso, sabe, não é possível que vocês ainda estão nessa. Então tem um pouco, mas não tanto. Acho que mistura um pouco, mas também mistura dentro disso, classe média, classe média alta, é bem elitista aqui, também. Não pode trabalhar, você seleciona muito, a faculdade custa R\$ 1.500, sabe, é triste, perde muito. Mas, falta só um ano.

E: E tá difícil, tá pesado aqui na PUC?

P: Tá muito sem sentido para mim. O que eu estou estudando por mim está sendo interessante, agora que eu consegui achar o tema do meu TCC está mais animado, mas na faculdade está muito fraco, assim. As aulas dos núcleos 1 e 2, nem sei se você entende, são muito ruins as aulas.

E: E iniciação científica você não fez?

P: Eu fiz iniciação no segundo ano, só que era numa abordagem que eu não gosto. Porque eu tava perdida e veio uma professora falar comigo e aí eu achei que podia ser interessante pelo que ela falou, mas foi uma outra coisa, pra usar uma linguagem deles, comportamental, foi bem aversivo, eu odiava fazer.

E: Você era uma boa aluna na escola e aqui continua sendo uma boa aluna?

P: É vou bem também, mas aqui é muito fácil ir bem, não precisa fazer muito esforço. Eu estudava bastante até o terceiro ano, aí tranquei um ano, fui viajar. Voltei e esse ano estudei super pouco, chegava na véspera da prova estudava e fui bem.

E: Ficou onde nesse ano que ficou fora?

P: Fiquei nos EUA, eu morei lá um ano.

E: O seu pai mora lá?

P: Não o meu pai mora na..... Eu fui para lá porque o meu ex-namorado era americano. Isso, por exemplo, meu plano era ir para Dublin, enfim, ou para Londres e tal, isso é legal, tudo bem ir para lá. Só que eu pensei no meu namorado e resolvi ir pros EUA. Eu tinha vergonha de falar que eu ia pros EUA pras pessoas tipo daqui. Porque não era legal ir pros EUA, é

legal ir para Europa, então ainda tem isso, é o pensamento das pessoas do G8 que estudam aqui, é uma postura sabe, não sabem aceitar a diferença, tipo fala que você é legal, é revolucionária, mas no fundo você tá seguindo um outro padrão, um molde, sabe. Você critica os moldes da sociedade, mas você só segue um molde também. Eu ficava com vergonha, eu precisei trabalhar isso para dizer, não eu fui mesmo e aí? Fui, foi bom, aprendi, crítico, não é o país que eu gostaria de morar, não é, mas eu fui.

E: E me conta um pouco sobre a questão da relação da sua família com a escola.

P: Minha família é uma questão mesmo. Meus pais namoravam e a minha mãe engravidou, meu pai era bem mais novo, chileno, morava no Brasil. Minha mãe é de....., minha família também é de....., meu pai é do..... Minha mãe engravidou, eles estavam meio terminando o namoro e então quando eu nasci eles já não tavam mais juntos. E não sei bem o que você quer saber assim.

E: Daí você foi criada pela sua mãe

P: Minha mãe morava aqui em São Paulo já e eu só nasci lá em Porto Alegre e vim para cá. Ela já tinha a vida dela aqui. Aí meu pai era presente até os meus três anos, mas que eu não lembro nada basicamente, e depois ele era bem mais novo que a minha mãe e ele é bem complicado, ele tem problema assim para se relacionar com as pessoas em geral. Então ele viajava e voltava, vinha, aparecia e ligava, voltava e isso a minha infância inteira. Depois a minha mãe foi casada de novo, de novo não porque ela não era casada com o meu pai, mas ela se casou, não formalmente mas morou junto com uma pessoa que foi mais meu pai, mas que eu nunca chamei de pai, também tinha as minhas questões com ele, mas foi mais ele que foi uma presença masculina, porque meu pai era isso vinha e aparecia, e aí quando veio a pré-adolescência que eu entendi que as pessoas em geral tinham um pai e eu não tinha, porque ele sumia e aparecia, tananam..Minha mãe nunca trabalhou do tipo, tenha raiva do seu pai, sempre foi ele tem as dificuldades dele tananam, mas uma hora eu olhei e falei peraí, tem alguma coisa muito errada aqui, sabe e aí a partir disso eu não quis mais falar com ele e... Mas ele é muito ausente assim. Só sei que ele tá naagora porque um tio que eu conheci recentemente disse para mim que ele tá lá. Meu pai é ausente ao extremo, assim.

E: Então também não teve nenhuma relação com a escola. E a sua mãe? Qual era a relação dela com a escola em termos de valorização do seu estudo?

P: Era muito próxima, mas isso todos os pais eram da escola. Eles chamavam muito, tinha reunião de pais, era próxima. Tinha um grupo de mães que era mais envolvida e a minha mãe era assim.

E: E você acha que isso acabou contribuindo para o fato de você ser uma boa aluna?

P: Não sei, a minha mãe meio que mima demais, é muito. Acolhe demais e isso cansava um pouco para mim.

E: Acolhe demais?

P: É, demais. Se preocupa demais, mima demais, é demais, então. Eu lembro de não querer que a minha mãe fosse nas festas da escola, essa coisa assim sempre foi complicado.

E: Por quê?

P: Porque era uma época que eu não aguentava, precisava ser eu, então minha mãe estava sempre alí sabe, então era demais, era excessivo, sufocava. Até hoje, às vezes sufoca um pouco. Não eu sinto que em termos da escola ela ajudava, de estudar que ela nunca me cobrou, eu sempre fiz as coisas meio por mim. Até porque acho que em casa era um ambiente que eu tinha espaço para fazer o que eu queria, então eu ia bem por mim mesmo, então eu nunca tipo, mostra suas notas para mim. Não, eu tô indo bem, em tal matéria eu tirei quanto, nessa outra não fui tão bem, mas eu ia bem, tranquilo.

E: Sua mãe fez faculdade?

P: Minha mãe fez Sociais, mas lá no RS, depois ela fez mestrado na USP.

E: Então ela tinha uma relação com o universo acadêmico...

P: É, e essa coisa desse perfil da escola de ser de esquerda, tipo eu cresci no PT, e a escola passava muito por isso, assim. Porque os pais dos meus colegas também eram petistas, tinham formado o PT, e a gente ia nas carreatas, metade dos meus amigos da escola a gente ficava fazendo carreata. Era outro momento também histórico do país em termos de política, mas eu cresci meio nisso, assim. A minha mãe sempre envolvida, sempre me ajudou nas questões acadêmicas, mas me incomodava ela ser presente demais na minha vida em geral. Mas em termos da escola não atrapalhava.

E: E o seu padrasto?

P: Ele dava aula de física, ele era físico, dava aula tipo no...., então, também os filhos dele estudavam no, então. Depois eles se separaram. Depois, quando eu era adolescente, minha mãe teve uma relação com outra pessoa, tipo por dez anos, também trabalhava em ONG, era tudo desse meio, filho estuda no...., intelectual.

E: Então essa relação com o acadêmico você acha que era influenciada pela sua mãe?

P: Mais pela minha mãe. Pela minha avó também estudou assim, era mais assim.

E: E a escolha profissional, vocês conversavam sobre isso na escola? Por que você resolveu estudar Psicologia?

P: Foi um caos, eu não sabia o que eu queria, eu queria tudo, história, economia, filosofia, medicina,...foi difícil, eu não tinha idéia porque eu tinha dezessete anos quando eu entrei na PUC, você não tem maturidade para saber o que você quer fazer com 17 anos, então foi difícil. Umas dez pessoas talvez quinze entraram direto, o resto foi fazer cursinho, então.

Muita gente não passou no vestibular, foi estranho e nessa época eu mudei de casa, eu mudei, eu briguei com a melhor amiga, foi muita coisa, muita mudança. Mas a escolha foi muito difícil, mas eu conversava muito com o meu coordenador, esse era o grande dilema, também na época, o que eu quero fazer. Mas não sei já tinha pensado em psicologia, eu me interessava por pessoas, todo mundo no primeiro dia de aula fala que escolheu psicologia porque quer ajudar as pessoas, bem clichê assim. Acho que é porque eu me interessava por pessoas e me interessava pela área de humanas, mas eu gostava um pouco de tudo.

E: Era uma questão conversada na escola, a questão do vestibular? Todo mundo prestou vestibular?

P: Não, acho que a maioria, mas nem todo mundo, tipo esse amigo que dormia lá no fundo. É muito isso tem uma pressão em escola particular, acho que isso é geral no nosso meio que você tem que fazer faculdade, ele era muito inteligente, mas ele queria fazer tipo design gráfico ou outra coisa, ele trabalha hoje em dia, está super bem e não fez faculdade, assim. Mas a maioria, seja uma faculdade tipo Unip, sei lá o que seja uma USP.

E: E os professores conversavam sobre como eram as faculdades e as profissões....

P: Conversavam, e aí tinha simulado, tinha essas coisas, era meio frustrante para mim porque eu ia pior do que eu imaginava. Eu não sei como era pras outras pessoas porque eu ia muito atrás disso, mas eu não sei se as pessoas que não iam atrás...Porque eu ia ficava lendo m,anual, guia do estudante, ...mas a escola falava um pouco assim, talvez não tanto.

E: A maioria do pessoal prestou humanas?

P: Ah, era isso, o legal era humanas. E vou fazer Adm, humm, Publicidade, hummmm, Geografia, a tá, Sociais, a tá, Psicologia, a tá. Era assim.

E: E você acha que isso influenciou a sua decisão?

P: É, acho que me formei mais para humanas, minha referência é mais nisso porque a escola o forte é mais nisso. Física é uma merda na escola, não sei como tá agora, mas era uma m. química era bom porque o professor, era muito bom. Biologia, acho que aprendi muito porque eu estudava muito por mim mesma. Mas assim, história era muito, geografia, aula de português era mais voltada para literatura, vamos ler aqueles autores, vamos estudar, era minha aula preferida, vamos estudar inteiro esse livro e entender o que era, em que contexto foi escrito, era legal. O forte da escola era esse, não tanto das pessoas tipo você não vai fazer Adm, porque eu nunca me interessei.

E: Educação física era uma lembrança boa ou ruim para você? Por que?

P: Ruim. Eu nunca me interessei por esporte, porque eu não era boa em esporte, não adiantava. Talvez até porque eu era muito insegura, nem sei, mas eu era muito ruim, então era um sofrimento. Mais de quinta à oitava, quando a gente tinha prova de vôlei, tinha que sacar, dava nota pelo seu saque, pelo arremesso no handbol, basquete. E eu, nossa, eu lembro

a gente treinando na casa de uma amiga, isso era horrível para mim. Bem pesado, porque eu não era boa, não era escolhida.

E: E como a escola trabalhava isso? A questão de ser boa em alguma coisa e não ser boa na outra, não é assim?

P: É, mas eu não lembro deles falarem. Era muito chato, você faz uma coisa assim das pessoas escolherem, aí vem os melhores, e eles escolhiam os times, e eu era sempre a última, aí ficava assim, quem será que é pior a P. ou não sei quem. Meu, pelo amor de Deus, me tira daqui que eu quero...Aí enfim eu odiava essa parte. Então, por que o professor não fazia de um outro jeito, sabe? Agora que eu pensei nisso. Na época era assim e não precisava ser desse jeito, né. Então não gostava de educação física. No ensino médio tinha muita gente que...No ensino médio quem fazia esporte, handbol, não sei quê, junto com a escola não precisava fazer as aulas de educação física, aí as pessoas que não faziam tinha que fazer e aí podia ser o que você quisesse, tipo ficar à tarde na escola e fazer bambolê, ou qualquer coisa que você quisesse. Eu não fazia nada e aí a gente pegou recuperação de educação física. Eu e várias amigas, no terceiro colegial, e a gente fez um trabalho. Acho que faltava na escola ter umas aulas de dança, teve uma época que teve, fora dessas coisas tipo handbol. Porque tinha muita gente que era envolvida com isso, era bom, o time era bom, e gente que não queria saber tipo eu. Tinha aula que era legal, tipo pique-bandeira, essas coisas eu gostava.

E: E aqui na PUC, você continua amiga mais das pessoas próximas do seu colégio? Por que aqui tem pessoas de escola pública, que não são muitas mas tem algumas, tem pessoas de fora desse G8, como você comentou..

P: Eu acho que misturou aqui, eu tenho vários outros amigos de outras escolas, tenho mesmo, mas ainda são pessoas dentro de um perfil. Mas isso talvez seja uma coisa mais de se identificar, de gente que gosta de fazer as mesma coisas. Tem panelas, mas não é tão polarizado. E hoje nem tem mais classe, isso é só até o terceiro ano. E na classe eram panelas de pessoas que se conheceram no primeiro dia de aula ficaram mais amigas e virou isso, assim. Nem era tipo pelo perfil, e a minha classe ficou bem excluída da faculdade, do resto, ninguém queria fazer nada tipo ficar na cervejada, e eu sempre queria então para mim era ruim.

E: Era manhã/tarde ou tarde/noite?

P: Tarde/noite. Era a classe C, e ninguém queria ir na Interpsico e eu queria, era um pouco chato para mim no começo. Tinha as minhas amigas, muito amigas, mas agora, quando eu voltei, não era mais o mesmo grupo e eu fiz outras amigas, mas era muita mulher assim no meu ano, era mais, muita mulher assim, então era cansativo, agora no quarto ano, até porque muitos homens não se formaram. Vão se formar agora, tipo ano que vem. Então fica mais equilibrado, mais gostoso. E eu fiz mais amigos que gostam de ir nas coisas, de fazer coisas com a PUC, que gostam de sair junto, então tá mais legal. E é um perfil, que gosta de algumas coisas, mas acho que isso é normal. Por exemplo eu sempre gostei de fazer coisas no C.A. e eu nunca fazia e esse ano, não adianta, o CA tá às moscas. Essa minha amiga do Rio Branco tá lá, a gente tentou fazer uma intervenção no CA, tentou, até não deu certo, mas a

gente tentou, fez umas cervejadas que foram legais, pintou o CA. Então eu comecei e me envolver mais, então eu me sinto mais, em termos acadêmicos não, mas eu me sinto mais encontrada hoje em dia.

E: Você se sente bem, aqui na PUC?

P: É que hoje ninguém aguenta mais, né . É cansativo, a gente fica muito tempo aqui, né. É integral, então eu cansei.

E: E a relação de vocês com os alunos da escola pública?

P: Então, eu não faço idéia, nem sei quem é de escola pública quem não é. Dos meus amigos eu acho que não tem ninguém, que eu saiba não. Têm muitos do G8, basicamente, talvez a maioria. Nem sei se tem, ah, sei um menino só que veio. Teve uma aula aqui que as pessoas tinham que falar no que as pessoas tinham trabalhado. Aí é ridículo porque ninguém tinha feito quase nada, aí ele tinha trabalhado com telemarketing, com umas coisas mais, que não é o perfil do aluno da PUC e da Psicologia de ter trabalhado com coisas assim. Quase não tinham trabalhado e se tinham era mais isso de loja no final do ano, restaurante legal, numa escola, mas não era tipo trabalho pesado, tipo, em telemarketing, camelô, não sei o quê.

E: E como foi essa aula? Vocês discutiram?

P: É, foi legal. Aí a gente teve que fazer um dia um trabalho que é mal remunerado e não qualificado, é uma experiência legal. Tinha que ficar umas quatro horas num trabalho assim.

E: E você foi onde? Como foi?

P: No Pastorinho, mesmo. Fiquei trabalhando com reposição das estantes. Foi interessante. Acho que é legal a gente sair um pouco. A maioria é classe média, classe média alta, então sai um pouco.

E: Você chegou a fazer licenciatura? E estágio em escola?

P: Não. Educação não é a área da psicologia que mais me interessa. Apesar de querer o ano que vem trabalhar numa escola, não é assim.

E: E você pensa em trabalhar em escola?

P: Mas mais para ganhar meu dinheiro assim. Eu me interesso, não é uma área que eu....mas não é com isso que eu quero trabalhar depois que eu me formar. Não foi o tema que eu escolhi.

E: O seu TCC, você faz com quem?

P: Não sei ainda, vamos ver com quem, mas o TCC é na área da clínica, mesmo. É meio uma linha que eu acho interessante, baseada mais em Deleuze e Guatari, e aí pensar se é possível

pensar uma outra clínica que não seja uma clínica que aprisiona, a clínica do ego. E eu me interessei também pela área da saúde.

E: Interessante. Outra coisa sobre a escola. Eu achei legal que, quando eu te liguei, você me disse que gostava de falar sobre a escola.

P: É, depois eu fiquei pensando, como eu sou boba.

E: Por quê?

P: Não sei. Mas é legal, é interessante depois de um tempo repensar as coisas. Na época é tudo ali, no meio. Tinha uma época que era difícil, eu odiava ir na escola, talvez como agora tô com a PUC.

E: Você não gostava de ir para a escola?

P: Eu gostava, mas é que era sofrido por essa parte das relações, assim.

E: Mas vamos pensar, ao longo do curso em que momento foi mais sofrido, e era tão sofrido que te afastava da escola, ou não? Se te perguntassem, você gostava de ir para escola, o que você diria?

P: Gostava, mas eu sofria. E às vezes não, era alegre.

E: Mas você tinha vontade de ir para escola?

P: Tinha até. Não todos os dias.

E: Lembra se você era mais eba vou pra escola, ou mais não tô a fim? Chegava a ter conflito com a sua mãe?

P: Mais, não tô a fim. Mas eu era muito certinha, então eu ia. Isso eu tenho até hoje, ah, eu vou perder alguma coisa se eu não for, o que eu vou perder, meio neurótica assim. Preocupada com o que eu ia perder. Eu acho que eu me cobro muito.

E: A sua mãe você disse que não cobrava muito, de onde você acha que veio essa cobrança e essa preocupação com os conteúdos escolares?

P: Talvez da própria escola, não sei. A cobrança talvez vá longe assim nas minhas questões comigo mesma. Eu não sei de onde vem. Minha mãe é engraçada porque até agora, que eu tenho desencanado até porque eu sei que se eu não fizer nada no final dá certo. Nem me interessam as coisas que estão aqui, eu prefiro estudar outras coisas. Agora se eu falar 'eu nem estudei', ela fala 'nossa, você não estudou, P'.? Agora ela tá assim. Mãe, na boa sabe, não vem me questionar porque eu sei muito bem lidar com as questões acadêmicas. Eu fico muito irritada, assim, muito irritada, se alguém me questiona nesse sentido, nossa você não

estudou? Ninguém vem falar nisso na minha vida sabe. Isso eu sei administrar sozinha. Antes ninguém falava nada porque não precisava falar.

E: E o que mais te motivava a ir para escola? Tinha esse lado ruim que desestimulava, e o que te estimulava que era?

P: Tinha um pouco das minhas amigas, de encontrar, de conversar e tal, que era importante. Falei pouco disso mas era importante, ótimo e de algumas aulas que eu achava legal, tipo vou aprender mais disso, vou entender tipo a Guerra Fria, ou aquele livro que eu tô lendo a gente vai falar dele, tinha isso também.

E: E das amigas que você acha que falou pouco..

P: Ah, era forte também assim essa parte. Ficar junto, conversar, falar das coisas que tavam acontecendo, contar o que tá fácil, o que não tá.

E: Contar o que tá fácil, o que não tá, sobre questões acadêmicas ou pessoais?

P: Pessoais. E às vezes falar mal de professor ou bem, mas mais pessoal assim, mas na escola eu sentia que eu tinha mais trocas acadêmicas do que eu tinha na PUC, assim. De falar nossa que legal teve este texto, não sei quê, vamos discutir. Aqui difícil, especialmente antes de trancar eu não tinha parceria com ninguém aqui, de chegar e falar nossa vamos fazer esse trabalho, de confiar olha eu faço essa parte e você faz essa. Aqui as pessoas eram muito displicentes.

E: Aqui na PUC, na escola não?

P: Não, eu confiava assim, tipo você vai fazer isso.

E: Você sentia um envolvimento maior com o conhecimento acadêmico, seja por parte dos professores, seja por parte dos alunos?

P: Não todos mas a maioria. Todo mundo se empenhava para fazer uma coisa legal, assim. Os trabalhos eram bons.

E: Também por parte dos professores?

P: Também. Não todos, mas vários. Eu tinha muita coisa dessa parceria, assim. Gente com quem eu me dava muito bem para trabalhar academicamente. Aquí não tem ninguém que eu falei tipo...Tem pessoas com quem eu tenho trocas legais de conversa mas alí de escrever, na hora não fazem nada. Falam coisas super interessantes, mas na hora de escrever, nada. Tem até um amigo meu, ele me mostra vários livros, muita coisa mas da fazer, de assumir a responsabilidade ele não assume. Então também perde um pouco o sentido. Ou tem gente que escreve mas também não quer questionar nada e faz só o que tem que fazer, fica meio maçante.

E: E na escola, você acha que tinha mais isso?

P: É, porque aqui eu entrei, eu lembro que me incomodava muito que era de fazer o mínimo, o mínimo para passar. É que antes eu achava algumas matérias mais legais, Psicologia Geral, hoje em dia acho que tá ruim, né. E eu queria fazer uma coisa tipo muito legal, e as pessoas eram ah, isso já tá bom.

E: E na escola, a questão da bagunça na classe, foi uma outra coisa que apareceu muito nas lembranças.

P: Tinha um pouco, tinha às vezes, mas não era uma coisa assim. Eu também conversava, tinha essa coisa de passar bilhete, tinha.

E: Mas você acha que era legal, ou era meio chato? Essa questão da indisciplina, bagunça, o que significa isso para você?

P: Não era tão forte assim, em geral eu achava engraçado. Porque eram coisas que não atrapalhavam. Tipo, eu fiz minha iniciação científica em educação, então eu ia em escola pública, até considerada uma das melhores de São Paulo, e era tipo o caos a aula, metade da classe na sétima série não sabia ler e escrever, quando tinha aula ninguém escutava, era o caos, o caos, o caos. Lá não era assim. Nessa escola as aulas que eu assisti eram muito ruins, eu falava gente nessa época a gente tinha isso, a gente fazia muita coisa e na escola pública eu pensava gente como eles vão gostar disso, a aula é chata, o professor coloca um monte de coisa na lousa e não fala nada e as pessoas copiam. Meu, a aula é isso? Era muito diferente das aulas que eu tive.

E: Era muito diferente?

P: Muito, muito é uma pena que eles não tenham tido as aulas que eu tive, porque aí fica sem sentido mesmo, você não vai querer estudar. Mas a bagunça era pouca. Assim, comparado com o que eu vi era nada, mas tinha gracinha às vezes cansava. Tinha conversa, mas nada assim que atrapalhasse, era uma coisa ou outra.

E: Você acha que havia uma valorização do aprender, dos conteúdos acadêmicos e não da bagunça, da transgressão?

P: Tinha bastante. Tinha a coisa de transgredir, mais os meninos, tipo de provocar, de contestar, mas os professores eram muito contestadores. Aqui na PUC, acho que tem alunos que contestam porque os professores são muito conservadores, então vai... Lá não precisava pegar no pé do professor porque ele é mais sei lá reacionário, vai pegar porque quer fazer gracinha, quer aparecer, mas lá não era muito. Aqui, eu sinto que tem alguns alunos que gostam de provocar porque tem que provocar mesmo, o negócio tá feio aqui.

E: Como assim, tem que provocar porque tem que provocar mesmo?

P: Não provocar no sentido ruim, mas academicamente, assim. Porque todo mundo acredita piamente em tudo o que é falado, ninguém quer saber..

E: Então, é uma provocação acadêmica, o debate acadêmico faz parte de um ambiente de universidade, mas não é bagunça, indisciplina. É diferente do professor tá falando, e o aluno conversando com o colega?

P: Nem tem muita indisciplina aqui, ou as pessoas estão ‘viajando’, ou tão fora da sala.

E: E na escola, você acha que os alunos participavam?

P: Ah, tinha gente também que viajava, sempre tem. Mas participavam, estudavam, alguns mais, outros menos, algumas aulas que te interessam mais.

E: E na escola pública você achou que era essa bagunça na sala de aula porque a aula era muito chata? Você assistiu em que série?

P: O caos. Assisti em várias, na quinta, na sexta, e era tudo uma merda, merda é pouco, eu saía mal, eu saía muito frustrada porque eu não sei você conhece a, é uma escola que tem alí na Vila Madalena, que eu ouvia que nossa é uma escola referência e tal. Era muito a postura dos professores, eu acho, né. Era muito ruim. E alunos que desde pequeno nunca foram incentivados né. É muito aversivo para eles ter aula. Nesse ano tenho um paciente que não sabe ler nem escrever, ele tá na quarta série, tá com dez anos e não sabe ler nem escrever. Ele se sente super mal com isso, se sente muito burro. Essas são questões que até nem acho que são só da escola, tem muita coisa, mas ele tem dez anos e não gosta de ir para escola. Tem mais nove na classe dele que também não sabem ler e escrever, então tem alguma coisa errada, sabe.

E: Acho que é interessante a gente pensar nessas situações não só a partir do que a gente está vendo, mas também a partir da própria experiência. Por que você em alguns momentos disse que não gostava de ir pra escola, que não queria ir, tinha alguma coisa da relação entre os colegas...

P: E às vezes das aulas mesmo, era cansativo, preguiça de estudar, preguiça de fazer outra coisa, acho que isso é normal.

E: Mas nesses casos, o que te puxava era esse comprometimento com o aprender? Você acha que esse comprometimento se ligava a quê? Alguma perspectiva de construir alguma coisa, não?

P: Talvez assim, um futuro de opção.

E: Procura lembrar da época que você ia para a escola. Você disse que não queria perder a matéria, por mais que estivesse com preguiça..

P: Quando eu era pequena a minha mãe falava “ah, falta na escola”, e eu chorava, não queria faltar.

E: Ela falava para você faltar?

P: Tipo, a gente tava viajando aí tipo, vamos ficar domingo, voltar segunda de manhã, bem pequena e eu ‘não, não quero faltar’. Mas aí depois no colegial era ‘férias graças a Deus’ e tipo nossa quando tinha que voltar para escola era um saco. Era difícil voltar de férias nessa época.

E: Mas você ia mesmo assim. De manhã cedo você acordava, achando que era um sacrifício, por quê?

P: Talvez mais por ser rígida comigo mesma. Tenho um comprometimento com o aprender, mas aí questões minhas.

E: Ou com a sua família? Sentia que tinha isso de ‘a minha mãe não vai deixar eu ficar dormindo’.

P: A minha mãe não ia deixar, mas antes da minha mãe eu não ia me deixar dormindo, nem precisava entrar a minha mãe para isso.

E: E esse eu que não deixa dormindo, você acha que vem de onde?

P: Então, eu tô pensando nisso. Mas é que acho que disso de ser muito rígida comigo, tipo eu não posso faltar, eu preciso ser a melhor aluna, preciso ir bem senão...preciso aprender, preciso saber tudo.

E: E o que isso representava para você? Você queria ser melhor aluna por quê?

P: Não é melhor aluna em termos dos outros, mas era para mim mesma, preciso ser melhor que eu mesma sempre. Acho que tem um pouco de...Eu acho que eu me escondia um pouco no acadêmico para me afirmar, sabe. Tipo, sou tão insegura em tantas outras coisas mas nessa área eu me banco, me garanto. Com as relações, com os amigos, bambambam, eu me sinto insegura mas aqui, eu sei sabe. Então, tinha um pouco isso, e de ser rígida mesmo, eu preciso aprender tudo, saber tudo que o professor falou. Eu vou saber até mais do que precisa, então na aula de biologia eu vou saber que são quatro hemoglobinas em cada célula, não precisava desse detalhe. Tinha o aprender que a escola sempre incentivou mas tinha uma coisa que era até sofrido. Acho que esse ano foi bom eu tá um pouco mais assim, porque eu passava noite, virava noite às vezes fazendo trabalho, para ficar o trabalho mais assim que pudesse. Tomava café, pó de guaraná. E não acho que a escola tava fazendo isso, era eu mesma, por ser rígida comigo mesma. Ser a melhor naquilo que eu estou fazendo, não com relação aos outros, mas tudo o que eu puder dar de mim eu vou dar naquilo. Tipo inglês, que era uma matéria que eu não ia bem, era super sofrido.

E: E você pensava eu quero aprender porque eu quero neste momento me garantir, ou também pela questão do vestibular, da carreira profissional?

P: Os dois.

E: Você lembra de pensar nessa projeção de um futuro, ou não?

P: Mais no final assim, tipo nossa preciso ser um profissional bom, me garantir, ganhar meu dinheiro, fazer uma coisa que eu gosto.

E: E a escola seria importante para isso?

P: Mas eu sinto mais isso hoje em dia na faculdade. Pensava também que tinha que estudar para passar no vestibular, mas não o que a escola tá dando porque isso não garante passar no vestibular.

E: Mas até garantiu, no final garantiu.

P: Mais ou menos, porque eu estudei muito por mim mesma.

E: Você queria USP?

P: Não, eu queria PUC. A minha mãe queria que eu fizesse USP. Eu acho que até eu não me esforcei tudo que eu podia para passar na segunda fase para não passar. Mas eu achei isso também, chegou na segunda fase a prova de história tem que saber não sei que, ah, eu nunca tive isso na escola entendeu. Eu fiquei meio revoltada com a escola no final, meu, desculpa tem algumas coisas que a gente tem que ter, na boa. Tudo bem não é para educar pro vestibular eles falam, depois vocês fazem cursinho. Tipo sei lá, sabe. Vai estudar história do Brasil não só para saber os pontos que precisam ser criticados, mas para saber algumas datas que são importantes, ter idéia que teve a guerra tal não sei onde. Não faço idéia dessas coisas, eu sinto falta. Tipo regra de gramática é chato mas tem que saber. Tem umas coisas de matemática, também. Química eu não posso reclamar porque o professor era muito bom. Eu sentia falta assim, tem uma lacuna. No final nem queria prestar atenção na aula de história, meu esse cara tá falando um monte de coisa que e aí.

E: Mas quando você começou a ter essa percepção, quando foi pro cursinho?

P: No terceiro, no segundo semestre eu me revoltei com a X.

E: Mas que parâmetro você tinha para saber que aquele conteúdo que você estava aprendendo..

P: O simulado. Eu comecei a fazer simulado e eu não ia bem.

E: E aí você não ia conversar com o coordenador, com quem tinha abertura para conversar?

P: Ah, eu ia, reclamava, ele falava que era diferente o que a gente aprendia, falava que eu me sentia insegura com as provas, nem lembro bem. Mas eu fiquei revoltada assim.

E: E o cursinho, não adiantou?

P: É que era intensivo, muito pouco tempo, acho que dois ou três meses. Essa época eu só estudava, mal comia. Eu acordava, ia pra escola, depois ia pra casa desse namorado da minha mãe que era do lado do Anglo, ali em Higienópolis, aí tipo dormia uma hora à tarde e ficava estudando pro cursinho. Fazia cursinho à noite. Era só isso a minha vida.

E: E você conversava com o marido da sua mãe, com a sua mãe, sobre essas questões da escola?

P: Conversava.

E: A sua mãe trabalha em ONG?

P: É, com políticas públicas de saúde, com catadores de lixo. E você trabalha com quê?

E: Então, eu vou te contar. Eu fiz Direito, na USP, trabalhei com Direito durante alguns anos, e agora tô fazendo minha pós-graduação em psicologia da educação.